

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

**TRECHEIROS E PARDAIS: ESTUDO ETNOGRÁFICO DE
NÔMADES URBANOS.**

FELIPE FARIA BROGNOLI

FLORIANÓPOLIS (SC), FEVEREIRO DE 1996

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

TRECHEIROS E PARDAIS: ESTUDO ETNOGRÁFICO DE NÔMADES URBANOS

FELIPE FARIA BROGNOLI

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de mestre em Antropologia Social à banca examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Hélio Raimundo Santos Silva.

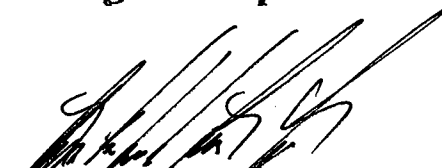
FLORIANÓPOLIS (SC), FEVEREIRO DE 1996

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

***"Trecheiros e pardais: estudo etnográfico de
nômades urbanos"***

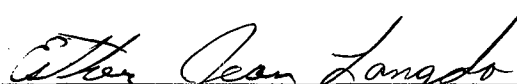
Felipe Faria Brognoli

***Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Antropologia Social da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Antropologia
Social. Aprovado pela Banca Examinadora composta
pelos seguintes professores:***




Dr. Hélio R. S. Silva

(Orientador)



Dra. Esther Jean Langdon



Dr. Theophilos Rifiotis

06 de maio 1996

DEDICATÓRIA:

PARA O THOMÁS,

COMPANHEIRO DE ROCHA QUE, HÁ TÃO POUCO NO TRECHO, ME
ENSINA O CAMINHO.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto da colaboração de muitas pessoas, dentre elas gostaria de agradecer, especialmente,

Aos TRECHEIROS e PARDAIS, pela tolerância às minhas intromissões curiosas em suas vidas particulares já tão públicas;

A Ivan Brognoli e Vilson Cabral Júnior, pelo companheirismo constante e apoio irrestrito;

Aos meus pais e irmãos pelo incentivo;

A Sandra Mara Silvério, pelo carinho e disponibilidade;

A Ana Cláudia, Jorge, Alejandro, João Pena e Aglair, pelas leituras e discussões sempre produtivas;

A Profa. Olinda Evangelista, pela colaboração nos momentos certos;

Aos amigos do curso do PPGAS, Raquel Mombelli, Karine Antunes, Gláucia Assis, Fernando Cardoso, pelo incentivo constante e compartilhamento de nossas alegrias e angústias;

Aos professores e funcionários do PPGAS, em particular aos meus orientadores Profa. Dra. Esther Jean Langdon e Prof. Dr. Hélio Raimundo Santos Silva.

A Fundação Rural de Educação e Integração - FREI, particularmente aos funcionários do Núcleo Agrícola de Campo Magro - PR, pela permissão e apoio na realização de entrevistas.

SUMÁRIO

Resumo.....	05
Abstract.....	06
I. OS PERCALÇOS DO PERCURSO: considerações metodológicas e procedimentos de pesquisa.....	07
II. MARGINALIDADE, DESVIO E LIMINARIDADE: a configuração do campo teórico.....	21
III. ETNOGRAFIA DE NÔMADES URBANOS: Trecheiros, Pardais e Burgueses.....	48
<i>Com a Cara No Mundo</i>	87
A Vida No Trecho	
Táticas de Sobrevivência.....	121
Trabalho e Trecho.....	125
O Manguieio e o Agá.....	136
O Abraço.....	143
A Roda.....	148
Goró.....	163
Mocó.....	165
As Tia e os Homi.....	169
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	191
V. GLOSSÁRIO.....	195
VI. BIBLIOGRAFIA.....	201

RESUMO

Esta dissertação, resultante de um trabalho de pesquisa de campo, busca compreender aspectos da formação de culturas no âmbito das sociedades complexas. Procura abranger questões relevantes da interação social entre nômades e sedentários.

Definidos por constituírem um modo de vida nômade, TRECHEIROS e PARDAIS vivem sob condições semelhantes, embora não idênticas, organizando um código que os habilita a prosseguir vivendo e refletindo acerca dessas condições. Tal código, porém, confronta-se com outros articulados por segmentos posicionados diferencialmente na hierarquia social, guardando com a sociedade relações de ordem, por vezes, complementar. É também objetivo deste trabalho investigar a natureza destas relações.

Através do relato etnográfico, problematiza a constituição desta cultura, descrevendo-a na particularidade de seus significados, bem como nos processos que concorrem para sua construção.

ABSTRACT

This dissertation which results from a field research seeks to understand aspects of the formation of cultures in the scope of complex societies. It attempts to comprehend relevant issues of social interaction between nomads and sedentary people.

Defined as constituting a nomadic way of living, TRECHEIROS e PARDAIS live under similar conditions, although not the same. Thus, these people organize their own code which enables them to continue living and reflecting about their conditions. Through such a code the nomads face other codes articulated by segments differently positioned in the social hierarchy. Although preserving their own order relations with society, these relations are sometimes complementary. It is also the aim of this research to investigate the nature of these relations.

Through the ethnographic report this work questions the way the nomadic culture is constituted. In addition, it describes the specificities as well as the processes which contribute to its construction.

DEDICATÓRIA:

PARA O THOMÁS,

COMPANHEIRO DE ROCHA QUE, HÁ TÃO POUCO NO TRECHO, ME
ENSINA O CAMINHO.

CAPÍTULO I

PERCALÇOS DO PERCURSO

Considerações Metodológicas e Procedimentos de Pesquisa

O interesse pelo objeto desta pesquisa surgiu a partir de minha experiência como psicólogo em uma instituição de assistência social vinculada à Prefeitura Municipal de Curitiba, chamada FREI - Fundação Rural de Educação e Integração -, durante o ano de 1991. A instituição propunha-se a atender pessoas em estado de indigência prestando serviços de albergamento temporário (abrigo, alimentação, higiene), auxílio para locomoção aos que, provenientes de outras cidades do estado ou fora dele, manifestassem interesse pelo retorno à região de origem - ou que alegassem tal interesse pois, como foi possível verificar, tais instituições contribuem grandemente para a manutenção da mobilidade dos TRECHEIROS, efeito inverso ao pretendido, que é justamente o da fixação; auxílio na recuperação dos documentos perdidos ou roubados (evento importante na designação de suas trajetórias, possuindo vários significados: invisibilidade, mutabilidade, "inapreensibilidade"), oferecendo ainda um

programa de tratamento de alcoolismo, ao qual me vinculei. Tal programa dava-se no núcleo agrícola da fundação, uma extensa área de terra no distrito de Campo Magro, município de Almirante Tamandaré, distante aproximadamente 30 Km de Curitiba. Os demais serviços citados eram, na época, prestados pelo Centro de Triagem Urbano, no bairro Água Verde, localizado próximo ao centro da cidade e habitado pela classe média e média alta, onde também era avaliada, após entrevista com o psicólogo, assistente social e agente de saúde em alcoolismo (ASA), a pertinência ou não do encaminhamento para o núcleo agrícola, levando-se em conta, além disso, o registro de passagens anteriores pela instituição, comportamento no período em que esteve lá, motivo da saída - alta ou abandono. Em caso de desistência, o ex-interno não poderia retornar por um período de tempo mínimo. Logicamente outros fatores menos objetivos poderiam interferir no processo de seleção: o estado da pessoa no momento da procura pelo auxílio, um pedido vindo da hierarquia da instituição, a relação anterior entre entrevistador-avaliador e entrevistado-avaliado, o "grau de conscientização" acerca do problema demonstrado pela pessoa e a reconsideração dos motivos do abandono anterior, além de outros fatores.

Ao núcleo agrícola de Campo Magro eram então encaminhados os casos que, segundo avaliação dos profissionais e consulta aos registros, fossem considerados adequados ao tratamento. Lá os admitidos passavam inicialmente para a Unidade de Desintoxicação (UD), quando tinham nova entrevista com um dos psicólogos e com uma das assistentes sociais, resultando em indicações iniciais para o tratamento e sendo-lhe designado um setor de trabalho entre as diversas opções existentes. Mais tarde, eram encaminhados a um dos alojamentos coordenados por um psicólogo e uma assistente social, dando seqüência ao esquema do tratamento até que obtivessem permissão para procurar emprego no mercado formal de trabalho. A partir de sua colocação teriam direito ainda de permanecer durante três meses no núcleo, findos os quais seriam desligados. Paralelamente ao esquema de tratamento de alcoolismo, a instituição mantinha um alojamento asilar composto por ex-pacientes psiquiátricos sem histórico de dependência química, egressos de períodos longos em hospitais psiquiátricos, abandonados por suas famílias e sem condições de auto-manutenção; um que reunia internos antigos e idosos sem perspectiva de colocação profissional ou auxílio e outro que reunia pacientes alcoólicos com grande período de abstinência, mas que, com idade entre 45-50 anos, tendiam ao asilamento.

Grande parte da clientela encaminhada ao núcleo agrícola era composta pelos TRECHEIROS, termo que indicava aqueles que andavam pelo país, que percorriam o "trecho" ou estradas, tendo se desligado dos elos que normalmente levam os sujeitos à fixação: família, emprego, comunidade, moradia.* Entretanto, em alguns momentos, eram identificados pelos profissionais segundo certos comportamentos característicos: hábitos de higiene (ou a falta deles), dificuldade de adaptação a ambientes normatizados, determinados aspectos da personalidade como, por exemplo, evitar resolver dificuldades através do enfrentamento pessoal, abandonando a instituição e o tratamento quando tais dificuldades surgiam. Isto ocorria até mesmo em situações extremas, como a de um sexagenário com a saúde bastante debilitada e com poucas chances de sobreviver nas condições do trecho, mas que retomou seu caminho tão logo considerou fosse possível fazê-lo, para não ter que lidar com certas normas daquela instituição. O que me parecia transpirar de tais opiniões era a necessidade de compreender e dar sentido ao comportamento de pessoas apontadas como diferentes e que nos deixava a todos sempre em curiosa perplexidade e da qual sobrava uma ponta de mistério: o mistério de seus motivos, aqueles que os impulsionavam a um estilo tão particular de viver, a errância. Ao mesmo tempo, o convívio com eles e a oportunidade de ouvir suas histórias aumentava minha atração e curiosidade por estes "heróis odisseus", como a mim figuravam naquele momento.* ←

Partindo destas impressões iniciais cabia então uma apreensão sistemática e metodologicamente consistente do fenômeno que frutificasse em uma ampliação da compreensão dele e que superasse aquelas observações casuais. Tal resposta não me pareceu possível através da psicologia, cuja perspectiva individualizante não daria conta dos elementos sociais e econômicos que supunha implicados e que considerava mais importantes elucidar. Além disso, a ausência de trabalhos e pesquisas sobre o fenômeno sugeria a necessidade de uma aproximação mais ampliada para que se pudesse captá-lo. Da mesma forma era necessário verificar se estes indivíduos, cujas referências decorriam de impressões fortuitas, poderiam realmente ser agrupados a partir de um estilo de vida compartilhado e um conjunto comum de significações e se tais características formavam um corpo coerente que se pudesse chamar de cultura, justificando, assim, aquela identificação coletiva.*

Apoiado em algumas poucas entrevistas lancei-me ao trabalho de escrever um ensaio sobre o tema a fim de concorrer a uma vaga no mestrado em Antropologia Social na UFSC sem, no entanto, constituir propriamente um problema de pesquisa: tratava-se

de realizar aproximações e apontar o fenômeno a fim de justificar meu interesse e a relevância da pesquisa.

Fragilizado pela distância do objeto, no tempo e no espaço, o projeto carecia ainda de uma problemática consistente e de instrumentos conceituais que permitissem pensar o objeto "de dentro". Antes, ele exprimia tal ausência propondo, na verdade, uma conclusão prévia a ser confirmada pela pesquisa. Imobilizava, também eu, os sujeitos que queria caminhando.

A continuidade do trabalho, a discussão com orientadores e colegas permitiram a revisão de muitos dos pressupostos que me conduziam.

Rodeado de dúvidas passei a tentar explicitá-las e pude formular um rol de 14 questões que considerava importantes ver respondidas pela pesquisa. Remanejando-as e procurando estabelecer relações entre elas, pude reduzi-las a nove que, posteriormente, foram englobadas em dois grandes tópicos: o das práticas e o das representações. Estas questões iniciais, todavia, forneceram a linha principal para a formulação do problema de pesquisa e, à medida que este ia tomando forma, também o objeto ia se delineando. Tratava-se, assim, da construção do objeto a partir das perguntas que a ele eu podia dirigir e também, por outro lado, da sua "rotação" permitindo que se formulassem novas perguntas, dadas as diferentes perspectivas que dele era possível ter, incorporando discussões e leituras que forneciam "combustível" para seu movimento. Outras dificuldades na construção do objeto - apesar de ter sido alertado pelas pessoas a quem consultei acerca do projeto -, só pude dimensionar mais tarde, já avançando no trabalho de campo, e lhe eram inerentes: sua fluidez, sua dispersão, sua fragmentariedade. Optei então por reunir os dados de que dispunha para formular uma identificação ou caracterização do grupo, a fim de dar-lhe alguma "visibilidade", uma vez que é composto por indivíduos isolados e espalhados espacialmente, mas que compartilham condições de vida semelhantes. A escassez (ou quase inexistência) de material bibliográfico referente ao grupo obrigava a uma aproximação periférica, tomando de empréstimo noções referentes a grupos semelhantes.

No entanto, a definição do objeto ainda era externa, a despeito de ter conseguido impor-lhe algum "movimento", e os limites demarcatórios do grupo imprecisos, persistindo ainda uma impressão de "fixidez" que, pude perceber depois, era resultante das categorias empregadas sobre as quais me apoiava: desvio e marginalidade. Em ambas encontra-se uma reprodução do recentramento, uma vez que implicam a consideração de um centro ao qual todas as práticas estão referidas, colocando, assim, o

pesquisador na perspectiva desse centro e não na do grupo que pretende estudar. Tal posição se não impossibilita, dificulta em muito a tarefa antropológica, expressa no requerimento de uma descrição densa: uma etnografia imersa no universo de significações deste "outro".

Colocando tais conceitos sob este prisma foi possível considerar o objeto de pesquisa em sua positividade: um campo de relações produtoras de uma outra ordem de significados e não mais como desordem ou ausência de ordem social; em sua SINGULARIDADE, alocada na especificidade de seu funcionamento que, por sua vez, é capaz de levar em conta as condições de sua inserção social. Não um universo autônomo, mas articulado a outros códigos simultaneamente vigentes.

A problemática da pesquisa passou a ser justamente a composição deste código: as práticas sociais empreendidas, padrões e normas de comportamento, táticas de apropriação do sistema de signos, ou seja, *os diferentes modos de interpretar e representar a ordem social e agir nela*. Considero que ambos os aspectos estão de tal maneira imbricados que sua separação aqui é meramente demonstrativa. Por outro lado, os andarilhos, -de uma maneira geral, parecem habitar livremente o imaginário social (um arquétipo?), representando um paradigma de liberdade que nem sempre recebe confirmação no real. De certa maneira este trabalho busca confrontar representações e relações entre aqueles que lançaram suas amarras ao cais e aqueles que vivem à deriva. Aquele olhar romântico de quem se debruça na janela para ver a passagem dos vagamundos e sonha, sempre, com o dia de sua própria libertação. Aqueles que, protegidos por suas cercas, não hesitam em atirar seus cães (que não ladram apenas) contra os que passam. Aqueles que, com medo da própria sombra, esconjuram o estranho, e tantas outras formas de conceber o "outro" que tem em comum a capacidade de articular a negação dele.

Independentemente de sua origem, a condição de vida do TRECHEIRO o coloca entre os que precisam articular formas de viver diferenciadas das preconizadas como desejáveis pela "sociedade abrangente". No caso aqui em foco, a particularidade refere-se à construção de um viver nômade, seja por escolha própria, seja por contingência. Assim, esta pesquisa busca compreender a organização de um estilo de vida baseado na mobilidade ao invés de na fixidez, a ruptura que este estilo empreende e seu significado para os sujeitos que a vivem. Procura compreender uma forma específica e diferenciada de lidar com um processo vivido por milhares de outras pessoas: a exclusão e a segregação e suas resultantes. Quer conhecer o entrecruzamento dos elementos que

constituem, por um lado, sua condição de vida e, por outro, sua construção como sujeitos humanos que articulam diversos códigos simultaneamente, habilitando-os a continuar vivendo. Espera-se, desta maneira, poder contribuir com material significativo para demonstrar a diversidade possível da existência humana, mesmo sob condições de vida sub-humanas, e de sua convivência no âmbito das sociedades complexas, apesar do esforço de encompassoamento de uma visão de mundo burguesa que se pretende hegemônica.

Cabe acrescentar ainda a escassez de pesquisas realizadas no Brasil acerca deste grupo. Na busca de material etnográfico, foi possível encontrar apenas dois livros que tratavam diretamente da população. Um deles, **Mendigos: por que surgem, por onde circulam, como são tratados**, de Marilene Di Flora, trata dos mendigos-trecheiros na região Oeste do Estado de São Paulo, entrevistados em uma instituição pública de assistência social. A autora busca demonstrar a relação entre a produção de uma "matriz de significações" que sustentaria o mundo da mendicância e sua prática e as exigências capitalistas. A análise procura levar em conta o papel das instituições de assistência social na afirmação do desvio e na estigmatização do desviante. Ao mesmo tempo explica a incorporação do estigma pelo TRECHEIRO como efeito da adesão à "matriz de significações" própria daquela sub-cultura, através do processo de socialização. O indivíduo deve adquirir os "conhecimentos relativos a este universo que, desta forma, aparece como uma realidade dotada de sentido para ele" (Di Flora, 1987:139). O uso de questionários permitiu à autora levantar dados que lhe forneceram um perfil desta população naquela região, caracterizando-a quanto à identificação pessoal (idade, sexo, profissão); quanto às suas relações com o trabalho, com o pedido (ato de mendigar), com os outros e consigo mesmo, com as instituições de assistência.

Diferentemente de minhas observações, a população descrita no trabalho é praticamente restrita à região Oeste do Estado de São Paulo, seja quanto à sua procedência, seja quanto aos trajetos realizados, em geral coincidentes com as linhas ferroviárias da área. No entanto, a coleta de dados, restrita ao albergue onde uma equipe de auxiliares realizou as entrevistas, limitou-se a registrar algumas opiniões e julgamentos dos entrevistados acerca de suas vidas. Além disso, não levou em conta a situação institucional ao fazer a análise qualitativa dos dados, fator claramente interveniente no conteúdo das respostas.

O segundo trabalho que faz referência direta aos TRECHEIROS foi elaborado pela equipe da Secretaria do Bem-Estar Social da Prefeitura Municipal de São Paulo,

durante a administração de Luiza Erundina e publicado em 1992. **População de Rua: quem é, como vive, como é vista**, procura realizar um levantamento das características e condições de vida da população que reside nas ruas da capital paulista, incluindo suas relações com algumas instituições de assistência. Neste levantamento os TRECHEIROS aparecem como uma espécie de sub-grupo e a referência a eles é superficial.

Recentemente, a dissertação de mestrado de Claudia Turra Magni, intitulada **Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre**, do PPGAS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, veio acrescentar importantes observações acerca desta população, incorporando conceitos e métodos extremamente criativos e profícuos para o estudo deste fenômeno que adquire, cada vez mais, relevância no quadro social brasileiro.

Por fim, James Spradley, antropólogo norte-americano, em trabalho publicado em 1970, realiza uma etnografia dos nômades urbanos nos Estados Unidos, particularmente na cidade de Seattle onde localizou sua pesquisa. Propõe-se a descrever "a forma pela qual os membros deste grupo definem sua própria identidade e cultura" (Spradley, 1970:68). Não se detém, no entanto, na mera descrição, procurando empenhar-se em "explicar por que eles vivem como vivem e não apenas quem são" (Spradley, 1970:65-6). Neste sentido dirige a pesquisa àquele aspecto que, segundo ele, os *tramps* consideram realmente significativo: o confronto com a lei e suas agências, fator fundamental na determinação da mobilidade dos andarilhos estudados pelo antropólogo.

Utilizando o método de análise componencial, Spradley pôde determinar 15 tipos diferentes de *tramps*, estabelecendo quatro dimensões de contraste principais: o espaço percorrido - dentro de uma mesma cidade/região ou entre cidades/regiões diferentes; o modo preferencial de empreender a viagem; a base onde o sujeito se ancora social e psicologicamente; a especialização em uma forma específica de garantir a sobrevivência.

O estudo etnográfico empreendido revelou dois aspectos da identidade *tramp* que seriam os mais importantes para eles. Situados no binômio andarilho/prisioneiro, estes dois pólos tornaram-se indissociáveis e mutuamente reforçadores: um tramp só pode ser assim considerado depois de ter passado pela cadeia.* Em razão da forma como se dava o confronto com a polícia, esta representava um dos principais motores para os andarilhos, tornando a mobilidade uma estratégia de sobrevivência e a invisibilidade um estado desejável.*

O trabalho de Spradley causou tal impacto na sociedade americana, pois revelou diversos aspectos pouco dignos do comportamento policial, como a corrupção e a exploração dos presos, que permitiu modificações na legislação referente à vadiagem e ao trato com os andarilhos.

A dificuldade em encontrar trabalhos que tomem os TRECHEIROS como objeto de estudo, explorado mais exaustivamente, considerados nas determinações das condições brasileiras, serve como base para justificar a realização da pesquisa. Inicialmente, porque a coexistência de diversos grupos com particularidades e limites próprios nas sociedades complexas confere um caráter heterogêneo, diversificado e dinâmico à ordem social. Persiste, entretanto, certa prevalência de uma determinada noção do que significa pertencer à sociedade, quais atributos são indispensáveis para este pertencimento e, ao mesmo tempo, uma tentativa de tornar estes critérios válidos para todos os segmentos sociais. Para tanto, mobilizam-se mecanismos delimitadores de fronteiras simbólicas (imaginário, valores, conceitos etc.), associados a ações seletivas efetivas (medidas policiais, jurídicas, higienistas, assistenciais etc.), que implementam os processos de segregação de segmentos sociais que não incorporam tais códigos em sua totalidade. Tais processos revelam-se complementares e a análise das relações entre os grupos envolvidos no jogo social deve nos dizer algo sobre o processo total.

Em segundo lugar, porque os sujeitos envolvidos neste jogo e conflito são capazes de produzir respostas adequadas às suas necessidades, construindo seus característicos estilos de vida. Cabe então demonstrar a diversidade das soluções para a continuidade da vida humana, notadamente de vidas que se estruturam no interstício do sistema social, travando um combate diário com os códigos hegemônicos. Cabe procurar saber da natureza deste conflito e dos elementos postos em ação no jogo, das histórias de resistência e/ou rebelião de sujeitos que procuram escapar ao encompassoamento, das suas respostas às tentativas de cooptação e adesão às instituições normatizadoras, da sua lida com a persistente atribuição de identidades estigmatizadas. Cabe, enfim, procurar acompanhar os sujeitos em suas linhas de fuga, experimentando os efeitos desta singularização.

O conceito de cultura é tomado aqui como um elemento dinâmico da sociedade, mantendo com ela interações estreitas, produzindo-se e manifestando-se nestas interações. Ela informa as interpretações, significados e símbolos, orientando os indivíduos que dela participam e que, por sua vez, criam novos símbolos e significados,

embora vinculados a um sistema de crenças. A cultura tomada assim como código, permite-nos também, na reversão produzida pela apreensão deste código na investigação, exercitar limites para a demarcação dos grupos em interação no jogo das sociedades complexas, sempre problemática quando se trata de grupos marginais.

Segundo Geertz, a cultura emerge da ação onde os comportamentos, como atos de significação, vão compondo o universo simbólico dos que compartilham as mesmas condições de vida:

Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento ou, mais precisamente, da ação social que as formas culturais encontram articulação. (Geertz, 1987:27).

Aponto aqui para uma cultura que instrumentaliza os sujeitos que dela compartilham a compreender e resolver as dificuldades colocadas por sua condição de vida, na relação que estabelecem com outros códigos simultaneamente vigentes.

A etnografia erigiu-se aqui como instrumento privilegiado no trabalho de campo, baseada na observação livre e participante, com uso de entrevistas abertas conduzidas por um roteiro indicativo de alguns itens a explorar, onde se procurou estabelecer informantes qualificados e locais de observação privilegiados, restauração da memória das trajetórias individuais que apontam na direção do TRECHO como modo de vida e a forma que assume.

Procurei levar em conta também que a pesquisa antropológica em seu desenvolvimento histórico, ao voltar-se para a investigação da cultura do próprio pesquisador e das chamadas sociedades complexas¹, viu-se diante de novas exigências metodológicas que o objeto lhe impunha. (Caracterizada pela desterritorialização dos sujeitos (ruptura entre lugar de origem e lugar de produção da vida social), coexistência simultânea de diversos estilos de vida e multiplicidade de relações no mesmo campo, a tarefa etnográfica nas sociedades complexas deve contemplar também critérios de plurilocalidade ("Vários locais da prática social, privilegiando os 'espaços intermediários' da existência social, percursos, trajetórias, devires..."). Deve ainda

¹Peirano (1983) propõe uma revisão do conceito de Sociedade Complexa, defendendo a necessidade de considerá-la em sua especificidade histórica, qual seja, a formação de Estados-Nações e a necessidade de disseminação de representações integradoras da identidade nacional, bem como, compreender como cada sociedade lidou com este processo. Advoga o abandono da noção dicotômica Sociedade Complexa *versus* Sociedades Simples, por entender que, deste modo, a primeira surge sempre como residual à segunda.

procurar apreender "unidades reais de funcionamento" e não criar grupos falsamente homogêneos. Da mesma forma não pode buscar homogeneidade de crença, representação etc. (Perlongher; 1989:05)

O indivíduo, elemento considerado em sua prática social, é concebido como sujeito fragmentado devido à sua participação em redes de sociabilidade diferenciadas, algumas até não-marginais, porém resistente à captura institucional, entendida como as tentativas de inscrição do sujeito em formas estabelecidas de normatização, seja a família, o trabalho, a rede de relações de vizinhança possível pela fixidez residencial, ou qualquer outra. É, por outro lado e simultaneamente, objeto de razões outras que lhe perpassam a consciência e lhe fogem à compreensão, influentes em seu comportamento. Não é ele plenamente sujeito nem, tampouco, completo objeto, mas vive no "fio da navalha", na tensão constante entre os pólos. Veja-se, por exemplo, a importância dada pelos TRECHEIROS às rupturas familiares como fator decisivo na "escolha" do trecho como modo de vida. Obviamente, neste processo concorrem diversos fatores de diferentes níveis, desde o macro-econômico até os psicológicos, que se sobrepõem, mas que o indivíduo nem sempre dá conta de agrupá-los. Constrói assim uma história plausível para si mesmo e para os outros, a partir dos elementos que dispõe, formando narrativas que são, ao mesmo tempo próprias e sociais. Por este motivo os entrevistados estão referidos neste trabalho preferencialmente como SUJEITOS, uma vez que este termo suporta a ambigüidade de sua condição: sujeito à e sujeito da ação.

É este mesmo sujeito que conta uma história sobre sua vida com a intenção de ordenar-lhe o sentido e conferir-lhe coerência. A esta história e suas intersecções com histórias de outros sujeitos que se agrupam em torno do mesmo modo de vida, interessou-me escutar. Tal escuta, porém, não é, ela mesma, isenta de concepções, tornando-se também responsável pela atribuição de significados ao que é ouvido e ao entrelaçamento deste material. Através dela creio ser possível remontar práticas e representações constitutivas de uma cultura: naquilo que estas histórias demonstram ter em comum, senão com todos, mas com a maioria dos participantes (suas trajetórias pessoais, sentimentos, atitudes, conhecimentos e crenças); naquilo que contêm de imperativo, implícito e estabelecido em normas e significados e que aos sujeitos que as vivem não lhes é dado estranhar porque são óbvias, pois todos que compartilham uma cultura a conhecem sem que seja necessário falar sobre ela; naquilo que contêm de operativo e permitem aos participantes compreender o mundo e sobreviver nele.

E se encontramos uma grande diversidade nestes relatos é porque ela resulta da exposição dos sujeitos sociais a múltiplas formações discursivas. Pode-se considerá-los, entretanto, referidos a um mesmo ideário tomado como verossímil por e para todos (Magnani: 1986). Uma cadeia de significados que liga práticas e representações tornando-os indissociáveis, captados aos pedaços nos discursos e nas ações dos diferentes envolvidos, cujos fragmentos podem ser reunidos de modo a fornecer uma idéia de sua totalidade. Ainda segundo Magnani,

Em outras palavras, discurso e prática não são realidades que se opõem, uma operando por distorção com respeito à outra; são antes pistas diferentes e complementares para a compreensão do significado. (Magnani; 1986:140)

A atenção às biografias permitiu ainda restaurar passagens da vida dos entrevistados não disponíveis à observação imediata pelo pesquisador, distanciadas no tempo e no espaço e sob condições que talvez não se repetissem no transcurso da observação.

Considerando a necessidade de estabelecer alguma fidedignidade às informações obtidas, alguns procedimentos gerais foram adotados a fim de procurar obter a exatidão possível no material das entrevistas. São eles: a) a própria observação que possibilitou checar o que foi dito e acrescentar detalhes omitidos pelo informante e que, por vezes, afetaram também seu significado; b) o confronto das informações com vários informantes simultaneamente, procurando tratar dos mesmos temas com todos e c) a repetição dos mesmos temas com os mesmos informantes.

O trabalho de campo foi realizado entre os meses de janeiro e agosto de 1994, em três etapas diferencialmente localizadas. A primeira delas desenvolveu-se na cidade de Florianópolis nos locais de encontro de um grupo de moradores de rua, que aqui denomino PARDAIS, segundo a identificação que me foi dada por eles mesmos. Embora tivesse tido contato com alguns TRECHEIROS estes foram minoria neste período. Os encontros não eram previamente estabelecidos e se davam geralmente em áreas do centro da cidade, sendo necessário, algumas vezes, percorrer vários destes locais até encontrar alguém do grupo. Estes locais eram: a Praça XV de Novembro; a Rua Arcipreste Paiva, sob a marquise do prédio do INSS - local chamado de “cinema” por estar ao lado do Cine Ritz; a Praça Getúlio Vargas, também chamada Praça dos Bombeiros por situar-se em frente ao quartel da corporação. No sentido oposto a este: o

Largo da Alfândega; o Mercado Público e o Aterro da Baía Sul, na área em frente ao Largo da Alfândega. Nesta etapa pude realizar entrevistas em grupo e individuais (muito menos frequentes), assim como compartilhar de diversos momentos da vida cotidiana daquelas pessoas, no modelo de observação participante. Os registros eram realizados depois do encontro com o grupo, rememorando as conversas e acontecimentos (muitas vezes sacolejando dentro de ônibus cheios a caminho de casa). A gravação mecânica estava impossibilitada de ser feita: primeiro pelo grau de interveniência que o uso de tais aparelhos sobre o comportamento poderiam acarretar, incluindo aí a fotografia ou a filmagem que suscitaram manifestações de desagrado quando, em algumas situações, estiveram prestes a ocorrer. Segundo, por não possuir aparelhagem adequada para realizar as gravações ao ar-livre com um mínimo de qualidade e terceiro por não ter garantias da preservação da propriedade do equipamento. A estratégia adotada, no entanto, tinha a desvantagem de pôr em risco a recuperação do material que nem sempre emergia da memória na sua totalidade e na exata seqüência em que ocorrera, ou surgia apenas depois de algum tempo ter se passado, às vezes, dias.

Esta etapa atravessou os meses de janeiro a maio daquele ano, quase que diariamente, quando então os contatos foram ficando mais raros devido a mudança de local da pesquisa.

A presença continuada permitiu estabelecer com o grupo um nível de interação significativo que foi se estabelecendo gradualmente ao longo do tempo e que tornou possível, pela confiança mútua alcançada, reformular alguns pontos de suas histórias pessoais registradas desde o início do trabalho de campo. Porém, os contatos iniciais foram marcados pela desconfiança quanto às minhas verdadeiras intenções e mesmo quanto à minha filiação institucional, tendo sido perguntado mais de uma vez se era policial, jornalista ou membro de alguma igreja evangélica, além de quase agredido. Só depois de algum tempo de convívio e com a interferência de um dos membros eventuais do grupo que tinha relações com a universidade, tais desconfianças foram sendo desfeitas e, algum tempo mais tarde, passei a ser alvo de deferências.

A segunda etapa realizou-se de junho a agosto de 1994, ao longo da rodovia BR-101 em vários pontos do trecho compreendido entre os municípios de Palhoça, ao sul, e Biguaçu, ao norte de Florianópolis. Neste período as entrevistas foram realizadas principalmente em postos de gasolina à beira da estrada; em restaurantes localizados ao lado destes postos, em bares e no posto da Polícia Rodoviária Federal da Serraria,

Município de São José. O instrumento privilegiado aqui foi a entrevista focalizando principalmente as biografias dos entrevistados e seus percursos, além das estratégias de sobrevivência, uma vêz que não havia condições para a observação direta. Diferentemente da etapa anterior, predominaram entrevistas individuais - mesmo quando encontrava-os em dupla, sendo que apenas um deles tomava a palavra, permanecendo o companheiro calado. Os entrevistados eram exclusivamente TRECHEIROS², auto-identificados como tal. A abordagem era feita diretamente quando da passagem de algum andarilho pelo ponto da rodovia onde me plantava, identificando-o segundo sua aparência: roupas, estado geral e o indefectível **galo** ou mochila³. Igualmente não foi possível usar o gravador, pelos mesmos motivos alegados antes, porém as entrevistas foram anotadas durante sua ocorrência, depois de consultado o entrevistado, o que reduziu as perdas e imprecisões no material resgatado pela memória, além de ter sido possível fotografar alguns dos contatados.

Entrevistei também diversas pessoas que, de alguma forma, tinham contato com os TRECHEIROS: funcionários de postos de gasolina, proprietários, gerentes e atendentes de bares e restaurantes nas margens da estrada, policiais rodoviários, a fim de investigar o estado das relações entre eles e os viajantes e suas representações acerca destas pessoas.

Finalmente, a terceira etapa consistiu num retorno à instituição de onde parti. Contatada a direção da FREI e obtida a permissão pude realizar entrevistas com TRECHEIROS, alguns deles vinculados ao programa de tratamento de alcoolismo, outros integrantes do que foi chamado pela instituição de Plano Inverno, um programa de assistência vigente apenas durante o inverno e que lhes colocava o imperativo de retornar às ruas finda a estação.

Aqui as entrevistas puderam ser gravadas e minha identidade como pesquisador estava desde o início bem mais clara do que nos locais anteriores, o que me pareceu facilitar o contato e a obtenção do material. As condições das etapas anteriores exigiram um período mais longo até que se desfizessem as desconfianças em relação à pesquisa, fato que nesta etapa não ocorreu devido, em parte, por ser previamente conhecido por alguns dos pesquisados.

² Há uma distinção que funciona como critério demarcatório, enunciada tanto por TRECHEIROS quanto por PARDAIS, que separa os dois grupos e que será discutida mais a frente. O termo ANDARILHO será usado para designar tanto um, quanto outro, quando não for necessário distingui-los.

³ Os termos nativos aparecem em negrito e seus significados são apresentados em um glossário em anexo ao fim da dissertação.

Nas páginas seguintes estão expostos os resultados deste período de intensa experiência intelectual e existencial.

No próximo capítulo, estabeleço um breve diálogo com os conceitos sociológicos que tem conformado o campo de discussão da temática. Em seguida apresento o material etnográfico, que fornece suporte para o exercício interpretativo.

CAPÍTULO II

MARGINALIDADE, DESVIO E LIMINARIDADE

A Configuração do Campo Teórico

O âmbito do fenômeno chamado aqui de marginalidade fornece um ângulo privilegiado para a discussão em torno da relação indivíduo - sociedade, pondo em questão as determinantes do comportamento humano, a formação social da subjetividade e qual a medida deste encontro (ou desencontro). As características do fenômeno parecem requerer dos que se dedicam a ele um constante caminhar entre duas disciplinas - Psicologia e Antropologia - dadas, talvez, as ambigüidades colocadas pelo objeto. Afinal, como explicar a persistência de certos sujeitos em manter-se “fora da lei”, não obstante todas as sanções possíveis, concretas ou simbólicas, sem falar na negação das gratificações a que tem direito os que não se afastam do “bom caminho”? Desejo, revolta, exclusão social ou do mercado formal de trabalho? Afinal, tratamos do contrato edípico ou do contrato social? A resposta, possivelmente a meio-caminho - nem tanto ao mar, nem tanto a terra - buscamos com prudência.

Marginal - o homem entre dois mundos, na concepção clássica proposta por Robert Park - sujeito ambíguo; conceito ambíguo pelos numerosos significados postos por seu uso. Ambigüidade nem sempre respeitada pelas diferentes teorias que se propuseram a lê-lo que, no afã de pô-lo totalmente à claridade, esqueceram que a sombra se torna mais negra quanto mais intensa a luz. Impulso epistemofílico obsessivo ou necessidade de esquadrihar o universo social com estratégias de controle através da articulação de um saber-poder ? Não é fácil caminhar nas fronteiras, nas linhas divisórias dos territórios, ainda mais à meia-luz.

Neste capítulo proponho uma breve revisão dos conceitos que têm sido comumente usados para a compreensão do fenômeno da marginalidade, procurando mostrar as intersecções entre o campo da Psicologia e o da Antropologia presentes neles, configurando a própria noção de marginalidade como uma categoria entre “dois mundos”, refletindo assim seu objeto.

A atenção ao tema da marginalidade não é recente nas Ciências Sociais na América Latina e no Brasil, remontando aos meados da década de 40, após a II Guerra Mundial, quando começaram a surgir os primeiros aglomerados populacionais em áreas periféricas às grandes cidades, formando o núcleo do que viriam a ser as favelas. Desde então diversos estudos vêm procurando dar conta do fenômeno, demonstrando a heterogeneidade das concepções e abordagens utilizadas pela disciplina.¹

Tais estudos, entretanto, partem de conceitos consagrados ao longo da formação das Ciências Sociais e que agora serão brevemente recapitulados.

Cabe, contudo, fazer uma observação inicial referente ao termo *marginal* : Janice Perlman (1977), em seu estudo **O Mito da Marginalidade**, assinala a dificuldade em utilizar este conceito em razão da larga amplitude que seu uso indiscriminado causou. Resenha diferentes critérios definidores da marginalidade segundo perspectivas teóricas diversas. Tais critérios foram organizados pela autora do seguinte modo: pode referir-se a certas aglomerações populacionais localizadas espacialmente - como as favelas, por exemplo - as quais se agregam atributos sociais e psicológicos, delimitando um estilo de vida característico; pode referir-se também à posição de inferioridade no sistema produtivo; refere-se ainda aos migrantes ou membros de sub-culturas, bem como aos dominados pelos processos de expansão

¹Para um levantamento mais detido destas abordagens pode-se consultar PERLMAN (1977); STOFFELS (1977) E OLIVEN (1984).

colonial, sempre que diferentes grupos sociais encontram-se em posição assimétrica em relação ao poder e as fronteiras entre eles sejam relativamente permeáveis; às minorias raciais e étnicas, quando um traço genético imputado é agregado ao esquema básico de superioridade-inferioridade; aos transviados, quer sejam “tipos patológicos, ou talentosos e não-conformistas”.(Perlman, 1977:128). É também devido à heterogeneidade que Mello e Souza (1986) propõe substituir o termo *marginal* pela categoria de *desclassificado* em seu estudo sobre a pobreza mineira no século XVIII. Porém, é exatamente em razão desta amplitude que Perlongher vê a principal vantagem em seu uso, “já que permite englobar uma multiplicidade de fugas (e segregações) da ordem social.”(Perlongher, 1987: 202). E é por esta mesma razão que o emprego do termo será mantido também neste trabalho, malgrado seu restrito poder explicativo. No entanto, gostaria de explicitar, de início, um dos significados atribuídos ao termo, para em seguida “ajustá-lo” às necessidades do objeto em estudo.

Num sentido, a perspectiva marxista reserva ao termo **marginalidade** a designação de uma condição referente ao modo como o trabalhador se insere no sistema produtivo, sendo considerada “a partir de formas particulares de inserção oriundas da dinâmica concreta de criação de excedente econômico”(Kowarick, 1977:56). O que caracteriza o trabalho marginal é uma dada inserção no sistema produtivo marcada por uma forma diferenciada de remuneração, apoiada no trabalho extensivo (longa jornada de trabalho), com pequena divisão de tarefas e tecnologia rudimentar. Desta maneira, o marginal continua sendo um trabalhador, sujeito, no entanto, a formas diferenciadas de exploração em relação ao trabalhador não-marginal, assalariado. Mesmo não participando da produção de mais-valia, como os trabalhadores vinculados ao mercado formal, os marginais reduzem o custo de reprodução da força de trabalho ao venderem seus bens e serviços a baixos preços para as camadas médias e altas, servindo inclusive como superpopulação relativa ou “exército industrial de reserva”.

Esta concepção restrita do conceito de marginalidade não nos permite operar com mais profundidade o objeto em análise. Fundamentalmente porque, apesar de TRECHEIROS e PARDAIS executarem serviços eventuais -os primeiros mais que os segundos-, sua posição frente ao sistema produtivo é de exclusão estrutural e permanente e não ocasional, como acontece com a superpopulação flutuante e

estagnada². Segundo Oliven (1984), a população excluída do processo de industrialização é tão numerosa no Brasil que excede as necessidades de mão-de-obra de reserva, constituindo, na verdade, uma massa "estruturalmente" miserável, que nunca será absorvida pelo mercado de trabalho e, conseqüentemente, não terá acesso a condições de vida e padrões de consumo melhores. É necessário, pois compreendê-los, a partir do ponto de vista da inserção na estrutura produtiva, em outra das categorias marxistas : o lumpemproletariado.

Marx considera o lumpemproletariado como uma das formas de existência à qual está submetida a superpopulação relativa, resultante e reprodutora do processo de acumulação capitalista. Localiza-o, porém, nos mais inferiores estratos sociais - definindo-o negativamente em relação ao proletariado -, no "inferno do pauperismo", constituído pelo "rebotalho do proletariado"(Marx, 1980:746-7): vagabundos, criminosos, prostitutas etc., distinguindo-lhes três categorias: a) os aptos para o trabalho; b) os órfãos e filhos de indigentes; c) os "degradados, desmoralizados, incapazes de trabalhar".(Marx, 1980:747). Compõe-no os incapazes de adaptação à divisão social do trabalho, os que passaram da idade e foram substituídos por mão-de-obra mais jovem e, relacionado a isto, os exauridos pela exploração intensiva de sua força de trabalho que são rebaixados ou tornam-se supérfluos; as vítimas da indústria: mutilados, enfermos, viúvas. O lumpemproletariado "constitui o asilo dos inválidos do exército ativo dos trabalhadores e o peso morto do exército industrial de reserva." E ainda: "O pauperismo faz parte das despesas extras da produção capitalista, mas o capital arranja sempre um meio de transferi-las para a classe trabalhadora e para a classe média inferior" (Marx, 1980:747). Sua origem remonta ao período de formação urbana concomitante à decadência do feudalismo.

Engels (apud Guimarães, 1981) acentua o caráter político deste segmento, considerando-os prescindíveis na tarefa revolucionária, pois poderiam ser facilmente mobilizados pela reação ao movimento, o que os tornaria muito mais um aliado potencial deste do que dos revolucionários.

Stoffels acrescenta: "Essa camada caracteriza-se, além da periculosidade, pela irregularidade de remuneração, o caráter a-revolucionário -ausência de projeto

² Marx (1980) define assim estes dois modos de existência da superpopulação relativa: a) a superpopulação flutuante se forma quando dos fluxos e refluxos de aproveitamento da mão-de-obra e da substituição dos trabalhadores mais velhos pelos mais jovens, tornando aqueles supérfluos em razão do parcial esgotamento de sua capacidade produtiva ; b) a superpopulação estagnada seriam os trabalhadores ativos mas com ocupação irregular, supérfluos da indústria e agricultura e de atividades em decadência, cujo exemplo principal são os trabalhadores a domicílio.

autônomo de transformação social - e uma forte apatia: ..., 'podridão inerte', 'lixo da sociedade'."(Stoffels, 1977:248).

No entanto, se, por um lado, podemos claramente localizar TRECHEIROS e PARDAIS como integrantes deste estrato social e atribuir-lhes certas "propriedades" a ele relacionadas, não é possível reduzir sua existência a uma condição exclusivamente econômica, uma vez que haveria outras formas de solucionar as dificuldades de sobrevivência nos estratos economicamente inferiores que não implicassem deslocamento constante, como atesta o crescimento das favelas na medida em que elas representam fixação geográfica destas populações.

De outro modo, Robert Park, em 1928, procurava estabelecer a noção de "personalidade marginal", que antecedeu à de "identidade desviante", com uma abordagem eminentemente psicossociológica, de resto compartilhada pelos demais participantes do que se convencionou chamar de Escola de Chicago.

Buscando definir a importância dos movimentos migratórios sobre as instituições sociais, Park, em "**Human Migration and the Marginal Man**", coloca-os em pé de igualdade com a guerra, uma vez que ambas promovem o contato e a fixação de relações entre povos diferentes, permitindo o intercâmbio de conhecimentos e experiências. Tais encontros, colisões e conflitos seriam os verdadeiros responsáveis pela mudança das instituições, sempre de maneira abrupta, catastrófica, segundo Park, e não através de processos evolutivos e de acumulação gradual e que, em última instância, fomentaria o terreno fértil onde se produz o homem marginal.

As migrações promovem uma ruptura da ordem social pela interveniência de fatores externos, enquanto as revoluções o fazem pela erupção interna. Por outro lado, a migração moderna envolve a mudança de residência e a quebra dos laços familiares, uma vez que, contemporaneamente, as migrações não representam mais a mobilidade de grandes unidades coletivas agrupadas em classes, mas tornaram-se mobilidade de indivíduos, uma questão particular, embora em ambas persista a busca de melhores condições de vida. Observa ainda que a mobilidade de grupos ciganos ou de párias sociais não resultam em grandes mudanças para as sociedades, pois suas relações com elas têm caráter transitório ou de fixação temporária e são de ordem "simbiótica" e não propriamente social.

Quando a ordem social é rompida por tais "catástrofes", os indivíduos tornam-se emancipados das restrições da estrutura social dada a quebra dos costumes e

tradições, podendo expressar estas mudanças em seu comportamento: manifestam uma auto-afirmação agressiva, uma super-expressão da individualidade e têm seu julgamento liberado dos modos convencionais de pensamento. O indivíduo assim desembaraçado torna-se um “cosmopolita”: pode olhar para sua própria cultura com olhos de estrangeiro, visto que não tem mais ligações com os demais por laços de propriedade ou de convenções locais. Seculariza as relações que antes eram formalmente sagradas e promove uma individuação da personalidade. De outro modo poderia dizer, resumidamente, que a marginalidade singulariza.

O migrante é, então, como o modelo de homem marginal por ser este, fundamentalmente, um pária que, saído de sua cultura de origem, não obteve êxito pleno na integração em uma outra cultura, ficando a meio caminho entre as duas. O conflito que nele se produz em razão de tal condição é o do “eu dividido, o velho e o novo.”(Park, 1967 :205). Persiste no sujeito marginal um sentimento de dicotomia moral e conflito na transição, quando velhos hábitos são descartados e os novos ainda não foram formados; um período de tumulto interno e auto-consciência intensa, sustentando uma crise relativamente permanente.

Os sociólogos da Escola de Chicago, dos quais Park é um dos representantes-fundadores, notabilizaram-se pelo estudo do comportamento desviante - preocupados que estavam com a solução dos problemas colocados pela rápida industrialização e expansão urbana nos Estados Unidos -, a partir de uma perspectiva interacionista que permitisse a dissolução teórica da dicotomia indivíduo-sociedade. No entanto, recolocou-a, por certo, em outro lugar ao determinar uma linha divisória entre “normais” e “desviantes”. Em torno das proposições interacionistas floresceram diversas abordagens do fenômeno marginal.

A interação social constituiria, para estes pesquisadores, a própria natureza humana e não uma expressão dela decorrente de capacidades inatas. Além disso os seres humanos seriam dotados de auto-consciência - consciência de seu próprio comportamento - e de auto-consciência reflexiva, isto é, consciência de sua própria auto-consciência, portanto, capazes de controlar seu próprio comportamento, aplicar as normas que o regulam a si mesmos e aos outros, orientar-se no tempo e no espaço, perceber-se tomando decisões, usar símbolos. Em suma, o homem é capaz de tomar-se como objeto, comunicar-se, agir com relação a si mesmo e modificar-se a partir da interação com outros humanos. Os significados das coisas são construídos e

modificados através dos processos interpretativos dados nas interações. Da disputa pela primazia das significações entre grupos divergentes resulta a mudança social.

Seguindo a trilha aberta por Park, Howard Becker propõe a noção de DESVIO, o qual seria criado pela própria sociedade, pois as causas do desvio podem ser atribuídas ao estabelecimento de determinadas regras por grupos sociais que têm o poder de torná-las válidas e com elas rotular de desviantes os seus infratores. A fórmula de circunscrição do desvio seria:

O desviante é alguém a quem aquele rótulo foi aplicado com sucesso; comportamento desviante é o comportamento que as pessoas rotulam como tal. (Becker, 1977:60)

Segundo os pressupostos do interacionismo, é necessário considerar o outro lado: que o rotulado como desviante pode não concordar com a regra da qual é acusado de transgressão e considerando os que o julgam como impedidos de fazê-lo, sentenciar como desviantes seus juízes.

Sendo assim, a **acusação** torna-se elemento primordial, pois não é apenas o ato em si que determina o desvio, mas sua formalização no processo acusatório, ou seja, as atitudes das outras pessoas em relação a ele, tornando a reação àquele ato uma rotulação pública de desvio e exigindo uma punição ao culpado. A reação ao desvio e à imposição das regras depende ainda de outros fatores variáveis: a) do movimento que está se dando na sociedade em determinado momento histórico que faz com que certos atos sejam considerados com maior ou menor indulgência; b) conforme os atores envolvidos: quem comete o ato e quem sente que foi prejudicado, sendo privilegiados os grupos que exercem maior poder na sociedade (ricos, brancos etc.). Em certas circunstâncias, uma transgressão será objeto de acusação e sanção, e em outras isto não ocorrerá. Em outras ainda, o rótulo pode ser aplicado sem que a pessoa tenha cometido a infração.

Becker procura desta maneira refutar a idéia de uma essência do desvio: uma qualidade inerente ao ato que imediatamente faz dele uma ação desviante pela simples transgressão de uma norma. Daí a necessidade de considerar estas variáveis citadas para que se possa realmente compreender, no encontro delas, a dinâmica da constituição do desvio. Segundo o modelo, não só o desvio entra em questão, mas todo

o processo social é desenvolvido através deste “jogo” entre a ação e sua interpretação e, a partir destas, novas ações e interpretações dar-se-ão pelas partes envolvidas na interação.

Assim, para que haja desvio é necessário que exista uma regra e alguém que reclame uma sanção aos que a transgrediram. A questão desloca-se para a estrutura social - neste caso, uma estrutura que se forma na própria interação social - e nela, para o confronto na formulação da própria regra, notadamente quando se trata de sociedades complexas. O horizonte parece escurecer de repente: afinal, quem formula regras, tem poder de impô-las e criar desviantes a partir delas? E mais, a quais regras o autor se refere especificamente? Supostas regras informais, que não estão escritas mas são vigentes nas relações entre as pessoas - seu código ético-moral -, ou o conjunto de normas formais, a lei e os agentes encarregados do cumprimento delas? As respostas diluem-se no relativismo.

A acusação permite que os grupos estabeleçam suas fronteiras internas (quando ela se refere a algum membro do próprio grupo ou sociedade) e externas (quando referentes a outros grupos ou sociedades). Como aponta Gilberto Velho (1985), a questão do desvio a partir de Becker deixou de ser encarada dentro do par antinômico adaptação-desadaptação para ser considerada como um problema político vinculado à identidade por supor uma luta interna aos grupos e entre grupos diferentes para que prevaleça uma dada concepção do significado e da função que o grupo deve exercer. Apesar de sugerir que a imposição de regras sociais é uma questão de poder político e econômico, ao mesmo tempo, a argumentação de Becker está baseada no reconhecimento da existência de “linhas de classes sociais, linhas étnicas, linhas ocupacionais e linhas culturais”(Becker, 1977: 65) ao longo das quais as regras são formuladas e impostas, gerando uma simultaneidade de normas diferentes e, por vezes, conflitantes. Resta no fundo uma sensação de circularidade:

Diferenças na capacidade de fazer regras e de aplicá-las a outras pessoas representam, essencialmente, diferenciais de poder (quer legais ou extra-legais). Aqueles grupos cuja posição social lhes confere armas e poder são mais capazes para impor suas regras. Distinções de idade, sexo, etnia e classe estão todas relacionadas a diferenças de poder, que explicam

diferenças no grau em que grupos diferenciados podem fazer regras para os outros. (Becker, 1977: 67)

A circularidade reside na ausência da explicação para a distribuição diferencial do poder: afinal, o que confere poder aos poderosos ?

Para determinar quem são os “empresários morais” encarregados tanto da formulação das regras quanto da sua imposição, o autor abstrai os critérios que apontava para sugerir dois tipos ideais: a) o “cruzado reformador”, sujeito-entidade empenhado na criação de regras, movido pelo humanitarismo e por uma ética absoluta, cuja ação pode resultar no surgimento de novas leis - e, conseqüentemente, em novas categorias marginais -, podendo ele tornar-se um “profissional” em localizar novas áreas de sanção; b) os “impositores de regras”, ou as agências encarregadas de zelar pelo respeito a norma e administrar a punição: “o resultado final de uma cruzada moral é uma força policial”, resume Becker. Não parece, porém, que ele se refira ao policial num sentido mais amplo ou figurado, mas antes como um agente concreto: ele não se interessa pelo conteúdo da norma, mas pelo fato de que “a existência da regra proporciona-lhe um emprego, uma profissão e uma *raison d'être*”(Becker, 1977:115). De qualquer modo, ambos tendem a institucionalizar-se em busca da preservação de sua existência.

A imposição de uma regra depende ainda de certas premissas: da iniciativa de alguém em executar a punição ao transgressor; da denúncia pública da transgressão de acordo com os interesses pessoais envolvidos; do tipo de interesse pessoal em jogo, variável conforme a complexidade da situação. É na dimensão do interesse pessoal articulado em uma iniciativa de imposição que se encontra a “variável-chave” para que a rotulação ocorra ou não.

Dadas as condições para sua ocorrência, o comportamento não se torna desviante de imediato, antes, deve passar por uma série de etapas seqüenciais constituindo uma *carreira* - noção presente também nas proposições de Erving Goffman, como veremos a seguir - onde cada etapa contribui para a organização de um *continuum* desviante, onde num extremo encontrar-se-ia o menos desviante, por assim dizer, indo até aqueles que “tomaram uma identidade e um estilo de vida extremamente desviante” no extremo oposto.

O passo inicial na carreira é o próprio ato de infração de alguma norma, de caráter intencional ou não, sendo que estas podem se dar em função da ignorância da

existência da regra ou de sua aplicabilidade. A falta de atenção à existência da regra pode ser resultante da vivência profunda do sujeito em alguma outra “subcultura particular”, por exemplo.

Já para os atos intencionais o autor aponta duas razões: a primeira está ligada ao processo de desenvolvimento da personalidade do indivíduo, quando ele, de alguma maneira, “evitou” estabelecer compromissos com as instituições sociais, de modo que está livre para “seguir seus impulsos”. A segunda supõe que os indivíduos, mesmo que tenham desenvolvido tais compromissos, lançam mão de “técnicas de neutralização” do valor da norma social a fim de elidir a própria suscetibilidade aos atos desviantes. Tais técnicas seriam: perceber-se como impelido ao ato por outros ou pelas circunstâncias; negar que seu ato tenha acarretado prejuízos a outrem; justificar o ato em razão das circunstâncias, considerando-o legítimo naquela situação; desqualificar seus juízes, atribuindo algum desvio a eles; conferir precedência às normas do grupo ao qual pertence para legitimar seus atos.

Os que seguem na carreira o fazem, porém, através do “desenvolvimento de motivações e interesses desviantes”, socialmente aprendidos pelo convívio com os mais experientes, que se estabelecem em razão da descoberta de gratificações não experimentadas antes.

Recorre assim, o autor, à psicologia como forma de dar conta da “causa” do desvio (desenvolvimento de uma personalidade avessa aos compromissos institucionais), e da permanência do sujeito na trajetória desviante através de uma “teoria da aprendizagem”, de modo a explicar a formação dos indivíduos através de sua cultura. Munido de uma psicologia da consciência, ele supõe que os indivíduos, ao longo de seu desenvolvimento, controlem seus “impulsos desviantes” a partir da compreensão das conseqüências adversas resultantes do comportamento transgressivo - deixando entrever aí um modelo de aprendizagem comportamentalista³ - a não ser que as gratificações obtidas através do desvio sejam mais compensadoras.

Para Velho o desviante, na verdade, faz uma “leitura divergente” de sua cultura, pois existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão ‘normal’. Em outras áreas, entretanto, divergirá com seu comportamento, dos valores dominantes. Estes podem ser vistos como aceitos pela maioria das pessoas ou como

³ Em outro momento do mesmo trabalho, Becker refere-se a “motivações inconscientes”, porém não desenvolve esta noção.

“implementados e mantidos por grupos particulares que têm condições de tornar dominantes seus pontos de vista”.(Velho,1985: 27-8)

Perlongher (1987) procura abordar o problema de outra forma: critica a teoria do desvio formulada pela sociologia da Escola de Chicago apontando o caráter falsamente homogeneizador da suposição de uma linha nítida entre o “desvio” e a “normalidade”. Tal posição não permite interpretar, por exemplo, o que o autor chama de “duplicidade estrutural”, quer dizer, a pertinência simultânea do sujeito a dois mundos, em pauta não apenas para os michês por ele estudados mas, também, para o que se convencionou chamar de marginais, e que podemos ver expressos, da mesma forma, nos percursos alternados de alguns TRECHEIROS. Ao invés de uma oposição, uma fronteira abundantemente porosa e imprecisa separa e põe em contato, simultaneamente, os dois domínios, atualizada pela existência de uma “delinquência subterrânea”, latente na sociedade “normal”. Os desviantes frequentam assim uma “zona de deriva”, isto é, uma região de afrouxamento dos controles sociais que permite a possibilidade de trânsito entre o delito e a norma social, ficando aqueles entre estas duas posições e adiando ao máximo a decisão por uma ou outra, “deslizando” entre elas:

O chamado desvio seria, em última instância, uma faixa de indiscernibilidade, uma espécie de “deriva subterrânea” que socava [sic] e percorre o mundo normal. (Perlongher, 1987: 191). [grifo do autor].

Outro ponto crítico na teoria do desvio assinalado por Perlongher é a categoria de “desviante secreto”, que seria incoerente com uma perspectiva que toma a acusação pública como determinante da condição do desvio⁴.

Partindo de supostos semelhantes aos de Becker, Goffman também admite a existência de categorias classificatórias nas mentes humanas, que mesmo não reconhecidas conscientemente, teriam a função de estabelecer os critérios através dos

⁴ Becker define assim o desviante secreto : *Aqui, um ato impróprio é cometido, e ainda assim ninguém o nota ou reage a ele como uma violação das regras. Como no caso da acusação falsa, ninguém realmente sabe a intensidade da existência deste fenômeno, mas estou convencido de que ela é bem grande, muito maior do que podemos imaginar.* (Becker, 1977:69). Exemplifica citando os fetichistas, homossexuais não assumidos e drogadidos.

quais as pessoas se avaliam umas às outras. Aqueles que, de alguma maneira, não correspondem a estas expectativas podem ser rotulados com um “atributo profundamente depreciativo” que Goffman denominou de **estigma**. Este pode estar referido a três tipos básicos de atributos que seriam considerados defeitos: as deformidades ou disfunções físicas; os referentes a falhas no caráter individual como certas paixões ou ausência de força de vontade; os transmitidos por herança, como raça, ou por linhagem, como a religião. Seu principal efeito consistiria numa redução do sujeito aos atributos interpretados como negativos.

Do ponto de vista da “normalidade”, o estigmatizado não é considerado completamente humano, pois não atende integralmente às expectativas que determinado grupo formula como critério de inclusão em tal categoria. Sendo assim, estes grupos “normais” constroem uma “ideologia” como forma de dar conta desta inferioridade e do perigo por ela representado, que tem o efeito adicional de racionalizar as animosidades baseadas em outras diferenças que não podem ser reconhecidas. Há também uma tendência a inferir outros defeitos a partir de um original e considerar comportamentos defensivos, reativos ao processo de estigmatização, como índice da pertinência da rotulação e expressão direta do defeito, como no caso de pacientes internados em hospitais psiquiátricos cujo comportamento violento está vinculado à violência com que é tratado, mas que se toma como sinal da própria loucura. O autor aponta a necessidade de distinguirem-se os fatores que determinam a eleição de uma diferença como estigmatizadora em cada sociedade, através de uma “história natural do estigma”, que coloque em relevo as circunstâncias históricas de sua formulação.

Os estigmatizados por sua vez - e Goffman tenta descrever esta dinâmica das relações entre os grupos divergentes dentro de seu projeto interacionista -, tendem a incorporar a visão que os outros dele têm como sua, tornando-se suscetíveis a ela. Tal suscetibilidade se estabelece como consequência da formulação da identidade do estigmatizado nos processos de socialização, marcado como é pela presença do defeito do qual o indivíduo é portador. À construção desta identidade Goffman vai referir-se quando trata da **carreira moral**.

Os sujeitos que pertencem a uma classe de estigmatizados tendem a sofrer mudanças semelhantes na concepção do próprio “eu” em função das experiências de aprendizagem acerca de sua condição, ingressando assim numa **carreira moral** cujas fases são: a) apreensão e incorporação do ponto de vista dos “normais”, das crenças

sociais que criam o estigma, de sua própria identidade e uma idéia geral sobre o que significa ter o estigma. b) apreensão em detalhes das conseqüências de ser um portador de estigma; c) aprendizagem das estratégias para lidar com o tratamento que recebe dos outros; d) aprendizagem do encobrimento do estigma; e) desaprendizagem do ocultamento através da revelação voluntária, ocorrendo apenas em certas situações e por alguns estigmatizados quando o consideram necessário. Dependendo da forma como se articulam com as condições históricas de cada indivíduo estigmatizado podem estabelecer modelos diferentes de desenvolvimento. Estas variáveis individuais dizem respeito a : a) quando o estigma é congênito: os indivíduos podem ser socializados dentro da situação de desvantagem, conformando sua identidade desde cedo a esta condição; quando o indivíduo vive protegido pela família ou comunidade da revelação de sua condição, vindo a dar-se conta dela num momento posterior de seu desenvolvimento, sendo que até então constituía sua identidade como um “ser humano qualificado”. Tal identidade é quebrada num momento crítico - que varia segundo a classe social, o local de residência e o tipo de estigma - que dá origem à experiência moral de ingresso na carreira; b) quando o estigma é adquirido: se em fase avançada da vida ou nela o indivíduo se dá conta de que sempre fora desacreditável, requer uma reorganização radical da visão acerca de seu passado, além de acarretar dificuldades para o estabelecimento de novas relações ou de dar continuidade às antigas; por fim, os indivíduos que foram socializados dentro de uma comunidade diferente da qual passam a viver e por isso têm que aprender uma segunda maneira de ser.

Dependendo da categoria do estigmatizado, se desacreditado (aquele cujo defeito se constata imediatamente; que é visível) ou desacreditável (quando o defeito não está disponível à percepção imediata), os sujeitos, ao longo de sua carreira moral, aprendem as formas diversas de operar o meio social e suas relações pessoais levando em consideração o seu atributo nas situações em que se encontra, de modo a encobrir ou acobertar a diferença. O estigma passa a ser assim o “prisma” através do qual as experiências do indivíduo serão significadas.

Thomas Szasz recorre também ao interacionismo de Mead para explicar e tornar preditível a conduta humana sem precisar apelar a explicações motivacionais-causais, como faz a psicanálise - principal objeto de sua crítica-, substituindo-as por explicações convencionais através das noções de jogo e papel.

Tomando os jogos como sistemas de regras sociais que intermediam as relações entre os indivíduos e, ao mesmo tempo, produzem a mente e permitem o

desenvolvimento da idéia de *self*, seriam também os jogos sociais responsáveis por inibir, criar e fomentar as necessidades, motores do comportamento, e não supostos impulsos instintuais como propôs Freud. Esta formulação implica, por exemplo, substituir as noções de ganho primário (necessidades inconscientes) e secundário da doença pela de modelo comportamental dos jogos, tornando desnecessária a distinção entre impulsos reprimidos e necessidades fisiológicas de um lado, e fatores sociais de outro, pois “necessidades e impulsos só podem existir, socialmente, acompanhados das regras específicas de sua expressão”(Szasz, s/d:190). O processo civilizatório, que Freud via como resultante de uma luta entre exigências pulsionais e restrições culturais⁵, é, para Szasz, um questão de assimilação ou recusa de normas e valores através das etapas de socialização. Ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo adquire a capacidade de obedecer e criar novas regras a fim de, com elas, estabelecer seus jogos, sendo este um índice de maturidade e ajustamento. Procura assim anular a abordagem essencialista das motivações da conduta pessoal e social, negando-lhes o estatuto de processo biológico inerente à “natureza” humana, passando ao primeiro plano os sistemas de regras e o desempenho de papéis nos jogos sociais, tomados como “paradigmas” das interações.

Em razão da própria capacidade humana de criar e utilizar símbolos que comportam em si significados antitéticos, também está, o sujeito humano, “inclinado” a agir tanto em conformidade com as regras, quanto em oposição a elas, observando “regras e anti-regras”, uma vez que as regras podem ser prescritivas e proscritivas, ou seja, aquela norma que proscree certos atos cria, ao mesmo tempo, a possibilidade da ocorrência daquilo que se pretendia proibido. Graças a este caráter ambivalente da própria regra e a um certo “impulso” para a transgressão é que o comportamento anti-regra é possível. Este “impulso” de desobediência à regra ou obediência à anti-regra seria uma consequência da necessidade de autonomia própria dos seres humanos. Expressa deste modo esta idéia:

... obediência positiva às regras tende a assegurar a harmonia social, [mas] não consegue assegurar a necessidade humana de autonomia. Para satisfazer essa

⁵Freud (1978) equivale os conceitos de Cultura e Civilização, conforme expresso em “O Futuro de Uma Ilusão”.

necessidade é preciso que sigamos nossas próprias regras". (Szasz, s/d:151)

Szasz parece não considerar a coexistência de múltiplos sistemas de regras, noção cara a Becker, por exemplo, o que implicaria na consideração do comportamento transgressivo como desobediência a um sistema de regras de um grupo, mas em acordo com normas de outro.

As experiências infantis de aprendizagem tendem a ser reforçadas por influências posteriores no desenvolvimento, entre elas os valores e normas veiculados através dos mitos “religiosos, nacionais e profissionais, que fomentam a perpetuação de jogos infantis e estratégias mutuamente coercivas do comportamento humano, (...) jogos cujo objetivo principal é glorificar o grupo a que o indivíduo pertence (ou o membro em que ele se inspira)”.(Szasz, s/d:173). Em função da necessidade de preservação destes mitos ou ficções sociais que veiculam princípios morais e normas de conduta, elegem-se “bodes expiatórios” encarregados de suportar, através de seu sacrifício, a idéia de que os seres humanos vivem de acordo com os valores que pregam formalmente, obscurecendo a prática generalizada da transgressão. Teriam assim a função de dissolver a incompreensão dos fatores presentes na determinação dos conflitos sociais. Controlando-se um segmento social tem-se a impressão de que se controla o próprio problema que tal segmento representa.

Se, nas sociedades modernas, a ciência tem *status* privilegiado na tarefa de fornecer um sentido prático para a vida, em substituição à religião, é à medicina que cabe, via psiquiatrização da sociedade, estabelecer um dos paradigmas mais importantes da conduta: a saúde como ideal a ser alcançado para a obtenção da felicidade. Tudo o que não estiver de acordo com a noção de saúde deve ser tratado, mesmo que seja contra a vontade do “doente”, pois, neste caso, ele será considerado incapacitado para julgar seu estado.

Dirigindo estas críticas aos métodos empregados pela Psiquiatria Institucional, equiparando-a ao movimento inquisitorial da Idade Média, não perde o autor, todavia, sua dimensão mais geral de controle social, podendo ser aplicada a outros segmentos sociais considerados “doentes” ou marginais.

Procura ainda distinguir as funções sociais e psicológicas preenchidas pela constituição dos “bodes expiatórios”. Sugere que tal mecanismo está presente desde a Grécia Clássica, tendo sido adaptado às necessidades da civilização ocidental moderna.

Se naquele período e, mais tarde, no processo inquisitorial da Idade Média, a perseguição aos “bodes expiatórios” era justificada por razões teológicas, contemporaneamente sua justificativa reside na razão médico-científica. Postulando que as diferenças entre aquelas práticas e as atuais são de ordem “ideológicas e semânticas, mais do que operacionais ou sociais”(Szasz, 1984:302), Szasz identifica nestas práticas a permanência dos mesmos mecanismos de inclusão-exclusão perpassando a história da humanidade o que, de certo modo, promove uma “naturalização” do fenômeno que leva o autor a perder de vista as significações atuais das práticas coercitivas. Talvez, por isso, recorra aos exemplos de Frazer - retirados do clássico evolucionista, “O Ramo Dourado”- para demonstrar a persistência destes mecanismos. Por isso também denuncia nas ações médicas a vigência de um mesmo princípio mágico-religioso que informava as práticas na antiguidade e nas sociedades ditas “primitivas”, recobertas agora por uma linguagem “científica” mas que, em última instância, estão referidas à prescrição: “o que é considerado bom deve ser incluído no corpo, na pessoa, na comunidade; o que é considerado mau deve ser excluído deles”(Szasz, 1984:302-3). Acentua a proximidade entre o ato técnico e o ato mágico-ritual presente nas práticas médicas a fim de explicar a rotulação - que serve como “alavanca semântica” justificando a eliminação da diferença - promovida pela Psiquiatria Institucional entre pessoas mentalmente sadias e doentes, o que legitimaria a expulsão social dos últimos via seu encerramento forçado em asilos⁶. Ao confundir ato técnico e ato ritual, a psiquiatria tenta ocultar o conflito moral subjacente à sua prática e transformar em “interesse comum” a preservação da ordem social.

Além disso, a escolha de “bodes expiatórios” teria o efeito de simbolizar e concentrar em si o “mau” cuja eliminação é requerida, tornando todos os outros “bons” por comparação. Mais ainda, no plano individual, reduz o conflito moral inerente às tomadas de decisão requeridas no decorrer da vida dos seres humanos, uma vez que o “bem” já está dado, restando apenas a tarefa de afastar o “mal”. No plano coletivo, o combate ao “mal” aumenta a solidariedade e a coesão interna dos grupos pela identificação de um inimigo comum.

⁶Com uma perspectiva histórica mais acurada, Foucault (1977; 1981) complexifica a descrição das práticas médicas como práticas sociais normativas. Aponta, por exemplo, a vigência de dois modelos médicos sucessivos : o baseado nas prescrições para o tratamento da LEPROSA (expulsão e segregação dos doentes da comunidade) e, posteriormente, o modelo da PESTE (internação e controle individual da circulação das pessoas), cujo corolário é a quarentena. Conforme “Vigiar e Punir” e “O nascimento da medicina social” in “Microfísica do Poder”.

Entretanto, a eleição do “bode expiatório” não tem a eficácia suposta pois, ao invés de aliviar a culpa dos outros, o sofrimento a ele impingido tem o efeito de aumentar a culpa e o sofrimento dos que testemunham seu sacrifício, dificultando a justificação do ato. Imposta pela cultura judaico-cristã, a imagem do sofredor como ideal de conduta a ser adotado é, ao mesmo tempo, recusada diante da impossibilidade de assumir este ideal, levando os indivíduos a uma “identificação com o agressor” como forma de auto-defesa psicológica ao expulsar de si a culpa pelo “mal” que é atribuído ao outro.

Teorias como a do desvio e da rotulação parecem sofrer de uma dificuldade em distinguir a marginalidade “legal”, aquela produzida pelo conjunto normativo das leis formais de uma sociedade, e aquela resultante de práticas transgressivas de leis não escritas. Deste modo, se incluem entre os desviantes de Becker ou Goffman apenas aqueles que coincidem com a criminalidade, deixando de fora os que, mesmo rompendo as normas sociais, não sofrem sanções penais, recolocando como dicotomia a cisão entre o normal e o patológico. Ao invés de um conceito que “atravesse” a estrutura social, captando em sua extensão as fugas marginais presentes em seus diversos pontos, a idéia de desvio torna-se co-extensiva a esta mesma hierarquia, reproduzindo sua estrutura de produção de marginalidades. Neste sentido recentra o que pretendia descentrar, pois marginais continuam sendo os que, sob o domínio da lei histórica e socialmente produzida, sofrem acusação, recebem um rótulo e, principalmente, sofrem ações punitivas concretas através das agências de Estado.

Victor Turner defende uma abordagem processual da sociedade, criticando os evolucionistas, funcionalistas e funcional-estruturalistas por tomarem a mudança como inerente a ela, conseqüência do emprego da metáfora orgânica. Propõe uma metáfora advinda da cultura e não da natureza, mais adequada - em razão do sistema do qual se origina - ao objeto de análise: o drama social. O drama social representa um momento disruptivo, de conflito interno aos grupos sociais, possuindo uma qualidade trágica, que tem como contraponto o empreendimento social, que representa um momento em que o bem comum é colocado além dos interesses particulares, resultando em cooperação. Ambos, drama e empreendimento social, "representam seqüências de eventos sociais que, vistos retrospectivamente, mostram possuir estrutura"(Turner, 1974:35), existindo

entre os dois pólos uma série gradual de combinações. Uma estrutura temporal antes que espacial.

Supõe que a sociedade opera em dois níveis de estrutura: uma estrutura temporal, representada pelos dramas e empreendimentos sociais; uma estrutura atemporal, composta pelas estruturas conceituais, cognitivas e sintáticas, os modelos para a ação, aquilo em que se acredita :

Tais estruturas individuais e grupais, carregadas nas mentes e sistema nervoso das pessoas, têm uma função condutora, uma função 'cibernética', na interminável sucessão de eventos sociais, impondo-lhes os graus de ordem que possuem e, inclusive, dividindo as unidades processuais em suas fases. ... A estrutura em fases dos dramas sociais ...[é o produto] de modelos e metáforas presentes na mente dos atores.(Turner,1974:36)

Turner concebe a estrutura social como um " 'efeito estatístico' de múltiplas escolhas individuais."(Turner, 1974: 236). Explicitamente:

...não é um sistema de categorias inconscientes [como quer Lévi-Strauss], mas simplesmente, nos termos Robert Mertonianos, 'os arranjos padronizados de conjuntos de papéis, conjuntos de status e seqüências de status' conscientemente reconhecidos e regularmente operativos numa dada sociedade. Estão intimamente ligados a normas e sanções legais e políticas"(Turner, 1974:237).

A estrutura é, antes de tudo, composta por status e papéis que regulam as relações entre os homens. Pode, desta forma, propor a esta estrutura consciente e hierarquizada uma antítese, semelhante ao que ocorre na formação individual, isto é, uma ANTI-ESTRUTURA, cujos componentes básicos são *communitas* e a liminaridade.

O primeiro destes elementos é um conceito que busca dar conta da suspensão da estrutura social, quando os arranjos hierárquicos da sociedade são então revogados e os indivíduos passam a estabelecer relações diretas, sem mediação da estrutura :

Communitas é anti-estrutural enquanto seus vínculos são indiferenciados, igualitários, diretos, não-rationais (embora não irracionais)"(Turner, 1974:46-7).

Refere-se, portanto, a um modo de relação social. O segundo conceito, liminaridade, diz respeito a:

...qualquer condição fora ou na periferia da vida cotidiana... (Turner,1974:47)
...estado do ser entre sucessivas participações no meio social dominado por considerações sociais estruturais ..., [sendo] uma esfera ou domínio de ação ou pensamento antes que uma modalidade social. Inclusive, liminaridade pode implicar solidão antes que associação, o voluntário ou involuntário afastamento de um indivíduo de uma matriz sócio-estrutural. Isto pode implicar alienação ao invés de autêntica participação na existência social" (Turner,1974:52).

No entanto estrutura e anti-estrutura estão em relação dialética, onde a dupla negação se expressa na configuração dos símbolos culturais - desencadeadores da ação humana - que encontramos na segunda, mas que se formam a partir de elementos dados pela estrutura. Sendo assim, a cada domínio da estrutura corresponde um modo de *communitas* (tomado como sinônimo de anti-estrutura) através de laços culturais que os interligam.

Pode, tendo considerado o processo dinâmico chamado *societas* que vincula estrutura e anti-estrutura, explicitar uma das formas que assume esta relação entre estes dois níveis, visto que considera estes processos - tal como a ritualização - tendentes a ocorrer nos interstícios ou nas margens da estrutura social: a **liminaridade** juntamente com a **condição "outsider"** e a **inferioridade estrutural** compõem um

quadro de articulações entre as propriedades da anti-estrutura às da estrutura. Turner os considera como os três representantes principais dos símbolos rituais e crenças do tipo não-sócio-estruturais. Visto já o significado da liminaridade, podemos situar brevemente as duas outras posições

Os sujeitos em estado "**outsider**" podem ser alijados dos arranjos estruturais de um dado sistema social permanentemente e por imputação, ou apenas afastados situacional e temporariamente dele, ou ainda colocando-se voluntariamente a parte do comportamento de status-ocupacional deste sistema. Os "**outsiders**" distinguem-se dos **marginais** porque estes são,

simultaneamente membros (por imputação, opção, auto-definição ou por realização), de dois ou mais grupos cujas definições sociais e normas culturais são distintas e algumas vezes opostas umas às outras."(Turner, 1974:233)⁷.

Nesta posição os **marginais** tendem a manter com o grupo de origem uma vinculação do tipo *communitas*, enquanto que o grupo no qual efetivamente vivem e aspiram ascensão social torna-se seu referente estrutural. Assim, sob certas condições, podem tornar-se altamente críticos da estrutura social a partir da perspectiva de *communitas*, ou seja, de seu grupo de origem, ou podem negar a afetiva intimidade e vínculos mais igualitários da *communitas*. Diferentemente daqueles em situações liminares rituais, aos **marginais** não há garantia de uma resolução estável para sua ambigüidade, sendo que os **liminares** normalmente são conduzidos a um status mais elevado e sua privação de status é temporária e ritual. Enquanto a liminaridade relaciona-se à estrutura por representar a transição entre dois pontos em uma seqüência de status, a condição "**outsider**", ao contrário, refere-se a ações e relações que não decorrem de um status social reconhecido, mas origina-se fora dele.

Por fim, a **inferioridade estrutural** pode ser absoluta ou relativa, permanente ou transitória e, nas sociedades estratificadas em castas ou classes, é representada pelos

⁷ Conforme a sistematização organizada por Pearlman (1977) este conceito de marginalidade refere-se à noção sociológica clássica, fundadora do conceito, remetendo ao sujeito entre dois mundos, integrando a perspectiva psico-social presente nos trabalhos de Park, Merton, Stonequist, conforme visto em relação ao primeiro autor.

que detêm baixo status, pelos proscritos, os trabalhadores não-especializados, os pobres de maneira geral. Na arte e na religião estas figuras têm representado a humanidade em seu estado “puro”, isto é, sem qualificações de status ou outras características hierarquizantes. Em sociedades tribais ou pré-letradas pode emergir como um *portador de valor* (*value-bearer*) sempre que a força estrutural está dicotomicamente oposta à fraqueza estrutural. Refere-se ao ponto mais baixo de um sistema de estratificação social no qual os benefícios são concedidos de acordo com posições funcionalmente diferenciadas, estando deste modo ligada à estrutura.

A liminaridade ressalta a importância da natureza “às custas da cultura” e tal condição funciona não apenas como situação de aprendizagem, mas também está impregnada de símbolos naturais, aproximando o homem do não-humano através da suspensão do status estrutural e, ao mesmo tempo, dos demais seres humanos, dada a ausência de hierarquia. Esta exacerbação dos símbolos ligados à natureza se dá como decorrência da erradicação das distinções estruturais que, na liminaridade, foram levantadas e agora precisam se estabelecer a partir de uma outra linguagem através da qual a sociedade “recoloca suas ficções”. Uma destas ficções diz respeito ao “poder dos fracos”, isto é, da atribuição de propriedades mágico-religiosas à pessoas e situações liminares, podendo representar focos de perigo, contaminação ou azar se não estiverem contidas pelos limites do ritual. Desta perspectiva pode-se compreender muitas das ações implementadas pelo Estado com o fim de “higienizar” e “educar” as populações pobres, bem como as de controle policial sobre a circulação dos andarilhos, por exemplo. Do mesmo modo e em sentido contrário pode-se ver estes indivíduos como representantes de uma “humanidade pura”, do Homem sem propriedades, liberto das ilusões postas pela civilização e em pleno domínio da espiritualidade e do mundo espiritual; um “homem santo” tornado o paradigma da verdade humana⁸.

Atenta também a produção simbólica como forma de ordenação social de um mundo potencialmente caótico, Mary Douglas, em seu **Pureza e Perigo**, vê nos sistemas de classificação a base através da qual ações segregatórias são exercidas e

⁸Ao analisar o método genealógico de Nietzsche, Foucault (1981) sintetiza as críticas do filósofo a idéia metafísica de origem com as quais justificou sua recusa em empregá-la e que, parece-me, apontam para estas imagens compartilhadas acerca da liminaridade: a idéia de uma origem que implica no reconhecimento de uma “essência exata da coisa”, uma identidade última e anterior a tudo; o “exagero metafísico” da crença na alta origem e de que nela encontram-se as coisas em estado de perfeição: “A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo (...)”; a crença de que na origem encontra-se a verdade das coisas.

articuladas a regras de limpeza, desenrolando-se em dois níveis: um, instrumental, que se traduz na necessidade de influenciar o comportamento das pessoas através da ameaça aos transgressores de uma ordem social ideal; o outro, expressivo ou simbólico, em que as idéias acerca da poluição veiculam os parâmetros da ordem social. Portanto, aquilo ou aquele que não se encaixa em nenhum modelo classificatório - por isso em um hiato estrutural, condição da liminaridade - seria considerado uma anomalia e associado à impureza como forma mesmo de arranjar-lhe um “lugar” no sistema. É contra a ameaça da ambigüidade que a classificação se insurge.

Se, no entanto, a desordem significa um perigo aos padrões estabelecidos, ela representa também a possibilidade potencial de estabelecimento de outras ordens, agrupando em si perigo e poder simultaneamente:

... duplo jogo de inarticulações. Primeiro, há uma aventura pelas regiões desordenadas da mente. Segundo, há uma aventura além dos limites da sociedade. (Douglas, 1976:118)

Ter estado nas margens é ter estado em contato com o perigo, é ter ido à fonte do poder. (Douglas, 1976:120)

Desta maneira a ambigüidade que se queria controlada, retorna, como a maldição do reprimido, associando um poder à impureza ou fraqueza estrutural: o poder dos fracos. No entanto, tal poder não está controlado pelo agente que o representa, sendo necessário que outros o façam, através de “ritos”⁹ que inventam e recolocam continuamente as regras.

Recusando as antinomias tão marcantes do pensamento científico enquanto ciência de Estado que produz uma dada imagem do pensamento adequada ao seu funcionamento e que, por sua vez, conforma o pensamento a este modelo, Deleuze e Guattari procuram justamente pôr em relação aquilo que parece apartado por antítese. A “junção” dos termos antitéticos, considerados em suas diferenças, tem como efeito primeiro imprimir certo “movimento” tanto aos objetos em análise, quanto à própria

⁹ Interessante correlação pode ser estabelecida entre este ponto de vista e os escritos de Freud acerca dos atos obsessivos e as práticas rituais, compreendidos como movidos por sentimentos inconscientes mas que se manifestam como sintomas relativos à evitação da sujeira ou a construção de uma série de técnicas a fim de evitar a corrupção dos modelos organizadores. Neste sentido proponho o uso do termo “rito”.

trama conceitual. Logo, se a relação entre os opostos conduz a modos de existência inéditos é necessário pensá-la enquanto produção, conferindo-lhe positividade.

Se a imagem do pensamento, instituída e instituinte da forma-Estado, debate-se na classificação simplificadora das oposições antitéticas (normal *versus* patológico ou desviante), mesmo na tentativa de criticá-la, faz-se necessário considerar tais antíteses igualmente complementares, isto é, uma sendo condição de existência da outra - ponto que a teoria da rotulação chega a alcançar - contudo acrescentando-lhe um terceiro elemento que se “oculta” fora dela e que permite o movimento de passagem de um a outro pólo, sem produzir um efeito de exclusão. Assim, por exemplo, para a teoria da rotulação, há duas posições possíveis no jogo das relações sociais que produz o mundo da marginalidade: ou se é (está) normal, ou se é (está) desviante e as identidades serão definidas nesta distribuição, uma por oposição a outra. Mesmo que se dêem alternâncias na posição - isto é, a pessoa desviante assumindo identidade normal em algumas situações e vice-versa, como aponta Velho (1985) -, a regra da relação permanece a mesma, permanecem os mesmos papéis, os mesmos personagens, mudando apenas os atores/jogadores. A noção de identidade na teoria do desvio fornece uma consistência e homogeneidade aos grupos que dificilmente poderia ser verificada empiricamente, principalmente no caso dos TRECHEIROS. Por certo há tentativas de identificação destas pessoas por aqueles que, de alguma maneira, estabelecem contato com eles, mas estas obedecem mais a um princípio de ordenação social e de eliminação do estranho do que propriamente de um conhecimento dos sujeitos, fato que ressalta a função política da noção de identidade.

Em Deleuze e Guattari a produção das identidades não se dá de modo tão estanque. No plano individual, o psiquismo é concebido como existente e constituído na ocorrência das relações com as coisas; somente quando o sujeito é capaz de perceber que há um outro é capaz de perceber um si e, portanto, a relação tem anterioridade aos indivíduos e é sua condição. Psicologia bergsoniana: “toda percepção que é um fluxo de matéria não nos põe face às coisas. Ela nos faz ser as coisas.” (grifo meu) (Vergely, 1993: 200). Tal proposição é diferente da interacionista, a qual supõe que indivíduos já dados é que pré-existem e estabelecem as relações e, através delas, se configuram as pautas de conduta e as identidades. Deste outro modo

de ver, a identidade só pode ocorrer mediante a diferença e não apenas por semelhança.

10

Pode-se ver, outrossim, que a dicotomia indivíduo *versus* sociedade perde sentido. Partindo da crítica à Psicanálise e re-significando alguns de seus conceitos fundamentais, os autores propõem que o ser e o desejo - e o ser do desejo - não são fundados pela falta, mas é o próprio desejo - instância de produção e não de falta - que a precede, uma vez que é socialmente dado e determina tanto a existência quanto a conformação da falta. Circularidade peculiar ao desejo que permite que os carecimentos sejam derivados dele mesmo:

A falta é disposta, organizada na produção social (:.); a produção não é jamais organizada em função de uma falta anterior; é a falta que se situa (...) e se propaga segundo a organização de uma produção preliminar.
(Micela, 1984:51)

O próprio do desejo no regime capitalista é o de colocar a falta onde há abundância de produção, criando o medo de que o objeto de satisfação possa faltar e tornando este objeto dependente da produção real, conectando o desejo a ele. Neste aspecto, TRECHEIROS e PARDAIS nos fornecem exemplos altamente significativos de como viver em abundância sem, necessariamente, ocupar-se com a acumulação. Ao perderem o medo da falta, a escassez desaparece. Revelam assim, curiosamente, o oposto daquilo que o senso-comum lhes credita¹¹.

Mas porque existe uma produção desejante, ou “fluxos não codificados do desejo”, que não se conformam aos códigos sociais é que se faz necessário apreendê-los, como forma de neutralizar o risco de desordem ou revolução que tais fluxos fazem emergir. Os sujeitos que são arrastados por estes fluxos e, simultaneamente, abandonam-se neles, acabam por desembocar naquilo que já recebeu tantos nomes: marginalidade, desvio, liminaridade, quando podemos abstrair agora seus significados

¹⁰ Michel De Certeau criticando as ciências que têm como pressuposto o indivíduo enquanto unidade elementar, afirma: *De um lado, a análise mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais.* (De Certeau, 1994:38).

¹¹ Acerca desta idéia, enfocando, no entanto, povos nômades caçadores e coletores, pode-se consultar Sahlins (1978), e Bernus (1990) com respeito ao nomadismo pastoral, em particular a referência à divisão da propriedade em benefício da mobilidade.

específicos para manter aquilo que guardam em comum, isto é, as linhas de fuga que traçam em relação aos núcleos formadores do desejo normatizado. Os que se envolvem por esta “paixão de abolição” tendem a nomadizar-se.

O nomadismo não é nenhum papel ou posição, nem mesmo identidade que os diferentes sujeitos podem assumir, mas uma lógica de ação que pode abarcar diferentes posições sociais simultaneamente, por ser um vetor que as atravessa¹². Tanto os TRECHEIROS quanto o capital internacionalizado ou as igrejas universais, por exemplo, podem se nomadizar, uma vez que representam, cada qual a seu modo, uma “máquina de guerra”, ou seja, uma fonte de atividades contra-Estado que em algum momento podem constituir táticas que impeçam a progressão das intrusões organizativas peculiares ao Estado, ainda que, ao mesmo tempo, possam por ele estar envolvidos. Se o aparato de Estado opera por “captura mágica imediata” e funda laços entre as partes, ao mesmo tempo em que estabelece um contrato ou pacto que se apóia na organização legislativa e jurídica como fundamento comum (suas duas “cabeças”: o déspota e o legislador), constitui-se como meio de interioridade (a imagem do pensamento binário, consensual e universal) e seu poder político reside na capacidade de estabelecer redes de comunicação, ou seja, em instituir os caminhos através dos quais se vai de um ponto a outro, em controlar a circulação dos fluxos, em ligar os pontos de modo a determinar um território fechado pelas fronteiras e promover um esquadramento do espaço para dele se apropriar.

A “máquina de guerra” é justamente a potência disruptiva desta forma de organização, distinguindo-se do Estado por ser modo de exterioridade que propõe relações de devenir, móveis e não de distribuição binária entre estados. Atua como “multiplicidade pura e sem medida, a manada, irrupção do efêmero e potência de metamorfose. Desfaz o laço na mesma medida em que trai o pacto.”(Deleuze e Guattari, 1988:360). Dada sua propriedade metamórfica ela pode se desdobrar em “máquinas de pensar, de amar, de morrer, de criar, que dispõe de forças vivas ou revolucionárias suscetíveis de voltar a pôr em tela de juízo o Estado triunfante.”(Deleuze e Guattari, 1988:364). Metamorfose que é a própria condição de sua existência. A forma da organização social do poder na “máquina de guerra” e, portanto, nos grupos nômades, assume um aspecto de rizoma, difunde-se de acordo

¹² Para Perlongher (1987) : *Sedentariidade e nomadismo denominariam antes pólos de tensão na circulação dos sujeitos, do que configurações personológicas globais. As tendências à nomadização entendem-se como 'linhas de fuga ou de ruptura' que envolvem, atravessam e escondem os próprios sujeitos individuais*.”.(Grifos do autor)(p.191).

com o prestígio pessoal dos indivíduos e não por referência a um centro de poder que se desmembra em órgãos encarregados de sua manutenção, como acontece na forma-Estado. A relação com o espaço não é a da apropriação mediada pelo regime de propriedade, mas de ocupação: um espaço localizado e não delimitado, onde o que importa não são os pontos de fixação ou de parada (que no espaço apropriado pela forma-Estado operam como “canaletas” que conduzem o deslocamento, reduzindo-o a uma função comunicante), todavia é o próprio deslocamento em si que secundariza os pontos e os subordina aos trajetos, ganhando autonomia e direção própria. Aqui os pontos só existem para ser abandonados.

A forma-Estado produz então sedentarização: prevalência dos pontos sobre os trajetos; pensamento circunscrito aos limites do binarismo, da distribuição da realidade em categorias de opostos (ciência de Estado); esquadrinhamento e apropriação do espaço. A “máquina de guerra” produz nomadização, que põe de outro modo estes elementos. Não se trata, porém, de criticar as antinomias para reproduzi-las agora na oposição Estado *versus* “máquina de guerra”, mas de identificar sua permanência em termos de “coexistência e competição, em um campo em constante interação.” (grifo dos autores) (Deleuze e Guattari, 1988:368), onde ambos se engendram mutuamente e não existem como objetos independentes que em certo momento entram em relação, assim como o sujeito só existe a partir da existência do outro. O aparato de Estado é composto por seus dois pólos no exercício da soberania - o déspota e o legislador - que se opõe termo a termo mas que funcionam emparelhados, compondo uma unidade de opostos cuja funcionalidade reside justamente na possibilidade de sua oposição; uma oposição relativa, uma unidade dividida. A “máquina de guerra” não é redutível a nenhum deles, tampouco ocupa uma terceira posição no aparato, mas constitui-se em exterioridade pura a este por ter uma origem e natureza distintas. A “máquina de guerra” intromete-se entre os dois pólos do Estado, contudo não se confunde com eles. Antes é o “modo de um estado social que conjura e impede a formação do Estado”.(Deleuze e Guattari, 1988:365).

Daí a “máquina de guerra” não ser nenhum objeto concreto, embora possa materializar-se nestas ações que têm como fim um ataque aos princípios de organização da forma-Estado. Daí também a possibilidade de pensar TRECHEIROS e PARDAIS a partir deste prisma, pois o modo de composição de suas vidas é permeado por esta outra lógica que inverte os usos público e privado dos espaços, que se nega a permanecer e busca escapar às capturas institucionais, que faz com que suas relações

levem em conta a possibilidade de instauração de hierarquias e mantenham sempre disponíveis instrumentos para evitar que tal estruturação se instale. Seu caráter nômade é claro não apenas pelo “hábito” de deslocar-se constantemente, mas em função de tudo o que isso implica no modo de constituição ou agenciamento¹³ dos elementos significativos e de suporte.

¹³ Deleuze e Guattari (1988) definem assim o agenciamento: *Chamaremos agenciamento a todo conjunto de singularidades e de traços extraídos do fluxo - selecionados, organizados, estratificados - a fim de convergir (...) artificialmente e naturalmente: um agenciamento, neste sentido, é uma verdadeira invenção.*

CAPÍTULO III

ETNOGRAFIA DE NÔMADES URBANOS

TRECHEIROS, PARDAIS E BURGUESES

Os termos TRECHEIRO e PARDAL são pouco conhecidos por pessoas de fora dos limites da vida nômade e mesmo daqueles que têm com eles algum contato mais direto. Seu uso parece circunscrever-se, em grande medida, aos próprios andarilhos, constituindo assim uma “categoria nativa”. Entretanto, mesmo entre eles seu sentido não é de todo uniforme, sendo composto por alguns elementos descritivos que foram reunidos aqui como uma “colagem” de modo a demonstrar os eixos de significação que comportam.

A investigação destes significados procura destacar o modo de constituição da auto e hetero representação, resultante das múltiplas relações que podem estabelecer entre si e com outros grupos e que servem tanto como instrumento para operar as negociações cotidianas, quanto para simbolizar uma posição subjetivada. Enquanto princípios identitários, tais representações acerca de si mesmos e dos outros estão

marcadas por um jogo de diferenciações que busca dar conta de uma singularidade através da eleição de certos aspectos que os sujeitos pesquisados desejam enfatizar, manipular ou encobrir. Sendo assim, não há mais do que “traços” esparsos de referências a uma identidade que se junta aos pedaços e dos quais procuro manter mais a tensão do que lhes conferir homogeneidade.

Este modo de abordar o tema da identidade prende-se, por um lado, à observação de Lévi-Strauss acerca do problema que envolve esta noção¹ e, por outro, desde logo atenta para uma interrogação que se impõe: como definir uma identidade a um grupo que, a rigor, não compartilha um mesmo local ao mesmo tempo, nem tradições, mas, antes, têm seus “componentes” espalhados por uma grande área geográfica, mantendo contatos apenas eventuais e com origens culturais, étnicas e religiosas diferentes? Por outro lado ainda, os fatos empíricos demonstram a formulação de representações que procuram distinguir características diferenciadoras, por vezes bastante rigorosas, que ora apóiam-se nas práticas sociais, ora buscam respaldar-se em uma suposta “tradição”, mas que remetem, invariavelmente, a uma dimensão espacial.

Uma resposta para tal dificuldade tem, pelo menos, dois aspectos. O primeiro deles aponta para uma concepção de identidade fragmentada, peculiar às condições de existência postas pela modernidade/pós-modernidade. Como aponta Ribeiro:

... ao invés de uma essência irreduzível, a identidade nas sociedades complexas modernas/pós-modernas pode ser concebida como um fluxo multifacetado, sujeito a negociações e à rigidez em maior ou menor grau, de acordo com os contextos interativos que, na maioria das vezes, são institucionalmente regulados por alguma agência socializadora e/ou normatizadora. (Ribeiro, 1992:33).

Se, no entanto, para os “bichos-de-obra” estudados por Ribeiro (1992) resta a possibilidade de reterritorialização através do trabalho nas grandes empreiteiras

¹ Lévi-Strauss aponta para a solução da antinomia universalismo x particularismo na discussão da identidade através do “... esfuerzo de las ciencias humanas por superar esa noción de identidad y ver que su existencia es puramente teórica: es la existencia de un límite al cual no corresponde en realidad ninguna experiencia”. (Lévi-Strauss, 1981:369).

transnacionais, para os nômades esta vai se dar justamente na constância da desterritorialização:

Para o nômade, pelo contrário, a desterritorialização constitui sua relação com a terra, por isso se reterritorializa na própria desterritorialização. A terra se desterritorializa ela mesma, de tal maneira que o nômade encontra nela um território. A terra deixa de ser terra e tende a tornar-se um simples solo ou suporte. (Deleuze e Guattari, 1988:386).

Por outro lado, estas mesmas condições põem para os caminhantes a possibilidade de lançar mão do *simulacro*, isto é, uma dada “representação de si a partir do modelo cultural do dominador” (Novaes, 1993: 74) como tática relacional. Através desta forma particular de negociação da identidade, TRECHEIROS e PARDAIS articulam, de certa forma, um paradoxo que se expressa na tentativa de manter sua singularidade usando os símbolos eleitos pelos outros para conferir a si mesmos uma identificação e um reconhecimento.

A idéia de identidade só faz sentido se a remetemos à relação dos sujeitos não apenas a outros sujeitos, mas também ao espaço que ocupam e ao modo como o ocupam, estabelecendo sistemas territoriais. O espaço não deve ser confundido com o território, uma vez que ele tem anterioridade, mas, dada sua precedência, serve como suporte para a instalação dos territórios:

O território é gerado a partir do espaço e é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator realizando um programa) a qualquer nível. Em se apropriando concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) de um espaço, o ator ‘territorializa’ este espaço. (Rassestin, 1980: 129).

Os territórios resultam, pois, desta ação dos sujeitos sobre o espaço, decalcando nele seus referentes. Guattari afirma mais claramente este aspecto na distinção que propõe entre estas duas categorias:

Os territórios estariam ligados a uma ordem de subjetivação individual e coletiva e o espaço estando ligado mais às relações funcionais de toda espécie. O espaço funciona como uma referência extrínseca em relação aos objetos que ele contém. Ao passo que o território funciona em uma relação intrínseca com a subjetividade que o delimita. (Guattari, 1985: 110)

O entrecruzamento dos diferentes territórios tendem a flexibilizar as fronteiras simbólicas que os delimitam e os marcadores identitários deixam de ser unívocos. Assumo, por isso, que as designações usadas pelos próprios andarilhos (TRECHEIROS e PARDAIS) servem como forma de estabelecer contrastes para que, deste modo, possam ressaltar certas características suas que “julgam” importantes e que lhes conferiria, aos olhos de outros, senão uma legitimidade, pelo menos uma redução no grau de “periculosidade” que estes outros podem lhes atribuir. Afinal, encarnando o Outro diante dos códigos sociais “normais”, TRECHEIROS e PARDAIS estão constantemente em contato - em parte involuntariamente - com alguma instituição normatizadora que procura suprimir ou controlar o “perigo” que representam, embora também possam lançar mão de certas táticas para inverter esta mesma relação, procurando livrar-se das capturas institucionais, como será exposto mais adiante². Ao reconstituir aqui a antinomia estabelecida por eles mesmos não pretendo estabelecer tipos personológicos globais ou criar sistemas de classificação, mas apontar a própria operação de construção destes tipos como fator dinâmico que é gerado e gerador de certa tensão no nível das relações destas pessoas.

Acerca do termo TRECHEIRO:

Coradino foi o primeiro dos contatados que se referiu espontaneamente ao termo. Em minha primeira aproximação do campo, acompanhado por Wilson, perguntamos a ele sobre uma outra pessoa que procurávamos - em parte um pretexto que usamos para nos aproximarmos do grupo que se reúne ali nos canteiros em frente à rodoviária cuidando dos carros estacionados para ganhar um trocado. O canteiro forma uma espécie de ilha alongada, com suas pequenas árvores e o gramado que se estendem

² Item **A Vida No Trecho** neste capítulo.

desde a passarela de pedestres até a rotatória do Rita Maria; em ambos os lados, o movimento e o barulho dos carros passando não cessa um segundo. Neste corredor engendra-se uma “sala de estar” na qual proseamos em roda e que, em outros momentos, forma outras tantas peças para os que ocupam regularmente este lugar. A respeito de Tatu, Coradino logo referiu-se a ele como um TRECHEIRO, dada a dificuldade de encontrá-lo. Imediatamente perguntei-lhe o que queria dizer com aquele termo e ele me responde que são pessoas que não têm parada, que andam de um lugar a outro, de uma cidade a outra. Ele mesmo não se considera um TRECHEIRO porque está parado aqui em Florianópolis e não pretende sair, pois não se adapta à vida de andarilho. É um morador das ruas, mas não um TRECHEIRO.

Maria Helena, que o acompanha naquele grupo, uma mulher de 30 anos aproximadamente, com uma forma reservada de se expressar, mostra discordar de Coradino. Segundo ela, TRECHEIROS são as pessoas que andam nas ruas ou que não têm mais nada e, sendo assim, ela mesma se incluía neste grupo

Largado em um dos jardins da Praça XV, depois de vários tragos, Edinho define o TRECHEIRO pelo modo de viajar: sempre a pé. Ele também não gosta de viajar, mas quando pode fazê-lo, vai de ônibus. Para ele o TRECHEIRO é um viajante, do mesmo modo que para Coradino; ele mesmo vive na cidade, daqui não quer sair, logo, não se considera um deles.

Galego inclui uma série de atributos que definem o TRECHEIRO: é um cara trabalhador e que não recusa serviço, ao contrário de seus camaradas da rua que passam o dia sem fazer nada a não ser beber. Além disso o TRECHEIRO não pára muito em um mesmo lugar, nem fica muito tempo em qualquer outro; prefere estar viajando. Sublinha a disposição para trabalhar em qualquer coisa que apareça. Como ele mesmo atribui a si tais características, define-se como TRECHEIRO, apesar de agora estar passando um tempo em Florianópolis na companhia dos PARDAIS, aos quais dirige sua crítica.

Num dos poucos momentos que ficamos a sós pergunto ao Gago o que, para ele, significa este termo. Diz-me que se trata das pessoas que andam de uma cidade a outra, sem se estabelecer em lugar nenhum, diferente do andarilho que, como ele, não têm moradia, mas vive dentro de uma cidade sem afastar-se dali.

Antes dele Gê havia estabelecido uma distinção semelhante, porém, o que Gago chamou de andarilho para ele, e para muitos outros, é chamado de PARDAL, porque, como estas aves, nunca se afastam muito de seus ninhos. Este é um termo bastante

usado para referir-se aos moradores de rua e é comum ouvi-lo para estabelecer uma diferença com o TRECHEIRO. Em algumas ocasiões PARDAL foi usado também para andarilhos de pequenos e limitados percursos, como entre cidades vizinhas ou dentro de uma mesma cidade³.

Ivo, com quem conversei no posto da Polícia Rodoviária Federal num dia de sol tórrido, contraria as opiniões anteriores: não se considera TRECHEIRO, mas um andarilho, pois, a diferença principal, um TRECHEIRO para mais tempo numa cidade e ele não costuma parar. Avalia que percorre de 2.000 a 3.000 Km por ano. Já o PARDAL faz sempre um percurso limitado.

Jorge, um ex-garçom entrevistado no albergue noturno em Florianópolis, na estrada há quatro anos depois que seus pais faleceram e ele ficou desempregado em consequência do Plano Collor, revela que não gosta do termo TRECHEIRO, considera-o grosseiro, *pega mal para a pessoa* e por isso prefere andarilho ou viajante. Ele o vê como um termo fundamentalmente depreciativo.

Imaculada, seu companheiro Cigano e o “irmão” dela tentam explicar-me a diferença entre andarilho e TRECHEIRO, enquanto fazem uma parada de descanso no trevo de acesso a Biguaçu: o primeiro anda com pouca coisa, uma sacola, um cobertor, é malandro e não trabalha, vive de roubar e outros expedientes ilícitos. O TRECHEIRO não. Não mexe no que é dos outros, trabalha no que aparece, carrega sempre um **galo-de-briga** nas costas, é honesto. O andarilho carrega pouca coisa porque se aparecer alguma oportunidade para roubar ele larga tudo e vai fazer o negócio. Depois ele pede as coisas em algum lugar e ganha tudo novamente. Considera que têm muito malandro no trecho e são eles quem estragam para os TRECHEIROS; muito fugitivo de penitenciária tentando se passar por TRECHEIRO, mas estes não são os verdadeiros.

Nilso é um carioca com cabelos grisalhos que entrevistei na FREI. Com uma maneira muito irônica de se expressar, diferencia TRECHEIROS de PARDAIS :

Fome não passa não, TRECHEIRO não passa fome, não. Ele passa aquele, que eu digo pra você, que é o comodista mesmo, que espera, como diz, cai do céu, né? Sentado na praça, na gíria do TRECHEIRO, chama de PARDAL. é aquele que ocê

³ Curiosamente, Leroi-Gouhran (1983: 134) ao distinguir as duas formas de apreensão do espaço circundante, uma dinâmica e a outra estática, aponta: *Estes dois modos de apreensão existem, em conjunto ou separadamente, em todos os animais, sendo o modo itinerante [ou dinâmico] especialmente característico dos animais terrestres, enquanto o modo irradiante [estático] é sobretudo apanágio dos pássaros.* (grifo meu).

passa ali hoje ele tá, se passa dia 1^o de janeiro ele tá, 31 de dezembro ele tá ali também, só faz aquele rodeio ...

Não sai da cidade?

Não. Trata de PARDAL, então eles trata de tal de PARDAL, fica só ali, não sai dali. Cê vê que eles não consegue nem aumentá, nem subi a vida deles; cada vez mais, caiu, fica caído sempre mais, tudo, né? O povo passa e por fim, cê dá hoje (...) porque não faz nada pra agradá a Deus nem pra agradá ao Diabo, né? Cê pede a ele pra levá um bujão de gás: “ah, não posso têm que vê um negócio”. Têm que vê o que se ele não faz nada pa ninguém; o que que ele vai vê o que aí, rapaz; é!

Outro entrevistado naquela instituição, Plácido, um sujeito grande com enormes olhos verdes, separa, de uma maneira veemente e inflamada, o autêntico do falso TRECHEIRO. O que está em jogo para ele não é o deslocamento como definidor, mas um critério moral que se sobrepõe àquele:

O TRECHEIRO que não ..., se nós encontrasse um cara na estrada que dizia que era TRECHEIRO que não tivesse um cobertô não era TRECHEIRO. O TRECHEIRO tem que andá pelo menos com um cobertô nas costas.

Hoje em dia o trecho acabô, os TRECHEIRO tão acabando. Tão andando esses vagabundo por aí que não quiere trabaiá; os TRECHEIRO memo eles susségo quando vê que não dá mais e pára, que eles não quiere se misturá com esse tipo de gente que vai pa cima e pa baixo. Pode notá, se chegá um cara na sua casa, se você pedi - você TRECHEIRO - falá pa ele assim: dá pro senhor me arrumá isso ou um troco aí que tô assim, assim, e o senhor dissesse: “muito bem, eu te arrumo o dinheiro, eu tenho esse lote pra carpi aí atrás da casa, eu te dô um troco bom aí, tê dô uma ropinha pa você aí e um prato de comida tal, de boa comida e te dô um dinheirinho pa você”. Aí já pergunta pra você: “você bebe?” Bebo. “Então de meio dia te dou um gole de pinga.” Mas se ele dissé assim: “não dá pro senhor me dá um troquinho pra mim aí, comê um lanchinho depois eu venho.” Pode dá o dinheirinho, mas pode perdê também que aquele ali não vorta mais. Não vorta mais porque não gosta de, não gosta de trabalhá. E o TRECHEIRO, pode notá, o TRECHEIRO ele chega na sua casa ele fala: “não têm uma graminha pra mim cortá, um terreninho, um jardim pa mim fazê? Eu tô andando e já arrumo um dinheirinho. Mas eu queria que o senhor me desse um servicinho.” Esse pode dá que, além de sê honesto, cê pode dexá a casa aberta, ele não mexe em nada.

Ele acha que quando o senhor chegá o senhor vai tá tão contente de ele tá ali e não mexeu em nada que ele acha que vai ganhá um poquinho a mais. E é de fato, a pessoa dá. Esse cara que diz assim:” não, então depois do meio-dia eu venho fazê o serviço po senhor”; pode esperá que não vem. Muitas vez o cara que não é TRECHEIRO ele vai lá na sua casa pra vê o que o senhor têm na sua casa, pra vê o que têm dentro da casa, pra depois i lá tomá, nem que demore um ano. O cara que não é TRECHEIRO é assim. E o TRECHEIRO não, o TRECHEIRO ele vai lá, ele conhece o senhor, ele pede um prato de comida, a não ser que ele teje doente, se ele tivé doente ele ó: “eu tô doente, se eu pudesse eu vinha lhe ajudá. Eu tô realmente doente”. E assim mesmo ele puxa o atestado e mostra ainda, provado pelo médico que ele tá doente. Se não tivé faz o serviço.

Que os TRECHEIRO muitas vez ajuda. Que nem ..., nós já cansemo de ajudá motorista na estrada aí, tudo quanto é tipo, carga caída nós ajeitava, com TRECHEIRO é assim, procura sempre fazê o bem. O TRECHEIRO legítimo, agora esse TRECHEIRO falso ele já te ajuda com segunda intenção. E nós não, nós ajudava pra..., a nossa segunda intenção era, o que que era, nós ganhá um troquinho pra. pudê compra uma pinga, né? Que nós sem pinga não vai, no trecho se não tivé uma cachaça não têm jeito.

A este aspecto moral Plácido acrescenta ainda uma variável temporal, responsável pela distinção entre os tipos de TRECHEIRO que ele se esforça por diferenciar e que demonstra uma tentativa de formular uma identidade apoiada na “tradição” :

Naquele tempo eles n'um diziam TRECHEIRO, diziam os viajante; os viajante tão andando. Conversava com o dono da casa, a gente respeitava, claro. Ia lá, dormia no paiol, ele dava uns pelego pra nós lá, uns colchão de paia lá pra eu dormi e dormia. No otro dia cedo tomava café na casa do home e ia embora. Era assim. Mas hoje em dia não dá, hoje em dia ninguém mais faz isso. Hoje em dia o que têm de malandrage, o que têm de ladrão, até bandido nessas estrada têm. Vai escapando, recolhe otro, vai escapando, vai correndo da polícia, a polícia têm medo, se suja na cidade. Então vai indo, então aonde que não dá mais pros TRECHEIRO legítimo memo andá. E hoje em dia os cara tão matando os próprio TRECHEIRO. Não dá pra você acreditá mais. Então por isso que eu digo, os TRECHEIRO antigo tão tudo parado já. Desistiro

porque não dá mais, não têm mais condições, morre de fome na cidade, não é mais aquele de primero. Que agora tá fazendo fila de TRECHEIRO por aí. Uns diz que é TRECHEIRO, outros diz que tão andando porque querem, andá porque gosta, que não sei quê - que esse é otro tipo - fugiu, otro porque tá com medo, otro porque ... É assim. Agora os TRECHEIRO antigo não, os TRECHEIRO antigo cê ia daqui, vamo supor, cê saía daqui, ia até Curitiba, daí parava. Trabaiava um pouco, arrumava um dinherinho, ia pra outra cidade. Tipo cigano, sabe? E vai indo, vai indo, vai indo, até que vai. Mas hoje em dia, não. Hoje os cara chega na cidade, os TRECHEIRO moderno, como eles fala hoje, né? Que naquele tempo era os viajante antigo, hoje têm os TRECHEIRO moderno e só quere tudo na mão, eles não quere sabê de fazê nada, não quere trabaiá, só quere vivê no bom, que vem tudo beijado, né? Não precisa fazê força. Naquele tempo não. Naquele tempo nós era TRECHEIRO, mas nós trabaiava. Trabalhava, registrado ou não, por dia, ou dez dia, dois dia, três dia, o que fosse. Arrumava o dinherinho da pinga, como sempre diz, e pra comida na estrada, pegava a mochila e trecho de novo. Se pegasse carona tudo bem, se não pegasse - naquele tempo até dava pra pegá umas carona - até pertinho a gente ia, o motorista não era tão desconfiado, mas hoje não dá mais. Hoje por mais boa que a pessoa seja eles não dão carona. Quanto robo de caminhão existe por aí, motorista sendo assassinado. Então por isso que eu digo, esses cara suja porque eles quere ..., que são bão, sabe; que têm TRECHEIRO bom, mas hoje em dia não dá mais. Hoje em dia enquanto ..., os cara pensa, se a gente for dormir c'uns três, quatro lá embaixo da ponte, quando você se acordá - ainda mais se tivé dormindo meio bêbado -, quando você se acordá você tá sem, a tua mochila já foi, a tua ropa já foi tudo, não sobra nada, eles mesmo roba e mete o pé. E os TRECHEIRO que é TRECHEIRO fica, né?

Não dá pra confiá, que eles vão sabê; ninguém tá escrito na testa: eu sou boa gente. Não adianta, ninguém traz no peito uma praca escrito: ó, eu sou um TRECHEIRO decente. Ninguém vai acreditá nisso; não dá mais pra gente andá. E os TRECHEIRO hoje eles paro e penso: "não, nós encerramo nossa carreira por aqui". Não dá! Primeiro era gostoso, cê andava, cê ia, não tinha poblema nenhum, não tinha essa bandidaiage que existe; existia mas na cidade grande. Aí por ..., não se via essa gentarada andando pra cima e pra baixo, era assim, e nós era tratado como viajante, não era TRECHEIRO. Hoje em dia é mindingo, é indigente, é vagabundo, é tudo.

Celso, um gaúcho louro, formado em uma escola técnica do Rio Grande do Sul e que encontrei também na FREI, (re)traça a linha diferencial entre os diversos tipos de TRECHEIRO, usando a si mesmo como critério: ao contrário de outros, Celso, além da formação escolar pouco comum entre eles, não gosta de viajar a pé, preferindo sempre algum meio de transporte, seja qual for. Manifesta um desprezo incontido pelos PARDALIS. Diz ele:

Aí foi que eu caí no [trecho], mas não um, não um TRECHEIRO-ANDARILHO como muitos andam, né? Só a pé. Meu negócio não era muito de andá a pé não, não gostava de andá a pé. Que o TRECHEIRO-ANDARILHO é aquele que praticamente não bebe. POCO ele bebe. Aquele não pede carona, não pede carona de jeito nenhum; anda sempre sujo, saco nas costas, barbudo, cabeludo. Esses você vê aos montes aí pela BR, (...), não dão bola pra nada. Esse é o TRECHEIRO-ANDARILHO (...)

Tem esses TRECHEIRO, como já falei no início, esses PARDAL, esses parasita, ladrãozinho, né? Eles robam o próprio TRECHEIRO, um roba do outro. Então melhor coisa que tem é andá sozinho e não dá bola pra eles.

*E o bom TRECHEIRO não, no inverno não fica aqui no sul, sobe. Só o PARDAL, né? O PARDAL fica naquela cidade e dali entra ali e deu! Vai se interná por um tempo e volta pra já, já mal e mal colocô o pé pra fora do hospital, lá já tá no primeiro buteco, daqui a um mês já tá lá outra vez. E aqui pro sul então nem se fala. Aqui pro sul, aqui é, toda cidade é boa, né? Claro. O celeiro do Brasil é aqui pra baixo. Aqui só passa fome quem qué. Por isso que têm tanto PARDAL de cidade aí, esses parasita, sabe. Ele têm comida, têm tudo. É os lugar que para mais esse PARDAL aí e tão estragando tudo aí. As vez dá vontade do cara pará e passa nesses lugar por causa de certos elemento. Eles estragam tudo, robam, eles ficam lá dentro apurrinhando, eles fico **acharcando**, às vezes, três, quatro vezes a mesma pessoa, até que cê enche. Quando vê a população faz um abaixo-assinado pra própria prefeitura, a polícia, tomá providência quanto a isso. Então isso estraga pr'aquele sujeito que fica dois, três dia, quatro, até uma semana e segue adiante. Não fica apurrinhando fulano, sicrano, beltrano.*

Os PARDAL lá marca o fulano: (...), vamo assaltá ele outra vez. Não pode dexá um varal cheio de toalha, calção de banho, essas coisa; eu vi!

Jurandir também reafirma este convívio tenso, flexibilizando, porém, a fronteira:

Onde tá o peão TRECHEIRO e o coisa, ali tem o bom e o que não presta, sabe.

TRECHEIRO é diferente de mendigo?

É o mesmo nível. TRECHEIRO trabalha e mendigo sobrevive pedindo; é bebê e pidi. TRECHEIRO não; vai com finalidade, anda a pé, pede também pra sobreviver mas trabalha. São quase igual. O TRECHEIRO luta pela vida, às vezes complica. Se tá lá do outro lado, quer vir pra Curitiba, tem que trabalhar no trecho ou vir a pé.

Podemos perceber uma articulação das definições acerca dos TRECHEIROS girando em torno de três eixos principais, igualmente articulados entre si: um eixo espacial, outro, moral e um terceiro temporal. O primeiro deles refere-se ao deslocamento espacial e separa TRECHEIROS e PARDAIS segundo o trajeto percorrido. Estes adotam, geralmente, percursos estabelecidos e relativamente pequenos se comparados aos trajetos dos TRECHEIROS.

Outro eixo refere-se a uma qualidade moral que associa honestidade e apego ao trabalho aos TRECHEIROS, na voz destes mesmos, enquanto os atributos opostos são dirigidos aos PARDAIS, referidos como mendigos, vagabundos e, o que seria pior, ladrões, aproveitadores, “parasitas”. A acusação de “parasitismo” aqui ganha relevo particular porque tal termo implica em reconhecer a ausência de movimento (tanto espacial, quanto existencial) e o recurso de viver às custas de outros como estando interligados, o que, para efeitos de estabelecimento deste contraste, sugere um acréscimo de valor moral aos que recusam tanto uma coisa, quanto a outra. No entanto, os mesmos informantes referem-se as suas práticas para obter doações, denominadas **acharque**⁴, as quais se dedicam com indisfarçável prazer, como tática central para a sobrevivência e não ao trabalho, como poderia parecer dada a ênfase colocada sob este aspecto.

Transcrevo uma parte do depoimento de Celso, que se mostrou um crítico tão ferrenho do “parasitismo”, de modo a demonstrar este ponto de vista:

Então é mais fácil chegá numa casa, mas não dentro da cidade; mas quando cê tá indo, cê chega numa casa, uma aqui, otra ali. Cê chega lá. Numa pede um rango, na otra cê vê se não têm um par de chinelo, cê já tira o teu põe dentro da bolsa, pede mais

⁴ Esta tática, assim como outras semelhantes, é exposta com mais detalhe no item **A Vida No Trecho** deste capítulo.

um, não sabe como é que vai sê pra frente, né? Uma calça. Aí quando vê, ocê têm duas, três calça, pro trecho é bom, não precisa carregá muita coisa. Leva os teus utensílios de higiene, só o necessário.

Pode saí até sem dinheiro, na outra cidade já arruma um pouco, mais um passo uma passagem. Chega n'otra cidade arruma mais um poquinho ali, vai guardando, né? Cachaça e acharque se for cara que bebe, né? Vai indo, começa a entrá um troco bom, vai acharcando dinheiro, vai segurando; comida cê consegue. Cê não tá a fim de lavá a ropa num posto de gasolina, pega, arruma mais um short, camiseta, bermudão; mais adiante, joga aquele fora ou pega, faz um embrulho e larga, vê que tá passando numa vila meio pobre, larga em cima do muro, eles pega, lava e usa, né?

Entretanto, a atribuição acusatória dos TRECHEIROS aos PARDAIS não impede que ocorra um certo “convívio”- embora restrito - entre eles nas ruas da cidade durante alguns dias, assim como os TRECHEIROS podem recorrer aos PARDAIS para obter informações sobre as condições e recursos que a cidade oferece. Por outro lado, alguns PARDAIS já correram o trecho ou o fazem de tempos em tempos. Porém, de um modo geral, estes contatos são evitados sempre que possível pelos TRECHEIROS.

Já os PARDAIS, logicamente, não demonstraram realizar divisão semelhante e referiram-se aos TRECHEIROS algumas vezes durante o trabalho de campo, de uma maneira irônica, assemelhando-os aos loucos: “malucos de BR”, como ouvi de um PARDAL em Florianópolis. Para efeitos de contraste os PARDAIS preferem adotar os indivíduos “normais” com os quais cruzam diariamente pelas ruas, designando-os pelo termo genérico BURGUESES⁵ e, ao mesmo tempo, não estabelecem distinção moral em relação aos TRECHEIROS.

O terceiro eixo, que também está associado ao anterior, têm caráter temporal, associando as qualidades morais a um TRECHEIRO “autêntico”, personagem pretérito “expulso” do cenário pela violência que se encarna, por vezes, nos TRECHEIROS “modernos”, segundo expressão de Plácido que me parece bastante feliz.

De qualquer modo, estes dois últimos eixos funcionam como critério diferencial baseando-se em valores vigentes na sociedade “convencional”: trabalho, honestidade etc., e que os sujeitos tomam para si mesmos. Uma “dobra” se deixa ver neste ponto e é

⁵ O termo *burguês* é usado pelos PARDAIS para referir-se aos sujeitos com quem têm contato na rua e que manifestam nestes encontros uma atitude de desprezo e/ou superioridade, negando-se a atender-lhes os rogos ou mesmo em falar com eles. Têm portanto um caráter pejorativo, desqualificador. Não têm, necessariamente, vinculação com a classe social.

necessário apontá-la: as astúcias da vida no trecho exigem dos caminhantes um constante jogo com as regras morais que conhecem e das quais compartilham, sem dúvida, enquanto, com a outra mão, articulam um modo de vida divergente delas. Ambigüidades que marcam não apenas os andarilhos, como também outros segmentos da marginália.

Servindo de base às representações identificatórias, as relações efetivas com o espaço são suficientes para construir limites ou delimitar territórios que a primeira vista seriam contíguos: os TRECHEIROS que marcam sua diferença por oposição aos PARDAIS, amalgamando critérios espaciais, temporais e morais, vão fundar, na verdade, uma territorialidade própria, conjugando uma série significativa mobilidade-trabalho-honestidade. Unidos, no entanto, pelas linhas de fuga do mundo normatizado, ambos referem-se ao **burguês** - sujeito sedentário/mundo de relações hierárquicas - como novo pólo limite, diferenciador dos territórios. De outro modo, reestabelecem o código do qual pareciam libertos: ao apoiar-se em formas tão arraigadas de distinção e classificação, reterritorializam suas próprias fugas marginais dentro do código de valores da “normalidade”.

A afirmação da importância da dimensão espacial não a restringe a uma simples ligação com o espaço em sua dimensão física ou ambiental, porém amplia-se em direção a uma abordagem que a considera como **espaço social**, isto é, “o espaço determinado pelo conjunto dos sistemas de relações, característico do grupo considerado.”(Condominas, 1977: 08). Prende-se, deste modo, ao papel que tem esta dimensão como mediadora das relações entre os seres humanos. Segundo Rassestin:

Os homens ‘vivem’ ao mesmo tempo o processo territorial e o produto territorial através de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, são todas relações de poder nas quais há interação entre os atores que procuram modificá-las, bem como as relações com a natureza e as relações sociais. Os atores, sem sua vontade e sem o saber, se auto-modificam também. O poder é inevitável; ele não é inocente; finalmente, não é possível entreter impunemente qualquer relação sem ser marcada. (Rassestin, 1980: 143).

Na inter-ação dos sujeitos sociais delimitam-se, pois, os territórios que marcam identidades e que são marcados por ela. Forma-se uma rede composta por diversos pontos de identificação e pelos quais circulam os sujeitos com diferentes intensidades de movimento, onde as denominações êmicas TRECHEIRO e PARDAL estabelecem paradigmaticamente os pontos máximo e mínimo, respectivamente, da mobilidade errante.

As pessoas com quem o TRECHEIRO tem um contato imediato e relativamente freqüente estão dispostas ao longo das estradas. São policiais, proprietários e funcionários de postos de gasolina, bares e restaurantes, padres, assistentes sociais ou moradores a quem recorrem em busca de alimentos, abrigo, dinheiro, trabalho eventual ou algum outro auxílio. Apesar desta “proximidade”, isto é, de compartilharem um mesmo espaço físico, seja a estrada, sejam as praças e ruas das cidades, paradoxalmente, a distância está sempre sendo reafirmada por todos através de um reforçamento das fronteiras territoriais e simbólicas que demonstram toda sua eficácia ao prover um “escudo moral” para as populações sedentárias. Um exemplo é o desconhecimento generalizado do significado do termo TRECHEIRO, reforçando a idéia de que este é de uso “nativo”, pois circula apenas entre os andarilhos. De maneira semelhante, recorrem freqüentemente a características externas e generalizadas como forma de identificá-los, supondo também os motivos que os levam ao trecho sem que tenham tido contato mais próximo.

O policial rodoviário V. aponta que é mais comum encontrá-los em certas épocas do ano, como o verão, e que a maioria costuma andar a pé e não pede carona. Pergunto se há algo que os caracterize e ele assinala sua aparência como sinal particular: sujos, roupas velhas, mal cheirosos. Outro os identifica pelo mesmo critério: diz que estão *sempre sujos, com o cabelo e a barba grandes, cheirando a mijo*. Um terceiro ainda afirma que eles querem apenas viver sós, tanto - alerta - que não se os vê *metidos em roubo, quadrilha, ou coisa do gênero. Eles tomam seu caminho e vão em frente*. Pergunto se nota alguma característica mais importante e ele considera que a maioria têm problemas mentais, *poucos são normais, inteligentes; a maioria são alcóolstras, são separados, tiveram problemas no casamento ou algum outro problema de família*. Segundo alguns patrulheiros, o contato com os andarilhos restringe-se a

auxiliar quando é possível, dar alimentos, permitir que tomem banho ou durmam na garagem do posto policial, além de prestar socorro quando da ocorrência de algum acidente mais grave.

Ao conversar com um dono de restaurante - que não compreendeu de imediato a quem me referia - este faz uma expressão de desdém, dizendo que são todos vagabundos. Pergunto se há algo mais marcante, que lhe chame a atenção e ele responde que estão *sempre sujos, fedendo e são cachaceiros*.

Os postos de gasolina ao longo da estrada funcionam como “oásis” e têm múltiplas funções: local de abastecimento de comida e bebida, local de abrigo do tempo, de repouso, de encontro com outros viajantes. Formam uma “rede de apoio” para os TRECHEIROS.

Um rapaz que atende em um restaurante de um posto de gasolina nas margens da BR-101, muito solícito, me diz que poucos TRECHEIROS passam por ali porque o proprietário não permite que lhes dêem comida para não *viciá-los*, ou seja, para que não se habituem a vir diariamente. Ele mesmo não concorda com postura tão radical do dono. No seu lugar levaria em consideração se a pessoa vem pedindo trabalho ou não. Se fosse este o caso poderia arranjar-lhe um lugar para dormir ou morar ali mesmo pelo posto. Não faria o mesmo para os que vêm apenas pedir coisas e se vão embora.

Saio do restaurante e vou conversar com dois frentistas do posto que lavam um carro próximo às bombas de combustível. Abordo-os perguntando pelos TRECHEIROS. Eles também não conhecem o termo, acham estranha a palavra e então traduzo-a mais uma vez por andarilho. Confirmam o que me dissera o rapaz do restaurante. Eles quase não param ali. Um deles, mais interessado em conversar, conta que outro dia apareceu um e pediu para usar o banheiro. O dono, que estava do outro lado da rodovia no posto em frente que também é de sua propriedade, viu o movimento e telefonou imediatamente para dizer que não o deixasse entrar. O funcionário obedeceu à ordem do patrão. Pergunto-lhe o que temia e ele me responde que tinha medo que o andarilho roubasse algo. O outro frentista, mais novo que o primeiro, me diz que certas pessoas não gostam de ajudar os outros, criticando a atitude do patrão e que, se fosse ele, ajudaria.

Em algumas situações os funcionários, ludibriando a norma colocada por seus patrões, usam algum subterfúgio de modo a atender aos que vêm pedir auxílio. No posto em frente a este - portanto, do mesmo proprietário - converso com o funcionário

que atende no caixa da lanchonete. N. revela que, mesmo não sendo permitido, os funcionários sempre acabam dando algo aos pedintes que, muitas vezes, dirigem-se diretamente à cozinha, passando por trás da lanchonete, sem que o patrão perceba. Alguns TRECHEIROS ainda ficam por ali algum tempo e depois se vão embora, principalmente quando chove.

Chega Sérgio, o proprietário, interessado na nossa conversa. Comenta o que já sei: que não quer que fiquem ali porque *viciam* e acabam vindo pedir comida sempre. O gerente intervém: *alguns entram no restaurante, pedem comida e depois não têm dinheiro para pagar, outros vão pedir para quem está comendo e com isso incomodam os clientes*. Um outro lhe disse certa vez que não sairia dali enquanto não lhe dessem algo para comer. Ele tentou conversar mas o sujeito insistiu "obrigando-o" a chamar a polícia para levá-lo. Lembra ainda de um outro que entrou e pediu dois ovos fritos. Desconfiado, o gerente, que também atende no balcão, serviu apenas um que ele comeu. Depois que terminou tentou *sair de mansinho*, mas, na porta, o gerente o segurou pela sacola. Deu-lhe uns *petelecos* e o obrigou a pagar, enquanto o *golpista* protestava dizendo que não havia comido nada. Sérgio procura justificar ainda mais o tratamento por eles dispensado aos TRECHEIROS: trata-se de uma questão de segurança também, pois naquele posto os caminhoneiros estacionam para dormir e alguém pode arrombar a cabine do caminhão de madrugada sem que ninguém veja. Além disso, também é proibido pedir carona ali (o que confirmo pela placa afixada no pátio), pois o motorista pode pensar que o caroneiro é algum conhecido do pessoal do posto, levando-o consigo. Pode depois ser assaltado no caminho e ele, como proprietário, não pode se responsabilizar por estas coisas. Conta que antes dele assumir a direção daquele estabelecimento *era tudo uma bagunça* e o segredo é *não dar mole para os andarilhos, que aí eles nem chegam*. O gerente lembra que outro dia um deles chegou e sentou-se junto ao balcão ao lado de um freguês que comia. Este, passado alguns minutos, levantou-se e trocou de lugar dizendo que não aguentava o cheiro daquele.

Como demonstram estes depoimentos, os TRECHEIROS podem representar uma ameaça à propriedade, seja em razão de um suposto perigo de roubo, seja pela "desvalorização" ao lugar que sua presença pode acarretar, considerando-os portadores de qualidades contaminadoras e desordenadoras do ambiente. A simpatia dos funcionários, que não têm que se preocupar diretamente com a propriedade, reforça esta idéia.

Há, no entanto, uma certa conduta considerada legítima e que se expressa sob a forma de caridade, desde que o favorecido não faça dela um hábito. Uma idéia que parece estar presente é a de que não se pode deixar alguém passar fome, sendo concebida como uma condição desumana. Também TRECHEIROS e PARDAIS compreendem a importância deste apelo e, normalmente, iniciam o **mangueio** pedindo algo para comer, embora nem sempre seja este o objetivo último.

Em outro restaurante da estrada, a proprietária, uma senhora loura e de expressão dura, me informa que eles sempre dão algo. Alguns *mais petulantes* querem ser servidos a mesa e com estes tem que ser mais rigorosa, o que significa ou mandá-los embora, ou fazê-los ir comer nos fundos. Não gosta, entretanto, de dar comida ao pessoal da vizinhança porque se acostumam, referindo-se a alguns "clientes" que esporadicamente aparecem ali e fazem um percurso definido. Ela confessa ter pena de tais pessoas, sentimento compartilhado por um empregado que, fico sabendo depois, é o churrasqueiro e parece estar bêbado. Entra na conversa dizendo que sempre *dão algo* para eles e não os deixam passar fome, pois *a fome é a pior doença que existe*. Lembra que quando criança dividia seu lanche da escola com os colegas que não tinham o que comer pois não ia lhe fazer falta, demonstrando orgulho de si mesmo. Na sua opinião o governo deveria recolher todas essas pessoas e dar-lhes condições de vida. Acredita que *se um político não faz nada e ganha o dinheiro que ganha é porque alguém passa fome e vive na miséria*. Para ele a solução depende do governo.

Aproxima-se de nós o marido da proprietária. Tendo ouvido a nossa conversa contrapõe-se dizendo que não adianta dar nada a tais pessoas, porque isso não as faria desaparecer. Afirma que elas não querem trabalhar e lembra uma vez que ofereceu trabalho para um e ele recusou na sua frente.

Outro gerente de lanchonete me diz que apenas lhes dá comida e café, embora não converse com eles. No restaurante ao lado o proprietário afirma que lhes dá de comer mas uma única vez para que o pedinte não passe a fazer *ponto* ali pois, para ele, andarilho tem que andar, se ficar escondido *na moita* para voltar no outro dia, não ganha nada. Este proprietário ainda descobriu uma outra vantagem da caridade: ele confessa que dá comida como estratégia para evitar de ser roubado. Conta que seu cunhado era o antigo administrador do estabelecimento, não dava nada para ninguém e o restaurante vivia sendo arrombado durante a noite. Depois que ele assumiu, passou a dar comida e *não aconteceu mais este tipo de coisa*, sendo que, em outro restaurante que possuía, fazia o mesmo e nunca aconteceu de ser roubado, *nem meia do varal*,

exemplifica. Mesmo assim diz que não conversa muito com eles, não *dá bola* para a história que vêm contar. Logo que chegam chama para o lado do restaurante onde fica a cozinha e diz para esperarem ali. Dá a refeição em qualquer horário, à tarde ou à noite, desde que a cozinha esteja funcionando e pede que vão embora, não gosta que fiquem dormindo ali. Apenas um ou outro que os frentistas deixam dormir na borracharia que tem uma área coberta. Alguns *metem a boca* se se recusa algo, outros são mal encarados, *parecem bandidos, nunca se sabe com quem se está tratando, as vezes pode ser um marginal*, classifica a "freguesia". Mesmo assim não nega a comida se *pode matar a fome de um infeliz*.

A um outro pergunto sobre alguma característica que os identifique. Refere-se apenas ao saco nas costas que eles carregam e seu irmão, que dirige o restaurante, "sabe" que a maioria não quer trabalhar coisa nenhuma, que não são normais, sofrem de algum distúrbio mental, pois, reflete, *não é normal um cara ir a Porto Alegre a pé; não querem trabalhar*. Seu Maneca, proprietário de um bar na beira da BR-101 sentencia: *são cabeça-fraca*.

Pergunta semelhante fiz a uma mocinha que atende no balcão de outro estabelecimento e que me responde da mesma maneira: a sujeira, me diz, é sua principal identificação.

Para dois borracheiros os andarilhos até são "vantajosos", uma vez que não são ladrões e, às vezes, até cuidam das coisas da borracharia e por isso os deixam dormir ali. Outro ainda considera que são *pessoas que não roubam, vivem bêbados e bebem muito; chegam ali e vão dormir sem incomodar ninguém*.

Outro borracheiro, que encontro sentado em uma velha cadeira de palha ao fundo da área aberta da borracharia, cercado por seus instrumentos de trabalho e calendários com mulheres nuas na parede onde encosta a cadeira. Tem feições de índio e sua pele escurecida aparentemente em função do trabalho que, em quase tudo, deixa borrões negros de graxa e fuligem. Abordo-o, como de hábito, perguntando acerca dos TRECHEIROS. Ele nada diz. Espera que eu continue: *e daí?* pergunta. Prossigo falando sobre a pesquisa e pergunto se é comum encontrá-los parados ali, se ele costuma conversar com eles, que me interesse em saber o que dizem etc. *Se fosse para falar o que dizem precisava de um gravador*, responde grosseiro. *Um para gravar a conversa e outro para mim de presente, pelo trabalho*, continua. Questiona-me: *e vai sair coisa boa da boca de vagabundo?* *Só conversa de cachaça*, resume. Quer saber por que alguém se interessa pela vida dos outros e quer um emprego desses também.

Desconcertado pela assertividade digo a ele que há muitas formas de viver e que essa - a dos andarilhos - é uma maneira diferente e interessante.

No trevo de acesso a Biguaçu converso com outro borracheiro depois de aguardar que atendesse a um cliente. Pergunto-lhe sobre os TRECHEIROS e ele sabe do que se trata, informado que fora pelos próprios. Diz que quase todo dia vem gente ali. Não conversa com eles, deixa ficar, impondo apenas com uma condição: não fazer sujeira, porque já aconteceu *de um cagar toda a frente da borracharia*. Mas não tem tempo de conversar com eles.

No restaurante naquele mesmo local, onde me reúno com o proprietário, o borracheiro e seu irmão, conversamos sobre o mesmo tema. O dono do restaurante me informa que para dar comida tem um critério: dá apenas para os velhinhos. Para os rapazes não, porque estes podem trabalhar. Este considera ainda que são pessoas que não roubam, vivem bêbados, chegam e vão dormir sem incomodar ninguém. O borracheiro lembra aquele que *cagou* sua borracharia e também uma propriedade da CASAN, ali perto. Também de um outro, conhecido deles pelo que dizem, que trabalhava numa firma próxima mas que não conseguia permanecer no alojamento que lhe era destinado. Vinha dormir na borracharia, sem abrigo. Dizia que preferia assim. O dono do restaurante volta atrás em sua opinião. Diz que têm que tomar cuidado porque alguns são perigosos. Fala sobre um casal de velhos que foi assassinado por dois TRECHEIROS em São Miguel e de um outro velho que foi morto do mesmo jeito. Em ambos os casos eles foram dar guarida aos andarilhos e estes se aproveitaram, roubaram e mataram quem os acolheu. No último crime o assassino ficou preso na cadeia de Biguaçu. O irmão de seu Antônio, o borracheiro, diz que eles se chamam TRECHEIROS e, brincando, que o trabalho deles é contar quantos passos gastam para chegar de um lugar a outro. Seu Antônio repete que até gosta quando dorme um na borracharia para cuidar de suas coisas, pois sabe que eles não roubam.

Vodca, como se apresentou, é uma espécie de “faz-tudo” em um posto de gasolina, executa pequenos serviços de escritório, auxilia na limpeza, serve de guia aos motoristas de caminhão ou ajuda-os a descarregar. Não é TRECHEIRO, embora eu o tivesse confundido com um, mas os conhece bem. Define para mim o TRECHEIRO:

TRECHEIRO mesmo é aquele que onde vai faz sua comidinha, pede nas casas, não depende de ninguém. Têm alguns que não sabem se virar no trecho, têm vergonha de pedir, chega e fica quieto nas casas.

Conta que outro dia estavam em um grupo de dezoito, dormindo espalhados pelo posto. Costumam vir pedir comida, café, pinga. Às vezes ganham. A condicional se deve a um problema que ocorreu. Certa vez um deles veio pedir e o dono do restaurante disse-lhe que esperasse porque não tinha nada pronto, mas assim que tivesse daria a ele e pediu que aguardasse lá fora. O viajante ainda pediu uma pinga e quis pagar, mas o dono não cobrou. Ele ficou esperando no estacionamento e quando a comida estava pronta o dono pediu ao Vodca que a levasse ao viajante. *Um prato cheio, com carne assada e tudo*, descreve. Ele o fez e depois de entregar o prato o TRECHEIRO abriu o embrulho, olhou o conteúdo e virou tudo no chão. Quando Vodca retornou ao restaurante, o dono lhe perguntou o que acontecera, pois de onde estava vira alguma coisa. Diz que ainda tentou defender o sujeito, contando que ele havia deixado cair o prato porque estava tremendo muito. O proprietário mandou-o novamente para olhar e ele o fez, confirmando em seguida ao patrão que estava tudo no chão. A partir daí o dono decidiu que não daria mais comida, contudo, apesar deste incidente, isso ainda acontece de vez em quando. Outro motivo alegado é a grande quantidade de pessoas que vem pedir, *e se der para todo mundo...* Considera que os TRECHEIROS passam bem, *às vezes melhor que a gente*, não passam frio, pois alguns têm 3 ou 4 cobertores, novinhos, que vão pedir nas casas e as pessoas *ficam com pena por causa do frio e dão mesmo. Pedem comida aqui e ali, e se um não dá mais na frente têm outro que dá e assim vão*. Ressalva que em alguns postos o TRECHEIRO é bem tratado. É o caso do posto Sinuelo cujo dono teve a vida salva por um TRECHEIRO quando ele se acidentou na estrada. O TRECHEIRO vinha passando quando aconteceu o acidente, era noite, e o socorreu tirando-o do carro e parando um caminhão para levá-lo ao hospital. *Lá no Sinuelo, TRECHEIRO ganha tudo, só não servem no balcão.*

Afirma que andam muito, lembrando um conhecido chamado Xiru, um sujeito negro de uns 60 anos que carregava duas mochilas pesadas. Um dia ele apareceu no posto e lhe disse que ia para o trecho. Cerca de duas horas depois veio um caminhoneiro pedir a Vodca que o levasse até a praia do Sonho. Quando chegaram na descida do Morro dos Cavalos já estava lá o Xiru. Admira-se de sua força e da

velocidade que foi capaz de empreender para percorrer tal distância em tão pouco tempo.

Conta ainda que outra vez parou no posto uma "equipe" grande de andarilhos. Ficaram atrás do posto, onde um conjunto de quartos serve de dormitório para alguns funcionários e onde há uma área coberta onde se instalaram os passantes. Estes arranjaram um litro de pinga e começaram uma batucada e a cantar alto. Ofereceram a bebida ao Vodca que lhes disse poderia beber com eles - *porque também não é bom recusar para esse pessoal*, me explica-, mas como havia alguns empregados dormindo poderia haver encrenca por causa do barulho e alguém poderia chamar o dono do posto para tirá-los dali. Imediatamente eles silenciaram e dormiram rápido. No dia seguinte, quando ele acordou, já não havia nenhum deles:

Eles levantam cedo, quando começa a clarear o dia, e já vão para a estrada para não pegar um sol muito forte. Quando chega próximo ao meio-dia arranjam algum lugar para parar, pedem comida, fazem seu rango, deitam para descansar e depois vão para a estrada de novo. Às vezes chegam a carregar 30/40 quilos nas costas. Mais na frente, debaixo de uma ponte, tem uma família morando. Eles pescam no rio, pedem nas casas... Alguns TRECHEIROS também param lá. Um fica cuidando das mochilas, o outro vai pedir nas casas, pedem na granja lá atrás onde a dona dá ovos. Eles vendem as coisas ou trocam por pinga. Pinga nunca falta.

Lembra também uma família que vive numa carroça e estão sempre pelos arredores, pedem comida no posto, dormem na carroça mesmo e se vão. No trevo da Palhoça há uma verdureira onde estavam parando dois andarilhos, mas o dono, depois de uns dias, mandou-os andar pois não queria que permanecessem mais tempo no local.

Na praça central de Biguaçu entro em uma pequena banca de revistas e discos usados. Um rapaz, dono do sebo, me atende e conversamos sobre seu negócio. No meio da conversa pergunto sobre os TRECHEIROS, porém ele desconhece o termo. Depois que digo do que se trata, diz-me que os vê com frequência e geralmente param para perguntar onde é a paróquia. Acha engraçado que, sendo ateus, costumam vir procurar pela igreja como forma de ganhar algo. Pergunto se imagina qual o motivo que os levou ao trecho. Conta que uma vez parou um ali e, talvez porque ele estivesse conversando com uma amiga, falou-lhes que teve problemas com a família e largou tudo. Que tipo de problema? pergunto. Ele diz que o passante não falou sobre isso, que também ele

não perguntou. Referiu-se apenas a um problema com a esposa e que tinha família constituída. Sublinha mais uma vez o fato de procurarem a igreja como forma de sobrevivência mesmo sendo ateus e ressalva que nesta opinião não há juízo de valor, considerando-a uma opinião científica ou, pelo menos, no que é possível ser científica. Ele se identifica como estudante universitário, cursa Filosofia, e comentamos algo sobre a universidade, seu pequeno negócio e as dificuldades que vem enfrentando. Por fim peço-lhe que me indique o local em que os TRECHEIROS costumam procurar e ele, de bom grado, aponta a casa paroquial atrás da igreja recomendando que procure o Padre E., recentemente transferido para lá e que demonstrou ser uma pessoa de idéias avançadas. Vou até lá.

A secretária que me atende indica sua sala e nela aguardo o padre terminar um telefonema. Exponho a ele os motivos de minha visita e não deixo de notar em seu olhar um “quê” de estranhamento. Solicitado, caracteriza os andarilhos: a pele queimada do sol, uma mochila, a roupa suja, a garrafinha de cachaça - *dizem “tem que beber senão morre”*-, a falta de carteira de identidade, a forma de se vestir, o estado em que se encontram; *qualquer lugar para eles está bom, se deitam, carregam seu cobertor*.

Depois comenta que todos os dias vem alguém, às vezes dormem no local. Interrompo para saber se há acomodações para receber os viajantes. Diz que não, que costumam dormir na rua, em frente à casa paroquial e que quando ele os vê, coloca-os para dentro. Alguns ainda esperam o café da manhã, outros nem isso *e cedo já botam o pé na estrada*. Interrogo sobre os motivos que ele supõe os levam ao trecho. Conta que o último que acolheu vinha de São Paulo em direção a Porto Alegre, era nordestino e estava em São Paulo em busca de emprego, de uma vida melhor. Lembra também de um casal que vinha de Lages, passou por Blumenau e chegou até Biguaçu. Vinham procurando emprego, a mulher grávida de oito meses, pediram acolhida: *era gente afugentada da própria cidade, vinham a pé com uma criança muito doente e a mãe anêmica. No dia seguinte apareceu outro casal, tomaram café e se foram*.

Sempre em busca de emprego? questiono.

Dizem que sim, responde. Há os que fazem um trajeto constante e a paróquia têm uma alta rotatividade, *alguns quase que chegam a “bater ponto”*. Ao lado da casa paroquial mora uma senhora, Dona A., que costuma dar roupa e comida para os pobres, sendo que a igreja faz campanha de arrecadação de donativos e repassa para ela. Na igreja dão apenas comida e permitem o pouso. Considera necessário que a igreja tenha

uma Pastoral para tratar desses problemas mas, infelizmente, não há nem estrutura nem dinheiro para poder organizar uma naquela localidade.

Especulo se já teve problemas com eles. *Nunca*, diz categórico, *são até bastante confiáveis* e acredita que se deva ao fato de dar acolhida: *não vejo grandes problemas*.

Há também os que não perdem de vista a “utilidade dos vadios” e os procuram com ofertas que, a seu ver, são vantajosas. É o caso relatado a seguir.

Enquanto aguardo a chegada dos hóspedes do albergue de Florianópolis aproxima-se de mim um homem gordo, muito falante em seu sotaque gaúcho, pouco agasalhado para o frio acentuado deste dia. Vem perguntar-me se estou albergado. Diante da negativa me conta que está procurando mão-de-obra para executar um serviço de reforma em uma loja que está montando e, numa vez anterior em que precisou dos mesmos serviços, encontrou ali bons rapazes. Deu o maior *pé- quente*, explicando a qualidade daquela mão-de-obra pelo fato de serem pessoas vindas do interior, gente que trabalha bem, em contraposição aos da cidade, segundo ele, *malandro de morro* dos quais já cansou de ser *enrolado*. Considera sua proposta legítima: trabalhar em troca de comida, cigarro e pouso, pois se estão em condições de precisar de abrigo em albergue podem aceitar tais condições. Além disso com aqueles que já "contratou" fez dessa maneira. Anda de um lado a outro, não sei se por estar ansioso ou pelo frio.

Finalmente chega um dos albergados, que vem contar-me sua situação dramática. Pede nossa opinião, a minha e a do gordo, que a essa altura já estava na conversa também. Ele rapidamente inicia uma preleção sobre a coragem de enfrentar a vida, sobre o fato de ele ter tido coragem de viver com alguém e agora ser a hora de ele mostrar que têm coragem de viver sem esta pessoa, que se ele fez algo de errado - e daí a necessidade de ter mais coragem para admiti-lo - que deveria procurar sua ex-mulher, reconhecer seu erro para ela e sair da vida dela, que suas idéias suicidas eram bobagem etc. Depois de discorrer com impaciência sobre sua própria experiência pergunta-lhe se têm emprego e se quer trabalhar. O outro desvia o assunto, diz que trabalhava no DNER, mas largou aquele emprego, depois diz que está trabalhando lá ainda, tornando tudo meio obscuro a não ser a impressão de que não estava interessado na oferta do gordo.

A eclosão de um drama social fornece as condições para a inscrição do sujeito em uma modalidade associativa do tipo *communitas*, uma vez que ele se distanciou, voluntária ou involuntariamente, de uma matriz sócio-estrutural ao qual estava referido, penetrando os domínios da liminaridade. Os sujeitos podem articular tal liminaridade - definida como uma esfera de ação ou pensamento - de dois modos: a) ao romper com os vínculos familiares e locais. Afastando-se desta matriz de significações permanece um período de tempo variável num intervalo estrutural até ser incorporado ou incorporar-se a outra, neste caso a dos andarilhos; b) ao manter-se distante da hierarquização estrutural da sociedade, negando-se a participar dela. O caráter de liminaridade torna-se, ele mesmo, ambíguo. Por um lado o andarilho é incorporado e passa a ser efetivamente tratado, como pertencente aos estratos inferiores da sociedade. Não há mais hiato estrutural mas, antes, posição definida na hierarquia. Sendo assim aproxima-se muito mais de uma condição **outsider** em que o sujeito está por atribuição, situacional ou permanentemente, ou ainda voluntariamente estranho aos arranjos estruturais de um dado sistema social. Pode ser considerado também como um **inferior estrutural**, posição do sujeito que ocupa o "mais baixo degrau de um sistema de estratificação social, no qual benefícios desiguais são concedidos a posições funcionalmente diferenciadas."(Turner, 1974:237). A ênfase da diferença entre a **liminaridade** e a condição **outsider** ou de **inferioridade estrutural** reside no fato de que TRECHEIROS e PARDAIS, a meu ver, são transicionais no espaço e não no tempo, colocando-os fora do círculo da liminaridade ritual.

Por outro lado, seu caráter liminar é repostado novamente pela forma como se dão suas relações com a sociedade: normalmente desclassificados como humanos, são aproximados da natureza através de uma série de artifícios "rituais", sendo-lhes atribuído toda sorte de impurezas. Tais considerações só são possíveis pela suspensão do status estrutural, o que permite que se lhes aproxime tanto da humanidade - uma humanidade "pura" graças ao despojamento dos signos de status - quanto da não-humanidade ou da natureza, impregnada, por sua vez, de impurezas e perigos. Daí talvez o fato de ter sido a "sujeira" a mais constante referência apontada por entrevistados não-TRECHEIROS quando lhes perguntava por características neles que seriam mais marcantes e que os identificariam.

Também o "Diário Catarinense" do dia 02 de abril de 1994, em matéria sobre as condições atuais do aterro da Baía Sul, ressalta os perigos a espera dos que se aventuram naquela área, local de encontro e permanência de muitos PARDAIS e outros

marginais. Diz a reportagem com o sugestivo título de SONHO ABANDONADO VIRA PESADELO:

Convém não deixar Burle Marx visitar o aterro da Baía sul. O local, que já teve jardins estruturados pelo famoso paisagista brasileiro e que teria tudo para ser uma bela porta de entrada de Florianópolis está reduzido a destroços e abandono. No lugar das crianças que deveriam freqüentá-lo durante o dia, meninos de rua recolhem-se à noite no fundo dos bueiros do esgoto pluvial, para cheirar cola. O cenário é feito de muitas caixas empilhadas pelos papeleiros, varais improvisados por legiões de mendigos, capim alto, lama, lixo em profusão e, é claro, ratos que saem de suas tocas em plena luz do dia. (...)

REALIDADE SUJA DE FEZES

Para quem teve até chafariz e heliporto, o aterro hoje é a imagem da decadência. (...) Assusta ainda mais seus visitantes o mau cheiro que sai do banheiro central, desativado. Não bastasse estar todo lambuzado de fezes e lixo, uma das paredes externas do prédio apresenta uma cruz suástica, grafitada por algum adepto do neonazismo.

Por todos os lados o lixo, onde a presença de seringas é marcante, faz companhia ao barro, vazamentos de água que sai de canos enferrujados, perigosos buracos, restos de fogueira e varais improvisados onde desocupados secam suas roupas. Não bastasse o desleixo, o aterro é sinônimo de perigo. (Diário Catarinense, 02/04/94, p.22)⁶

Descreve-se assim um cenário onde meninos cheiradores de cola - que, por exclusão, não são considerados crianças na matéria -, mendigos e desocupados misturam-se indistintamente ao "lixo em profusão", fezes, lama e capim, sendo

⁶ Recentes ações da Prefeitura Municipal de Florianópolis, desencadeadas no final de 1995, modificaram significativamente o local.

remetidos pelo autor do artigo, talvez sem se dar conta, ao domínio imaginário como habitantes de um “pesadelo”. Elementos todos que, se não estivessem lá, tornariam o aterro um lugar aprazível para o desfrute da sociedade.

Cabe lembrar com Mary Douglas que a sujeira, para nós, ocidentais, enquanto expressão de um sistema simbólico de classificação social,

é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados. ...

Nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou idéia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais. (Douglas, 1976:50-1).

Desenvolvem-se assim as relações dos andarilhos com os diferentes segmentos da sociedade numa “zona de sombreamento” marcada pela ambivalência: por um lado, inferioridade estrutural e localização hierárquica; por outro, liminaridade decorrente da ambigüidade nas representações que suscitam e aproximação dos sujeitos a elementos da natureza.

Sua identificação pode, ainda assim, variar conforme o segmento estrutural e as circunstâncias nas quais o TRECHEIRO ou PARDAL está se relacionando, podendo ser considerado vagabundo, inofensivo, louco, meliante, alguém com quem o destino foi cruel, bêbado, digno de pena ou de caridade etc.

Também desta ambigüidade pode o andarilho retirar alguns “benefícios” e, de certa maneira, gozar a inapreensibilidade relativa decorrente, fluindo através de diferentes domínios. Reencontramos seu caráter nômade em relação aos sistemas classificatórios, uma vez que podem percorrer as diversas categorias segundo o local e a situação em que se encontrem, fato este que recoloca também a dificuldade em lidarmos com esquemas rigorosos de identidade. Aponta, por outro lado, para uma interpretação acerca daquilo que é freqüentemente indicado pelos próprios andarilhos como uma séria dificuldade em suas vidas: a perda dos documentos de identidade. Perdendo-os em qualquer lugar, em conseqüência de bebedeira ou de roubo, ou apenas dizendo que os perdeu, os sujeitos “livram-se” também desta verdadeira “instituição” que é estar inscrito nos registros do Estado, fotografado e numerado, de modo a tentar garantir que o sujeito seja aquele que diz ser, reconhecível e identificável.

Para os PARDAIS, no entanto, pode-se verificar algumas diferenças no modo de relacionar-se com os outros que expressam uma forma também diferente com que estes lhes conferem certa identificação.

Em nossos freqüentes encontros pelo centro da cidade, sentados em **roda** em locais de intenso movimento, conversando e bebendo pinga, interrompendo apenas para **acharcar** os que passam, é possível perceber as reações e expressões dirigidas a nós. De um modo geral evita-se o contato, mudando de rota quando se percebe a aproximação de algum dos vagabundos. Os rostos emolduram expressões de nojo, desprezo, medo, surpresa ou dúvida como a perguntar-se: “como é que pode?” Olhares de soslaio, mãos escondidas nos bolsos, bolsas apertadas subitamente contra o próprio corpo passam repentinamente por nós. Mesmo os que param, surpreendidos pela malha sagaz do **mangueio** na qual se vêem inadvertidamente enredados, fazem o mais rapidamente possível, sem dar muita chance para que a conversa se estenda. Quando se trata de dividir um mesmo local, como no dia em que nos abrigamos sob a marquise de uma farmácia ao desabar um forte temporal, abre-se imediatamente uma “clareira” ao redor, como se, magnetizados, os corpos se repelissem. Os PARDAIS, porém, permanecem ali indiferentes às reações, olhando a chuva pacientemente como se não fosse com eles. Os gestos e atitudes revelam, enfim, o choque das territorialidades no espaço público. Quando não há marcadores concretos que realizem a tarefa da separação dos “mundos”, as expressões corporais os substituem.

Outras vezes podem ser alvo de manifestações mais agressivas, coletivas ou individuais, como a dos jogadores de dominó da Praça XV ao apoiar massivamente a expulsão dos vagabundos daquele local pela polícia: “*Tirem esses cagões daqui!*”, gritou alguém no meio da multidão. Ou ainda quando, no mercado público, véspera de carnaval, nos reunimos no vão para abertura da festa e um senhor parado a nossa frente fica nos observando. Incomodado com aquilo, Gago pergunta-lhe, agressivamente, se ele perdera algo. Aquele não se deixa intimidar e responde em tom de ameaça que se Gago quisesse ficar ali deveria permanecer quieto, caso contrário iria se queixar aos policiais que estavam por perto. Leva a mão ao bolso, fazendo menção de retirar algo e rapidamente alguém sugere que ele é **cana**. Gago, recuando de sua posição agressiva, muda o tom de voz e levanta-se para mostrar-lhe um papel da Colônia Sant’Ana, alegando ser um doente mental. O homem não lhe dá muita importância e Gago insiste procurando desconversar para diminuir a tensão. Depois de comprovar que o tal sujeito não era policial ele volta a sentar-se conosco, enquanto o outro também se vai, não sem

antes conversar com dois PMs que estavam próximos, talvez para mostrar-nos sua “intimidade” com eles. Por manifestações como estas é que Pedro, sempre com seu modo carrancudo e áspero, pode me pedir que lhe explicasse, já que sou *estudado*, por que nós, os *ricos*, *temos raiva deles*. Como Gago protegia seu território privado da curiosidade pública e anônima, também alguém que dormia em grupo no palco do Largo da Alfândega, por volta de seis horas da manhã, ao notar meu olhar procurando identificá-los, ergueu o braço e com o dedo médio em riste, sugeria que eu avançara o limite. Procurava assim, repor as paredes invisíveis de seu quarto.

Pelé é um sujeito muito alto, forte e negro que geralmente tem uma expressão carrancuda e de poucos amigos no rosto. Uma manhã no aterro da baía sul, enquanto fazem um **queima-lata** conta-me por que não gosta de pedir coisas aos outros, a não ser quando são seus conhecidos: certa vez foi pedir comida em uma casa e, do portão, falou com a dona que lhe disse que esperasse ali. Minutos depois viu-se cercado pela polícia, sendo revistado e interrogado sobre suas intenções. Contou-lhes o ocorrido e foi informado que a dona da casa os chamara alegando haver um homem rondando sua propriedade. De onde estava “agradeceu” a mulher pela “compreensão” e desapareceu, instado pelo policial.

Há também os que em suas atitudes expressam uma certa compaixão e que têm nos mendigos e vagabundos os meios de exercitar uma “missão” da qual se acreditam imbuídos, repetindo um antigo gesto: tomar os “despossuídos” como uma oportunidade para a redenção de suas próprias almas através do serviço caritativo⁷. Assim, quando animadamente conversávamos no “cinema”, um rapaz vestindo jeans e camiseta aproxima-se de mim estendendo a mão e apresentando-se como “fiscal da natureza”. Pergunta-me se estou cuidando bem do pessoal e afasta-se recomendado que eu lhes pague um café com pão que Jesus Cristo haveria de me recompensar. Acho aquilo engraçado, mas ao virar-me para comentar com os outros encontro apenas olhares vagos como se aquela cena tivesse acontecido apenas para mim, sendo ignorada pelos demais.

Em outro momento, um grupo grande de PARDAIS reunido na Praça XV festeja o surgimento da Irmã M., uma freira idosa em seu hábito acinzentado, acompanhada de uma mocinha. Alguém do grupo lhe pede uma oração e ela posta-se solene: de pé diante

⁷ A partir do século XIV, com as mudanças estruturais e o aumento extraordinário das populações miseráveis na europa, os pobres perdem o estatuto de “pobres de Cristo” ou “intermediários entre o rico e Deus”, para ocuparem o de “vagabundos indolentes” na nova ordem social e moral que prescreve o trabalho como fonte da riqueza material e espiritual. Conforme Mello e Souza (1986), Stoffels (1977), Souza (1986) e Geremek (1995).

do grupo sentado no piso da praça, fecha os olhos e cruza o braço direito sobre o abdômen, recitando em voz alta sua oração e pedindo proteção aos que estão ali. Todos permanecem em respeitoso silêncio, contritos e de cabeça baixa, atentos às palavras da religiosa. Acompanhando o gesto dela, fazem em conjunto o sinal da cruz. Em seguida, prazenteira, retira da bolsa algumas balas que distribui pelo “rebanho”, que as recebe sem muito entusiasmo. Quando faz menção de seguir seu caminho alguém lhe pergunta algo sobre Jesus e ela imediatamente volta-se dizendo que vai ensinar-nos a *abraçar Jesus*. Abre os braços num gesto muito largo, com as mãos voltadas para cima, pedindo a todos que façam o mesmo. Há um certo desconforto com aquilo, mas por fim atendem ao pedido. Naquela posição faz nova oração e ao final cruza os braços sobre o peito num abraço. Os demais repetem seus gestos. Por fim se vai, despedindo-se de todos, em direção ao terminal de ônibus enquanto no grupo os comentários são de admiração e gratidão a seu respeito.

Também é comum ouvir referências às atividades de grupos religiosos em missão de evangelização ou de distribuição de roupas, cobertores e alimentos, no inverno principalmente. Estas doações podem, do mesmo modo, ser feitas por pessoas não identificadas como sendo ligadas a qualquer igreja mas, nestes casos, não têm o mesmo caráter sistemático.

A abrangência das relações estabelecidas pelos PARDAIS inclui outros marginais. Sujeitos “perdidos” que não se agrupam: artesãos incipientes, recém-saídos dos hospitais psiquiátricos, bêbados, “loucos da vila”, fornecedores de droga, etc. Tais sujeitos têm passagem rápida e eventual pelo grupo. Às vezes param para tomar um gole de cachaça, dar notícias, perguntar por fulano ou sicrano etc.

Assim como os andarilhos são tratados pelos outros a partir de certas representações fundadas *a priori*, também estes organizam seu modo de relação através de esquemas cognitivos baseados, no entanto, em sua prática cotidiana.

Quando Ivo e seu companheiro de trecho dão sinais de que querem encerrar a conversa e seguir seu caminho, tento não deixá-los ir convidando-os para o almoço. Ivo recusa. Diz que nos restaurantes não os deixam entrar porque estão sujos e carregam sacolas, o que desperta a curiosidade e alguém *sempre vem querer saber o que têm dentro. Pra não ouvir o que não quer*, evitando incômodos para si e para mim, prefere não ir.

Antônio têm 52 anos, embora aparente mais. Nota que as pessoas têm medo dos TRECHEIROS e exemplifica contando que quando vinha chegando aqui passou em frente a uma escola e algumas meninas que iam saindo, notando sua presença, recuaram e voltaram para dentro. Percebendo o movimento, disse-lhes que não é malandro e, por isso, não precisavam ter medo, continuando seu caminho. Pergunto-lhe se isso o ofende e me diz que não porque elas estão certas em ter receio, uma vez que têm mesmo muito malandro na estrada.

Na rodovia, em frente a um restaurante vejo uma barraca armada do outro lado da pista, entre montes de aterro, surgida como que do nada, pois me dera conta de sua presença repentinamente, depois de já estar algum tempo naquele lugar. Pergunto aos chapas que estão aguardando trabalho no posto de gasolina e estes me informam que lá está uma família que chegara na noite anterior. Aproximo-me do acampamento sem ser notado pelo casal ou pelas duas crianças, todos loiros e de pele avermelhada pela exposição ao sol forte, ocupados em abrir uma valeta ao redor da barraca para o escoamento da água da chuva e reforçar os piquetes onde amarram as cordas que esticam a lona. Ao me perceberem estancam. Olham-me com curiosidade e apreensão, aguardando em silêncio que eu chegue mais perto. Mantenho uma distância segura - resabiado com a enxada que o rapaz empunha - e, depois de cumprimentá-los, apresento-me. Luís, também chamado de Catarina, e sua família vieram andando desde o trevo de Forquilha, seu último acampamento e, ao chegar naquele local, viram a possibilidade de parar ali. Foram pedir autorização na casa atrás da área, mas a dona recusou-lhes; não queria que ficassem por perto. Luiz não desistiu, disse-lhe que aquela área pertencia ao DNER, os 30 metros ao lado da rodovia e do outro lado, junto ao mar, pertenciam à Marinha, que o posto de gasolina podia usar mas não vender o terreno. Portanto eles ficariam de qualquer maneira. A mulher admirou-se e perguntou-lhe como ele sabia dessas coisas. Evasivo, não respondeu a ela nem a mim. Agora montaram a barraca e vão ficar esperando que alguém venha tirá-los dali, sabem que isto acontecerá mais cedo ou mais tarde, o que esclarece sua apreensão com a minha abordagem. Considera aquele um lugar ruim, pois chegaram ontem no fim da tarde e não conseguiram nada pedindo nas casas. Julga que pensam que são vagabundos, ladrões. Conta que foram pedir numa casa e a dona negou-lhes um pouco de comida. Quando passaram de volta, viram a mesma mulher jogando comida no lixo. A filha sugeriu que pegassem, mas ele disse em voz alta para ela ouvir que não deveriam fazê-lo porque poderia estar envenenada. Sua companheira foi procurar emprego como faxineira, mas

as pessoas dizem que já têm e que não precisam. Ele me leva até o outro lado da barraca para mostrar seu carrinho no qual as crianças brincam. Mostra um pneu murcho, cujo bico estragou; assim não pode sair para trabalhar. Levou-o ao borracheiro ali perto mas este lhe pediu 3 mil cruzeiros reais pelo conserto, que ele disse não ter. Pediu então que lhe desse uma *força*, consertando de graça e, com o dinheiro da revenda da sucata, pagaria depois. O borracheiro negou-se a fazer o negócio. Ele vende o que recolhe para um depósito no Estreito. Diz ainda que está nesta situação porque não consegue emprego e que *entende tudo de sítio*. Considera que a dificuldade em conseguir trabalho se deve ao fato de não ser conhecido por ali e não ter parente para ajudá-los, dar referência sobre eles, como haviam pedido a Bia, sua companheira. *Precisa ter parente, conhecidos, senão não consegue sair da situação*, pois as pessoas desconfiam *por ser pobre e viver em barraca na beira da estrada*, conclui. Acabam sempre dizendo que já conseguiram alguém para o lugar ou inventam alguma desculpa. Ele se diz analfabeto, não sabe ler nem escrever, contar dinheiro ou dar troco, o que aumenta ainda mais suas dificuldades.

Reclama que as pessoas os consideram marginais porque são pobres e ilustra contando que armou sua barraca certa vez num terreno baldio e ouviu uma das vizinhas falar para a outra: *"cuidado com o varal essa noite que tem gente de fora!"*. Imediatamente ele interferiu. Respondeu que a roupa dela não queria nem para limpar os pés. Ela, então, tentando desdizer, falou que não se referia a ele, mas a um andarilho que passou por ali. Ele não aceitou a desculpa, apesar de reconhecer que têm que tomar cuidado mesmo *porque muito andarilho que anda por aí é bandido*. Considera que as pessoas querem ajudar, mas não olham a quem estão favorecendo; dão coisas para marginais, *gente que só quer se aproveitar*, sem que mereçam. Para provar o que diz lembra os voluntários que distribuíam comida na favela e os que recebiam os alimentos vinham vender-lhe o que ganhavam por um preço irrisório para comprar pinga e maconha. Refere-se também a um conhecido seu que ganhou uma casa da prefeitura, vendeu-a e guardou o dinheiro no banco.

O desenraizamento e o rompimento de ligações familiares que forneçam aos andantes as referências necessárias parece ser fator importante na determinação das atitudes dos outros em relação a eles. Como aponta Mello e Souza (1986), os indivíduos que demonstrem não manter relações estáveis, "não poder se ligar a ninguém e por ninguém ser reconhecido", sem domicílio e itinerantes, tomam-se seres perigosos, principalmente para uma sociedade que cultua a capacidade de estabelecimento de

laços sociais do sujeito, como é a brasileira. Nela, o “mundo da rua” pode significar o risco de estar exposto aos rigores da lei, desprotegido, distante do salvo-conduto das relações pessoais, aspecto sempre considerado por Da Matta:

Na constituição da identidade social no Brasil, o isolamento e a individualização somente devem ocorrer quando não existe nenhuma possibilidade de definir alguém socialmente por meio de sua relação com alguma coisa, seja pessoa, instituição ou até mesmo localidade, objeto ou profissão. Para nós, nada é mais aviltante do que responder à pergunta: 'afinal de contas, de quem se trata?' (grifado no original) (Da Matta, 1991:65)

No caso do tratamento dispensado aos marginais, ocorre uma curiosa contradição: se, por um lado, a idéia de indivíduos isolados, sem referências ou inserção social, é abominável e, preferencialmente, estes devem estar englobados por alguma instituição legitimada, por outro, a idéia de associação dos vagabundos a seus pares remete, mais uma vez, à periculosidade dos que não têm constrangimentos à transgressão:

Em um indivíduo sem laços, ela [a sociedade] se prontifica a ver um mendigo válido; em dois errantes, ela vê vagabundos temíveis. (Geremeck apud Mello e Souza, 1986:55).

Paulo e Devanir são companheiros de trecho. Encontro-os em Biguaçu e passamos uma tarde conversando sentados num banco de praça. O segundo, mais falante que o primeiro, considera que as pessoas acham que eles são vagabundos, ladrões:

Tento explicar para as pessoas, mostro as mãos calejadas; a gente é trabalhador. Acho que as pessoas não entendem a gente, acham que a gente é ladrão.

Paulo lembra uma pessoa que lhe perguntou por que não ia trabalhar ao invés de ficar pedindo. Ele disse que se tivesse lenha para cortar ele o faria. Respondeu então o sujeito: “aqui não dou nada para ninguém e se retire”.

Conta que foram ao padre pedir auxílio, mas ele disse que não podia ajudar. *Ninguém quis ajudar nós aqui, reclama. Não têm cabimento a gente roubar aqui, acho mais bonito pedir.* Devanir apóia, diz que se está com fome e vai num supermercado e rouba um pacote de bolacha é preso por causa de bolacha: *se pedir alguém te dá, é só chegar e explicar a situação.* E quando ninguém dá? provoco. *Aí vai em frente,* ele responde. Paulo lembra que em Florianópolis passaram fome e apenas na rodoviária um rapaz lhes deu um resto de comida. Decidiram ir embora da cidade com destino a Curitiba porque lá ele *conhece tudo.*

Nem sempre é assim. Em outra cidade, Devanir foi a uma igreja, o padre tirou os sapatos do próprio pé e os deu a ele, além de uma passagem para ir a Santos. Paulo fala sobre sua fome novamente e eu lhes repasso a informação que padre E. me dera: indico a casa de Dona A. para uma refeição mais substancial. Eles respondem que já estiveram lá, mas ela não dava comida, apenas roupas, sendo que cada um ganhou uma calça.

Paulo conta que em Santos foi na casa de Pelé pedir-lhe dinheiro para uma passagem e ele o atendeu no portão, dizendo que não dava dinheiro para ninguém. Apelou para seu sentimento de solidariedade: *nós somos tudo santista, Pelé.* Depois lembrou-lhe que a mãe dele fora vizinha de sua avó, como forma de estabelecer um vínculo que os unisse e assim mostrar que não era um “completo desconhecido”. Tudo inútil. Agradeceu ao ex-jogador, disse “*tudo bem*” resignadamente para demonstrar de forma indireta sua decepção e foi-se embora.

Algumas vezes este encontro dos viajantes com os sedentários pode ser perigoso, como mostra Plácido:

Tomemo um corridão numa casa véia, que tinha uma casa véia na estrada, fechada. Arrombemo a casa lá, não tinha nada dentro da casa, arrombemo a casa e fiquemo dentro da casa e ..., só pa posá. Não tinha nada, tava abandonada. Chegô o cara lá com uma bruta duma espingarda, um caboco, botô tudo nós pa corrê. (...). “É seus vagabundo, vão trabaia seus..., corja de maconheiro, seus bêbado, aqui na minha fazenda não quero ninguém”. Nós, ó, descascamo atrás e tiro.

Mesmo com os nem tão sedentários algumas dificuldades podem aparecer neste “relacionamento”, continua Plácido:

Então cê vê as passage da gente que anda por aí, vê cada acidente, acidente de ônibus, acidente de coisa; a gente memo já escapô de carro pegá nós no meio da estrada, que tem muitos motorista que não gosto de TRECHEIRO. Ele não gosta por causa de quê? Já aconteceu coisas com ele por causa do trecho, pelo trecho. A gente tá andando, tem motorista que tem tanta raiva do TRECHEIRO que se ele pudé passá por cima ele passa. Que nem nós, às vez a gente sempre se jogava da rua pra baixo pa não morrê.

O cara enfia o caminhão por cima.

Porque de certo alguma coisa aconteceu com ele. Alguma coisa os TRECHEIRO fizeram pra ele. Porque não é todo mundo que têm raiva, têm motorista que qué bem os TRECHEIRO, que os TRECHEIRO muitas vez ajuda. Que nem, nós já cansemo de ajudá motorista na estrada aí, tudo quanto é tipo, carga caída nós ajeitava. Com TRECHEIRO é assim, procura sempre fazê o bem.

O mesmo entrevistado, que em outro momento⁸ distingue dois tipos básicos de TRECHEIRO, apoia-se mais uma vez nesta distinção que une um aspecto moral a outro temporal, para explicar esta relação por vezes conflituosa entre TRECHEIROS e sedentários:

Primeiro era gostoso, cê andava, cê ia, não tinha problema nenhum, não tinha essa bandidaiage que existe, existia mais na cidade grande. Não se via essa gentarada andando pra cima e pra baixo, era assim, e nós era tratado como viajante, não era TRECHEIRO. Hoje em dia é mindingo, é indigente, é vagabundo, é tudo. Naquele tempo não: "os viajante tão indo ". Então nós era bem recebido naquela época. Agora hoje Deus o livre chegá numa casa que eles fecho a porta e sai com o cachorro.

E assim nós ia indo que hoje em dia pa chegá numa casa, Nossa Senhora, tem que tê uma certa educação, um certo jeito pa chegá. Por mais que cê tenha educação hoje em dia, você chega numa casa, bate no portão, aí tem que conversá com o dono da casa. Mas hoje em dia cê bate no portão que eles vê que cê tá com uma mochila nas

⁸ Conforme seu depoimento na primeira parte deste capítulo.

costa, eles lá da casa memo: “pode í embora que não tem nada, some daqui, (senão) vamo chamá a polícia”. É assim! Agora tem muita gente, os TRECHEIRO de hoje é que nem vendedor, sabe. Ele insiste, ele teima: “não tem!” “ Não, eu quero conversá com a senhora.” E o trecho, de primero, não existia esse tipo de coisa. Saía o dono da casa, saía mulher, saía criança, saía o avô, avó, tudo lá no portão pra sabê o que nós queria: “Não, pode entrá aí pa dentro, entra aí, senta aí”, lá vinha chimarrão, nós tomava chimarrão com o dono da casa, dentro da casa do home. Hoje em dia cê não passa o portão e têm que ficá longe do portão ainda. Que não é assim mais a coisa.

Devanir dá exemplos de que nem sempre a relação com os caminhoneiros se passa da maneira indicada por Plácido. Quando estava a caminho de Belo Horizonte, antes de chegar àquela cidade foi tomar um banho de rio e ao pular na água cortou o dedo do pé numa pedra. Pensou consigo: *não posso parar*, e seguiu no trecho. Em seguida ouviu uma buzina atrás de si. Um caminhoneiro, vendo-o machucado, ofereceu-lhe uma carona até Belo Horizonte, pagou-lhe um café com bolo e, ao deixa-lo na entrada da cidade, ainda deu um passe de ônibus para que fosse até o centro. Lá procurou a Assistência Social e foi encaminhado a um albergue onde ficou por quinze dias.

Outro dia conseguiu acharcar algum dinheiro e comprou três litros de pinga. Bêbado, reuniu coragem para *sair arrepiando todo mundo* e pôde juntar dinheiro suficiente para viajar de ônibus até São Paulo. Antes de fazê-lo, porém, refletiu: *se comprar a passagem vou ficar duro. Vou de a pé mesmo*. Na saída da cidade encontrou um caminhão parado com problemas mecânicos. Pediu uma carona e o motorista disse-lhe que ia para Santo Amaro, no entanto ele teria que esperar consertar o caminhão. Devanir preferiu seguir em frente e, já era noite, bêbado, escutou buzinar as suas costas: *era o caminhão do negão!* Este também, além de dar-lhe a carona, pagou almoço, café e cerveja.

A vida no trecho parece poder acionar, vez por outra, uma rede de solidariedades que funciona à base de uma dinâmica da reciprocidade.

Na estrada um TRECHEIRO dá uma idéia da auto-regulação de seu comportamento como forma de sobreviver com segurança no trecho. Pergunto-lhe se sofre algum tipo de discriminação. *Não*, responde. *Sou bem recebido em todo lugar. Mesmo porque, não adianta fazer maldade pra alguém aqui que lá alguém vai te fazer*

mal também. Eu não faço mal a ninguém, não mexo no que é dos outros. Acho mais bonito pedir pratinho de comida do que mexer no que é dos outros.

Há, claro, a necessidade da afirmação de sua honestidade diante do pesquisador que, para ele, é um estranho e de quem tem dúvida sobre os verdadeiros objetivos da conversa, afastando de si possíveis suspeitas. A afirmação de insuspeição é elemento sempre presente nos encontros, uma vez que eles sabem que estão postos neste lugar *a priori*. O domínio do código moral permite prevenir-se contra eventuais agressões. Outros TRECHEIROS também responderam com a mesma afirmação quando da minha aproximação para a entrevista: “não mexo no que é dos outros, por isso posso falar sem problemas”, ouvi freqüentemente.

Baixinho é um PARDAL que eventualmente percorre o trecho. Está deprimido quando o encontro no Largo da Alfândega com King e a Tia. Ansioso pela falta de álcool, aguarda impaciente o retorno de Cigano e Luís que saíram para comprar um tubo; angustiado pela perspectiva trágica que têm de seu futuro - contaminado pelo vírus da AIDS -, não sabe o que fazer consigo. Ele me conta que da última vez que andou no trecho, em Novembro do ano passado, conseguiu chegar a Porto Alegre. Até Criciúma foi a pé e lá conseguiu uma passagem com a assistente social para chegar à capital gaúcha. Passou três meses na cidade e depois seguiram, ele e um companheiro, para São Leopoldo e Vacaria onde aconteceu um fato que relata e ilustra um tratamento possível de ser recebido de uma desconhecida.

Em Vacaria (RS) foram pedir dinheiro para uma mulher na rua. "Explicaram" a ela que vinham de Lages e queriam voltar mas não tinham dinheiro para a passagem. Ela lhes deu 300 cruzeiros, mandou-os ir ao posto policial explicar sua situação e pedir auxílio. Obviamente passaram reto pela polícia e foram comprar pinga com o dinheiro. A mulher, chamada Branca, havia lhes dado seu endereço caso precisassem de algo e, acabado o dinheiro, foram procurá-la. Contaram a ela outra história, desta vez que ninguém havia se interessado em ajudá-los. Ela levou-os a um restaurante, deixou-os lá e saiu, dizendo que voltaria depois. Baixinho confessa que teve medo de que ela os deixasse "empenhados" no restaurante mas, depois de comerem bem, ela reapareceu apressada. Pagou a conta e quando saíram um táxi os esperava na porta. Ela então os levou até a rodoviária e pagou-lhes finalmente a passagem para Lages (SC). Menciona sua surpresa pelo tratamento inabitual que receberam. De Lages foram ainda a São Joaquim (SC) e depois Urubici (SC), a cidade onde ele nasceu, parando alguns dias na

casa de sua mãe. No retorno a Florianópolis seu companheiro ficou em Blumenau (SC) e ele seguiu só.

Embora nem tão incomum, o encontro com um “samaritano” é sempre motivo de menção e, de certa maneira, parece reafirmar a crença na solidariedade de ambas as partes. Josué também refere-se aos “samaritanos”: *a pessoa boa sempre tem um samaritano que vê que tá com fome*. Ressalvando a condição necessária para ser beneficiado por algum deles - ser uma *pessoa boa* - põe em tela a ética da reciprocidade.

Quando converso com Josué no pátio de um posto de gasolina, comento com ele que ouvira dizer que no posto S. atendem bem aos TRECHEIROS, porque, certa vez, um deles salvou a vida do dono do posto que se acidentara na estrada e pergunto se isso é verdade. Ele responde:

A última vez que estive lá só ganhei pão com margarina e ainda assim foi difícil. Um cara me contou que um dia um TRECHEIRO chegou lá, ganhou comida e foi sentar pra comer na sombra, perto dos bichos (um viveiro com aves exóticas). No princípio tinha até um barracão pros TRECHEIROS, aí deu muita confusão, até morte deu lá, aí ele acabou com aquilo. Mas um dia esse cara chegou, comeu e não viu que o dono tava lá atrás na casa. Comeu só a carne e o resto do prato jogou no chão. O dono foi direto no restaurante. Antes ele dizia que se visse garçom negar comida pra TRECHEIRO tava na rua. Agora disse o contrário. Mas já disseram pra mim que melhorou, mas não estive lá ainda. No restaurante M. não sei por que não fizeram cagada ainda; também ganha fácil lá. No S., em São Miguel, um TRECHEIRO salvou a vida do dono e ele também não negava mas já fizeram tanta pra ele... Ele dá, mas tem que escutar uma ladainha do tamanho do Rio Grande do Sul.

Tomadas em seu conjunto, as relações da “sociedade abrangente” com os andarilhos estão marcadas por esta acentuada ambigüidade. Se por um lado há concordância maior das pessoas quanto a certo dever em auxiliar os “desfavorecidos”, por outro há o medo de que estes tomem uma proximidade indevida, o que pode significar contaminação, tanto em seu aspecto simbólico, quanto no real das doenças transmissíveis pela aparência de sujeira que carregam; roubo, ou alguma forma de violência, como se, desvinculados de um grupo de referência e não subordinados à autoridade alguma ou código moral, estes sujeitos se permitissem uma entrega

irrefreada aos “instintos”⁹. Capazes de perceber tais atitudes em relação a si, os andarilhos procuram livrar-se destas atribuições restituindo certos valores, em suas palavras e comportamento, que pertencem a um código “tradicional”: apego ao trabalho, honestidade, certa polidez no trato com as pessoas etc. Mas também porque compartilham efetivamente de alguns valores deste código. Daí talvez a crença no esquema da reciprocidade, como se um “grande olho” pairasse sobre todos. Ao mesmo tempo, recolocam seu caráter mais subversivo pela sistemática resistência aos avanços e tentativas de captura nas malhas das instituições normativas.

⁹ Interessante comparar estas concepções contemporâneas relativas aos vagabundos às expressas na literatura européia medieval, objeto de pesquisa de Geremek (1995: pp. 302-307). Em primeiro lugar, tal produção literária dava-se a partir de fontes secundárias e não da observação direta, movida mais pelo interesse por um *mundo diverso e exótico*. Sustentava-se a idéia de que os vagabundos constituíam uma *organização corporativa e hermética*, altamente coesa a ponto de formar um Estado próprio, regulada, no entanto, por valores inversos aos da sociedade “normal”. Formavam uma *anti-sociedade*: *O quadro de uma anticultura comportava uma inversão das principais normas do comportamento*. Por fim, *a psicologia do vagabundo, do mendigo e do delinqüente assumia nas representações literárias formas variáveis*: o mendigo perigoso, a personagem ridícula, objeto de galhofa generalizada e o *homem dirigido pelos outros, privado de personalidade própria, um homem que sucumbia às más influências ou que se deixava levar pelas suas próprias inclinações malignas ...*

COM A CARA NO MUNDO

Llegan como el destino, sin causa, sin razón, sin respeto, sin pretexto... No se entiende cómo han llegado hasta la capital, sin embargo ahí están, y cada mañana diríase que su número aumenta ...

Luc de Heusch (apud Deleuze e Guattari, 1988:361)

Perguntar pelas causas de determinados fenômenos nem sempre é um modo pertinente de abordá-lo e isto parece particularmente verdadeiro em relação às Ciências Humanas onde sujeito e objeto compartilham a mesma natureza e os instrumentos conceituais constroem e limitam as possibilidades de problematização do real.

Ao procurar tratar nesta seção dos motivos que os andarilhos apontam como responsáveis por sua ida para o trecho, o faço atento ao modo de constituição destas histórias como forma de o entrevistado conferir inteligibilidade a elas. Por um lado, trata-se de uma “fábula” onde se agregam os elementos disponíveis à compreensão que lhes fornece plausibilidade e, por que não, de onde é possível extrair um “ensinamento”. Incapazes de perceber todas as variáveis presentes no fato em si, os sujeitos articulam, no entanto, possibilidades causais múltiplas. O que parece haver é, na verdade, uma sobredeterminação de fatores que escapam ao entendimento dos

sujeitos, sendo destacados aqueles que fazem mais sentido. Estes fatores pontuais nas trajetórias existenciais dos sujeitos formam, vistos retrospectivamente, uma “deriva vertical” - em contraste com a “horizontal” que seria atualizada pelos deslocamentos espaciais-existenciais presentes e passados - e que fornecem uma idéia da dificuldade em se estabelecer rigidamente explicações causais para o fenômeno. Do mesmo modo, demonstram a concorrência relativamente casual da união de certos elementos que levam ao trecho e às derivas marginais de modo geral, tornando imprevisível sua ação na determinação da trajetória desviante.

Por outro lado, aponta para a dificuldade inerente à noção de “carreira moral” se com ela pretende-se configurar seqüências fixas que apreendem o sujeito gradualmente nas redes da marginalidade. Antes, trata-se de considerar as trajetórias como **derivadas marginais**, isto é, como um movimento gradual e não consciente, não pré-determinado estruturalmente, onde há a ocorrência do acaso e do imprevisível e, portanto, também difícil de determinar a partir de um sistema teórico de referência, onde os sujeitos oscilam entre o comportamento desviante e o dito “normal”, uma vez que entre um e outro interpõe-se uma fronteira porosa e não uma oposição rigorosa e permanente (Perlongher, 1987).

Um exemplo destas trajetórias marcadas pelo acaso fornece um TRECHEIRO que encontro quando saia da estrada, no município de Palhoça. Identifico-o pelas costas: a cabeça coberta por uma touca multicolorida sob a qual, pelo volume, adivinho uma vasta cabeleira contida pela trama dos fios de linha; o galo que abriga seus pertences, uma mochila de brim desbotado com um cobertor enrolado por cima e uma simpática sombrinha florida pendurada. Ele entra em direção a Santo Amaro e eu o sigo. Atravessamos uma pequena ponte e só então o abordo. Pergunto a ele de onde vem: de *Cascavel*, responde e continua a caminhar sem parar para a conversa. Eu o acompanho e enquanto caminhamos em ritmo acelerado e contínuo vamos trocando perguntas e respostas. Já é noite e de dentro dos bares vejo a silhueta de alguns curiosos que se erguem e vêm até a porta para nos ver passar, assim como somos seguidos com o olhar pelas pessoas com quem cruzamos na rua :

-Está indo para onde?

-*Não tenho rumo, vou andando.*

-Por que está no trecho?

-*Arruinou e aí a saída foi vir para o trecho.*

Considera que nunca teve parada na vida, está desempregado e não consegue trabalho em lugar nenhum. A "saida" é justamente a oportunidade de arranjar um trabalho e assim poder parar em algum lugar. Indago sobre sua família e ele me diz que nunca teve uma, pois foi abandonado pelos pais quando pequeno. Morava nos alojamentos das fazendas onde trabalhava e foi crescendo nelas. Trabalhou principalmente em lavoura de soja e chegou a ser operador de máquinas. Ficou 5 anos em uma fazenda, três em outra e assim sucessivamente. Nasceu em Cuiabá (MT) e ao contar sobre como foi para o trecho dá a impressão de ter sido assim um mero acaso, uma distração: depois que perdeu o último emprego foi de uma fazenda a outra pelo Mato Grosso pedindo serviço. Diziam que não havia vaga, mas que em outra, mais adiante, poderia ser que conseguisse. E ele ia até o local indicado onde a situação se repetia. Quando viu tinha andado um trecho, estava com *a cara no mundo*. Há dois anos que está andando e hoje desistiu de pedir trabalho, vive no trecho pedindo coisas aqui e ali para sobreviver e quando não dão, toma. Em sua opinião as pessoas vão para o trecho em razão do desemprego, condição que ele percebe como sendo a sua.

Outra classe de motivos são aqueles não admitidos imediatamente, assimilados mais por uma tentativa de controle consciente das informações a seu respeito - como contra-ofensiva à manipulação do estigma¹ - do que uma impossibilidade de relacionar certos acontecimentos à sua condição, como parece ser o primeiro caso, e que aparece nos discursos dos PARDAIS, por exemplo, aos pedaços, possível de perceber em função do contato contínuo na pesquisa etnográfica quando os motivos apresentados eram gradualmente modificados à medida que o relacionamento com o pesquisador ganhava maior proximidade. Assim, em alguns casos, o que aparecia de início como uma desilusão amorosa ou um conflito familiar insolúvel era agregado posteriormente à admissão de um delito grave. Ou nada disso, apenas o "crime" do desejo de viver sem compromissos e sem patrão, a necessidade de apagar os rastros de sua existência e a vontade de "ser vagabundo". Nestas situações a alegação de que sua condição é consequência de um conflito familiar parece figurar como uma razão plausível, talvez inquestionável, e que dirime as possíveis suspeitas de quem lhes interpela: por que vive desta maneira?

⇒ O que é possível observar nestes casos é uma narrativa que busca dar conta de certa legitimação de sua condição; o sujeito surge inicialmente como alguém que sofre

¹ Goffmann (1980) refere-se ao acobertamento e encobrimento do estigma como tentativa de controlar seus efeitos.

uma ação, deslocando para outros sujeitos ou circunstâncias a responsabilidade por estar no trecho. Aparece aí como uma vítima: da traição da esposa ou do sócio com quem mantinha um negócio rentável, da cobiça dos irmãos, do destino que interpôs uma tragédia no caminho de sua felicidade. Em outros momentos pode então revelar-se como agente, quando a vida de TRECHEIRO ou PARDAL aparece reconhecidamente como decorrente de certos atos seus.

Em frente à rodoviária de Florianópolis, um casal trabalha como guardadores de carros. Enquanto eu e Vilson conversamos com os outros guardadores, curioso com a nossa presença, Francisco vem nos abordar tentando descobrir a finalidade de nossas perguntas. Falastrão, com uma voz rouca e muito forçada, ele procura nos agradar constantemente. Iolanda é mais distante. Ouve nossas conversas e não diz nada, caminhando de um lado a outro, cobrando dos motoristas que vêm retirar seus carros do estacionamento. Este e outros encontros com o casal culminaram num almoço, meses depois, em sua casa: um abrigo sob um viaduto na parte continental da cidade. Na cabeceira superior, imediatamente sob o piso do viaduto, a terra acumulada forma um platô onde o casal se instalara há cinco anos². Nestes sucessivos encontros Francisco apresentou-nos diferentes versões sobre sua história e os motivos que o levaram a sua situação atual. De início contara que vivia em Lages e era músico quando conheceu Iolanda e se apaixonou por ela. Porém, a profissão requeria que ele passasse muito tempo fora de casa, principalmente a noite, o que fez com que Iolanda lhe exigisse uma decisão: ou ela, ou a vida boêmia. Optou pela primeira e por isso deixou aquela cidade, seu trabalho, e veio para Florianópolis. Durante o almoço em sua casa ele nos conta que cumprira pena em Lages por furto e pelo assassinato de uma pessoa e mesmo depois de liberado prosseguiu com aquelas atividades. Relata vários episódios cômicos: o furto de uma bicicleta de um policial e de como foi preso por ele depois de persegui-lo pelas ruas ao reconhecer sua propriedade; o furto de um jogo completo de ferramentas de carpinteiro de um edifício em construção e de como saiu de lá, capacete na cabeça e as ferramentas penduradas a cingir-lhe a cintura num cinturão de couro, como se fosse o profissional; o roubo de um caminhão carregado com caixas de uísque e de como foi cinematograficamente perseguido pelos carros da polícia, até ser preso depois de uma troca de tiros em que seu companheiro acabou morto. Para deixar “esfriar” o clima

² Uma descrição mais detalhada do local encontra-se no item **A Vida no Trecho**, sub-item *Mocó*, neste capítulo.

naquela cidade fugiu para Florianópolis, uma vez que era muito conhecido pela polícia que, volta e meia, o prendia só para amedrontá-lo. Ficou ainda com um processo em andamento lá e pena por cumprir, mas acredita que já tenha caducado. Por via das dúvidas, não tem ido a Lages para evitar ser reconhecido. Ficou feliz quando soube da morte de um outro lageano que foi assassinado sob a ponte Hercílio Luz e que foi confundido com ele em sua cidade, dando-o então como morto. Quanto a Iolanda, conheceu-a quando ela trabalhava num prostíbulo e resolveu largar aquela vida para segui-lo. Acerca da família, Francisco revela que é filho adotivo e que não recebe nenhum tipo de ajuda da mãe; ao contrário, ela mesma já o entregou à polícia uma vez quando ele tentava esconder-se em sua casa, fato que relata com ressentimento.

Situação semelhante relata Baixinho, com quem conversei no Largo da Alfândega, que, reflexivo, me diz que precisa tratar da saúde e que o ideal seria ir para a casa da mãe mas, ao mesmo tempo, não consegue ficar lá. Acostumou-se com a rua e agora não agüenta muito tempo numa casa. Eventualmente procura a família e a mãe, mesmo sendo crente, dá dinheiro para as irmãs comprarem pinga para ele. Lá tem de tudo mas, repete, não consegue ficar. Peço que me explique por quê. Diz que o problema é o seguinte: é filho adotivo e depois que descobriu este fato nunca mais conseguiu ficar com eles. Eles não são sua família e por isso prefere as ruas. Não conheceu sua mãe verdadeira, nem o pai, e agora nem quer conhecer mesmo, principalmente o pai de quem diz não querer nem saber quem é. Além destas dificuldades com a família, ele teve também problemas com a lei por ter matado uma antiga namorada, revela-me em um outro dia, quando conversamos num princípio de tarde quente e preguiçosa sob a sombra de uma árvore no aterro da baía sul, em meio aos corpos sonolentos do restante do grupo espalhados a nossa volta. Depois de cumprir pena um período, quando matou um outro sentenciado por ter sido desafiado, conseguiu fugir auxiliado pela mãe enquanto estava em sistema de condicional e precisava apenas dormir no presídio. Esta, mesmo rejeitada pelo filho, levava comida diariamente na prisão para ele, tendo mudado de cidade para poder fazê-lo, sendo que Baixinho ameaçou nunca mais vê-la, caso não concordasse em ajudá-lo.

Num dia agitado, depois de termos sido expulsos da Praça XV pela polícia, sento com os PARDAIS para descansar e conversar na sombra de um casario no Largo da Alfândega. Acordados, restamos apenas eu e Galego, enquanto os outros deitam-se espalhados pela calçada, tentando manter-se protegidos do sol intenso do meio-dia. O

movimento dos transeuntes diminui sensivelmente. O calor demasiado, a inconsciência dos que dormem alcoolizados, o caminhar arrastado dos que passam por nós imprime uma “densidade” ao lugar e a tudo o que nos envolve e que parece brotar do pavimento, atraindo a todos pela força da gravidade.

Galego é um paranaense com longos cabelos louros, musculoso e atarracado. Aos poucos ele vai contando sua história: nasceu em Curitiba, mas vivia com a mãe e um irmão em União da Vitória, onde aquela ainda permanece. Viviam bem, todos trabalhando e dividindo as tarefas domésticas, das quais ele procurava fugir como pudesse. Certo dia um sujeito que trabalhava como **gato** ofereceu trabalho a ele e ao irmão numa obra da companhia de saneamento do Paraná, em Curitiba. Prometeu-lhes que ganhariam muito dinheiro, conseguindo convencer os dois irmãos a acompanhá-lo. Entretanto, depois de um bom período de trabalho sem receber nada, o **gato** desapareceu, deixando-os sem dinheiro. Persuadidos por seus companheiros na mesma situação e por acreditarem *que não se deve andar para trás*, isto é, fazer o caminho de volta para casa, desceram para o litoral paranaense, trabalhando em construção civil, vindo aos poucos até Santa Catarina. Em Balneário Camboriú aconteceu-lhe a desgraça: seu irmão foi atropelado na BR-101 e depois de um período internado no hospital de Itajaí foi transferido para Florianópolis onde morreu. Galego culpa o pessoal do hospital por sua morte, pois acredita que se não fosse pobre seu irmão teria sido melhor atendido. Suspeita ainda que tenham desligado os aparelhos que o mantinham vivo. De qualquer modo, a morte do irmão criou-lhe mais um impedimento para voltar à casa da mãe, alegando não ter coragem de encará-la com uma notícia como essa. Além disso, responsabiliza-se pelo ocorrido, demonstrando dramaticamente uma dor que, penso comigo, deixa transparecer uma certa teatralidade, uma encenação de revolta e um choro sem lágrimas que procura mostrar e ocultar ao mesmo tempo com as mãos.

Mais tarde neste mesmo dia, na Praça Getúlio Vargas, ele vai sugerir que teve que deixar a sua cidade por ter se envolvido em uma **parada**, mas não me contaria o que era por não saber, na verdade, quem eu sou e o que quero dele com aquela conversa. Acrescenta, como uma observação fortuita, que nos quadros da Polícia Federal já existem agentes com 17 ou 18 anos. Faço uma expressão de assombro e pergunto-lhe como pode.

⇒ O trecho pode configurar, assim, uma forma de escapar também do enredamento involuntário em circuitos marginais dominados pelas instituições do crime organizado, nos quais a própria polícia é parte integrante e onde a violência pode ser considerada

excessiva. Sendo pobres, diante da força policial, tanto faz ser “trabalhador” ou “bandido”, o tratamento, por vezes, pode ser o mesmo (Zaluar, 1994b). Assim, os andarilhos não evitam apenas a “lei e a ordem” das instituições normativas da sociedade, mas também a tomar parte na “engrenagem” da criminalidade:

Uma engrenagem que vincula o bandido pobre a certos policiais pela corrupção, que o aprisiona à quadrilha pela lealdade devida, que o submete à hierarquia da organização, que o usa como condenado sem julgamento e como bode expiatório e que o faz pagar com sua própria morte os crimes dessa gigantesca rede organizada, a qual ele próprio desconhece, deixando os poderosos chefes impunes. (Zaluar, 1994b: 12)

A maneira de “máquinas de guerra”, TRECHEIROS e PARDAIS rompem seus laços institucionais (como “máquinas de guerra”, desfazem o laço e traem o pacto, simultaneamente), entregando-se ou sendo arrebatados pelos fluxos de desejo que os assaltam e carregam para longe, tanto do familiarismo que impõe a repetição cotidiana de cenas e queixas, quanto das redes do crime organizado: a falta de compreensão dos outros de suas necessidades, as sanções sofridas pelo hábito de beber em demasia, a apreensão restritiva pelo mundo do trabalho, onde ocupariam posição subalterna e que nada de concreto e imediato parece oferecer a não ser a desvantagem de viver sob a disciplina dos horários e dos gestos automáticos das linhas de produção; de ser “bucha-de-canhão” da delinquência institucionalizada e outros tantos modos de enraizamento do sujeito.

Abolindo os marcos referenciais que circunscrevem territórios relativamente estáveis na vida sedentária (um circuito que se expressa na tríade *casa-família-trabalho*), produzem uma territorialidade que se apóia na constância da desterritorialização e que, ao mesmo tempo, cria um compromisso com esta ao ponto de torná-la um fim em si mesma. Não estabelece novos territórios para deles partir novamente a qualquer momento, mas fixa-se na mobilidade. De certo modo aproxima-se, pelo oposto, do sedentarismo uma vez que é igualmente incapaz de encarar as descontinuidades e frustrações postas para quem está vivo e guia-se também por uma vontade de absoluto, como aparece exemplarmente no caso dos filhos adotivos que,

diante da descoberta de sua ilegitimidade, negam-se a continuar no mesmo lugar mobilizados por uma fratura narcísica e saindo em busca de um lugar mítico: a “terra sem mal”³; paradoxalmente, à procura de um lugar entre os sem-lugar. Transformam-se neste ponto em *máquina celibatária*.

Na Praça XV, passando sob a figueira depois do almoço, vejo de relance uma figura sentada em um dos bancos. A barba comprida e duas sacolas, uma em cada lado; uma expressão contemplativa no rosto, de quem não tem horário ou compromisso; vestindo uma camiseta com gola de um azul claro e uma calça bege muito desbotada e amassada. Está lá, sentado sobre o momento presente, pernas cruzadas, um braço estendido sobre o encosto do banco, fitando algo distante dentro de si-mesmo.

A cidade rescende a feriado devido à greve dos motoristas de ônibus. Poucas pessoas circulam pelas ruas, embora os habituais freqüentadores da praça, em sua maioria senhores aposentados, ocupem todos os bancos em torno da árvore centenária. Isto me serve de pretexto para pedir-lhe, com ar casual, um lugar a seu lado e ele, solicitamente, afasta uma das sacolas para que eu me sente. aguardo um breve tempo em silêncio até lhe perguntar de chofre se está no trecho. Responde enigmático estar *fazendo de conta que está passeando*. Diante da evasiva, insisto em saber se vem de longe. Conta que vem de Sombrio (SC), mas antes estava em Torres (RS), vindo então para Florianópolis, onde chegou há dois dias. Falo então de meus propósitos como pesquisador e em seguida ele se apresenta formalmente, estende a mão para um cumprimento e trocamos nossos nomes. Percebo nele uma disposição positiva para comigo e, ao mesmo tempo, uma preocupação em mostrar-se polido, escolhendo com cuidado as palavras, procurando ser preciso e cordial ao falar.

Pergunto-lhe se está há muito no trecho. Diz que desde os doze anos de idade quando deixou a casa dos pais para trabalhar em uma reflorestadora em Ponta Grossa. A família era grande e pobre, oito filhos ao todo, tendo o encarregado da empresa, amigo de seu pai, oferecido-lhe o emprego e, com a permissão deste, levou-o para o campo de trabalho. Só retornou a casa da família com dezoito anos. Saiu novamente dizendo-se magoado com ela por ter dado preferência a uma certa pessoa que o persegue por onde quer que vá e que é *conhecido e amigo dos homossexuais da Polícia Federal* e, por isso, tem grande influência naquela instituição. Com este poder foi capaz

³ A expressão é usada por Clastres (1988) referente aos mitos mbya-guarani. Adoto-a aqui sem, no entanto, assumir as demais implicações presentes na organização social daquele grupo indígena, dadas as evidentes diferenças entre as sociedades enfocadas.

de prejudicá-lo ao ponto de fazê-lo viver nas ruas como um mendigo e todo o *valor* que investiu na *casa*, fruto de seu trabalho, não conseguiu reaver. Ficou guardado por uma prostituta, junto com uma arma em uma mala. Também esta prostituta, igualmente membro da Polícia Federal, o persegue por todos os lados não tendo, porém, o mesmo poder destrutivo que tem o outro, chamado *Branco*. Este surgiu em sua vida quando ele estava em São Paulo e recebeu um folheto de propaganda de uma mãe-de-santo. Foi vê-la e esta lhe disse que tinha como guia uma Pomba-Gira, portanto deveria observar algumas restrições como, por exemplo, abster-se de carne vermelha e de mulheres. No entanto, ele ignorou as prescrições e continuou a fazer tudo como sempre fizera. Estabelece uma ligação entre esta consulta à mãe-de-santo e o aparecimento de Branco, embora não explicitamente.

Para seu desespero o sujeito continua a praticar atos criminosos e colocar a culpa nele, pois Branco tem o poder de fazer-se passar por ele desde que conseguiu roubar seus documentos às custas de uma operação complexa que faz questão de contar.

José Aílton ia de São Paulo a Porto Alegre quando parou em um bar na estrada próximo a Curitiba. Ali conheceu outro andarilho que procurava por ele porque queria companhia para **correr o trecho** e, tendo se acertado, seguiram juntos. No caminho pediram comida em uma casa e a dona deu-lhes pão e uma garrafa de vidro com café. Mais adiante pararam para descansar a beira de um rio e seu companheiro, aproveitando-se de sua distração, acertou-o com a garrafa na nuca, mostrando-me em seguida as cicatrizes. Travaram uma luta corporal em meio a qual seu agressor lhe disse não gostar dele, sentimento também compartilhado por outras pessoas em Curitiba. Zé Aílton conseguiu desvencilhar-se do oponente atirando-se no rio e sendo arrastado pela correnteza até um ponto mais abaixo, de onde saiu e retornou à estrada. Ao longe via seu ex-companheiro segurando em uma das mãos a sacola com seus pertences - incluindo os documentos - e na outra, o gargalo quebrado da garrafa que lhe mostrava provocativamente, desafiando-o a vir buscar suas coisas. Seguiu então até um posto de gasolina onde conseguiu que o levassem para um hospital em Curitiba, pois o ferimento sangrava muito. Por sua vez, o Branco, sabendo do ocorrido, matou seu agressor, apossou-se de suas coisas e assim adquiriu esta capacidade de ser confundido com ele

Como Branco, Paranazão é um outro seu perseguidor, membro da Polícia Civil. É este o responsável por Zé Aílton estar *trabalhando* nas ruas como mendigo, no meio da marginalidade. Também é ele que o impede de receber o dinheiro ao qual faz jus pelo trabalho que realiza como policial e por andar desarmado, dois fatores

reconhecidos como de muito peso em sua vida. Reclama da falta de uma arma, pois já enfrentou muitas **paradas** que a Polícia Federal não conseguiu resolver, *derrubando muita gente importante* que hoje gostaria de vê-lo morto. Relembra o caso de uma quadrilha especializada no furto de carros que ele mesmo *derrubou* na fronteira com a Bolívia. Fala ainda de uma mala repleta de ouro e prata, *valores* que por direito lhe pertencem e que estão guardados com a prostituta.

Procuro saber por que, afinal, Branco o persegue de tal maneira. Responde-me que é porque ele, Zé Aílton, é um *homem positivo*, heterossexual, enquanto Branco é *negativo*, um *homossexual*, e seu intento ao persegui-lo é justamente para poder inverter os papéis, tomando-lhe a positividade de sua masculinidade.

Imerso na radicalidade de seu “devaneio”, José Aílton carrega consigo, onde quer que vá, a inscrição de uma lei que, gravada em seu corpo, o põe a deambular movido pelo fantasma que o persegue. Se com ele apreendemos a importância do imaginário nas derivas dos TRECHEIROS é porque aqui este elemento torna-se evidenciado pela improbabilidade da narrativa diante da racionalidade com a qual nos conformamos, mas que está presente também nas histórias que podem nos parecer mais “normais”. Afinal, nem todos os que têm conflitos familiares ou dificuldades de ordem econômica tornam-se andarilhos ou procuram resolver seus problemas deste modo, o que revela a necessidade de considerarmos outros elementos que escapam a esta restrita objetividade.

O depoimento seguinte reafirma esta idéia de colagem dos elementos do real aos do imaginário em um registro que, a primeira vista, não pareceria tão “delirante” quanto o anterior.

Luis ou Catarina, como se identifica, anda com a família - sua companheira Bia e um casal de crianças - acampando nos locais que encontra disponíveis. Diz que está no **trecho** porque não consegue um emprego e que entende tudo de sítio. Considera que a dificuldade em conseguir trabalho se deve ao fato de não ser conhecido por ali e não ter parentes para ajudá-los, dar referência sobre eles.

Sobre seu passado diz que já foi bem de vida, teve casa, terreno e carro. *Perdi tudo!* admite. Hoje só quer trabalhar, ter suas coisas novamente. Lembra que quando ele e a família chegaram em Forquilhaínas foram morar na favela do Morro do Avaí, armando lá sua barraca. Em pouco tempo foram roubados, algumas calças do varal e

outros objetos. Concluiu que não poderia viver no meio de vagabundo e por isso se transferiram para o trevo na estrada que dá acesso à cidade. Depois de acampados, o prefeito veio dizer-lhe que daria um terreno e uma casa para morarem no mesmo local onde tinham estado. Luis recusou a oferta, argumentando que não iria morar em favela *onde só tem ladrão*, uma vez que ele não é um deles e, portanto, não poderia viver num meio em que, para sobreviver, tivesse que se tornar um ladrão também. Além disso, saiu da favela ameaçado de morte, pegou sua barraca e foi para o trevo. Com a insistência do prefeito, deixaram também este local e vieram parar em outro ponto da rodovia. Pergunto-lhe há quanto tempo está no trecho. Diz que há quatro anos e que não era para estar assim pois tinha muitas coisas: terreno em Criciúma, outro em Itapema, carro, carrinhos de cachorro-quente etc. "Surpreso", pergunto a ele o que aconteceu para perder tudo. Conta o que demarca agora como a principal causa de seu sofrimento.

Trabalhava em Criciúma, numa mina de carvão. Vivia com seus pais e por isso não gastava seu dinheiro, guardando-o numa poupança e pedindo dinheiro a eles quando precisava. Escondia deles que recebia o salário e que tinha economias, respondendo, quando questionado a respeito, que a firma não havia liberado o pagamento, que o patrão os estava *enrolando*. A mãe ameaçou botá-lo para fora de casa, pois achava que ele gastava tudo *na farrá com mulher*. Ele então resolveu revelar seu segredo mostrando a ela seu saldo bancário. Com o dinheiro comprou um terreno com uma casa ao lado de onde ela morava e um outro terreno na praia. Tempos depois o pai morreu e ele foi trabalhar em Joinville numa grande indústria. A mãe chamou-o e disse que estava com vontade de mudar-se para Lages, convidando-o a vender suas propriedades e ir com ela e, àquela altura, seu segundo marido e futuro padrasto, ou *capanga*, como a ele se refere Catarina. Sugeriram que ele passasse os terrenos para o nome da mãe que os venderia todos juntos, poupando trabalho a Luis que morava em outra cidade. Ele concordou e fez como proposto. No entanto, diferentemente do que lhe disseram, depois das propriedades vendidas, compraram outra em Tubarão. Ele ainda foi pedir-lhes permissão para construir uma casa para si em uma parte do terreno e a mãe respondeu-lhe que quem mandava agora era o padrasto. Este, claro, negou-se a atender o pedido. Disse ainda que ele não tinha direito nenhum ali e que devia seguir seu caminho. Desta maneira ficou sem nada. A mãe ainda *boiou um centro de Saravá* e uma casa de mulher naquela propriedade. Anos depois foi a uma benzedeira que lhe disse que a mãe havia posto o nome dele no cemitério, um *Exu-Andarilho* em cima dele e uma Pomba-Gira na sua mulher para que vivessem assim o resto da vida. Confessa

que realmente eles brigavam muito, a polícia aparecia sempre no seu barraco, e só melhorou depois que a benzedeira que consultou falou estas coisas sobre a vida dele e desfez o *trabalho* da mãe.

Quer comprovar-me o que diz e convida para olhar algumas fotos que traz em meio a seus pertences. Vai pegar uma mala de onde tira muitas roupas e, procurando entre elas, comenta que tem roupas boas, mas não as usa porque, nas condições em que vive, estragariam rapidamente. Consegue finalmente achar o que procurava, tira da mala uma pequena caixa de papelão e mostra-me um livro de simpatias que ganhou em Curitiba. Exibe as fotos: uma que tirou quando trabalhava num sítio, com a mulher e a filha; outra, no depósito de ferro-velho e papelão que tinha em Itapema, onde aparece com dois empregados, um deles seu compadre que *não fazia nada* mas que, em função do compadrio, não podia mandar embora. O negócio faliu porque precisou custear um tratamento de saúde para a filha.

Cigano conta que já percorreu 32 *estados brasileiros*, mais Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Chile e Colômbia. Está há 12 anos na estrada. Tudo começou quando descobriu que era filho adotivo, aos 12 anos de idade, e ficou revoltado com a família. Foi morar com a irmã mais velha que o criou e considera como mãe, posto que não dava mais certo viver com a família. Muito tempo depois, quando trabalhava como caminhoneiro, levou uma carga até São Paulo e voltou de lá com outra de iogurte até Porto Alegre. Ao entrar na cidade atropelou uma mulher grávida que atravessava um semáforo. Ela morreu e também o filho que gestava. Diz que nunca mais se recuperou deste acidente, deixou os filhos com os avós e saiu pelo mundo com a mulher. Acredita que o que faz as pessoas irem para o trecho é um sentimento que carregam: *um filho que brigou com o pai, um marido corneado*. Todos, como ele, trazem *um sentimento*. Relata sobre um seu companheiro de estrada que encontrou próximo de Florianópolis em estado lamentável. Ele queria ir para Curitiba, mas não tinha mais condições de andar. Tratou dele e praticamente o arrastou àquela cidade. Chegando lá, quando passavam em frente a uma mansão seu companheiro disse: “vou entrar aqui”. Ele assustou-se ao ver que, na verdade, a casa era dele e descobriu que se tratava de um médico que foi *corneado* pela mulher e abandonou tudo para andar por uns tempos na estrada. Ficou nesta casa alguns dias, onde foi muito bem tratado e depois voltou para o trecho.

Constantemente mencionada, a ruptura familiar surge invariavelmente como o motivo alegado para a adoção do trecho como forma de "resolução" do conflito entre seus membros. Através dela o sujeito sai, simultaneamente, pela porta da casa e do mundo normatizado, expressando na ruptura com a família a negação da norma social e, por que não, sua "recusa" em participar de relações hierarquizadas nas quais a parte que lhe cabe é entre as camadas inferiores, visto que é daí sua extração de classe.

Quero dizer assim que a ruptura com a família é interpretada e constitui o drama no qual os sujeitos podem expressar a efetuação da quebra de uma contratualidade que tem a família como a outra parte, mas que não se reduz a ela, atingindo outros modos de fixação dos indivíduos. Pode constituir deste modo um (pré) texto que fornece suporte para que o sujeito possa organizar uma explicação - para o outro e para si mesmo - a fim de dar conta deste evento maior que é seu deslindamento das amarras institucionais e justificar sua entrega a esta verdadeira "paixão de abolição" na qual a deriva marginal pode desembocar.

Este drama implica então um rompimento com um conjunto de relações sociais regulares, normatizadas e que constituem um "sistema estável" de interação social, cujo representante privilegiado é a família. A ruptura pode ser manifesta no ou decorrente do não cumprimento de alguma norma vital reguladora da relação entre as partes, isto é, a manifestação de uma dissidência (Turner, 1974). Não parece casual que o drama se expresse em torno da família; antes, põe em relevo a importância central que esta instituição possui enquanto modo de subjetivação, atraindo para seu núcleo até mesmo aqueles que dela se desgarram, mantendo-os ligados por um fio que se distende indefinidamente.

Sob o calor de janeiro, um grupo de PARDAIS - um rapaz e duas mulheres - conversam sentados na calçada à sombra de uma árvore na parte mais baixa da Praça XV. Ao lado, enormes sacos plásticos de lixo recolhido pelos garis são amontoados. A praça, tomada por grupos de turistas e por pessoas que passam apressadas para todos os lados, tem a efervescência festiva dos dias de verão.

Galega ou Xuxa como é conhecida, parecendo mais alta do que realmente é por ser tão magra; o rosto muito vincado que lhe imprime uma aparência de velhice, muito mais do que seus 38 anos poderiam lhe dar; o braço e a perna esquerda que arrasta quando caminha, seqüela de um derrame. Tudo contrastando com a camiseta sem mangas, o shortinho florido, a pequena bolsa que aperta contra si e as sandálias de tiras,

que lhe dão um ar juvenil. Reclama da falta de compreensão da família. Desde muito cedo gostava de beber e a mãe, incomodada pelos hábitos da filha, internou-a contra a vontade na Colônia Sant'Ana para um tratamento. Naquele hospital conheceu outra paciente que lhe pediu entregasse um recado a alguém das ruas quando recebesse alta. Instruída sobre onde procurá-lo, Xuxa encontrou, além da pessoa a quem trazia o recado, bons amigos que de imediato a convidaram a incorporar-se ao grupo. A fraternidade que enfatiza ter encontrado entre os companheiros de rua, em contraste com a *censura* constante de que era alvo entre os familiares, fizeram com que considerasse melhor ficar com eles. Acostumou-se de tal modo que preferiu permanecer ali. Hoje vai à casa da família eventualmente, passa alguns dias lá para descansar e depois retorna. Encontrou também um companheiro, Gê, com quem viveu por oito anos e com quem discute agora a separação, chamando-o de *filho-da-puta* e pondo em dúvida sua honestidade, enquanto conversamos acorados.

Gê reforça o que Xuxa diz. Também culpa a família por censurar seu modo de vida, principalmente quanto a bebida, ainda mais porque eles são crentes e o álcool é proibido dentro de casa. Tem 30 anos, os traços faciais de um índio - que é também o modo como pode ser chamado -, os cabelos lisos e escorridos, o rosto redondo e inchado devido, suponho, à bebida em excesso. Algumas tatuagens espalhadas pelo corpo. Nasceu em Nova Era, Minas Gerais, foi criado pela avó em São Paulo e depois mudou-se com a família para Curitiba. Nesta cidade trabalhava em uma oficina mecânica e estudava num colégio à noite no centro da capital. Certa vez conheceu alguns hippies artesãos que o convidaram para ir a seu *mocó* e daí em diante não voltou mais para casa. Aprendeu com eles o ofício e caiu no trecho, tendo ido já até a Bahia. Quando chegou a Florianópolis resolveu ficar e tornar-se um PARDAL. *É a água daqui, explica, depois que a gente bebe dela, não quer mais sair.*

Nos depoimentos de Gê e Xuxa vê-se uma ruptura que se dá, aparentemente, como mera insurreição contra alguma exigência considerada injusta. Ambos, porém, apóiam sua ação na reivindicação de autonomia, num código que lhes estabelece o direito de auto-determinação e no qual procuram assegurar-se contra a restrição de sua liberdade. Reclamam assim uma certa "cidadania", respeito pela diferença de um funcionamento "próprio", mesmo que este se defina apenas por oposição ao padrão de comportamento exigido. Em certos casos, acontece, literalmente, como uma fuga.

Na esquina da rua Arcipreste Paiva com a Praça Pereira Oliveira, no centro de Florianópolis, há um prédio onde funciona o INSS cuja ampla marquise fornece abrigo nos dias de vento e chuva aos que vivem nas ruas. Também as vagas para estacionamento em frente a calçada permitem ganhar algum trocado sem muito esforço e, surpreendentemente, é um ponto sem “dono”, o que faz dali um local bastante procurado pelos PARDAIS. A vizinhança de um cinema fez com que aquele local fosse assim chamado. É no “cinema” que converso com Fofão, um sujeito bem humorado apesar de fisicamente estar bastante debilitado. Tem grandes bochechas e uma barba aos nós que, penso, lhe forneceram o apelido. Seus olhos mansos piscam vagarosamente, ao ponto de poder acompanhar-lhes o movimento das pálpebras subindo e descendo, enquanto sorri estupefaciado de cachaça. Normalmente pacífico e reservado, ele tem rompantes de valentia quando então cobre-se de elogios e deleita-se num narcisismo imodesto.

Certo dia encontro-o ali, quase sem reconhecê-lo, pois tivera os cabelos e a barba raspados. Diz que esteve internado no hospital e acabara de sair. Com uma expressão descansada no rosto, roe algumas bolachas que trouxera de lá, além das roupas novas. Sento-me ao seu lado e durante nossa conversa pergunto-lhe por que foi para o trecho. Ele conta que trabalhava numa confeitaria no Rio Grande do Sul, onde *mandava mais que o próprio patrão*, além de ser o namorado da filha dele e de usar o seu carro, enquanto aquele andava a pé (está num de seus dias de auto-estima elevada). Ao mesmo tempo, freqüentava boates, *vivia em festas e putaria*. As mulheres iam procurá-lo no trabalho, o que causava ciúmes na namorada para quem ele alegava tratar-se de primas suas. Um dia o patrão chamou-o para conversar e lhe disse que daria tudo o que ele quisesse desde que não magoasse a filha, pois era a única que tinha. Pouco depois a namorada procurou-o e confidenciou que desconfiava estar grávida. Fofão pediu a sua irmã médica que lhe indicasse um profissional de confiança e este lhes confirmou o que apenas suspeitavam. Naquela noite arrumou rapidamente suas coisas e desapareceu da cidade. Percorreu o Rio Grande do Sul e foi até Aparecida do Norte (SP). Mais tarde fixou-se em Florianópolis (SC). Aqui cuidava do estacionamento em frente à rodoviária até que, por acaso, encontrou seus dois irmãos que o reconheceram e tentaram convencê-lo a voltar para casa com eles. Como Fofão se recusasse, os irmãos pediram ajuda da polícia que o levou para o DP da rodoviária. Intimidado, foi convencido a internar-se no Instituto São José onde ficou durante trinta dias e mais um período trabalhando como cabelereiro no hospital. De lá retornou a

Caxias do Sul (RS), onde foi amparado pela família. Tempos depois voltou a Florianópolis (SC) e encontrou seus velhos camaradas na rua. Como possuía muito dinheiro começou a pagar bebida para todos, resistindo no início, mas juntando-se a eles depois, sem condições de parar. Vendeu a jaqueta de couro e o relógio folheado a ouro que tinha para comprar mais bebida e quando também este dinheiro acabou desistiu definitivamente de retornar para casa. Culpa a bebida por sua situação.

Myamura é um nisei muito reservado, que é interno na FREI, tratando-se da dependência do álcool. Fala pouco e demonstra não gostar muito de lembrar sua história:

Quando meus pais morreram fui pra rua; não convivo com meus irmãos, aí comecei a pegar trecho. Estava na rodoviária e a assistente social veio conversar comigo, convidou pra vir pra FREI. Agora estou começando a me recuperar das minhas bebedeiras, quero ver se refaço os documentos e saio daqui com emprego. A mãe faleceu quando eu tinha 22 anos, de barriga d'água depois que voltou do hospital pra casa. Depois disso fui pra São Paulo trabalhar numa fábrica de cerâmica. O pai bebia muito por causa da mãe e faleceu uns tempos depois. Os meus irmãos não me avisaram e quando voltei a minha cunhada é que falou. Mas como? Na semana passada ele tava de cama. Na hora me deu aquele choque, subi pro quarto, ele já tinha morrido. Fiquei uns dias em casa com meu irmão e aí saí. Ficar dependendo do irmão é ruim, larguei de lado e fui pro trecho. Com meu irmão mais velho eu me dou bem, com a cunhada é que não. Se não fosse uma discussão entre nós eu estaria lá até hoje. Num ponto ela tinha razão: eu bebia demais em casa e ela falava "não beba". Não quis seguir o conselho dela. Depois caí na rua, fiquei morando na rua, dormindo debaixo de marquise, em praça, em porta de loja, posto de gasolina. Saí de Curitiba e fui pra Florianópolis, fiquei dois meses lá.

Na sua opinião o motivo que leva as pessoas ao trecho é uma situação semelhante a sua:

O mesmo problema. Deixam a família ou são abandonados pela família. Irmão que abandona irmão, isso faz ir pro trecho. Aos poucos meus irmãos foram se afastando de mim, porque eu bebia demais. Já me deram muitos conselhos também,

mas não seguiu conselho deles. Foram se afastando. Diziam: “para de beber que a gente dá força pra você, arruma um emprego. Se quiser continuar pode continuar, depois quero ver como vai se virar.”

Hoje já dá pra contar [com os irmãos]. Na sexta fui na casa da minha irmã. Ela disse: “qualquer coisa, se quiser minha força, vem aqui na minha casa”. Eu bebia demais e ela me deixou de lado, como bota um saco plástico de lixo. Fui lá e ela falou que eu estava mais gordo, não bebo mais, contei pra ela. Não apronto mais; antes pegava as coisas de dentro de casa e vendia a troco de cachaça, por isso a irmã me abandonou, me deixou de lado. Quero voltar pra família mas com emprego arrumado, pra não precisar esquentar a cabeça comigo. Tem que mostrar alguma coisa pra família, mostrar que chegou onde queria. Agora estou trabalhando, dar satisfação pra eles. Eles dizem: “estamos contentes com você”. Tem que mostrar pra eles que afinal consegui emprego, estou trabalhando e tudo.

Sentados num banco de praça em Biguaçu, numa tarde fria de julho, mas de céu claro, Devanir e Paulo, dois TRECHEIROS que estão indo ao Paraná, contam suas histórias. No parque a nossa frente um alarido de crianças que brincam vigiadas pelas mães.

Devanir começa solenemente dizendo seu nome completo. Aos nove anos de idade sua mãe faleceu e, segundo ele, começaram aí seus problemas na vida. Tinha duas irmãs e uma delas *se perdeu* e o pai forçou-a a casar. Restaram ele e a outra irmã, que passou a cuidar dele. O pai bebia e quando tinha 13 anos a irmã mais velha também casou-se. Ficou só com o pai até que este arranjou uma mulher que passou a viver com eles. As coisas se complicaram ainda mais. Ele saía para as festas e o pai recomendava que voltasse cedo. Devanir não obedecia e ainda chegava em casa *meio baleado*. Uma vez a madrasta disse que ele estava *maconhado*, o que negou dizendo que era apenas cerveja que tinha bebido. Na terceira vez que isso se repetiu, com a madrasta sempre o acusando de estar drogado - *era falsidade dela, uma mineira ruim*-, ele novamente disse que *não estava maconhado*, mas bêbado. O pai mandou-o embora de casa. Acusa-a de *ter feito a cabeça do pai* e diz que ela bebia também. O pai lhe disse: “pega tuas coisas e some de casa”. Ele assim o fez. Moravam em Santo Amaro (SP) e ele foi para Osasco (SP), onde conheceu um velho TRECHEIRO que se abrigava debaixo de uma ponte. Ficou dois meses ali com ele, aprendendo a pedir, pois não sabia nada. Aprendeu igualmente a tomar mais cachaça do que era seu hábito.

Paulo, companheiro de trecho de Devanir, narra sua história. Tem 34 anos e nasceu em Santos. Procuo saber dele como começou no trecho. Ele conta que é casado e que brigou com a sogra. Foi a Uruguaiana fazer o revestimento de um caminhão, pois trabalha com fibra de vidro. Ai brigou com a sogra e foi para o trecho, desde janeiro. Diz que é uma pessoa estabilizada, que tem casa própria. Agora pretendem chegar na casa de seu avô em Marialva (PR) e depois seguir adiante. Quer entrar em contato com a esposa para ver se ela segue com ele ou fica. Tem dois filhos e não tem como telefonar para casa.

Devanir lembra que viu na TV em Mato Grosso sua irmã procurando por ele e também não havia maneira de se comunicar com ela. Sentiu muito não poder fazê-lo, uma vez que ela desempenhara o papel de mãe. Do pai não quer saber, porque ele o mandou embora de casa e o *coração de filho choca*. Infelizmente a irmã mora do lado do pai e se ele for na casa dela vai encontrá-lo.

Insisto com Paulo sobre o motivo da briga com a sogra, razão pela qual foi para o trecho. Conta que morava no mesmo terreno que o cunhado e a sogra e que para esta dava dinheiro que lhe era freqüentemente pedido. Relata que, além disso, como a senhora possuísse um bar, um dia foi pedir-lhe uma bebida e, como resposta, foi agredido com um cabo de vassoura na cabeça. A esposa, vindo saber o que se passava, quis também agredí-lo. Paulo lhe pediu, então, que arrumasse suas coisas porque iria embora. A esposa não queria que ele saísse e este lhe garantiu que, onde estivesse, mandaria notícias. Saía por causa da mãe dela. Antes de *fazer uma besteira* preferia *sair fora*. Reflete que se tivesse entrado em comunicação com ela não estaria nesta situação, poderiam parar, trabalhar, mas ninguém quer ajudar, como aconteceu em Florianópolis onde a assistente social lhe disse que estava sem verba quando foi pedir auxílio. Considera que as pessoas acham que eles são vagabundos, ladrões.

Devanir acredita que está no trecho por obra do destino: *desde 14 anos no trecho, acho que é destino*.

Mesmo considerando as dificuldades do relacionamento familiar, Devanir ainda assim remete a uma causa transcendente e metafísica como forma de acionar uma explicação última que provê a vantagem adicional de isentá-lo de conflito quanto ao fato de estar no trecho. Por ser da ordem do imponderável deve haver certa resignação para com ela; algo que, em si, não é bom, nem mal, mas uma condição que deve ser encarada como se apresenta: *obra do destino*, ação de forças que ultrapassam sua

própria vontade ou compreensão. É aqui onde a palavra falta, onde mesmo o plausível do conflito familiar não consegue dar conta disso de que o sujeito tem uma “vaga suspeita”, em que se intromete o desejo. Sair “pelo mundo”, vagamundo, flutuando erraticamente entre lugares e pessoas, deslizando entre emoções e aventuras, atento às oportunidades, à espreita de chances melhores, do melhor momento, no desafio do **agá** e do **mangueio**, onde, apesar de tudo, tem alguma chance de sair-se bem ou, pelo menos, de sair-se melhor do que teria se ficasse subordinado à estrutura hierarquizada das relações normatizadas na sedentariedade. Aqui, jogando em seu campo “próprio”, pode vir a ser um herói, revitalizado pelas pequenas vitórias sucessivas obtidas no exercício das artes do engodo, pelo combate - corpo a corpo - vivido intensa e prazerosamente na embriaguez etílica e errante da inapreensibilidade.

Contrariando outros TRECHEIROS, Nilso e Celso não têm na família o motivo direto de sua ida para o **trecho**. Antes, explicitam uma busca de “aventura”:

Bom, a vida do trecho é o seguinte... introduz Nilso para me contar, com muito bom humor e um sorriso permanente em seu rosto vincado, entre tragadas de cigarro barato cuja fumaça preenche toda a pequena sala da FREI, no Núcleo Agrícola de Campo Magro, próximo a Curitiba, suas histórias de TRECHEIRO. Iluminado pela faixa de luz do sol que entra pela basculante, insuficiente para aquecer-nos naquela manhã gelada de agosto na serra, o fumo faz evoluções a minha frente, imprimindo no ar desenhos barrocos.

Eu saí, eu não conhecia trecho. Saí com a finalidade de descobrir o Brasil. Então peguei com outro amigo que era garçom também - eu também sou garçom, mas não gosto de exercer a minha profissão, gosto mais de copeiro em residência. Ele também é garçom tudo, sempre trabalhou, mas resolvemos dar esse pulo: vamos conhecer o Brasil? Vamos!

Vontade, só, só. Tanto que ele também sempre trabalhou, nunca viveu na rua, eu também sempre trabalhei (...), nunca dormi em rua nem nada, nem sabia o que que era isso. Aí (falamos) vamo conhecer? vamo embora! Aí fomos andando, conhecemos o interior de São Paulo todinho, capital não. Capital não paramos, capital se perguntar pra mim não conheço nada; conheço a estação só.

E a gente tava querendo era viver isso: beber uma cachaça, curtir. Sempre tem um rabinho de saia que a gente encontra no trecho também, dentro dos albergues ...

Ih! isso é a coisa mais fácil, mais fácil, 'cê encontra aos montes, aos montes. Também querendo viver a mesma aventura que a gente. Outras já entregadas nesse sentido, sabe; entregada de viver na rua. Outras querendo sair.

Somos TRECHEIRO mas mais alto um pouquinho, né, mais alto um pouquinho, não; a gente sabe o que é. Nossa casa, casa de família não. É porque, garçom nós temos referência, então chega na churrascaria pedindo emprego, mas nada de procurar emprego; nós tá a fim de trabalhar não. Nós queremos é andá à toa, conhecê o Brasil; que trabalhá nada!

Trabalhava de dia, comprava minhas roupas, sou solteiro mesmo, passava a maconha e a cachaça (...). Mas eu não fui mal de vida não, já tive carro. Mas não fui eu totalmente que pus fora não, teve uma parte que foi meu pai. Era bem de vida, (...). Ela [a mãe] morreu, nós tínhamos uns imóveis e meu pai, cabeça de ... , arrumou dessas malandrinha da rua - mas elas também tão certa, eles são trouxa, tem mais é que tomar, né, meu irmão! Ele pôs tudo a perder também. Por isso que a vida começa aos quarenta, tô com 48, tô com oito anos então ainda.

Você encontra muito safado, até família nós encontrava, dois, três filhos.(..) só dá comidinha ali, cachaça, só. Conhecemo uma família de alemão: "ah! tamo sem documento. É serviço". Serviço o quê! Quer briga ainda. Nós saimo, não saimo atrás de serviço, tava a fim de conhecer mesmo, sabe, depois que paramo falou: não eu vou pra minha cidade, vou trabalhar, vou pro Rio, vou trabalhar. Tive várias oportunidade. Agora voltei pra cá, agora voltei a fim de me tratar e trabalhar também.

Quanto aos motivos dos outros para estar no trecho, Nilso supõe :

Eu, na minha opinião, deve sê algum desentendimento de família, né. Eu acho que sim; perdeu o emprego, coisa de parente ... Desesperô, né; desesperô. Ele vai, tenta um, dois, três ano, não consegue. Dinheiro vai acabando assim né, à toa. Assim é a vida! Vai vivendo. O poquinho que a vez tem vai vendendo, né; vai acabando ai não tem mais condições. Ele fica um dia, dois; achô que tá bom, acostuma. Acharcô um dia, ganhô uma comida, ele agarra: "ah, eu vou trabalhá pra ninguém, entendeu. Eu vou vivê nessa vida que assim que tá bom", e vai indo; vai indo, acaba conseguindo. Cê vê que também não tomasse um pouquinho de tenência na vida, de vergonha na cara assim eu ia ficando mais um tempo, tava bão: dinheirinho todo dia no bolso, tinha tudo, ropinha, vamo continuá que tá bom! Mas nós demo um basta depois. Conhecemo,

como diz o outro, já fizemo a rota toda, agora eu vô pra lá, cê vai pra cá, felicidade pra você. E ele [o companheiro de trecho] desesperô também um pouco por causa de família. É, o dele era poblema de família também, largou a família tudo. Aí disse pa ele: ô rapaz, volta pra lá, é sua família, rapá. A gente perde aí, não sabe nem pra onde. A família dele lá tem mãe, tem irmão...

Na Bahia, em Ilhéus, terra do cacau, né. Eu falei pra ele: volte pra lá, chega lá e dá a mão à palmatória. Ah, eu desesperei aí tudo, mas agora tô voltando que é pra me recuperá de novo. Tenho uma boa profissão, sou garçom, profissão de elite. Não vou desmerecê a profissão de servente, de pedreiro, mas garçom é mais elevado, né, que a gente estuda também, tenho boa caligrafia. Volta pra lá e aí pede uma nova oportunidade. Cê tem filho - tinha três filho ele. Teus filho como é que tá? Ele desesperô, saiu de casa; perdeu o emprego, tomô uma cachaçada, desesperô, brigô com a mulé, largô tudo; desesperô aí veio embora pro Rio.

Motivo semelhante apresenta Celso, entrevistado também naquela instituição:

Mas eu me criei dentro de curtume pelo fato que eu tinha doze pra treze ano, eu queria estudá a noite. Sabe quando cê bota na cabeça que qué fazê malandragem e naquela época não tinha idade suficiente pra estudá a noite ou então trabalhava durante o dia. Como meu irmão tava dentro de curtume, era chefe lá e tudo, me arrumô uma boquinha mas não podia, aquela idade minha não podia trabalhá fora ainda, aí comecei a trabalhá durante o dia já, doze pa treze ano e estudava a noite no ginásio. E assim que foi indo de lá pra cá. Faz o que agora? Quase quatro ano contando o tempo que eu tô aqui e joguei tudo pelos alto e saí pelo mundo ...

Mais pela aventura. Eu queria era conhecê, só que eu não julguei, eu me precipitei por partes, podia ter levado essa aventura até hoje ainda, só que eu podia tê me precavido quanto a isso. Não pensá que o dinheiro não ia acabá nunca. Tava, foi um ano e meio, quase dois ano muito fácil. Tinha dinheiro e ainda entrava dinheiro sem esperá. Aí depois quando o dinheiro tava começando a encurtá cada vez mais eu, logicamente, já me obrigava a fazê um serviço clandestino, mas que rendesse, né.

Serviço com couro. Mas daí como tava rendendo muito bem eu ficava otra vez quatro, cinco mês andando, até pegá novamente um bico pra fazê. Eu devia tê pelo menos, cada vez que pegava um bico desse seguro uma barra de quatro, cinco mês, juntado uma boa d'uma bolada, que a minha intenção era i até o México.

Que quando as coisa se tornam fácil, pra quem tá no trecho, aí cê vai, cê amplia teus conhecimento. Não, tô aqui! Se cheguei até aqui por que não posso ir até ali? Se eu tô ali por que eu não posso seguir adiante? E assim você vai indo, cê não vai se instalá. Apesar daquela febre que dá, você já foi pr'um lugar, o difícil é cê sair a primeira vez. Mas depois que cê saiu, passô as primera dificuldade, o resto não, o resto é lucro.

Dali eu voltei lá pro sul, juntei minhas coisa tudo, vendi minha moto 400 - tá lá com meu sobrinho até hoje, quase dei ela, se fosse vendê pelo preço mesmo ia pegá uma nota lá em cima. Tá lá, a moto tá lá até hoje; eu tinha um ciúme daquela moto e tinha um Fiat 78, todo cuidadinho, só saía em dia de chuva. Vendi tudo; vendi um terreno em Novo Hamburgo, era num loteamento que tinha aberto, hoje tá bem, tá bem habitado aquele loteamento lá. Eles passaro uma BR, BR não, uma RS que é estadual e daí lotô aquilo de casa; vendi um terreno ali, vendi os dois veículo. Eu tinha um monte de otras coisa que eu vendi também, só por aquilo que a gente falou no início. Dinheiro no banco tinha um monte, ganhei muito aqui, tinha lá também. Juntei tudo, fiz os cálculo, digo: dá pa aventurá um monte ainda. Ai foi que eu caí no trecho.

Na roda que se forma no canteiro em frente à rodoviária num dia de vento sul intenso e gelado, converso com alguns guardadores de carro que têm seu ponto ali. Coradino que, julgo, deve ter por volta de 45 anos, a barba pontuada por fios brancos se sobrepõe a uma mancha escarlata que lhe desce pelo lado direito do rosto até o pescoço, um falar arrastado acompanhado de movimentos trêmulos que me dão a sensação de um equilíbrio muito frágil e de que, a qualquer momento, ele pode ir ao chão⁴. Ele conta que veio do Rio Grande do Sul para trabalhar na construção da sede da Eletrosul aqui em Florianópolis. Ao final da obra, ficou sem emprego e foi obrigado a ir para as ruas, onde está até hoje. Sua situação se complica por ser dependente da bebida, o que dificulta a permanência em novos empregos.

Com ele um rapaz de 20 anos, gordo e com grandes bochechas redondas que lhe espremem os olhos, vestindo uma roupa muito leve para o frio deste dia, diz que foi interno da FUCABEM quando veio de Lages ainda menor de idade e, ao completar dezoito anos, foi para a rua. Debaixo do braço carrega uma garrafa de pinga e demonstra estar bêbado: *é o meu vício*, explica. Acredita que o “herdou” da mãe

⁴ Este seria nosso primeiro e único contato, pois ele morreria pouco tempo depois, vítima de um mal súbito numa madrugada, quando dormia em um posto de gasolina, depois de ter passado alguns dias internado na Colônia Sant'Ana.

alcoólatra e que sua situação atual deve-se à vontade de Deus que os colocou no mundo como pobres e, portanto, devem enfrentar a vida desta maneira.

A estrada é ruim, não tem nada, ele começa. Chama-se Josué e está há 17 anos no trecho. Tem agora 35 anos de idade. Seus traços bugres, a serenidade e a firmeza de sua fala, enquanto calmamente beberica sua pinga sentado num banco tosco de madeira no pátio de um posto de gasolina na beira da rodovia, discorre sem receio sobre sua vida durante metade da manhã e toda a tarde. Revisita, sem mágoa, os bons e os maus momentos de suas recordações.

Desde antes de nascer já tinha, já tava traçado esse negócio. Cheguei a tirar o ginásio. Na família eu era o mais escuro, um bago de feijão num prato de arroz. Os pais alemães, ingênuo, descobri sozinho. Tenho um irmão gêmeo, da família legítima, que fui conhecer quando tava no trecho. Comecei a ficar revoltado, larguei o estudo. O pai foi pegando no pé: tinha que trabalhar ou estudar. Larguei tudo, peguei carona na carroceria de um caminhão e fui até o Paraguai. A família vive aqui pela região e de vez em quando encontro um por aí. Não quero nem saber, deu desgosto. Já fui casado, tenho um casal de filhos e tenho esperança de melhorar. Às vezes tá bom, às vezes piora. Quando tá bom tem que segurar. Às vezes tem roupa boa. Tem gente boa e gente ruim, estrangeiro. Já vi gente de todas as raças no trecho, só não vi um: japonês. Encontrei um hoje que era chileno e pensei: lá vai mais um sofredor.

Na minha casa também sempre tinha encrenca. A mãe era meio esquisita. Às vezes eu entrava no pau para safar meus irmãos. Ela comprava maçã, a mais ruim era minha; roupa, a mais ridícula era a minha. Assim as coisas iam acontecendo, eu já tava naquele veneno, achava ruim com tudo, já tava tudo errado. As obrigações mais pesadas eram minhas, já não fazia as obrigações. Nunca ganhei um presente dos pais.

No dia que falei vou embora, vou pro mundo, o pai foi digno e falou: “o caminho tá livre, mas não tenho nada pra te dar na tua viagem. Se em cada lugar que tu passar levar capricho, organização e honestidade vai ser mais fácil”. E realmente foi assim. Onde já passei sempre me dei bem, nunca lancei mão de nada. A primeira caminhada foi um sufoco. Passei fome, frio, não morri porque as pessoas ajudavam, davam coisas, tinha vergonha de pedir. Quando estava nas últimas aparecia aquele samaritano e me levava para a casa dele, dizia para eu voltar para minha casa. Assim

fui até Toledo na casa de uma irmã, mas lá não deu certo também porque meu cunhado bebia demais, era uma putaria danada, tinha ciúme da minha irmã comigo.

Acho que é sina. Quando o cara nasceu Deus disse: tú vai caminhar. É destino. Se é que existe sina acho que é sina. E pra sair do trecho é muito difícil também.

Procuro retomar sua história: depois que saiu de casa?

Fui visitar meu irmão gêmeo, conhecer minha mãe verdadeira, uma prostituta chamada Tereza dos Homens, na minha terra natal. Não vou mais lá por causa disso, a vida é dela, mas tinha que me dar explicação melhor ou dar os dois filhos para uma família só.

Nunca peguei ela sóbria, sempre bêbada. Quando perguntei, ela falou que o meu pai era africano, e ela é italiana. Ela já tinha outros filhos quando ganhou nós e se apavorou e deu. Perguntei onde encontrar meu pai e ela disse que ele era militar e numa rebelião de presos levou um tiro e morreu. Não sei se é verdade, ela que contou.

Eu me criei em Biguaçu. Tinha um cunhado que viajava de corretor para o Oeste. Meu irmão trabalhava na Sadia. Um dia meu cunhado parou num bar e viu esse meu irmão e chamou ele pelo meu nome. Disse pra ele: “ô, Josué. Fugiu de casa e veio pra cá?” Ele saiu correndo e meu cunhado atrás até que ele parou e conversou. Mostrou a identidade, ai já conversaram e ele ficou sabendo que tinha um irmão também. Tem gente que tu não diz que é TRECHEIRO; tem até rico. Encontrei um agora que eu já conhecia. Caiu na estrada porque a mulher tinha corneado ele. Disse que ia andar um pouco no mundo pra esquecer. Acho que ainda tinha tudo aquilo, foi meu patrão uma vez mas não me reconheceu. Conheci a mulher dele. Era uma sirigaita mesmo. Ele saiu bonito de casa, já tava naquele estado e não sabia quando ia voltar pra casa. A mulher corneou ele com alguém da família.

Outro interno na FREI, Plácido, relata suas dificuldades com a família ao mesmo tempo que afirma uma certa “escolha” em ir para o trecho:

Eu não me dava bem com meu pai, sabe. Não me dava bem com meu pai pelo simples motivo que eu bebia, já com quinze anos de idade eu já ia arrojando, já bebia o álcool, né. E o véio era daqueles que não bebia, não bebia, nenhum da minha família bebia, o único que bebia era eu. E o dia que, no meu segundo porre que eu tomei

quando tinha quinze ano, o véio me deu um cacete, eu sai fora de casa. Sai fora de casa, eu não tive assim mais aquele incentivo de ficá em casa. Uma que nessa época a minha mãe já era morta, que eu perdi minha mãe já cedo, sabe. C'uns oito ano de idade eu perdi minha mãe, e eu fiquei com o véio; o véio era ruim pra mais de metro, é daquele que vive corrigindo o filho pa mais de metro. Eu sai de casa. Sai de casa fui pra Foz do Iguaçu, porque onde eu moro é quase, é perto, vamo dizê, Barracão a Foz do Iguaçu é pertinho, é perto. Ai eu cheguei em Foz do Iguaçu, de menor, o que que eu vô fazê? Pensei: pra cá não vô, pra lá não vô, pra cá ninguém pegava a gente [para trabalhar] porque era de menor, né. Digo: e agora? Mas eu já era, vamo dizê, de pequeno já era a ovejia negra da casa. É já era o mais, já era o mais espertinho, digamos assim, né. Ai o, como vô fazê, pra onde vô, comecei a me reuni com a piizada de rua ali, né. Ai começô a aparecê uma equipe de negócio de droga, sabe. Só que eu nunca usei droga. Não tinha..., a gente pegava um qualqué, ganhava um trôco ai, só que nós tinha que passá. Tá bom, vamo passá!

Fazê o **avião**, era o aviãozinho. Antes ai eu fiz uma coisa muito engraçada, sabe. Mas eu já tava bem crescidinho, não interessa, não posso fumá isso ai, tudo bem. E fiquei naquela vida ali três ano.

Aí fui pra delegacia de menor... Delegacia de menor não existia naquela época, só existia delegacia. Você chegava lá, nós ia pra delegacia mas sortavam nós de vorta. Eles queriam saber quem é que era os cabeça, mas nós não falava, batê em nós não podia, né. Ai nós ficava lá preso um dia, dai turno da noite já tava todo mundo livre. Não podia ficá preso. Sortava nós e foi indo. Ai depois vortei pra minha terra pra fazê o alistamento - eu nasci em Barracão (SC), né -, fazia o alistamento e depois pra servi o exército. Fui dispensado, ai vortei pra Foz do Iguaçu (PR), só que dai nessa época começou, começou logo a ..., existia aquele tipo de zerequetera-quetera pra nós i pra Itaipú. Não sei, inclusive tem umas feirinha ali, mas isso foi em 68, por ai. As vez o pessoal ri de mim, como é que pode tanto, tô com 39 ano de idade. Ai (...) eu entrei numa firma daquela, e onde começou (a coisa) do TRECHEIRO também; fui aprendê com eles como é que era, como é que não era, me contavam direitinho: é ..., chega numa casa - vai a pé - chega numa casa, bate, chega numa firma pede, pede ajuda, pede isso, porque a gente - como eles fala - a gente é TRECHEIRO mas não róba, e todo TRECHEIRO procura se dá bem em toda cidade que ele vai. Então eu aprendi com aquilo: vamo, se é assim vamo vê se a honestidade vale alguma coisa. Inclusive

não compensa, mas vale sê honesto. Que a vida de TRECHEIRO não é compensadora, sofre muito.

Mas aí, quando eu cheguei em Foz do Areia eu trabalhei mais ou menos um ano nessa região. Nessa companhia só dá TRECHEIRO também, os cara vem de fora aí - com mochila, com tudo - e eu querendo aprendê como é que era a vida de trecho, o cara não tinha nada: cê veio de onde? Eu vim de São Paulo a pé. Pensei: meu Deus do céu! Se esses cara vêm por que que eu não vô também?

Por que que as pessoa vai pro trecho? Muitas vez porque a pessoa gosta, porque naquele tempo não era por causa de miséria, sabe. Não, naquele tempo não era pela miséria. Era um tipo de uma aventura que a gente queria fazê. Vamo? Vamo! Eu falei pra você ontem, dinheiro nós tinha, nós dexava de gastá nosso dinheiro de passagem pra nós i a pé, tomando pinga pela estrada, aí vai indo, né. Aí o meu entendimento do trecho de hoje - que agora mudou muita coisa - é um pôco é a miséria e a necessidade de ficá, os cara i po trecho e ficá fazendo coisa que não deve. E a miséria é tão grande hoje em dia que às vez a pessoa se obriga, o próprio pai de família se obriga a sai pro mundo, dexá a família em busca de otras coisa e onde que ele nunca vai arrumá essa, esse tipo de vida que ele qué. Ele qué uma melhora e no fim a convivência do trecho com os otro cê vai esquecendo até a família; já dexa a família pra trás, dexa mulher, dexa filho, dexa mãe, dexa pai, tudo pa trás. Que às vez consegue otras coisa melhor, terra melhor, otra cidade melhor, então ele, depois ele vem buscá a família, onde que ele nunca vem, ele não consegue isso. Hoje em dia não. De primero dava, dizia: ó vô sai tal lugar; cê arruma, lá cê chegava arrumava uma terra, uma fazenda, os próprio cara da terra, o dono lá.

Então ele qué mudá de lugar, qué mudá de cidade pra vê; arrumá uma otra coisa melhor. E naquele tempo que eu andava não; tinha coisas melhor onde qué. A cidade da gente, por exemplo, não precisava sai, eu ficava ali, eu tinha, tinha claro, a casa do meu pai, tinha tudo na mão, tinha ropinha lavada, tinha tudo isso, mas eu quis vim pr'aquilo ali, sem precisão. Hoje em dia os cara sai pro trecho porque, porque qué, porque não tem mais, não tem jeito. A cidade já, a vida tá difícil, não existe mais terra, não existe mais serviço, e é uma exigência tão grande que eles acho que tá no mundo é como se eles estivesse mió. Eu não acho, isso ai é pura ilusão.

Eu me acostumei, eu tinha mais amor no trecho que na própria família. Eu perdi aquele amor paterno que eu tinha de casa, sabe, e passei aquele amor que eu

tinha pela minha família pelo amor do trecho, eu gostava do trecho, pra mim a minha vida era ali.

Edinho, com quem conversei na Praça XV sentado no gramado de seus jardins, conta-me magoado de um tempo em que era “magnata”. Calça e jaqueta jeans desbotadas, os olhos vermelhos de álcool e emoção, recorda. Casado com uma professora da universidade, preparava-se para ir à França acompanhando-a em seu doutoramento. Estavam morando no Rio de Janeiro e enquanto ela preparava os papéis para a viagem, ele veio a Santa Catarina trazendo um carregamento expressivo de drogas no carro e aqui foi preso. “Puxou” sete anos de cadeia, separou-se e a partir daí, diz, não levantou-se mais. Aliado a isso, a dependência de drogas e álcool, a forma como foi perdendo seus bens - que considera ter jogado fora em festas, bebedeiras, mulheres e sucessivos acidentes de carro -, acabaram por completar sua *derrota*. Mais recentemente descobriu-se HIV positivo. Vive nas ruas e, nos períodos em que consegue ficar em abstinência, trabalha como motorista para a irmã, morando com ela nestes momentos. Entre os PARDAIS que conheci Edinho é o que mais se queixa das condições de sua existência, sendo veementemente criticado por seus companheiros em razão disso.

Gago, sempre preocupado com sua aparência e com as roupas que veste, conta que era camelô na cidade e, por causa da bebida, perdeu tudo e agora está nas ruas. Mas já teve também problemas com a lei e ficou preso um tempo em Curitiba, depois de um assalto mal sucedido.

Sentados sob um pequeno telheiro que protege uma bomba de óleo diesel no Posto da Polícia Rodoviária Federal na BR-101, conversei com dois TRECHEIROS. O primeiro tem um tipo nórdico, longa barba loira, olhos claros e pequenos; alto e magro. Seu nome é Ivo e é - ainda se considera - pescador internacional, com carteira para prová-lo, embora não a mostre. Trabalhou também como cozinheiro e aprendeu trabalhando a lidar com mecânica dos barcos. Diz que já sofreu *sete acidentes de barco*, isto é, naufrágios. Dois na Argentina, um no Uruguai, dois no Rio Grande do Sul, um em Santos, outro em Itajai. Está vindo de Belo Horizonte e pretende chegar a Rio Grande para encontrar um despachante e refazer seus documentos roubados. Mostra-me um registro policial onde consta a queixa do furto para provar o que me diz. Está há 20 anos no trecho e tem uma história longa e profunda, segundo ele, para contar. Do

último naufrágio, em Itajai, sobreviveram apenas ele e outro pescador depois que duas vagas de mar viraram o barco dos irmãos baianos João e Antenor e outros onze ficaram no fundo da água. Em parte desistiu de trabalhar no mar para arrumar seus documentos e conseguir algum dinheiro, pois tinha que mandar um pouco para a mãe. Foi para o Norte, trabalhou na derrubada de mata no interior da Bahia (Bromado). Conseguiu dinheiro para voltar a São Paulo, veio até Curitiba e de lá desceu a serra para Barra Velha onde trabalhou novamente na derrubada de mata de pinus. Sem conseguir dinheiro suficiente para sustentar a si e à mãe, “virou a cabeça” e resolveu continuar no trecho mesmo. Se um dia arrumar algum emprego pára de andar. Por enquanto segue de cabeça erguida, fazendo sua comida, levando sua vida, *tocando o barco*.

O outro, Arlindo, que o acompanha e se mantém calado enquanto converso com Ivo, talvez impulsionado pelo dinheiro que lhes dou, parece-me que se sente como que obrigado a me dar algo em troca ou precisando falar algo, já que o primeiro não lhe dera vez. Fala sem que eu lhe pergunte nada. Conta que era operador de máquinas e depois que virou duas, uma patrôla e uma empilhadeira - mostrando-me os ferimentos na perna resultantes dos acidentes-, não conseguiu mais emprego. Onde procurava diziam que não daria certo. Por este motivo foi para o trecho e é isso que ele queria me dizer, concluindo sua participação.

Neste mesmo local, horas mais tarde, alertado de sua presença pelo guarda rodoviário, abordo um casal de TRECHEIROS que anda pelo acostamento da estrada empunhando um carrinho de mão. O homem tem as mãos enfiadas em pedaços de pano com furos por onde passam os dedos, fazendo o papel de uma luva para proteger-lhe as mãos. Me assegura que por onde vai leva o carrinho. Dentro da carriola um plástico preto para servir de abrigo, roupas, painéis e pertences miúdos. Sua fala é nervosa e não consegue olhar-me, desviando sempre o olhar para os lados enquanto conversa, dando-lhe um ar inquieto. Sua companheira não diz absolutamente nada durante o tempo em que passamos conversando. Braços cruzados, ela apenas me olha de lado enquanto falamos. Ele nasceu em Caxias do Sul (RS) e saiu de casa aos 16 anos de idade depois da morte da mãe. Ficou então sob a guarda dos irmãos para, um pouco mais tarde, vir para Chapecó (SC) trabalhar. Está há 10 anos no trecho. Há três anos fez uma cirurgia no coração, colocou uma *válvula de porco* e, por isso, as empresas não lhe dão emprego. Confessa que seu único arrependimento é ter largado um emprego que tinha na Montadora Montreal em São Paulo onde ganhava muito bem. Perguntado diz que abandonou o emprego em razão das más companhias que o convidaram a ir para o

trecho e ele aceitou. Assim perdeu tudo o que possuía pois *ninguém agüenta sem trabalho*. Para piorar, os seus irmãos venderam tudo o que era da mãe, a casa, os móveis, e ficaram com a parte que lhe cabia como herança. Conta que já teve dez cavalos, sucessivamente, e perdeu-os todos de várias maneiras: morto por doença, roubado, morto por um desafeto apenas para prejudicá-lo. Os cavalos eram usados como tração para uma carroça com a qual podia catar papelão e ferro velho em quantidade muito maior e, conseqüentemente, ganhar muito mais numa jornada de trabalho. Reclama, além disso, que seus negócios sempre fracassaram, que seus sócios sempre ficaram bem enquanto lhe restava o prejuízo e contas para pagar. Prefere, porém, que seja assim a ser ele o autor das *safadezas*, não quer viver com remorso e, assevera, não mexe no que é dos outros.

No Largo da Alfândega em Florianópolis conheço um TRECHEIRO que vira há alguns dias circulando pelo centro com os PARDAIS. Diz-me seu nome com orgulho: *Alcides S. S., descendente de alemães e poloneses*. Sua avó nasceu num navio na viagem da Polônia para o Brasil, no tempo em que os barcos eram a vela, acrescenta. Está há 10 anos no trecho, tendo saído de casa por ser alcoólatra, problema que a família não compreende como doença - como é sua opinião -, mas como *sem vergonhice*. É natural de Três Passos (RS), e sua família *tem dinheiro*. É louro, tem o rosto muito vermelho, provavelmente pela bebida, e os olhos claros e mansos. Trabalhou ainda como vendedor viajante para um frigorífico em Itapiranga, cidade de fronteira, segundo ele. Teve a infelicidade de parar num *puteiro na beira da estrada* com o carro da firma e ser identificado por um superior que passava pelo local. Perdeu o emprego por isso, sendo este seu último trabalho fixo. Saiu para o trecho e não parou mais. Considera que se não o tivesse feito estaria bem de vida hoje. Já percorreu o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. Pergunto-lhe o que acha da vida de TRECHEIRO. Responde que é ruim, mas como alcoólatra, não tem saída. Tem que viver de pedir pois ninguém lhe dá emprego.

No posto da Polícia Rodoviária Federal realiza-se uma operação de fiscalização. Próximo ao meio dia, as barreiras começam a ser desmontadas e a operação é encerrada. As 12:30 já não há mais sinais deles e, por sorte, vejo aproximar-se um senhor com as características que procuro. Abordo-o e convido para conversar, explicando meus propósitos. Ele diz que pode conversar porque não mexe no que é dos outros. Chama-se Antonio, tem 52 anos e vem de Niterói (RJ). Está há dois anos no trecho, depois que foi traído pela mulher.

Quando saiu para o trecho seu primeiro trabalho foi como pescador na Praia do Cassino na cidade de Rio Grande. Trabalhou nisso durante seis meses sem receber. Explica-me: o patrão fornecia a comida aos empregados e depois descontava do pagamento. Tenta me dar uma idéia da situação. Eram 22 homens que trabalhavam, o patrão levava quatro galinhas para uma refeição e o cozinheiro cortava de modo que cada um ganhasse três pedaços e mais nada. O patrão pessoalmente ficava ao lado, vigiando o pessoal se servir num panelão cheio de molho. Nos outros dias era peixe que eles mesmos pescavam. Certa vez ficaram dezoito dias sem poder trabalhar por causa do mau tempo e o patrão deduziu do salário deles. Foi aí que *se arrombou e largou tudo* para voltar ao trecho.

Jorge está no albergue de Florianópolis enquanto se trata de uma hérnia antiga para poder retornar ao trecho. Veio de São Paulo praticamente a pé porque *ninguém mais dá carona*. Mostra-se envergonhado por falar sozinho, rodeado que fora pelos demais albergados, sendo o centro das atenções. Está no trecho há quatro anos, depois que seus pais faleceram e ele ficou desempregado em consequência do Plano Collor. Não consegue emprego em lugar nenhum e prefere continuar no trecho, porque assim pode obter as coisas que precisa para sobreviver mais facilmente do que se permanecesse em alguma cidade.

Na Praça XV encontro Luis, um sujeito grandalhão cuja falta de dentes, a boca murcha e o queixo proeminente lhe dão um aspecto engraçado contrastando com o olhar duro que ele procura manter. Novamente o encontro recém saído de uma briga e com o rosto manchado de sangue. Durante nossa conversa pergunto-lhe por que está na rua e como foi para o trecho. Relata que saiu de casa para não incomodar seu pai e também para não ser incomodado por ele. Reflete e nega o que dissera: na verdade o pai não o incomoda, ele é quem bebe cachaça e o *velho* não gosta. Quando vai na casa dele e estão vendo TV, o pai resolve desligar às 9:00; ele quer ver mais um filme, aquele o impede dizendo que não pode porque vai queimar o aparelho. *Ai dá confusão*. Considera que, na verdade, ele é quem incomoda o pai que vive sozinho em Araranguá desde que a esposa faleceu e, como não tem irmãos, ninguém está lá para ajudá-lo. Revela que é filho adotivo e que foi *dado* por sua mãe verdadeira com apenas *duas horas de vida*. Diz que tudo na sua vida dá errado, que tem sangue quente e anda sempre metido em confusão. Lamenta que não deveria estar assim, naquelas condições. Deveria ter *dinheiro no bolso*, mas a pinga atrapalha qualquer plano. Queria estar com seu pai, cuidando dele. A última vez que esteve lá, trabalhava como **chapa**,

desentenderam-se e disse-lhe que iria embora. O pai quis convencê-lo a ficar, mas ele não quis ceder e voltou para o trecho: *estou numa pior e só aquele lá em cima pode me ajudar a levantar. Se Ele quiser...*, observa Luis

Num dos postos de gasolina da BR-101, abordo um TRECHEIRO que passa por mim. Diz que vem de Criciúma e está indo para Itajai, depois prossegue até Curitiba. Em Itajai vai encontrar a irmã e ver o filho que está com ela. Explica que sua esposa faleceu de câncer e ele não quis casar novamente. Também não queria viver dependendo da família, por isso saiu a andar, *se virar sozinho*. Deixou um filho com essa irmã em Itajai e outro com uma outra irmã em Florianópolis. Pergunto quais os motivos que considera estar levando tanta gente para as estradas. Declara que muitas vezes trata-se de problemas de família: *o cara perde a mãe ou perde a mulher*, como no seu caso, *e aí vai pro trecho*.

Que idéias têm aqueles cujo contato com os TRECHEIROS é relativamente freqüente, acerca de seus motivos para estar nesta condição?

Inicialmente é necessário apontar que tais opiniões aparecem lado a lado com afirmações de que o contato com os andantes é mínimo, formuladas a partir de suposições e fragmentos de histórias que aqueles chegam a sugerir. É de ressaltar a recorrência da visão de que são pessoas com problemas mentais, como tentativa de dar plausibilidade ao fato de que alguém possa querer viver de modo tão absurdo, sendo a loucura a razão de tal desatino.

N., um dos policiais rodoviários, supõe que a ausência de abrigos e de assistência adequada nas cidades é um fator importante para explicar o fato dessas pessoas estarem sempre em movimento.

V. acredita que é resultado de problemas mentais, psiquiátricos e/ou problemas com a família. Um outro policial que vem participar da conversa acha que eles são *turistas forçados*.

A um outro ainda, questiono sobre os motivos que podem levar alguém a viver em tais condições. Diz-me diz que geralmente *o sujeito foi corneado* ou teve algum outro *problema social ou de família*. O pai que botou o filho para fora de casa por envolvimento com bebida ou drogas. Acredita também que o sujeito se revolta e resolve abandonar tudo, vai viver sozinho cuidando apenas de si e *os outros que se cuidem*. É como se a pessoa *desistisse* dos outros, *de se preocupar com eles*. Querem apenas viver

sós, tanto, alerta, que *não se vê eles metidos em roubo, quadrilha, nada*. Eles tomam seu caminho e vão em frente.

O patrulheiro Mauri considera que a maioria tem problemas mentais, poucos são normais, inteligentes; a maioria é alcoólatra, é separado, teve problemas no casamento ou algum outro problema de família.

A um senhor que atende em uma loja de um posto de gasolina na BR-101, pergunto sobre as causas que ele supõe sejam responsáveis pela adoção da estrada. Acha que se trata de problemas de família e envolvimento com álcool.

No restaurante do mesmo posto, a proprietária diz que se trata de problema mental ou de separação e que, considerando um outro lado, só existem andarilhos *porque nós damos coisas para eles, pois se ninguém desse, não haveria gente andando e se obrigariam a conseguir emprego. O mesmo acontece com as crianças de rua que não existiriam se não houvesse quem lhes desse coisas. Elas são o começo da vida de TRECHEIRO.*

No pequeno restaurante do trevo de acesso a Biguaçu, o proprietário me diz que são duas as causas que explicam a existência de tais pessoas: uma, a cachaça, e, outra, a doença mental: *muitos são mental*, afirma apontando a própria cabeça e arregalando seus grandes olhos azuis. Relembra um caso para confirmar o que diz: há tempos passou ali um conhecido seu de infância que estava no trecho. Ele o reconheceu, mas não foi reconhecido. Aguardou que fosse embora para especular com outros o que teria acontecido a seu amigo. Descobriu que ele trabalhara como motorista de ônibus e fazia a linha Jaguaruna-Morro Grande. Contam que um dia ele simplesmente parou o ônibus no acostamento da estrada, desligou-o e saiu correndo pelo meio de uma plantação de eucaliptos, deixando para trás o ônibus e seus passageiros. Dizem que enlouqueceu por causa do trabalho e, quando finalmente conseguiram agarrá-lo, foi internado em um hospital psiquiátrico. Quando saiu de lá, passou a viver andando na estrada. Já estive em seu restaurante várias vezes e sempre lhe deu comida e café. Durante cinco anos ficou assim até ser atropelado e morto em São Paulo. Soube disso porque o andarilho tinha documentos e a família foi avisada aqui

Vodca, o coringa do posto de Palhoça, argumenta que muitas vezes trata-se de problema de família: *o sujeito larga tudo e não quer mais saber de nada*.

Ao chegar nos jardins em frente a este mesmo posto, encontro dois rapazes deitados à sombra das árvores. Aproximo-me e pergunto-lhes se são **chapas**, o que é confirmado por um deles. Pergunto em seguida sobre os TRECHEIROS, se costumam

vê-los e se viram algum hoje. O mesmo rapaz continua e, reconhecendo o termo, informa que ontem e hoje cedo pela manhã havia ali dois deles. Às 6:00 da manhã, quando eles chegaram para o trabalho, ainda estavam por ali, mas acredita que *pegaram a estrada* novamente, pois não os viu mais desde então. Pergunto o que imagina ser a causa de tais pessoas irem para o trecho. Ele devolve a pergunta: *também queria saber*. Conta que tempos atrás ficou ali um senhor que foi de Uruguaiana até Salvador de carona aos trechos. Demorou cinco meses para chegar e o conheceram quando ele estava voltando para casa. Disse-lhe que tinha ido procurar emprego, *uma situação de vida melhor* e como não conseguiu, fazia o caminho de volta. Ele estava acompanhado de uma menina de uns 10 anos de idade que dizia ser sua filha. Ficou alguns dias no posto, trabalhou de **chapa** com eles porque precisavam de mais alguém para ajudar e acabaram convidando-o. Dormia pelo posto, geralmente nos fundos, onde n'outro dia Vodca me indicou um lugar coberto onde dormiam os TRECHEIROS que passavam. Dias depois conseguiram uma carona com um caminhoneiro e se foram. Os dois chapas também se levantam para ir a algum lugar e nos despedimos.

Seu Maneca atende em um bar no trevo de acesso a Palhoça. Interrogo-o sobre os motivos e ele me responde genericamente: *uns dizem que é uma coisa, outros outra, às vezes problema com a mulher, às vezes saem de casa para procurar emprego em outro lugar e não dá certo, têm que voltar*. Conta ainda que certo dia passou um ali. Foi numa casa próxima, pediu dinheiro emprestado para um amigo que lhe deu 5 mil cruzeiros reais. O andarilho passou pelo bar, tomou uma pinga e foi embora. Mais tarde a pessoa que emprestou o dinheiro também foi ao bar e perguntou pelo primeiro, quando seu Maneca soube da história: seu amigo fora enganado pela mulher e abandonara tudo. Ele possuía até mesmo uma loja bonita em Biguaçu, mas com a *decepção* sofrida, botou uma mochila nas costas e estava indo para Porto Alegre apenas com os 5.000 no bolso que ele lhe emprestara. Seu Maneca conclui: *é cabeça fraca, são todos cabeça fraca!*

Um borracheiro crítico acha que essas pessoas *caem* no mundo porque não querem trabalhar, *vão levando...* Um deles lhe falou: “trabalhar para quê? Ganho comida, cigarro, cachaça”. Assim, enquanto ele trabalha ali na borracharia, *eles estão por aí*. Ele mesmo separou-se há dez anos e nem por isso *caiu no mundo*, exemplifica para mostrar que não acredita nas razões alegadas pelos andarilhos. Pergunto a ele se tem idéia dos motivos que os levam ao trecho. Considera que se trata de filho que discutiu com pai *ou o cara ganhou chifre da mulher e depois fica com vergonha dos*

vizinhos, o lugar é pequeno, todos comentam ... Cai no mundo. Conta que todo dia dorme alguém na borracharia, às vezes famílias inteiras, inclusive uma moça que passa com frequência ali, sempre fazendo o trecho até Porto Alegre e de volta para Florianópolis: deu a buceta, o pai botou ela pra fora de casa e agora ela vive assim.

As opiniões emitidas por tais pessoas restringem-se, em boa parte, aquilo que ouviram dos próprios TRECHEIROS e referem-se aos dramas no espaço doméstico e familiar. Como já vimos, tais explicações servem muito mais como forma de conferir plausibilidade à própria história do que refletir sobre seu envolvimento nestes motivos. Também é o código socialmente fornecido que articula tais histórias, encerrando as explicações na cena das relações amorosas e é este o código que os sujeitos efetivamente dispõem para organizá-la. Ou então a razão é encontrada na ausência de juízo ou na fraqueza moral por não resistirem às duras provas postas pela vida.

A VIDA NO TRECHO

TÁTICAS DE SOBREVIVÊNCIA

Organizando seu cotidiano através de táticas diversas, TRECHEIROS e PARDAIS movem-se de acordo com as oportunidades fortuitas, apreendidas caso a caso, deslizando entre regras e valores sociais, tornando aquilo que seria desfavorável em vantagem, isto é, revirando os códigos em seu proveito: o trabalho não será fator de sedentarização, mas fornecerá certas condições para a mobilidade; a formulação do pedido no **acharque** levará em conta certos “pontos fracos” do doador a fim de desfazer sua resistência em dar algo; a sinceridade e a mentira serão utilizadas na medida e no momento que se julgar conveniente e assim por diante.

Trata-se de utilizar uma perspectiva positiva para compreender a organização do dia-a-dia e das fórmulas para garantir a sobrevivência destes que, em uma mirada superficial, poderia induzir ao erro de defini-lo negativamente: sem casa, sem trabalho, sem família. Obviamente, trata-se de uma população que poderia ser considerada pobre, se atentarmos apenas para o aspecto de acumulação de bens materiais. Se, no entanto, considerarmos que este é um critério estabelecido por uma sociedade que tem na propriedade um pilar de sustentação, como um fim em si mesmo, e que este mesmo

critério se relativiza em outros grupos sociais, poderemos ver que modos diferentes de produzir a subsistência podem ser tão ou mais eficientes que este, sem resultar em privação ou escassez. Ao contrário, parece que é exatamente o modo capitalista de produção, com sua alta eficiência técnica na produção de riqueza, quem obteve, na mesma medida, o maior sucesso em gerar miséria. Recorrendo a Deleuze e Guattari, poderíamos dizer que a falta está disposta na produção social, inserida no meio da abundância, ou seja, não é a falta quem determina a produção, porém o inverso.

Indubitavelmente tais indivíduos combatem envolvidos por condições socialmente estabelecidas que lhes escapa ao controle, mas o uso de táticas como modelo de ação constitui justamente uma tentativa incessante de retomar ou reapropriar-se deste controle a partir de um ponto inferior numa hierarquia social. Combate sem trégua, sem objetivo, sem território a conquistar; movidos apenas pela luta em si, por um fazer e desfazer de si e do outro. Dominados sim, não passivos ou dóceis, diz-nos De Certeau. Nesse sentido a própria “adoção” do trecho já significaria um passo nesta direção, uma vez que permite aos sujeitos uma fuga da apreensão por certos aparelhos institucionais.

Por outro lado esta fuga não seria, também ela, uma saída “prevista” pelo sistema disciplinar, como poderíamos pensar se entendêssemos com Foucault que toda resistência é criada dentro da própria rede do Poder?

Poderia dizer que sim, em termos. O que está em pauta aqui não é transformar TRECHEIROS e PARDAIS em “heróis revolucionários” capazes de implodir uma sociedade com seu modo rebelde - ilusão já apontada desde Engels quando alertava para a potencialidade reacionária do lumpemproletariado -, tampouco fazê-los cegos teleguiados ou subprodutos sociais, restos quase humanos das engrenagens capitalistas. Antes, são justamente representações como estas (rebeldes/revolucionários ou pobres coitados, cegos falsos ou verdadeiros) que serão usadas em sua negociação cotidiana com outros grupos e indivíduos. Trata-se de identificar o modo como se apropriam (ou reapropriam) de representações sociais através de seu uso, isto é, da ação sobre e com os códigos e produtos da dominação; atos que os fazem produtores. Produzem, no entanto, uma outra produção : “... esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.” (itálico no original) (De Certeau, 1994:39). Produção secundária, balizada pelo sistema de produção “oficial”, contudo não restringida por

ele; um modo de subversão ao fugir do sistema sem deixá-lo e ao impregnar as coisas com significados estranhos ao sistema que as criou através de seus usos: o poder dos fracos.

Tais efeitos de apropriação se obtêm através de um *modus operandi* cuja lógica é o emprego de táticas como guia das ações, forma privilegiada de operação para os que ocupam posição de inferioridade na hierarquia social. Uso a noção de **tática** aqui segundo a acepção de De Certeau, definindo-a por oposição a de **estratégia** que implica o reconhecimento de um lugar circunscrito como próprio e sustentado pelo poder institucional. Diferentemente, as táticas são:

... um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. (De Certeau, 1994: 46-7).

Através da instituição das táticas e de seu uso, configura-se o que podemos chamar de espaço social dos andarilhos, quer dizer, o universo de relações possíveis de empreender, emoldurado tanto pelos limites do espaço físico quanto pela apreensão subjetiva própria à construção das territorialidades.

Universo marcado pela ambigüidade: habitantes do espaço público, primordialmente, transformam-no, pela apropriação, em espaço privado. Fixam-se naqueles locais onde se determina um trânsito constante - a rodovia, as praças e as ruas

- e onde ninguém fica, apenas passa. São espaços comunicantes entre pontos, ou não-lugares, segundo Marc Augé:

Os não-lugares são assim, tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e dos bens (vias rápidas, échangeurs, aeroportos) quanto os meios de transporte em si ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são encerrados os refugiados do planeta. (Augé apud Arantes, s/d: 202).

Traço nômade por excelência, pois ao recusar-se em deixar o lugar onde os outros não permanecem, recusa também o movimento que define este lugar como espaço comunicante, ancorando-se no intervalo entre os pontos. O nômade, afirmam Deleuze e Guattari, paradoxalmente, é “aquele que não se move”, pois o movimento “designa o caráter relativo de um corpo considerado ‘uno’, e que vai de um ponto a outro”. (Deleuze e Guattari, 1988: 385). Para o nômade, o espaço entre os pontos é que conta, “adquire toda a consistência”, enquanto no espaço sedentário o privilégio recai, justamente, sobre o ponto.

No embate cotidiano das diversas territorialidades no mesmo espaço físico - seja na cidade, seja na estrada - fronteiras simbólicas se demarcam. Separando e pondo em contato, simultaneamente, as fronteiras “ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações”(Arantes, s/d: 191) e criam zonas de contato onde se interpenetram códigos diferentes.

TRABALHO E TRECHO

Como tática de sobrevivência o trabalho eventual aparece freqüentemente ao lado de outras formas menos legitimadas pelos códigos da normalidade, como a mendicância e o furto. No entanto, diferentemente dos migrantes que têm na ocupação o motor de seu deslocamento, parece ser o trajeto que determina as oportunidades de trabalho e não o contrário, ou seja, o trabalho não é o principal critério adotado como determinante nas escolhas de percurso. É um recurso tático, como tudo mais na vida de TRECHEIROS e PARDAIS, astúcias de caçadores/coletores, sempre atentos às oportunidades que possam surgir, elemento operativo na construção de seu espaço social.

Mesmo apontado como característico da identidade do TRECHEIRO, o apego ao labor aparece quase sempre subordinado às exigências de manutenção da mobilidade: trabalho temporário, sem vínculo empregatício, sem registro em carteira profissional. O trabalho eventual é o modo como os TRECHEIROS se apropriam deste que seria uma forma de sedentarização, produzindo nele uma inversão. Ao invés de elo de fixação o que ocorre é que o trabalho se torna um modo de se manter em movimento porque através dele se obtêm recursos suficientes para a subsistência na estrada por um determinado período. Ele será abandonado, mesmo que sejam condições relativamente boas de trabalho, sempre que começa a esboçar-se uma “cristalização” do elo que se assemelha a uma relação continuada e indefinida a exigir-lhe a permanência num mesmo lugar.

Celso é um TRECHEIRO que obteve formação de nível secundário em uma escola técnica no Rio Grande do Sul e, segundo ele, foi para o trecho para se “aventurar”. Seu nível de especialização profissional contrasta com a maioria dos TRECHEIROS, mas seu depoimento mostra o que parece ser uma prática generalizada:

(Meu erro foi) pensá que o dinheiro não ia acabá nunca. Tava, foi um ano e meio, quase dois ano, muito fácil. Tinha dinheiro e ainda entrava dinheiro sem esperá. Aí depois quando o dinheiro tava começando a encurtá cada vez mais eu, logicamente, já me obrigava a fazê um serviço clandestino, mas que rendesse, né. Mas daí como

tava rendendo muito bem eu ficava outra vez quatro, cinco mês andando, até pegá novamente um bico pra fazê. Eu devia tê pelo menos, cada vez que pegava um bico desse, segurado uma barra de quatro, cinco mês, juntado uma boa d'uma bolada, que a minha intenção era i até o México. Acabei desistindo, inclusive na época que eu tava trabalhando, ainda me inscrevi no consulado mexicano lá em Porto Alegre. Mas os cara que iam pra lá, nos curtume, próprios colega, não se formaram junto comigo, ou antes ou depois; ou fazia cidadania dupla, ou então casava e não voltava ...

Plácido demonstra de modo bastante claro o mesmo procedimento, embora sua permanência nos empregos seja por períodos mais longos que a maioria dos TRECHEIROS entrevistados:

Aí fumo trabaiano, fumo parando aqui, aí eu já não registrava mais, trabaioava quatro, cinco dia pra tirá o dinheirinho da cachaça e estrada. E fomo indo, fomo indo, fomo indo, chegemo em São Paulo. Vai daqui, vai de lá, vai daqui chegamo numa cidadezinha, uma vilazinha chamado D., lá em São Paulo. Chegemo no (...) cheio de carro, precisa disso, precisa daquilo, precisa daquilo, nós tudo com documento. Eu pensei, vô trabaioá um pouco, depois eles vão ficá igual. Vô trabaioá aqui! Vô pegá uma firma dessa aí, vô trabaioá. “Que trabaioá nada, rapaz, eh! Nós demo umas acharcada por aí” - acharcá que a gente diz é pedi. “Já damo uma acharcada por aí, vamo conversá com a turma arrumamo dinheiro fácil, fácil”. Eu digo: não, vô trabaioá. E de fato fui trabaioá na S. Engenharia, lá em São Paulo. Primeiro arrumei um chuveiro lá, um banheiro num posto de gasolina pedi, cheguei falei pro dono: olha, tamo vindo de tal lugar assim, assim, não dá pra tomá um banho? “Pode”. Fizemo a barba direitinho, eu troquei de roupa, aí fiquei bonito. Digo, bom (...), uma ressaca, uma ruindade aqui no peito, mas eu não queria tomá cachaça que eu tinha que falá com o físcar do escritório lá: não, não vô tomá cachaça. “Bebe aí pra você se animá”. Digo: não, eu vô tomá cachaça depois de acertá tudo lá, daí sim. “Você vai trabaioá mesmo?” Vô! “Ah, larga mão de sê burro, trabaioá hoje aqui ficô pa golpe”. Digo: não eu vô trabaioá. Eu achei farta daquilo que eu tava fazendo. Digo não, não vô dormi, vô trabaioá que é muito milhó. E de fato fui. Trabalhei na S. a causa de uns dois ano. Mas eu já tava coçando o pé de vontade de andá mais pa frente, que já acostumô, né.

Aí eu fiquei ali uns dois ano mais ou meno, aí enjoiei daquilo. Aí eu comecei a espoleteá mesmo, comecei a abusá com o serviço, digo: ah, tô enjoado dessa coisa, queria que ele mandasse embora. Mas só que quando eu aprontava, eu não queria sê

mandado..., porque o home falou: “ó se o home te pegá no serviço cê vai embora sem direito a nada”. Tá bom, vô dá um otro jeito. Comecei quebrá prato, comecei bagunçá memo dentro da cozinha lá; comecei deixá gente entrá sem o valinho - que eu ficava na porta pegá o vale, sabe - comecei deixá todos ele entrá sem vale-refeição memo. Pa sê despedido. Aí fui indo, fui indo, eles iam conferi na roleta, eles contavam os vale e iam conferi nas roleta, sabe? Que antes de, é que nem tipo lotação, antes de sortá a turma pra entrá pra armoçá o encarregado ia lá e tirava o número da roleta. A partir daquela hora (...), aí depois pela quantidade de vale ele ia lá conferi na roleta quantos tinha entrado. Ih, tinha furo de quase duzentos refeição. Era 4.000 peão que trabalhava lá, tinha mais de 200, 300 peão que passava ali. “Mas Plácido tá fartando aqui 300 vale e lá na roleta tem 300 pessoas que passô. Tá fartando, onde é que tá esses vale?” Digo: ah, não sei, às vez vem gente aí sem vale memo, deixo entrá pa comê porque ... “Mas não pode!” Pode! “Não faça mais isso senão não vai dá certo”. Não, eu fazia pior: v'ambora, pode guardá o cartão, pode passá pelo meio. Eles descontavam o bloquinho de vale, era descontado no pagamento, mixaria mas era. Pode passá, amigo. Um dia, no otro dia: “não vai dá, desse jeito não tem condições”. Eu disse: faça o que vocês quiserem, o que vocês achá melhó, qué mandá embora mande, se não quisé meu jeito de trabalhá vai sê assim. “É, não vai tê condições, Plácido, amanhã cê só vem aí assiná o aviso aí, que eu vô mandá batê teu aviso, vai embora”. Digo, tá bom. Mando batê o aviso, no otro dia assinei o aviso só que eu tinha que trabalhá do mesmo jeito, lá eles cobravam o aviso, tinha que cumpri seis hora por dia, mas só que não me deixavam mais na roleta daí. Fiquei na cozinha memo. Fiquei ajudando lá a servi bandeja, servi comida essas coisa, bandeja, coisarada, tinha dia que eu não ia pra aquela sala, ia pra sala dos engenheiro; é, servi comida pros engenheiro ali, não são melhó que nós, até dizia: esses bunda-mole, aí. Eu queria achá um jeito deles me mandá embora de uma vez, sabe, mas não tinha jeito. Aí um dia me mandaro na sala dos engenheiro, chegô os engenheiro lá e, tudo peito estufado, que que esses diabo são melhor que os peão, só por que é engenheiro? Não tem nada, vô aprontá uma, vô hoje de manhã embora. Fui servi uma, fui levá um prato de, parece que de salada, não de maionese, maionese e tinha umas azeitona enfiada, tudo enfeitado com negocinho, polpa de tomate, tudo cheio de frescura, sabe. Eu cheguei bem pertinho de um otro, fiz que trupi quei, não olhei, passo com tudo e pou! Larguei o prato de bruço, mas eu fiz porque quis. Ah, onde é que se viu fazê uma coisa dessa? Já o garçom, por exemplo, quando encontrou: “ó, não dá pra deixá o Plácido lá, vá vê o que ele fez na sala de

engenharia”. Aí ele foi lá, falou: “não tem jeito memo. Vá lá pro teu alojamento vai, não adianta ficá aqui, aqui cê só bagunça”. No otro dia cedo mandaro me chamá, pessoal lá do escritório. Cheguei lá o (...) falô assim: “Plácido, assina aqui, assina aqui, assina aqui”. Pegô, rancô o cheque e tá! “Me dá tua carteira aqui, tá! Boa sorte, vai com Deus”. Digo, agora sim. Fui lá no banco, troquei, era em Carapicuí; não era Carapicuí, como é que é o nome do lugar lá? Guaianazes. Fui ali no banco, já troquei o cheque, já cheguei no alojamento, o guarda junto comigo falô: “ó, é pra cê pegá suas coisa e se mandá, não é pra cê ficá aí”. Mas eu já tô indo ... Não seja por isso, porque o que eu quero tá no borso, pronto, 'té logo! E o guarda junto comigo, o guarda enquanto eu não saí do portão pra fora ele não vortô, ficô lá.

E agora pra onde é que eu vô? Vortá pra casa eu não queria. Qué sabê de uma coisa: ouvia tanto falá na Bahia- eu vô pra Bahia!

Aí eu tô lá um otro dia, na Estação da Luz (SP) tinha aquele jardim, tinha um chafariz na frente ali, tinha um punhado de peão ali. Aí tava lá: Queiroz Galvão tá precisando de tal, tal; mas tinha que se apresentá lá na divisa com a Bahia, divisa de São Paulo - Bahia. Vão'bora pessoal, vão'bora. Digo: de quê? A pé? Digo: vão'bora!

Cheguemo. Ih, mas nós demoremo mais de três mes pra chegá lá. Ih, Nossa Senhora! Peguemo chuva na estrada, se molhemo tudo. Mas nós chegava assim, nós sabia assim que nós chegasse na próxima cidade nós tinha ropa enxuta, nós pedia. Nunca ninguém negava. Hoje em dia não é mais assim. Hoje em dia o trecho acabô, os TRECHEIRO tão acabando. Tão andando esses vagabundo por aí que não quere trabaiá; os TRECHEIRO memo eles sussego quando vê que não dá mais e pára, que eles não quere se misturá com esse tipo de gente que vai pá cima e pá baixo.

Fiquei uma semana; os pé nosso tavam dessa grossura, embaixo tinha boia, coisa que cê tirava assim ficava carne -viva; carne-viva de tanto andá. E anda pra cá, e anda pra lá e vai pra cá. Fiquemo uma semana, contemo o caso pro engenheiro lá da Queiroz Galvão, pronto: “cês ficam uma semana descansando, cês vieram a pé?” A pé! Aí mostrei o jornalzinho: “meu Deus do Céu, esse jornal faz uns três mês que colocamo lá no....” Digo: então, faz três mês que tamo andando. “E cês vieram pra trabaiá?” Viemo pá trabaiá! Pois é, o engenheiro falô assim: “as vaga que tinha nesse jornal aqui, só tem vaga pra uma coisa, só pra servente. Que a vaga pra profissional já foi preenchida”. Mas eu já tava lá mesmo, vai de servente memo. Nossa Senhora! “Cês quere trabaiá de servente memo?” Queremo! E expliquemo (...). Tudo bem, ele mandô fazê nossa ficha, dexemo os documento tudo direitinho, aí ele mandô o guarda

lá, nem era guarda, um senhor que atendia lá, ficava ali fazendo limpeza no escritório, essa coisa ali, juntando paperzinho debaixo da caixa. Falô: "mostra o alojamento pr'eles lá que eles vão ficá uma semana sem fazê nada. Vão descansá, depois que miorá cês começo a trabaiá". Ficamo dois ano e poco trabaiano (...). Dois ano e poco aí cabô serviço, aí no fim cabô. Cabô, cabô, despacharo nós, mandaro embora, vortemo a pé de novo.

Josué dá uma idéia do peso que o trabalho pode adquirir para o TRECHEIRO se ele significar laço de permanência e enraizamento:

A gente se esforça, mas tem sempre alguma coisa que não fecha. As vezes até arruma trabalho em algum lugar, aí vê o pessoal passar, tu começa a lembrar: lá vai eu, dá coceira no pé...

Parece que 'tá faltando alguma coisa, pensa: sou um homem livre! e vai se embora...

O patrão também faz o empregado. O certo é tu ser teu patrão, ninguém vai querer trabalhar de empregado...

Ele lembra e conta a história de Ribamar, um velho companheiro com quem andou durante um tempo:

Ele ganhou emprego num posto de gasolina por onde passamos para pedir comida. A dona ficou com pena dele e ofereceu um salário e meio pra ele trabalhar lá, só fazer limpeza, arrumar jardim, tinha casa pra morar e comida livre. Me disse que ia ficar porque tava ficando velho e tinha que parar em algum lugar. Segui meu caminho e tempos depois passei pelo mesmo posto e resolvi entrar pra ver ele. Perguntei e me disseram que ele tinha ido embora. Tomou uma "baga" uma noite e foi embora. Acho que é sina. Quando o cara nasceu Deus disse: tu vai caminhar! É destino. Se é que existe sina, acho que é sina.

Também as más condições de trabalho contribuem para o retorno ao trecho:

Encontrei uma borracharia de um baiano em Apiúna, algo assim. A fome era negra. O baiano disse que conhecia Santa Catarina. Fiquei trabalhando com ele e não

ganhava um tostão, só a comida, um pirão de farinha com jabá, charque, um pirão duro. Dormia em uma rede na borracharia. Um dia chegou uma carreta que vinha pro Sul e conversei com o motorista. Ele levava óleo comestível e tava voltando. Pedi uma carona até São Paulo. Expliquei minha situação. Trouxe um pneu daquele pra pagar minha despesa no caminho e dei pro caminhoneiro. Acabei indo até o Paraná com ele. Até me deu o endereço, mora em Caxias; já passei lá duas vezes e não procurei.

Nilso demonstra um outro uso para o trabalho como atributo socialmente valorizado e que pode, por isso mesmo, ser convertido em argumento que lhe emprestará certa confiabilidade diante daqueles de quem se quer obter algo. Pequena astúcia que se apropria de um código moralmente estabelecido no qual o trabalho ocupa posição privilegiada, tornando-o uma cena no teatro do cotidiano. Um cotidiano vivido justamente como teatro e do qual ele pode falar com surpreendente bom-humor. Aproveita-se também das contingências econômicas de modo circunstancial: a falta de empregos está prevista na hora de pedir trabalho e é uma garantia de que não o conseguirá, verdadeiro objetivo a ser atingido através da aparência da necessidade dele.

É porque, garçom nós temos referência, então chega na churrascaria pedindo emprego, mas nada de procurar emprego; nós tá a fim de trabalhar não. Nós queremos é andá à toa, conhecê o Brasil; que trabalhá nada. Então a gente entrava com o agá pedindo emprego: “tá cheio, o quadro tá completo”. Se tivesse a gente falava que tava faltando documento, a gente ia buscá, não voltava; aí vinha o papo da comida. Eles davam, dava tudo.

Quer dizer, isso tudo faz parte do trecho, né; isso tudo é no trecho, porque outro lado do trecho é quando você tava trabalhando. (...) Esse ano, tirei esse ano pra fazê só isso, conhecê esse outro lado da vida.

Pra não dizê que nós não trabalhamo nessa jornada todinha, nós trabalhamo um sábado e um domingo numa churrascaria, uma choperia em Ribeirão Preto. Tinha lá o rapaz, fomo acharcá uma comida dele, aí disse: “pôxa rapaz, tô precisando de dois aqui pra trabalhá sábado e domingo só, vai tê um bifê aqui, cê não qué pegá isso aqui não?” Falei: vamo! Tamo lá no albergue, ponhamo a ropa de garçom - a gente sempre andava com ela também, era mais um 1-7-1, tinha que prevê tudo: qué vê nossa ropa? temo aqui, autoridade. Não somo isso que vocês tão pensando, não.

Só que não tava a fim de serviço. Aí trabalhamos dois dias lá, ficamos dois dias, entendeu. Mas não tinha serviço fixo, se tivesse até naquela lá a gente teria ficado, é, porque a grana na época era boa, boa, muito boa; tava pagando bem lá. E até o albergue nos colocô: “se vocês conseguirem serviço aí, eu dou mais trinta dias pra vocês ficarem aí”. Aí, falei: ah, vamos embora. Deu vontade de conhecer pra frente mais.

Se tinha albergue; albergue era três, quatro dias, vamos aproveitá esses quatro dias, lavava a roupa, então... Nós já ficamos vinte e cinco dias também, faltou o cozinheiro, eu passei a ser o cozinheiro, aí falou: “dá uma mão pra gente aqui”. Eu fui; cozinheira pra oito pessoas só, eu e ele. Mas sei lá, sabe. Ficamos lá. Que beleza, eu falei: você sai daqui nada, você fica aqui! Retirado da cidade bem uns seis quilômetros. Fica preso também, mas uma maravilha (...), fazia nada, nada, só cuida da cozinha, pouca gente. Vinte e cinco dias, cigarrinho pra gente fumar a vontade. Só eu tava sentindo falta era do tóxico, né, mas já chegou um outro lá depois também, daí chegou com a mercadoria, digo: opa! Já melhorô. Deu pra equilibrar mais um pouco.

As breves inserções no mundo do trabalho demonstram também as constantes passagens do mundo marginal ao “normal” - assim como as tentativas de constituir família - que o TRECHEIRO pode processar, caminhando ao longo da linha, por vezes tênue, que separa os dois universos.

Ivo, o pescador “nórdico” que desistiu de trabalhar no mar para arrumar seus documentos e conseguir algum dinheiro, pois tinha que mandar um pouco para a mãe, foi para o Norte trabalhar na derrubada de mata no interior da Bahia (Bromado). Conseguiu dinheiro para voltar até São Paulo, foi a Curitiba e de lá desceu a serra para Barra Velha (SC) onde trabalhou novamente na derrubada de mata de pinus. Sem conseguir dinheiro suficiente para sustentar-se e à mãe, virou a cabeça e resolveu continuar no trecho mesmo. Se um dia arrumar algum emprego, pára de andar. Por enquanto segue de cabeça erguida, fazendo sua comida, levando sua vida, tocando o barco. Tem uma promessa de emprego em Laguna. Vai ver. Não tem tempo definido de parada em lugar nenhum e não rejeita serviço de espécie alguma. Considera-se obrigado a sofrer, pois uma alternativa que seria roubar não lhe serve: pode ser preso, apanhar. Assim pelo menos pode continuar andando de cabeça erguida.

Carriola diz que já fez de tudo: trabalhou em fazenda, de pedreiro, de servente, desmontar e montar circos e parques de diversão, de **chapa**. O que aparecer ele pega.

Há três anos fez uma cirurgia no coração, colocou uma *válvula de porco*, e por isso as empresas não lhe dão emprego. Já foi até o Rio de Janeiro e São Paulo, mas não gosta destas cidades porque *lá tem muita maldade*. Vai até Florianópolis, quer ficar algum tempo, trabalhar com papelão e descansar um pouco. Já esteve em Florianópolis antes, tempos atrás, e como não conseguiu emprego por causa da cirurgia, trabalhou na cata de lixo reciclável, vendendo-o para os depósitos que comercializam o material para a indústria.

Luís que anda com a família conta que chegou até o Chile, o lugar mais longe a que foi, junto com a mulher grávida naquela época. Estavam desanimados com sua vida e um dia *deu uma coisa* e se propuseram a *ir até o fim do mundo*. Encontraram um caminhoneiro a quem pediram carona e que lhes disse que estava indo para lá. Durante a viagem o motorista lhes forneceu tudo, pagou a comida e a bebida. Chegando a Santiago foram deixados na rodoviária e imediatamente abordados pela polícia feminina que lhes pediu os documentos. Ele não compreendeu o que diziam e então a policial mostrou seus próprios documentos. Ele atendeu a ordem e a policial, depois de examiná-los, disse que não poderiam permanecer, mandando-os de volta ao Brasil e soltando-os em Alegrete (RS). Aproveitaram que estavam na fronteira e foram à Argentina, seguindo depois até o Paraguai. Ficaram em Assunción um período, mudando mais tarde para a fronteira com o Brasil onde ele revendia *muamba* - que comprava em Puerto Stroesner- aos caminhoneiros no lado brasileiro, bastava atravessar a ponte, como ele me diz. Quando houve o problema da perseguição a PC Farias e se supôs que ele estivesse refugiado naquele país, fecharam a fronteira e tiraram os brasileiros de lá, mandando-os para o Brasil. Ainda permaneceram algum tempo em Foz do Iguaçu onde sobrevivia fazendo artesanato. Mostra-me uma caixa onde se amontoam restos de linha e pequenos chapéus revestidos com os fios para pendurar no espelho retrovisor do carro. Presenteia-me com o último restante dizendo que vendia muitos no RS e no Paraguai, onde se dá valor a este tipo de trabalho; aqui, ao contrário, fez um grande número e não conseguiu vendê-los. Passou a dá-los, então. Tentou vender para uma loja que existe no posto Catarinão, em Palhoça, mas como queriam lhe pagar *uma mixaria* não fechou o negócio. O dono mandou-o sair do posto, onde já tinha armado a barraca, porque ele não aceitara o preço oferecido. Nesta situação vendeu pelo valor estipulado para poder permanecer ali. Na noite seguinte foram roubados, tem certeza, por um empregado do posto que levou as ferramentas -

tesouras etc.-, além do material para confeccionar as peças. Desarmou sua barraca quando se deu conta do ocorrido e foi embora.

Devanir, relatando suas viagens pelo país, tem como marcadores das cidades pelas quais passou alguma experiência de trabalho, constituindo seu mapa mnemônico pessoal. Quando foi a Três Lagoas trabalhou com *gato* em uma fazenda, *roçando e quebrando milho*. Depois seguiu, junto com outro, para Campo Grande onde trabalharam tirando semente de brachiaria (uma espécie de capim usado em pastagens). Em seguida foram para Rondonópolis e depois Cuiabá e entraram no pantanal de onde voltou a Campo Grande e dali a Ponta-Porã e Sorriso (MS). Em outro momento foi até Guaíra no Paraná e conseguiu emprego com outro *gato* para colher algodão em Paloma no Paraguai. O empreiteiro conseguiu o *permiso* para que ele pudesse entrar e trabalhar no país. Quinze dias depois de começarem a colheita, começou a chover e o algodão encharcado caiu todo, a safra perdeu-se quase por inteiro. O patrão pagou-lhes o que devia e mandou-os de volta a Guaíra onde permaneceu por 3 ou 4 dias dormindo na frente da igreja. De lá partiu para Cascavel, onde ficou alguns dias num albergue.

Em Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso do Sul, *também é bom mas só dá garimpeiro, todo mundo anda armado*, descreve. Foi tomar uma pinga num bar e um cara o chamou e perguntou: “tá tomando pinga? Quer tomar uísque?” Comprou um litro de uísque para beberem, *caro pra caramba*, avalia, e lhe perguntou se queria trabalhar no garimpo. Disse a ele que não conhecia nada de garimpo. Convidou-o então para trabalhar de “quebra-milho” e ele me pergunta se eu sei do que se trata. Digo que não e ele explica: *é para tomar terra, vigiar as cercas que eles vão empurrando. O cara fica armado e não pode deixar ninguém chegar, só se der uma senha, senão passa fogo*. De qualquer maneira, ele recusou a oferta. Só sabia trabalhar em roçado de capim e pasto. Trabalhava também em derrubada de mata com moto-serra, *em mata fechada que tem que saber cortar senão morre lá mesmo*. Explica: *tem que cortar para o lado que já está descampado*. Certa vez foi cortar ao meio uma árvore que ficara trancada nas outras. A moto-serra voltou próxima de sua cabeça. Naquele dia prometeu nunca mais mexer com aquela máquina.

O trabalho pode servir também como forma de demorar-se um período maior em algum lugar, como informa um outro TRECHEIRO: *às vezes fico um pouco mais de tempo no lugar mas se vê que tem muita gente pedindo aí vou embora. Se tiver algum*

trabalho também posso ficar. Já trabalhou como servente na construção civil e em desmatamento.

Cigano, como gosta de ser chamado o companheiro de Imaculada, mostra-me seu trabalho: canetas encapadas em linha colorida. Diz que vai expor na *Fenarrec* em Brusque mas antes precisa conseguir mais canetas pois as 150 que tinha foram roubadas, juntamente com seus documentos, e que já estavam prontas. Pergunto a ele quanto custam e ele pede 3 reais cada uma. Digo-lhe que é caro e ele me responde que não pode vender por menos por causa do material e que precisa repor seu estoque.

Elemento importante na vida de TRECHEIROS e PARDAIS, o álcool serve de “combustível” também para as derivas. Apontado pelos entrevistados como um dos motivos que os levam ao trecho, ele pode ser fator também de permanência nele em virtude das dificuldades em manter estabilizadas suas relações pessoais e profissionais.

Edinho, que fazia muito não o via, com os olhos injetados realçando sua cor verde cumprimenta-me como velhos amigos que não se encontram a tempos. Pergunto o que lhe aconteceu e me diz que esteve um tempo parado da bebida, trabalhando para sua irmã como motorista, sem beber nada. Agora recaiu. Consegue parar por conta própria mas, de vez em quando, volta a beber. Procurou garantir ao cunhado que voltaria ao trabalho assim que tivesse condições de parar novamente.

Algumas semanas depois reencontro-o no mesmo local. Usando roupas novas, barbeado, feliz e muito diferente de quando está na “ativa”. Cumprimenta-nos - a mim e à Xuxa quando conversávamos sentados nos bancos do Largo da Alfândega, aproveitando o sol matinal - , e pede-me um abraço. Não o recuso. Conta que está conseguindo segurar a bebida embora tenha bebido ontem e hoje, mas apenas duas cervejas convidado por um amigo. Está trabalhando para a irmã dirigindo o micro-ônibus e dali a pouco levará um grupo de vinte professores de Brasília que estão aqui para um congresso, até Brusque e amanhã para Blumenau.

Mesmo se consideramos as condições objetivas do mercado de trabalho e o contingente de mão de obra estruturalmente excluído e acumulado nas bordas do sistema produtivo, não poderíamos reduzir a existência de TRECHEIROS e PARDAIS a tal quadro, sob pena de não podermos explicar a continuidade na errância daqueles que tiveram oportunidade de fixar-se através de alguma oportunidade de trabalho. Antes, um conjunto mais complexo de elementos soma-se ao fator material, cuja função

seria a de fornecer as condições, por assim dizer, para a fuga marginal e de servir de pretexto para permanecer nela. Há, sobretudo, a recusa em enredar-se nas malhas de uma vida social hierarquizada e na divisão social do trabalho, cumprindo nelas as ocupações inferiores e pior remuneradas. No trecho não estão, por certo, em situação melhor em relação ao sistema produtivo, porém, salvagam-se contra as investidas normativas do Estado.

O MANGUEIO E O AGÁ

Outra tática bem sucedida é o pedido ou **mangueio**, que revela por trás de suas técnicas, uma compreensão articulada dos códigos capazes de sensibilizar o doador. Também chamado **acharque**, ou ainda de **um-sete-um**, consiste em contar uma história de cunho dramático ou de enfatizar a situação de sofrimento pela qual está passando, onde o elemento principal é a verbalização. O **agá**, diferentemente, envolve normalmente uma teatralização, um engodo dramatizado, quando a história tem função secundária ou até mesmo é dispensada.

É possível considerar tais táticas como verdadeiros instrumentos de “trabalho”, se por eles se entende as técnicas usadas para a subsistência e exploração dos recursos disponíveis no ambiente, levando em conta que este “trabalho” não se dá diretamente sobre a natureza mas sobre outros seres humanos. Esta atividade não se encerra, no entanto em seus fins práticos de sobrevivência, mas tem também um caráter simbólico ou expressivo por constituir um exercício de poder, onde se põe alguma possibilidade de sair-se vitorioso no jogo social onde normalmente estariam em desvantagem.

Encontro o Baixinho sentado no meio-fio da praça, virado para a rua, sem ligar para o movimento dos carros que passam próximos das suas pernas, ainda deprimido como o encontrei ontem. Sua voz é mansa como a dos que se retiram do mundo, recolhendo-se dentro de si. Não precisa falar alto, pois ele mesmo é seu interlocutor hoje. Sento-me ao seu lado e pergunto-lhe se está no **mangueio**, antes de entregar os sapatos que lhe prometera. Responde afirmativamente e conta que ontem a noite se *deu bem* no **acharque**. Conseguiu *5 austral* graças, segundo considera, ao fato de estar sozinho, pois o problema é quando tem mais gente por perto e *ai não dá nada*.

Uma outra tarde encontro Gê e Saulo sentados em um dos bancos sob a figueira na Praça XV. Pouco depois Fofão e Edinho vem se juntar a nós. O primeiro tem o braço esquerdo engessado por tê-lo quebrado durante uma convulsão, coberto com uma camisa semi aberta de um branco amarelado. Neste momento estão retornando do hospital onde ele foi atendido. Fofão está com aquele seu ar confiante de que eventualmente se investe e que contrasta claramente com seu apagamento habitual. Uma luz faísca em seus olhos. Depois de explicado o que lhe acontecera, propõe saírem amanhã os três para “tirarem uma grana” e quer conseguir 100 reais até o meio dia.

Duvido que ele o consiga e Gê me diz que ele é bom no **mangueio**, que *tira uma grana legal*, o que faz Fofão ficar mais cheio de si. Ele diz que se for dali até o fim da Felipe Schmidt consegue esse valor hoje mesmo. Se ficar ali na farmácia da praça, com o gesso, também consegue uma boa grana. Lembra que o médico ia lhe dar uma receita, mas como ele lhe disse que era alcoólatra o médico recuou. Gê lamenta pois a receita médica serviria muito para o **agá**.

Começo a compreender o que estava acontecendo. Para Fofão o braço quebrado e engessado serviria de argumento para o **acharque** o que lhe facilitaria em muito um acréscimo nos ganhos. Se tivesse obtido a receita teria sido melhor ainda, pois teria uma **comprovação** de sua necessidade, além de poder pedir dinheiro para comprar remédios. O que ele tem, na verdade, é um valioso instrumento capaz de mobilizar a solidariedade traduzida em espécie. Daí provavelmente sua auto-confiança tão manifesta hoje.

Fofão comenta ainda: não gosta quando vai pedir dinheiro para alguém e a pessoa é estúpida e lhe diz: “vai trabalhar!”. Reflete comigo: *para que trabalhar se ganho mais pedindo!*

No trevo de Biguaçu, o trio de andarilhos dá outras amostras de certas regras que devem ser observadas para um **mangueio** eficiente.

Cigano diz que vai até a cidade tentar conseguir as linhas que precisa para seu trabalho. Do carrinho tira uma jaqueta - pois apesar do tempo bom, o frio vai se intensificando a medida que a tarde vai caindo -, que está muito suja. Luiz propõe que troquem os agasalhos uma vez que a jaqueta que ele está vestindo é preta e não aparenta tanta sujeira quanto aquela que o Cigano pegou, sendo mais apresentável e mais adequada para o mangueio. Cigano concorda e fazem a troca, indo em direção ao centro da cidadezinha.

Ficamos eu, Imaculada e Luiz conversando sentados no gramado. No posto de gasolina do trevo uma Kombi parada, cheia de pessoas que se espremem a nos olhar e fazer comentários. Somos uma atração. Luiz diz que vai **acharcar** alguém ali. Não o intimida os olhares; parece já acostumado a eles. Luiz mantém o seu firme, enfrentando-os enquanto comenta conosco que é justamente aquele interesse que justificará o **acharque**. Mesmo assim está hesitante. Pede uma bala a Imaculada para tirar o cheiro de cachaça da boca. Esta diz que não tem mais nenhuma pois botou fora as últimas. *Como vou acharcar o cara agora, com esse bafo de pinga?* pergunta ele. Ela sugere que ele lave a boca com desodorante que tira de uma sacolinha com produtos de

higiene. Pega um sabonete e esfrega-o em seu rosto, depois tenta colocar o desodorante em sua boca. Eles se divertem com a brincadeira. Sem solução para o problema ele investe contra a Kombi e seus ocupantes assim mesmo. Aproxima-se do motorista falando com ele a uma certa distância, talvez para não denunciar o cheiro da cachaça, penso comigo. Gesticula ao falar, gestos contidos, assumindo uma postura meio curvada, humilde. O motorista lhe sinaliza algo enquanto os ocupantes, quase todos mulheres, tem a atenção presa ao diálogo. Volta decepcionado sem ter conseguido nada. Outras pessoas passam por nós e ele pede também a elas mas agora num tom debochado, sem a reserva de antes e sem levantar-se do gramado: *hei, me dá um dinheiro ou não tem um dinheiro pra me dar?*. Os que passam não lhe dão sequer atenção.

Cigano volta e ao chegar põe algumas notas e moedas de real sobre o gramado, a nossa frente: 3,98 ao todo, ele conta; mais seis canetas que ganhou. Diz que a vila é boa pois rapidamente conseguiu aquele dinheiro. As linhas não arranhou pois não tinha na loja onde foi, sendo que a mulher que o atendeu até lhe mostrou o estoque para que ele comprovasse. Ofereceu-lhe linhas de lã mas ele educadamente, acentua, recusou dizendo que não faria uso delas e acabaria por jogá-las fora e por isso preferia não levar. Os outros dois gostam da notícia, combinam de ficar ali mais um dia e, como já está anoitecendo, vão parar sob uma ponte mais em frente para amanhã voltarem à vila para **acharcar**. Luiz quer ir para lá imediatamente mas é contido por Cigano que avisa que aquela hora não vai cozinhar; prefere esperar mais um pouco e voltar ao restaurante para pegar a comida já prometida pelo dono. Imaculada concorda: *já está muito tarde para começar a fazer comida*. Junta o dinheiro espalhado pela grama e guarda-o em um saquinho plástico onde vejo uma quantia razoável. Cigano me assegura que com o dinheiro que ganham no **acharcar** não compra cigarro nem bebida, este é apenas usado para comprar comida e para uma necessidade. Para aquelas despesas usa apenas o dinheiro que ganha vendendo seu artesanato ou pelo pagamento de algum trabalho. Diz que não é burro, que estudou até o segundo grau, tem curso de medicina, psicologia... Imaculada e Luiz, já meio bêbados, promovem uma algazarra com os cães, sendo repreendidos por Cigano pelo barulho da alegria incontida.

Opinião generalizada é a de que não há muitas dificuldades de sobrevivência no trecho, sendo relativamente fácil conseguir o que se precisa, desde que se tenha uma certa habilidade para fazê-lo:

Fome não passa no trecho. Não precisa roubar, conversando direito todo mundo dá, rouba de sem-vergonha.

Olha que é difícil o cara que te esculacha quando a gente pede; paulada ele não vai dar, tiro também não. O máximo que pode acontecer é ele dizer não. Sabendo conversar..., ninguém nunca tá livre de uma boa conversa; se ele tem mesmo fica até com vergonha de dizer que não ou vai rodear pra dizer que tá na mesma situação.

A um outro pergunto como faz para pedir as coisas.

Tem que chegar num restaurante, conversar na íntegra, deixar baixar o movimento. Tem gente que ganha comida e ainda rouba do cara. Aí "queima" o cara e todos acabam pagando por um. Também nada de ajuntamento...

Nilso reafirma os depoimentos anteriores:

*Aí saímos, pegamos um trem que sai lá da Central do Brasil fomos até Paracatu. Dali que começou - nós estávamos com dinheiro no bolso- começou a pedir, na gíria do TRECHEIRO, o **acharque**. Aí logo de cara ví uma pessoa fumando Minister, cigarro que eu sempre gostei de fumar, falei: ah! vou arriar um 1-7-1 no ouvido dele. Meu amigo, história é o seguinte, estou viajando, estou necessitando de uma ajuda, de um cigarro só seu. E aí daquele papo, falou: "vai pra onde?" Tô querendo ir pra Curitiba, com um amigo meu aqui. "Você vai pra Curitiba a pé?" Eu falei: é, não tenho dinheiro. O papo do TRECHEIRO ..., você pode estar com dinheiro e nunca diz que tem. Aí ele falou: "mas a pé, é muito longe". Digo, ah! vou com a ajuda de Deus, uma pessoa tão boa como você, quem sabe você pode me ajudar. Aí já me deu um cigarro e já me deu um trocado. Me pagou uma passagem até (...). Dali fomos seguindo a pé até o próximo posto. Dali falamos: bom, já que começamos a **acharcar**, vamo **acharcar**. **Acharcamo** a comida que é o essencial. O TRECHEIRO que é TRECHEIRO não passa fome não, porque tem dez, doze que não dá, mas tem duzentos que te dá.*

Celso também relata a propósito de um incidente em que travou uma discussão com uma dono de restaurante que lhe negara comida.

Fiquei do lado de fora [do restaurante], nisso encosta uma Kombi e compraram quatro marmitex. Dois casal, né. Viro eu sentado em cima do saco ali, viro a minha situação, olharo pra mim assim, de repente vem um assim: duas marmita, comero duas, ficô duas. Digo: eu vô comprá marmita por que? Tem gente que dá: “ó, moço, tá, ninguém mexeu aqui, aceita? De bom coração”. Eu digo: pô, não sei nem como agradecê pra vocês, viu, isso aqui caiu do céu, pedi ali e me negô, me chamô até de vagabundo, dali pra fora. Aí ele, eu peguei, comí uma e a outra guardei. Digo: mas eu não vô ficá nisso aí não, eu botei na cabeça que vô acharcá aqui na frente, aí tinha um monte de carro de bacana ali também, almoçando. Eu digo: é isso aí mesmo, esperá a saída deles, a hora deles í embora, se eu falá antes aí não sai dinheiro, capaz de me enchê aí de marmita aqui, não sei o que vô fazê com essa comida tudo. Vô esperá eles almoçá, na hora que eles tivé entrando no carro pra í embora aí eu chego junto, esse é o esquema. Cheguei num, porra, saiu dois milão, meu. Digo: ôia, primeira acharcada foi fatal, já não precisava acharcá mais, no começo do ano ali, dois milão dava pá compra seis litro de cachaça, de Velho Barreiro, né. Digo: pô. Mas não parei por aí não, isso é só o começo.

Ah, contava a história do cara lá da, do gerente da - gerente, dono é a mesma coisa, ele era filho do dono, ele é filho do dono. Aí eu contava: é assim, assim, tô indo pá lá, praticamente de a pé, né. São Paulo é longe, tô com fome, fui pedi ali po moço ele simplesmente me xingô. Eu tô pedindo, chega alguém, mete um cano nos córno dele, o que vai fazê? Vai entregá tudo de mão beijada e não vai nem reclamá, eu fui pedi uma marmitex simplesmente esculachô, né; não queria dá uma força aí pra mim. Inclusive não é só hoje de meio-dia que eu quero comê não, até São Paulo é longe, tem que comê aí pra frente também. E a história cola, com uns trago na cabeça até sai melhor. E vai daqui, vai dali, quando eu ví eu tava com mais de onze conto ...

È Celso ainda quem aponta um outro fator importante para o **mangueio** eficiente: manter-se sempre em movimento, não permitindo aos outros identificá-lo como TRECHEIRO:

Eles [o povo das cidades] não gostam de ninguém acharcando. Se for lá de passagem não tão nem aí, te dão comida, te ajudam até com ropa se tivé mal, mas aí cê segue teu caminho, não fica dentro da cidade. Eles não gosto disso aí, não. Mas isso aí em todo estado tem isso. Todo estado não gosta que o cara fique dentro de uma cidade

aporrinhando, como se diz. Não gosta mesmo. E tem muita cidade que é pior, outras cidade é acolhedora, né. Com uma é boa, a outra então nem se fala, né. É prá lá de ruim. Então só de escutando otros conversando o cara já evita, já não vai lá. E também o que é bom pro TRECHEIRO não passá muito numa cidade prá não sê conhecido. Passá daqui a oito mes, um ano lá de novo, ninguém vai podê dizê que tú é um TRECHEIRO. Eles não se lembram, se alguém se lembrá do cara. Pô, cê conversa com alguém a oito mes atrás, retorna lá hoje. “Tú não passô tal tempo?” Passei, tava só de passagem aí, eu tava indo pá tal lugar. Não diz prá que que era, o que foi, o que dexô de sê, né. “Tá indo prá onde?” Tal lugar, vô ficá uns dois, três dia aqui, não sei onde vô me hospedá ainda- não dá as diretrizes prá ele, né -, não sei ainda, tem uns negócio prá fazê aí, vô seguí adiante. Não diz que tú é TRECHEIRO, senão vai desconfiá. Daqui a um ano, passa por alí de novo: “ô, fulano!” Quando vê cê já arrumô dois, três amigo lá dentro. Cê não ficô lá dentro, agora se cê ficá alí e eles vê que cê tá, já anda prá cá, anda prá lá, não faz coisa alguma; hã, hã, eles não gosto não.

Há portanto algumas regras específicas que devem ser observadas na estruturação da prática do pedido: evitar o *ajuntamento*, isto é, estar com um número muito grande de pessoas no momento de pedir a doação; evitar parecer alcoolizado, mais do que estar efetivamente; procurar demonstrar educação ao pedir, manter-se em movimento constante.

Se para alguns o mangueio não constitui problema, para outros, no entanto, não é uma prática tão simples. Um dos fatores intervenientes no mangueio é a vergonha, que pode ser combatida pelo uso do álcool.

Gê me fala de seu "dilema". Não pode parar de beber porque senão tem os ataques convulsivos e tem ataques porque bebe. Além disso para manguear tem que estar bêbado, caso contrário, não consegue fazê-lo de vergonha.

Seu Antônio, o TRECHEIRO idoso, revela que para ele o início de sua vida no trecho foi bastante difícil pois tinha vergonha de pedir: *chegava num restaurante, rodeava e voltava para trás*. Foi assim até que teve coragem e entrou. Deu sorte porque a própria dona do restaurante lhe ensinou como deveria fazer: tem que chegar quando o movimento já acalmou, pedir para falar com o gerente, explicar a situação e pedir a comida. Ela “abriu sua cabeça” e agora sempre faz desse modo. Além disso não

costuma entrar nas cidades, preferindo manter-se na estrada porque tem vergonha também de mostrar-se tão sujo e em roupas velhas.

Uma tarde ao regressar da estrada encontro Luís e Galego na Praça XV. Aquele pede ao outro - que permanecia ali quieto enquanto conversávamos-, que vá novamente na padaria comprar pão para ele. Quando este se vai Luís me diz que não gosta de usar os outros mas tem que fazê-lo porque não sabe pedir nada. Percebendo a desculpa, pergunto se ele tem vergonha de pedir. Ele diz que tem mas, ao mesmo tempo, é sem vergonha também: *eu bebo pinga, fumo maconha ...*

O ABRAÇO

Os sistemas de trocas materiais entre os andarilhos e entre eles e outros grupos com quem tem contato, permite o estabelecimento de alianças através da circulação de bens e da prestação de favores, mesmo que tais alianças tenham caráter extremamente lábil como demonstrado mais a frente (item CONVÍVIO).

Por mais paradoxal que pareça, a pobreza ou a falta de recursos materiais acumulados, não impede a organização de sistemas de comércio, sendo que a “moeda” com a qual se negocia pode ser a ampliação da rede de apoio, por exemplo, o que implica na manutenção de certo prestígio de alguém em relação aos demais membros do grupo. Semelhante ao *potlacht*, o que está em jogo nessas transações não é a acumulação dos bens, mas a formação de redes de solidariedade que garantam a circulação dos objetos necessários à sobrevivência, onde o sujeito receberá também sua parte quando precisar em razão da reciprocidade. Tal relação de mutualidade, não é demais repeti-lo, é sempre provisória e dependente de uma série de fatores, alguns bastante circunstanciais. Mas o que parece fundamental é que a “economia” dos grupos, enquanto sistema de relações, promove um “alargamento do espaço social na dimensão (...) dos circuitos de troca aos quais eles estão ligados.”(Condominas, 1977:24).

Os discursos afirmam a fraternidade e o compartilhamento das poucas posses, como as roupas, objeto extremamente significativo que aparece muitas vezes como índice de desprendimento absoluto e de amizade, sintetizados numa fórmula comum de ouvir nas ruas: “dou a ele a roupa que trago no corpo”. Como expressão simbólica, esta disposição em abrir mão da última propriedade restante - as roupas que usa, permanecendo apenas com aquilo que lhe é irredutível: o próprio corpo -, demonstra o arrebatamento com que os sujeitos se engajam em suas redes de relações, embalados por uma ideologia da vida igualitária. A ajuda mútua, a desistência de heranças, a dilapidação de reservas de dinheiro ou objetos mais valiosos em favores aos companheiros, festas e cachaçadas - tantas vezes lembradas por Fofão -, vem a reforçar uma vantagem compensatória na sua condição de existência: a igualdade, oposta ao mundo hierarquizado e competitivo dos que “tem”. Mas a racionalidade e o pragmatismo deste sistema podem ser quebrados a qualquer momento. De uma hora para outra pode-se esquecer o compromisso firmado, roubar a quem o ajudou, abandonar o companheiro em momento de perigo, trair sem remorsos. Lembranças

amargas da vida no trecho às quais todo TRECHEIRO ou PARDAL pode contar um episódio deste tipo.

Dadas as dificuldades de armazenamento e transporte dos pertences e a precariedade de sua posse, tudo o que excede à capacidade de consumo ou de garantia da propriedade, ou ainda, que contenha maior valor de troca e com ele se possa ganhar algum dinheiro, pode tornar-se “mercadoria” e é posto rapidamente em circulação: roupas, calçados, comida, bebida, drogas, cobertores, objetos de adorno. Alguns obtidos através da doação, outros por furto e outros ainda encontrados no lixo, mas de pouco valor, servem geralmente para as trocas internas ao grupo, enquanto os de maior valor alimentam os negócios com pessoas de fora dele (artesãos, pequenos comerciantes, outros grupos marginais etc.).

Josué dá uma idéia destas dificuldades para manter os pertences, levando-o a distribuí-los:

As roupas que ganho faço troca, às vezes dou pra quem tá na pior, faço um câmbio negro. Mas não dá pra andar muito bonitinho. No verão a gente dorme em qualquer lugar, em gramado. Tem gente que te toma as roupas na cara dura. Se se veste bonitinho, com calça boa, o cara vai atrás de ti, parece um bobo. Vai tomar um trago deixa a sacola por aí e depois não lembra mais, tem que ir de bar em bar procurando.

De fato, a posse de muitos objetos se transforma, sobretudo, em uma carga excessiva para transportar, dificultando a mobilidade. Por outro lado, é a própria manutenção da mobilidade que garante aos andarilhos a obtenção dos recursos necessários, relativamente fáceis de conseguir.

Fome não passa no trecho. Não precisa roubar, conversando direito todo mundo dá, rouba de sem-vergonha. Na região de Gaspar sai com um saco de roupa que não conseguia carregar. Em Brusque fui descansar num cemitério. Tinha uma moça capinando que me viu e disse: “tem uma enxada te esperando aqui”. Arregacei a manga e comecei a trabalhar. Lá cada mês uma família se encarrega da limpeza do cemitério. Conteí minha situação pra ela, me levou pra casa dela, abriu o banheiro pra eu tomar banho. A noite chegou um cara com três cobertores, comida, tudo. Fiquei lá três dias. Todo mundo sabia que tinha um homem na igreja. Ganhei tanta coisa que

não tinha como carregar, só se tivesse um burro. Quando tava saindo da cidade vinha mais dois. Perguntaram como tava a área. Eu disse que tava bom, que o pessoal ajuda. Ainda consegui uma carona com um ônibus.

A quantidade ideal de objetos para transportar é aquela que cabe no **galo**:

É um galo-de-briga, carrega tudo o que precisa ali. Tem lugares que tem que levar coisas pra cozinhar na estrada, senão é capaz de perecer. Não tem casa, posto, ou então a casa é longe, de um fazendeiro que tem cachorro que vem te receber. Então evita isso.

A composição do **galo** é variável, mas Celso nos dá uma idéia dos critérios de escolha dos objetos necessários para levar consigo:

Depende de regiões. Tempo de calor, bem umas seis, sete bermudão; oito, dez camiseta; zorba, umas duas calça comprida prá de noite; dois par de tênis, dois par de chinelo; xampu, sabonete, escova de dente, barbeador, enfim esses utensílio, que a gente diz, é o mais necessário, e os documento. Ai uma boa bolsa e vai embora, não precisa mais nada. Pode sai até sem dinheiro, na outra cidade já arruma um pôco, mais um passo uma passagem.

É em favor do movimento, portanto, que o acúmulo de objetos torna-se indesejável. Somado à isto está a facilidade de granjear os itens relacionados à subsistência (comida e água) e a reposição de outros (roupas, calçados, cobertores etc.), tem-se uma certa “segurança” quanto à satisfação das necessidades fundamentais. O trecho pode ser, assim, visto como lugar de abundância ao qual recorrem os que não tem garantias de sobrevivência em seu lugar de origem. Há também períodos de maior dificuldade, mas estes estão condicionados a momentos em que as condições climáticas são desfavoráveis, como o inverno ou períodos de chuva que impedem o deslocamento, ou ainda a passagem por locais desertos, sem habitações ou estabelecimentos comerciais. Mesmo assim, alguns TRECHEIROS revelam que preferem ficar na estrada à parar nas cidades, em razão das vantagens para conseguir as coisas que precisa.

Baixinho, que já esteve nas duas situações, no trecho e na cidade como PARDAL, faz uma comparação:

*No trecho é melhor, mais fácil de conseguir as coisas, sempre dão um pratinho de comida ou algo para **queimar lata**. No fim de semana na cidade é ruim, os mercados estão fechados e não tem onde **acharcar**, não tem ninguém pelas ruas. Durante a semana o pior é de manhã cedo porque as pessoas estão com pressa para o trabalho e ninguém dá nada.*

Vale a pena insistir num aspecto: a manutenção da mobilidade é muito importante para se conseguir as coisas. Veja-se as declarações de proprietários de restaurantes, por exemplo, que, invariavelmente, afirmam seu desagrado com aqueles que tornam-se *fregueses* ou *clientes*, isto é, que repetidamente vêm ao seu estabelecimento pedir comida¹. Ou mesmo as repreensões dos TRECHEIROS aos PARDAIS por estes *sujarem a área*; ou ainda os cuidados tomados por Celso para não tornar-se *manjado* num lugar. (Sub-item MANGUEIO E AGÁ).

Para os PARDAIS as condições são semelhantes, embora, por circunscreverem sua deambulação a uma área mais restrita que a dos TRECHEIROS, podem contar com certos estratagemas que aqueles não tem, como lugares para guardar seus pertences, por exemplo. Mesmo assim, um certo desprezo pela conservação dos objetos é observável, dadas tanto a facilidade para repô-los, quanto a dificuldade para transportá-los, a não ser no caso de este possuir algum valor de troca mais significativo.

Gago me conta que na noite anterior estava em seu **mocó** quando apareceu, plena madrugada, um casal para lhe dar um colchão e um saco com roupas de criança. O colchão ainda tem e deixa-o guardado com o zelador do banheiro público do Largo da Alfândega - que serve como depósito durante o dia para as coisas que não pode carregar - e as roupas vendeu-as para Quietó, pois sua companheira vai ter bebê em breve, além de ter outros filhos de um casamento anterior.

Também no Largo da Alfândega observo King e Tia sentados em um dos bancos próximo ao palco, abraçados afetuosamente. Logo aparece uma garotinha para pagar algo à Tia e vejo-os negociando sem entender muito bem o que se passa. A Tia me conta que eles ganharam uma sacola com roupas de criança e a revenderam para a mãe da menina que agora havia vindo pagar a parte do dinheiro que faltava.

Algumas vezes os “presentes” podem conter surpresas desagradáveis:

¹ Conforme os depoimentos transcritos no primeiro item deste capítulo.

Luiz chega e lança um cumprimento geral. A Tia Ihe diz de imediato: *papel bonito fizeste ontem!* Ele estranha, diz não saber que *papel* foi esse. Começam a conversar sobre o ocorrido no dia anterior e que vou entendendo aos pedaços. “Alguém” roubou bijuterias de um camelô e deu várias ao Luiz que, por sua vez, deu-as a King. Este foi ao banheiro público e lá cruzou, sem saber, com a vítima que identificou um anel que ele tinha no dedo como uma das mercadorias furtadas. Quis arrancá-lo de King e, não conseguindo, chamou a polícia. Veio uma *caba*, como diz King, para saber o que estava acontecendo e obrigou King a devolvê-lo, levando-o até o posto policial para um breve interrogatório. King *juntou* o cara na parede e diz que se tivesse uma faca na mão teria *furado ele*. Até então as acusações recaíam sobre Luiz, de que ele teria roubado e passado a King, pondo-o numa fria.

Outra diferença entre TRECHEIROS e PARDAIS situa-se na maior facilidade destes últimos formarem um conjunto de “consumidores” para seus produtos.

Na Praça XV, final de tarde, encontro Gê e Saulo recostados despreocupadamente em um dos bancos sob a figueira. No banco ao lado senta-se uma figura conhecida dos dois e que eu já vira várias vezes pela praça também. Chamam-no de Barba e ele nos mostra, vangloriando-se, um litro de whisky Passport que traz embrulhado em um saco. Gê logo ironiza: *é, magnata é assim. Ri a toa*. Oferece-se para *transar* o litro para ele. Saulo sugere: *leva no homem da cobra que ele abraça*. O Barba se interessa mas quer ele mesmo vender a bebida. Logo se vai e ao sair Gê recomenda que ele avise, caso encontre mais alguém da turma, que estão ali.

Uma tarde de sexta-feira no início de março desço, com Gê e Xuxa em seu andar claudicante que seu companheiro imitava, para irritação dela, vindo do “cinema” em direção à Praça XV. Chegando lá encontramos um artesão conhecido de Gê que se detém para conversar. Diz-lhe que vai *jogar uns bagulhos na mão*, referindo-se ao que me contara antes acerca de *uns bagulhos de camelô* encontrados no lixo, com os quais fizera algumas trocas com outros artesãos por seus trabalhos. Estas peças, algumas dera de presente e outras se desfizera sem mesmo saber como. Com uma expressão conformada no rosto, erguendo os ombros e abrindo os braços me diz que *não consegue guardar nada*, menos como uma característica pessoal do que uma conseqüência das suas condições de vida.

A RODA

Marcadamente anti-hierárquica, a dinâmica das relações entre os andarilhos parece estar a todo momento zombando da autoridade, destituindo-a pelo confronto violento, pela ridicularização ou pelo engodo, num esforço contínuo de sabotagem das intromissões estruturantes do Estado. Verdadeira “máquina de guerra”, TRECHEIROS e PARDAIS conformam em suas relações uma “sociedade contra o Estado”, organizando táticas para fazer frente a este poder encompassador:

*Esse cara (os que roubam, sujam a área) não é amigo da estrada. É tipo bobo. Tem uma lei do TRECHEIRO que diz: nada de **escalação**, nada de mandar o outro fazer uma coisa e outra. A gente 'tá na estrada porque é livre e esses pensam que arrumaram um burro de carga para eles. Bom é ter mais um pra ajudar; mais que isso não dá certo.*

Obviamente tal padrão relacional não suprime o estrutural, mas mantém com ele relações que estão por ser melhor discriminadas, imprimindo um ritmo contraditório e fragmentário ao conjunto destas relações. De qualquer modo, a dinâmica estabelecida nelas demonstra um constante levante contra a possibilidade de instauração definitiva de uma chefia que se desdobre em hierarquização. Manter-se em guerra é uma maneira de abjurar esta formação normativa, um “mecanismo coletivo de inibição” que “mantém a dispersão e a segmentaridade dos grupos” e impede a “instauração de poderes estáveis em benefício de um tecido de relações imanentes”- um modo “mundano” de estruturar as relações com os pares nos bandos, onde se procede “por difusão de prestígio mais do que por referência a centros de poder.”(Deleuze e Guattari, 1988: 365). A este aspecto “político” soma-se a estrutura “econômica” que preconiza a circulação dos bens, impedindo a acumulação material e, em consequência, de poder.

Sendo a propriedade de objetos e dinheiro problemática para TRECHEIROS e PARDAIS - seja pela precariedade em mantê-los seguros contra os roubos constantes a que estão sujeitos (e o sentimento de "traição" resultante), seja pela dificuldade de transportá-los em seus deslocamentos dentro ou entre as cidades, visto no sub-item anterior (*O ABRAÇO*) - consubstancia-se assim a impropriedade da acumulação em

benefício da formação das alianças, sempre frágeis, uma vez que este modo econômico da circulação recíproca dos bens esbarra em todas as esquinas com a propriedade privada. Para evitar o primeiro tipo de problema adotam-se procedimentos que tornam o outro suspeito até prova em contrário, sendo necessário perscrutá-lo constantemente, em busca de sinais que acusem a má intenção. Para o segundo tipo, basta o desapego aos bens materiais de quem não tem compromisso com a acumulação

Pude observar com eles a fácil flutuação das alianças formadas entre os PARDAIS, capitaneadas por um individualismo e senso de dever para consigo mesmo em primeiro lugar, tanto nos momentos de conflito, quanto nos de comunhão. No primeiro tal compromisso é mais evidente, contudo, no segundo busca-se reafirmar os laços segundo um "cálculo" das vantagens e desvantagens possíveis em cada aliança, podendo ser desfeitas com relativa facilidade logo depois de confissões de lealdade, imprimindo certa descontinuidade nas relações.

Um evento específico demonstra claramente este ponto.

Nanico é um velho conhecido do grupo de PARDAIS com quem tenho contato. Tem uma expressão tensa no rosto e fala somente com os lábios, mantendo os dentes cerrados. Apenas de bermuda, exhibe seus músculos retesados. Fica mais tempo no trecho do que nas cidades e quando de sua última passagem por Florianópolis deixou um conflito não resolvido com King. Ele e Gê se dizem irmãos e durante uma tarde que passamos juntos trocaram demonstrações inequívocas de apreço mútuo. Antes de Nanico chegar à cidade, no entanto, Gê, Xuxa e Fofão - que agora o acompanham - circulavam na companhia de King e outros, sendo que agora o grupo se dividira em razão da presença daquele. Nanico me diz que só veio a Florianópolis para ver seu "irmão de consideração", caso contrário não o teria feito porque aqui *só tem guerra*. Na noite anterior fora cercado por King e mais dois que, armados com facas, queriam *furá-lo*. Ele reagiu com uma barra de ferro que mostra com orgulho e discrição planejada. Conta que aquele tentou *cobrar* a agressão que sofreu dele em seu encontro anterior, quando abriu-lhe a cabeça com um pedaço de pau, exigindo quinze pontos para fechar a ferida.

No dia seguinte encontro o mesmo grupo na Praça XV. Gastamos algum tempo conversando até que, da direção do aterro, surgem King, Tia, Quietos, Sujinho e Criciúma. A aproximação deles causa um imediato nervosismo nestes que, contido, mostra-se nos olhares trocados e falas a meia-voz pelo canto da boca pedindo que ninguém reaja e que fiquem *cada um na sua*.

King é o primeiro a se aproximar, enquanto o restante do grupo contorna o local onde estamos para sentar-se atrás de nós. Dirigindo-se a Nanico em tom ameaçador, pergunta-lhe como ele pode ficar dizendo por aí que vai pegá-lo e matá-lo, mandando recado através de outras pessoas. Aproximando-se mais ainda, sua figura negra cresce diante de nós, passando a insultar Nanico e desafiando-o a cumprir sua promessa ou então calar-se.

Intimidado, Nanico recua e passa a negar que tenha dito tais coisas. Sua coragem tão propalada parece evanescer. Seu oponente retoma a carga dizendo que não o acertará naquele momento em respeito ao seu braço engessado, mas o fará assim que ele estiver curado, contendo seu gesto em função de uma ética que prescreve condições de igualdade nos combates. Vira-se para Gê e Fofão dirigindo-lhes mais ameaças: que se cuidem, eles também, já que agora andam juntos com Nanico. Gê apressa-se em dizer que não tem nada haver com a briga dos dois, procurando esquivar-se de qualquer compromisso com alguma das partes. Fofão permanece calado, visivelmente perturbado pelo medo. Atrás de nós Quieto observa de pé, mãos na cintura, como que aguardando alguma reação que justifique sua entrada. Mais atrás ainda, a Tia grita pedindo a King que pare com a discussão que já vai atraindo a atenção dos que passam e pode atrair também a polícia. Aquele porém, aparentemente, não lhe dá ouvidos, mas encerra sua “demonstração” e retira-se para junto da Tia.

É a vez de Quieto entrar em cena. Aproximando-se de Nanico, insulta-o várias vezes, faz ameaças, procura provocá-lo ridicularizando-o, bulindo com sua raiva a espera de um passo em falso, de um descontrole daquele para que possa finalmente explodir na intensidade de seu ódio. Nanico permanece sentado, sem dizer palavra, sufocado pela ira que retesa seu rosto e torna os mandibulares ressaltados. Quieto afasta-se e vai ter com os outros. Em seguida chamam Gê que imediatamente levanta-se e põe-se a conversar com eles.

Nanico, completamente desfigurado, tenta falar com Fofão, em voz baixa para não ser ouvido pelos demais, e este lhe responde alto coisas que não tem relação com o que o primeiro lhe diz, justamente para ser ouvido por eles a fim de evitar que pensem que estão tramando algo ou dar sinais de aliança com Nanico.

Quieto aproxima-se mais uma vez e coloca-se entre eu e Nanico. Curva-se e seu rosto quase toca o do outro. Fixando o olhar renova as ameaças e conta-lhe do tempo que passou na cadeia e dos sujeitos que *derrubou na porrada*, mostrando na mão fechada o afundamento da base de um dos dedos que, segundo ele, foi resultante de um

destes enfrentamentos. Praticamente esfrega o braço na cara de Nanico, mostrando os bíceps tensionados onde vejo na pele vários riscos semelhantes a cicatrizes. Nanico não esboça reação, passando agora a dar sinais de concordância a seus oponentes, no que me parece uma tentativa de aliviar o clima de tensão. Quietto, no entanto, faz nova investida, agora contra Fofão, cobrando-lhe a roupa que havia dado a ele. Este, intimidado, diz que a roupa está na sacola e que está suja, o que faz Quietto reclamar que ele deveria tê-la lavado e por isso não lhe dará mais nada. Fofão concorda e diz que vai lavá-la tão logo seja possível. Nanico apoia a reclamação de Quietto, numa tentativa de criar uma “aliança” com ele, mas este percebe a manobra e insulta os dois novamente, dando-nos as costas e voltando a seu grupo.

Em seguida chamam de lá o Fofão que ergue-se para atendê-los sem demora. Olho para Nanico e ele parece que vai estourar. Me diz chorando que não procura encrenca mas ela vem atrás dele. Quer apenas cuidar de sua vida e dos filhos que tem, repetindo essa fala várias vezes enquanto lhe escorrem as lágrimas. Afirma ser um cara de coragem e que não se intimida com ninguém.

Novamente Quietto retorna para prosseguir com as provocações, insatisfeito com a falta de reação de Nanico. Desta vez pega-o pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás, obrigando-o a enfrentar seu olhar e, furioso, cobre-o com palavrões, afastando-se em seguida. Nanico olha para mim a procura de apoio: *vê como é a coisa?* Pergunta angustiada.

Fofão retorna e senta-se silencioso ao nosso lado. Recebeu várias ameaças por estar, ele e Gê, em companhia de Nanico.

Quietto passa rápido entre nós e finalmente dá um tapa no rosto de Nanico que, não se contendo mais, levanta-se enfiando a mão desajeitadamente no gesso que envolve o outro braço a procura de algo. Num movimento que pareceu muito lento, retira de lá uma faca doméstica, serrilhada e pontiaguda, que aponta para seu adversário ainda surpreso com a reação e de mãos vazias. King vem lá de trás gritando ordens a Quietto e dizendo que vai pegar também sua faca. Os dois procuram cercar Nanico e por alguns segundos ficam semi-imóveis, estudando-se entre si, tempo suficiente para que aquele consiga escapar correndo pelo lado da praça indo em direção a catedral metropolitana, sendo brevemente perseguido pelos outros dois.

A Tia, muito nervosa, pede que eles parem com aquilo, com medo que a polícia possa aparecer, enquanto os passantes se detêm curiosos para saber o que é aquela gritaria toda. Os dois retornam e passam a vasculhar suas sacolas em busca de suas

facas, enquanto Nanico desaparece completamente na multidão. King e Quietto, muito excitados, planejam sair atrás dele, mas acabam não o fazendo, apenas procurando localizá-lo com o olhar ali mesmo de onde estamos. Falam e gesticulam todo o tempo, andando de um lado a outro, sem se atrever na caçada. Preocupam-se em não dar as costas para os jardins cujas folhagens podem encobrir um ataque de surpresa. Gradualmente vão perdendo o ímpeto até que se sentam junto aos demais, os quais não esboçaram qualquer interferência na contenda. Gê e Fofão, por outro lado, também já haviam desaparecido sorratamente.

Passado algum tempo Nanico retorna e descendo rapidamente a praça, mantém o olhar fixo em King para, no ponto onde estávamos, recuperar sua bolsa de couro que deixara caída no gramado em frente. King limita-se a gritar-lhe com sua voz anasalada, mais evidente ainda pelo esforço, que esta noite vai rodar a cidade e que não descansará enquanto não encontrá-lo e matá-lo, enquanto Nanico vai se afastando em direção ao aterro da baía sul. Depois, para nós, diz que apenas cortará sua mão fora para que ele aprenda a não puxar uma faca para mais ninguém.

O que parece estar em jogo aqui é a capacidade de cada um em avaliar o peso relativo do(s) oponente(s) e, a partir dela, fazer sua opção de apoio. No entanto, preferencialmente, busca-se não tomar partido algum e tampouco envolver-se em assuntos que não lhes digam respeito diretamente.

Passados três dias deste acontecimento, encontro todo o grupo reunido - incluindo King, Quietto e Nanico - sob a sombra de uma árvore no aterro da baía sul, fazendo a sesta depois de um **queima-lata**, *todos em paz*, segundo me diz a Tia.

A formação de lideranças no grupo, portanto, é flutuante, dependente de fatores circunstanciais: quem em dado momento possui mais dinheiro, podendo bancar o **goró**; quem deu alguma demonstração de força física, derrotando algum oponente numa desavença; aquele que deu mostras de grande esperteza, por exemplo.

Poderíamos dizer, usando os termos de Turner, que a modalidade associativa entre os PARDAIS é do tipo *communitas*, uma vez que não há mediação hierarquizada entre eles². Neste sentido *communitas* ganha aqui um acréscimo dimensional,

² Turner define assim *communitas*: *Um vínculo unindo (...) pessoas através e sobre quaisquer vínculos sociais formais. (...) Communitas é anti-estrutural enquanto seus vínculos são indiferenciados, igualitários, diretos, não-rationais (embora não irracionais). (...) É a experiência de sociedade ou visto como 'um inestruturado ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado COMMITATUS, comunidade ou co-união de indivíduos iguais. (Turner, 1974: 45, 46-7, 49).*

maximizando sua expressão e tornando-se permanente, mantida algumas vezes a força como forma de impedir os ensaios de hierarquização expressa nas tentativas de alguns dos membros do grupo em assumir liderança, tornando-se o **xerife**. Também os PARDAIS referem-se, com alguma frequência, a um tempo pretérito, rememorado como idílico, quando havia fraternidade verdadeira entre eles e ninguém tentava se impor nesta função.

A preservação do modo relacional comunitário se encontra também simbolicamente na adoção, por exemplo, de signos que remetem ao estilo de vida *hippie*: roupas, modo de falar, valores, "trabalho" artesanal. Este último, talvez por conter também uma estratégia econômica, foi utilizado algumas vezes. Permite ganhar alguns trocados, travestir sua identidade (de vagabundo a artesão) e reforçar valores comunitários como o trabalho em grupo.

Um tanto diferente do modo de organização da vida social que os PARDAIS mantêm, geralmente em grupos, os TRECHEIROS estão preferencialmente viajando sós, ou com mais um companheiro apenas. Isto não elimina, porém, torna mais rara a possibilidade de viagens em grupo, como já relatado em alguma ocasiões. Frequentemente apontado como uma relação na qual se deve tomar uma série de precauções, o convívio entre os TRECHEIROS mantêm o mesmo modo anti-hierárquico que se expressa, de início, na própria opção pela solidão.

Um entrevistado na rodovia, bastante reticente e desconfiado pela minha abordagem, me diz que prefere andar só: *eu e Deus. Não gosto de andar junto, às vezes a gente se desentende, o companheiro bebe e aí* Não consegue ser categórico quando lhe pergunto se é possível confiar em outros TRECHEIROS. Responde apenas: *depende, tem uns que dá, outros não*. Em seguida diz preferir andar a pé, ao invés de pedir carona, porque *dá pra conhecer mais gente, outros irmãozinhos do trecho*.

Pergunto a Ivo sobre seu convívio com os outros TRECHEIROS. Responde que é muito desconfiado pois uma vez foi assaltado pelos próprios camaradas de trecho com quem andava. Seu companheiro atual encontrou em Barra Velha e estão andando juntos desde lá, sendo que tratou de avisar-lhe logo sobre sua desconfiança.

Carriola diz ter como regra *não se juntar com outros* e também não beber para evitar confusões. Quer deixar o trecho também porque há muita maldade.

Seu Antonio anda sempre só porque não confia em outros TRECHEIROS, sempre acompanhado pela cachaça que carrega num **tubinho**. Recorda que em Garuva foi abordado por outros dois viajantes e um deles encostou uma faca em sua barriga, enquanto o outro botava a mão em seus bolsos para procurar dinheiro. Não encontrando nada, deixaram-no. Disse a eles que se tivesse dinheiro andaria de ônibus e não a pé.

Luís, que anda com a família, põe ênfase nas dificuldades da vida no trecho quando se trata dos demais companheiros de estrada. Relata algumas destas situações, reconhecendo que tem que tomar cuidado mesmo porque *tem muito andarilho que anda por aí que é bandido*. Conta que estavam andando na estrada e um deles aproximou-se para pedir-lhes um cigarro. Ele deu e advertiu-o para ter cuidado na rodovia e andar sempre de frente para os carros, nunca de costas como estava fazendo. O outro respondeu-lhe: *“o último que quis me ensinar tá morto”*. Como Luís carrega sempre seu facão pendurado no carrinho, embora oculto, não se deixou amedrontar e disse-lhe que era de paz. O estranho puxou uma faca e ele seu facão, com o qual desarmou e derrubou o oponente. Confiscou-lhe a arma e mandou-o seguir adiante. Antes de fazê-lo o estranho disse a Luís que ainda se encontrariam novamente e este, corajosamente: *quando tu ver minha barraca é só chegar, mas chega preparado...*

A mulher, Bia, que pela primeira vez participa da conversa, lembra de quando estiveram em Tijucas (SC) e pararam sob a ponte para lavar roupas. Lá encontraram um grande grupo que fazia comida, sendo alguns já seus conhecidos. Luís percebeu algo no ar e disse a ela que a coisa ali não era boa, mandando-a recuar. Neste instante aproximou-se um, a quem chamavam de Baiano, que perguntou-lhe se já vira alguém matar um outro e beber seu sangue. Virou-se e foi em direção ao Gaúcho, que era o cozinheiro. Enfiou-lhe a faca seguidas vezes e quando a puxava lambia o sangue nela. Faz expressões de horror e nojo ao lembrar a cena. (Provavelmente eu também!). Luís ainda tentou intervir pedindo que parasse com aquilo mas ele não o atendeu. Alguns ciganos que estavam por perto correram a chamar a polícia, enquanto a vítima conseguia escapar, indo cair somente quando estava sobre a ponte. A polícia chegou e imediatamente prendeu o Baiano que conseguiu arrebentar as algemas que lhe colocaram. Levou algumas pancadas por isso e foi algemado novamente. O Gaúcho foi levado para o hospital ainda com vida.

Findo o entrevero Bia e seu companheiro pegaram suas coisas e se foram. No dia seguinte estavam próximo a Camboriu (SC) quando viram o carro da polícia parar e soltar o Baiano na estrada, próximo a uma ponte. Relembra que no dia anterior, durante

o incidente, a polícia havia perguntado a ele se tinha presenciado a confusão, procurando por testemunhas. Ele respondeu que não, que quando chegou tudo já tinha acontecido. E reflete: *se tivesse entregado o cara, hoje ele vinha acertar as contas*, pois, como soube depois, a vítima fugiu do hospital mesmo ferido e tiveram que liberar o agressor. Nunca mais viram o Gaúcho e acham até que já morreu.

Relembrem outro caso: uma vez, quando estavam na estrada, viram passar dois andarilhos levando uma criança pela mão, entrando no mato com ela. Em seguida passou uma mulher chamando pela criança. Viram um dos homens sair correndo e o outro conseguiram pegar. Luís foi junto com o dono de um posto de gasolina atrás do que fugiu. Conseguiram alcançá-lo e depois de arrastá-lo para o carro, Luís sugeriu que matassem o sujeito ali mesmo, pois estavam armados. O dono do posto disse que não e que iria entregá-lo a polícia. Durante o trajeto de volta Luís foi batendo nele, insistindo em matá-lo, enquanto o rapaz do posto impedia-o de fazê-lo. Mais tarde, já tendo levado o sujeito à polícia, o delegado mesmo lhes falou que deveriam ter feito o que Luís sugerira. Afirma seu desprezo pelos estupradores e recomenda que eu tenha cuidado com os andarilhos, que se algum deles bater na minha casa pedindo comida que eu não abra o portão, principalmente se tiver mulher e filho; que eu dê as coisas pela grade e não deixe entrar. Lembra o caso de uma velhinha que foi estuprada por três homens que foram pedir comida em sua casa. Ela deixou-os entrar, fez comida para eles, café e depois um deles pediu para ir ao banheiro. Voltou com uma faca na mão, estupraram e mataram a mulher e ainda penduraram as roupas dela no varal antes de ir embora. Estes foram presos no dia seguinte em Biguaçu.

Afirma que tem muito bandido que se disfarça de andarilho e vai correr o trecho, *deixa o cabelo e a barba crescer, usa roupas sujas, fedido, ninguém dá importância: "é só um andarilho!" pensam. Vai ver é bandido, assaltante, estuprador.* Conheceu vários que contaram para ele que estavam "devendo" à justiça e foram para a estrada, virar mendigo. O tal homem do CEASA disse para ele, hoje, que fugiu da cadeia no Paraná mas que seu processo já caducou. Aponta uma exceção: confiar só nos velhinhos, esses de barba branca - embora, mesmo assim, eles sejam rápidos numa briga com faca, alerta Bia. A maioria deles passou a juventude no presídio e quando saíram não *tinham mais família, mais nada*. Estão velhos e vão para o trecho. Os outros, bandidos disfarçados, contam histórias: que são separados ou que perderam a família. Aprendeu também que *não deve entregar ninguém porque senão o cara vem cobrar depois* e ele, que tem família, *é obrigado a viver no trecho porque não consegue*

emprego. Não fosse a família já teria parado. Pergunto pelos que andam sós e, mesmo assim, não param. Diz que é porque são vagabundos e não querem nada com a vida. Se fosse ele não estaria na estrada, pois sozinho se vira melhor, tem emprego mais fácil. Se não fosse a família *não estava nessa*.

Conta sobre um sujeito que parou em sua barraca certa vez e convidou-o para roubar carros velhos, levando-os para Curitiba para o desmanche. Ele recusou a oferta. Aquele mostrou-lhe então a arma que carregava: uma Beretta alemã, com pente de balas, *uma arma muito bonita*, e ele recusou mais uma vez. Afirma que não é de fazer, isso além do que, com família, não pode ir muito longe pois seria fácil de reconhecê-lo.

Devanir reclama que já foi vítima de outros TRECHEIROS várias vezes e por isso é bom ter um amigo junto. Para ele o que desanima mesmo de andar no trecho é ser roubado.

Agora vai ser difícil roubar nós, diz Paulo.

Andando em dois é difícil, replica Devanir.

Um olha o outro, explica Paulo. Lembra que ontem ele ficou deitado ali na igreja enquanto Devanir assistia um jogo de futebol na TV no ponto de táxi em frente, sendo que, de onde estavam, um podia tomar conta do outro.

Devanir reclama dos amigos aproveitadores, que só se aproximam quando a pessoa tem cachaça e quando ela acaba nem lembram mais do sujeito: *quando tem dinheiro no bolso é uma coisa, quando fica duro, pelado, não tem mais amigo. É tudo falsidade*. Conta que em Santos foi buscar uma cachaça e deixou sua mochila com o companheiro de viagem. Quando voltou com a bebida o cara tinha levado todas as suas coisas. Considera necessário muita precaução com os “ratos”: *eles levam mesmo; não pode dormir sozinho, não pode entrar em rodinha de cachaça; ali você apanha, te roubam tudo. É caixão e vela preta*, reforça Paulo.

Devanir ainda recorda um fato extremamente desagradável, pelo qual diz-se ressentido até hoje. Tinha trabalhado num roçado e com o pagamento no bolso saiu com um companheiro para um bar, para jogar sinuca. Durante o jogo desentendeu-se com um outro sujeito por causa de uma bola errada e ele resolveu interferir na briga. Levou uma facada de seu amigo, com a própria faca que havia dado a ele de presente, ressalva magoado pela ingratidão. Paulo, que só escutava, faz coro com ele reafirmando a dificuldade de se confiar nas pessoas e o quanto é duro receber uma traição como essa.

No posto S. converso com Josué e Alemão. A certa altura este último intervém para me aconselhar:

Não te mete embaixo de ponte ou viaduto quando tem algum grupo de TRECHEIROS, nem se juntar com galera que vai te incomodar. Um vai tentar te tirar pra laranja, porque em roda de pinga, quando tem três, já tomaram, pelo menos, um litro.

Josué reforça:

Não é aconselhável, pode morrer, pode matar, dá briga, porque TRECHEIRO é difícil um que não bebe. Aqueles que bebem podem querer fazer o outro lado da vida, não te respeitam mais. Se bancar o mole tu dança. Ou enfrenta, ou deixa tudo e sai correndo; eu sou daquele que prefere sair correndo.

Porém ele aponta uma diferença, quebrando a homogeneidade das afirmações sobre seus companheiros:

Mas o TRECHEIRO em matéria de se entender com o outro é tipo caminhoneiro, aparece desavença, mas costuma ser muito unido um com o outro. Quando vai viajando a gente vai perguntando um pelo outro e um dia a gente se encontra de novo. Um corre pelo Sul, outro pelo Norte. As pessoas que estão no trecho, quando saem, é porque ou fez muita maldade e 'tá jurado de morte, ou consegue um emprego, alguém que ajude.

Tem um ditado muito certo: um é pouco, dois é bom, três é demais, adita o Alemão.

Pergunto-lhe como diferenciar o “cara bom” do “mal”:

Eu analiso a conversa pra ver pra que lado ele tá indo. Se não dá pro meu cardápio pego minha mochila e vou embora.

Assim: “se bobear eu roubo”; convida para fazer adiantado. Quem bebe vira fazendeiro, dono de avião, pessoa que sabe conversar. Se falar o certo pra ela já pensa que tá querendo mandar e já parte pra cima. Comigo qualquer um pode chegar, mas pela conversa já sei onde vai dar. A vida na estrada é um pouco dura, mas melhor que ficar atrás das grades.

As mulheres constituem um grupo menos visível no trecho. Como informa Josué, elas geralmente andam de carona com os caminhoneiros, não carregam galo, e usam roupas novas que ganham dos motoristas com quem tem relações sexuais. Apesar de estarem em menor número na estrada, é comum acontecerem encontros entre elas e os homens TRECHEIROS. Josué relata:

Não falta mulher pro TRECHEIRO. Tem umas escandalosas, a maioria bebe também, mas não dá certo. Queria arrumar uma e pegar um sitio, mas tu para de beber e ela não. Uma vez peguei uma, Olga; pegamos um sitio e eu ia trabalhar e ela ficava em casa, cuidando da lavourinha. Eu chegava meio dia pra almoçar ela tava de barriga pra baixo. Uma vez cheguei tava pegando fogo a casa. Conheci ela no Catarinão, no meio de uma briga, ela tava só de sutiã com uma faca desse tamanho...

E o Alemão acrescenta:

Ela já foi de um monte de gente. Ela é legal, o problema é a birita.

A primeira referência que ouvi acerca das relações entre as pessoas da rua foi através de Xuxa que sublinhava a verdadeira fraternidade existente entre eles: *somos como irmãos, um ajuda o outro. Em casa não é assim; as vezes os irmãos brigam por causa das coisas.* Acentuava esta distinção fundamental entre a liberdade e a solidariedade e as restrições impostas pela família. A observação do cotidiano dos PARDAIS não permite uma concordância imediata com a afirmação de Xuxa, porém cabe perguntar de que modo é possível articular esta idéia de liberdade-fraternidade contra uma realidade que, a seu modo, também impõe limites e regras, exacerba o individualismo e impõe formas variadas de violência. Não é o caso de invalidar a afirmação de Xuxa como um discurso distorcido acerca do real mas, antes, de procurar o nexos de sua visão que a permite articular tal avaliação contra toda

“evidência”. Suponho que ela assim o faça baseada numa perspectiva comum do que seja a liberdade e a fraternidade, isto é, naquele significado que se dá normalmente a estes termos e que está identificado pelos PARDAIS como próprios do estilo de vida **burguês**. Procurando construir seu próprio estilo de vida de modo contrário aquele pela não adesão sistemática às regras e instituições, é possível ver, pela ausência, em suas relações, o que o mundo burguês promete mas não realiza, tornando-se a ânsia dos indivíduos: liberdade, igualdade e fraternidade.

As relações cotidianas entre os PARDAIS não é menos tensa do que entre os TRECHEIROS. Mediada pelo álcool, elemento de sociabilidade privilegiado em torno do qual quase tudo acontece no seu dia a dia, tais relações incorporam a cadência bipolar própria dos estados etílicos. Manifestações incontidas e extremadas de afeto e ódio imprimem uma teatralidade nos encontros pelas ruas.

Uma tarde em que encontro o grupo de PARDAIS no Largo da Alfândega e enquanto converso na **roda**, aproxima-se Luís que se posta ao meu lado. É um sujeito grande, com a cara vermelha e suja de sangue entre os olhos, poucos dentes na boca o que faz com que as bochechas fiquem retraídas e torna o maxilar inferior mais proeminente do que já é. Aproveito para desviar a atenção da moça afoita, que insiste em ficar grudada ao meu braço, perguntando-lhe o que acontecera para estar naquele estado. Me responde- língua arrastando da bebida, balanceio constante, equilíbrio precário-, que tivera uma briga com o Mano momentos antes de eu chegar. Mostra o braço e o cotovelo bastante arranhados da queda que sofreu quando o outro o acertou em cheio. Pergunto sobre o motivo da briga e ele, fazendo uma expressão de quem busca algo na memória, tem que admitir que já não se lembra mais a causa do entrevero. King diz que eles foram na **pilha** de um terceiro que acabou fugindo com o dinheiro da pinga que arrecadaram numa **intéra**. Luís estufa o peito: *sou macho, apanhei mas bati também. Não bati?* pergunta aos demais, já sem muita certeza do ocorrido. Olho para seu oponente que ainda permanecia por ali, e não vejo nele nenhum sinal tão evidente de que tenha sofrido algo. Luís tenta provocar Mano para uma nova briga mas este não lhe dá atenção. Antes parece estar alheio ao que se passa em volta mas sem estar apático, ao contrário, demonstra grande energia e, inquieto, fala consigo mesmo enquanto ajeita suas coisas no **galo**. Lembro dos internos de hospital psiquiátrico. King e Tia mandam Luis se calar para que não haja mais confusão. Este se retrai.

Surgindo às nossas costas e sem que eu percebesse sua aproximação, Gê chega só, sóbrio e tranqüilo, com um ar que ainda não tinha visto nele. Fala calmamente. Conta que conheceu Luís no trecho, quando esteve internado numa casa de recuperação para jovens em Tubarão, coordenada por um grupo evangélico. Ao sair de lá encontrou-o na estrada e seguiram juntos até Caçador. Trocam provocações e acusações em tom amigável. Relembra o quanto um ajudou ao outro. Luís lembra dos **ataques** que Gê tinha e pede que ele me mostre sua língua cortada de tanto mordê-la nestas crises. Refere-se ainda a ter sido preso aqui em Florianópolis por ter matado alguém, mas o faz de maneira obscura e rápida.

Luís volta a provocar o Mano, que diz a ele para *ficar na sua*. Tia e King não querem que eles permaneçam ali, dizem que vão brigar no aterro. Os dois não saem do local e continuam a trocar provocações. A certa altura Mano prepara-se para a contenda, tira a roupa, ficando apenas com uma calça de abrigo e sem camisa, apesar do vento forte e do frio que faz hoje. Exibe-se para nós, "dança" alguns passos de capoeira. Chama Luís para irem ao aterro resolver a questão. Luís arrefece seu ímpeto belicoso e desiste do confronto, diz que serão presos se o fizerem. Mano volta a se vestir sem dizer mais nada.

Em outro dia encontro o grupo no mesmo local, misturado ao burburinho das comemorações da Semana do Meio Ambiente. Nos bancos em frente às lojas estão Tia, King e Leco, todos bêbados, conversando em voz alta, simulando uma discussão. Sentado em um dos bancos está o Gago, calado, apenas observando a cena. Do outro lado, sentados no batente da porta de uma loja que dá os fundos para o Largo estão Pelé II, Gê, Luís, Edinho, Patinha. Me aproximo inicialmente do primeiro grupo sem receber atenção deles, a não ser pelo Gago que me demonstra sua insatisfação pelo clima criado ali. Quem passa fica olhando. Desisto deles e vou para o outro grupo. Pelé II vem me pedir um trocado. Sua aparência é repugnante. Tem uma descamação de pele por todo o rosto e as roupas escuras e desbotadas que usa dão a impressão de ter aquilo espalhado por todo o corpo. Tiro do bolso algum dinheiro e lhe dou apenas a metade, pois o restante é para a Tia, ressalvo. Ele não gosta, devolve-me o dinheiro, diz que então é para eu dar tudo à ela. Estranho a reação e pergunto o que está havendo. Pelé II me responde enviesado. Entendo que estão em **guerra**. Gê explica: *não fizemos nada e ela veio bater na gente*. Aponta para Edinho que tem a cabeça manchada de sangue e que eu não havia percebido, resultado duma bordoadá que levou da Tia. Os motivos da agressão não se conhece. Apenas veio e bateu..

Chega a ser patético aquele grupo de homens reclamando que apanharam de uma senhora de cabelos brancos e 1,50 m. de altura.

Quase imediatamente vejo a Tia avançar sobre Luís. Xinga-o e quer bater nele mas King interfere e impede que o faça. Luís não esboça reação, apenas prepara-se para aparar o golpe que não veio. King consegue retirá-la dali. Ele vem para perto de mim. Estende sua mão e nos cumprimentamos. Diz que eu sou um cara legal mas não vai com a cara de Edinho, olhando-o provocativo. Este responde que não tem nada contra ele e King ameaça dar-lhe uma porrada. Edinho não mostra intimidar-se, antes, aparentando tranqüilidade diz a King que lhe dê um beijo. O negro dá um passo para trás, indicador em riste, apontando para o outro, diz que vai beber seu sangue. Edinho apenas concorda: *vais beber mesmo!* Diz em tom resignado.

A Tia retorna enraivecida, batendo em todos que estão sentados na calçada, um ao lado do outro. Pega Gê pelos cabelos, sacudindo-o. Solta-o e ele ergue a cabeça, arregalando os olhos numa expressão de surpresa: *mas o que foi que eu fiz? Tô na minha!* Ela dá um tapa na cabeça de Edinho também. Grita que é mulher e que bate mesmo. Avança sobre Pelé que, de pé, a segura pelos braços, dizendo-lhe que pare pois não quer bater nela. King procura interferir mas não resulta em nada e ela continua a se debater presa pelo oponente. Pelé diz a King que ele é o homem dela e por isso tem que controlá-la. Estão já no meio da rua, atração para o povo que passa e diversão para os que param para olhar. Repentinamente surge um policial que empurra os dois, indo a Tia ao chão mas livrando-se do abraço que a imobilizava. O policial ordena que parem com a briga e os dois se afastam. O grupo se dispersa entre resmungos e xingamentos e, ao meu lado, Edinho levanta-se e vai embora, junto com Patinha, procurar um lugar mais tranqüilo.

Vou juntar-me ao Gago, sentado no banco, apenas observando seus companheiros. Ao nosso lado reúnem-se a Tia, King e Leco, que até então mantinha-se a distância em um outro grupo. Os dois homens simulam uma discussão, fazendo provocações mútuas. Há, no entanto, um certo tom incomodado da parte de King. Eles se unem para uma **intéra**. Gago vai fazer o **avião** e eu fico só por algum tempo. Atrás de mim percebo Pelé e Luís, calados e bêbados, com cara de amofinados. Fofão aparece e junta-se ao grupo de King. Gago retorna com dois litros e entrega aos donos. Eles abrem um dos litros e rodam a garrafa. Depois de alguns goles Leco pega um saco plástico com comida que o Gago trouxera e se afasta, indo comer com outro grupo mais afastado de nós. Perturba a todos com suas brincadeiras. Gago reclama para mim que

ele o tinha chamado de cagüeta e agora comia da sua comida. Leco volta, oferece a comida a Luís, esfrega o saco plástico em seu rosto querendo fazê-lo comer e aquele, sentado no chão, tenta repeli-lo. Volta para perto de King, provocando-o também. Discutem por causa da colher que Leco está usando e que King garante ser sua mas o outro afirma que é do Cigano. Ouvindo seu nome na conversa, Cigano se aproxima para esclarecer o assunto, confirmando que a colher pertence a King e voltando para seu lugar na seqüência. Mesmo assim Leco se mantém firme na provocação. Os dois brincam de luta, jogam uma capoeira inventada e conjeturam sobre a eficácia dos golpes que desferem um no outro, em um *slow-motion* comentado. Cansam e Leco senta-se ao lado de Fofão, provocando-o também; bate em seu peito várias vezes, o que irrita bastante aquele. Do grupo do Cigano vem um rapaz negro mobilizado pela brincadeira com Fofão. Diz que tem que brigar com ele primeiro antes de encostar no Gauchinho (outro apelido de Fofão), pois considera-o como seu irmão. Leco volta-se para ele e ensaia nova "briga". Surge uma mulher, vinda de não sei onde, para interferir na situação. Leco se afasta com ela e depois de conversarem por alguns momentos, beijam-se e abraçam-se calorosamente.

King e Luís aproximam-se de mim. Contam-me que já brigaram muito em tempos passados e Luís revela-me que uma mulher havia lhe pagado 5 mil cruzeiros para matar King. Este recorda-se que isso aconteceu numa noite depois que já tinha se deitado e de ter fumado e cheirado um tanto. Porém a coisa não aconteceu como esperado e King reagiu, desarmando-o. Luís diz que *não foi bem assim*, pois ele fazia a **ronda** na cidade à sua procura e acordava-o para brigar. Ambos relatam vitórias mútuas resultantes destes encontros, cada um a sua vez. Hoje, entretanto, são amigos porque demonstraram que são homens corajosos e valentes.

Em circunstâncias como estas uma evidência clara de covardia é agredir alguém enquanto ele está dormindo, ato que, no nível formal, depõe contra o agressor. Ainda que isso seja condenável, esta parece ser uma prática recorrente, visto o número significativo de precauções e de critérios a serem observados quando da escolha do lugar para dormir e, aparentemente, todos sabem que podem fazê-lo quando for necessário, embora ninguém o admita. Outro sinal de covardia é agredir o outro enquanto está evacuando. Revela-se assim uma ética que, se não é sempre observada, serve para invalidar moralmente uma "derrota" em algum conflito. Ética cavalheiresca, os oponentes devem observar a igualdade de condições para que a justa seja digna.

GORÓ

Sempre presente, o álcool é elemento principal nas relações e em torno dele muitas atividades cotidianas são organizadas. A tarefa do **mangueio** tem por objetivo primordial obter dinheiro para comprar bebida, uma vez que a comida é conseguida sem gastos. A dependência manifestada pela maioria dos andarilhos impele os sujeitos a uma busca contínua pelo álcool a fim de inibir os sintomas de abstinência que, em sua forma mais exuberante, estão representados pelos “ataques” ou convulsões. Não poderia esquecer o envolvimento constante do álcool como fator “causal” apontado pelos entrevistados, dada sua capacidade de provocar rupturas nas relações familiares ou dificultar a permanência prolongada nos empregos. É ele também quem determina muitas das caminhadas pelas ruas da cidade em busca de um local onde se possa conseguir bebida por um preço mais barato - o que por vezes mobiliza uma rede de informações para que se o localize - bem como para o seu consumo. Incluo a ingestão de álcool como “hábito alimentar” que tem lugar privilegiado na hierarquia das categorias que regem as ações na utilização do espaço, considerado, *stricto sensu*, como aquele que contém os recursos necessários à sobrevivência, mas também central na organização do espaço social³.

A necessidade do álcool não se reduz, no entanto, às exigências postas pela dependência, mas se amplia como suporte da vida cotidiana desenrolada em público - redução da inibição -, como máscara para o desempenho dos papéis (no **acharque**, por exemplo); como “anestésiante” das condições duras da vida na rua -o frio, a fome e as lembranças ruins - e, novamente, como reforçador dos laços interpessoais, sempre flutuantes e que, por sua vez, refletem a dinâmica ciclotímica dos efeitos da bebida.

Conversando com Gê e Baixinho no Largo da Alfândega, sentados no chão e recostados nas colunas dos caramanchões, pergunto ao primeiro o que está acontecendo com as pessoas que, particularmente naquela semana, tem brigado com muita freqüência. Ele acha que *todo mundo está ficando maluco da birita*. Baixinho, visivelmente perturbado e inquieto pela falta da bebida pergunta a Gê se ele tem dinheiro para a **intera**. Este responde que ele sabe que não tem e Baixinho, com a raiva contida, manda-o arranjar alguma coisa. Gê, impassível diante da aflição do outro,

³ Utilizo o conceito de espaço social conforme a definição de Condominas (1977): *espaço determinado pelo conjunto dos sistemas de relações, característico do grupo considerado.* (p.08)

retruca justificando: *eu não mangueio de cara*. Baixinho irrita-se: *não quero nem saber, vai se virar!* Ele se levanta e apenas se afasta, desaparecendo de nossa vista. Momentos depois ele retorna sem dinheiro algum.

Passam Pedro e Índia, bêbados, visivelmente mau-humorados, ele carregando um litro embrulhado em um saco plástico. Trocamos cumprimentos rápidos e ao notar a garrafa Baixinho pede a Gê que arranje um copo para beberem. Ao ouvi-lo Pedro grita que ele não tem motivo algum para achar que vai ganhar um gole e continua caminhando, passos arrastados, até alcançar os bancos ao pé do palco. Dou-lhe as costas e depois ouço-o chamando Fofão para perto de si. Este levanta-se e quando vai para lá Baixinho, quase suplicando, pede que ele lhe consiga um gole da pinga de Pedro. Pergunto ao Baixinho o que está acontecendo entre eles para haver tanta "guerra". Na sua visão o problema é ciúmes porque *quando tem mulher na roda é uma brigaçada*.

King passa de volta e Baixinho lhe pede novamente um dinheiro para a **intera**. Este diz que naquele momento não dá porque a Tia está bronqueada, tem que esperar ela melhorar ou sair de perto. Do outro lado surge Cigano e Baixinho nos apresenta, embora eu já o conhecesse de vista. Diz a ele que sou psicólogo e que gosto de conversar com eles. Cigano está bem travado também e Baixinho pergunta pela grana que eles levaram para comprar a pinga. Ele não responde, fazendo-se de desentendido. Em seguida aparece Luíz, copo na mão e Baixinho pede-lhe um gole. Ele recusa, diz que não tem direito de participar e se afasta, cambaleante. Baixinho vira-se para Cigano e, atônito, diz que não está entendendo, pois fora justamente ele quem dera a maior parte na **intera**. Cigano lhe faz um sinal para esperar e vai conversar com Luíz. Conversam entre si, sem que consigamos ouvir o que dizem. Luíz sai xingando e Cigano, depois de uma pausa, mostra-se indignado para nós. Diz que vai sair na porrada com ele e o segue. O primeiro apressa o passo e o outro continua atrás tentando caminhar em linha reta até desaparecerem na movimentação da Rua Conselheiro Mafra. Baixinho quase se desespera, fica inconformado com a falta da cachaça e diz estar sentindo um "quenturão" na cabeça.

King vem chamar para nos juntarmos ao resto do grupo, em torno da garrafa de Pedro. Pedro, com fones de ouvido escutando uma música no rádio que King lhe emprestara, fala alto para mim: *quarta-feira, Brasil e Suécia, Brasil e Suécia, hein!* Fazem comentários sobre a Copa do Mundo, dizem que os melhores já foram embora: Argentina e Alemanha. King intima Fofão a contribuir em uma nova **intera** e este tira o que tem nos bolsos, afirmando que não tem dinheiro: uma nota que não vale mais nada,

um pedaço de papel amassado. King insiste, pressiona-o a dar algum. Tia interfere em sua defesa: quando tem ele dá. Vira-se para mim e diz que Fofão lhe traz mamão, banana, leite, várias coisas que consegue magueando e, de novo para King: *não fica querendo te aparecer não, ele é legal, me traz as coisas!* King reclama que isso é apenas obrigação, que o dinheiro para a pinga *é fora parte*. Tia se enraivece e diz que ele já está bêbado e por isso quer "aparecer". Reclama da vida levada em roda de cachaça e, para mim, confia que para permanecer na rua tem que beber junto, senão não agüenta. Foi ao médico e este lhe disse que ela está com o *coração pequenininho* e lhe pediu um monte de exames. Mostra as requisições onde leio seu nome pela primeira vez. Culpa a incomodação que passa por estar na rua como responsável pelo seu problema cardíaco e me mostra, pela enésima vez, os comprimidos que carrega sempre consigo em sua inseparável bolsinha.

Devanir explicita um uso particular para o álcool: tomar cachaça para ficar mais alegre, esquecer dos problemas: *se tiver um gole eu falo, senão fico triste, lembrando do passado, da família*.

Paulo intervém: *esse aqui vira uma criança quando bebe*.

Devanir concorda e diz que bebe para esquecer os problemas, *ai conta tudo com satisfação*, como está fazendo agora comigo. O álcool o deixa mais "sociável", cumprindo assim um papel desinibidor ao inibir lembranças desagradáveis.

Como visto antes, a dependência da bebida é um dos elementos alegados como causadores da ida para o trecho, assim como um mantenedor do sujeito aí, pois impede ou dificulta a fixação, uma vez que para o alcoólatra as dificuldades em manter o emprego e relações familiares de forma contínua e relativamente estáveis é muito maior.

MOCÓ

A escolha de um local para dormir envolve certos critérios de segurança e de proteção contra as intempéries. Assinalado por Spradley (1970) como uma tática de extrema importância entre os *tramps*, ela não o é menos para TRECHEIROS e

PARDAIS. Como visto antes, apesar de ser uma prática formalmente condenável, não é insignificante o risco de ser agredido enquanto dormem e, bastante provável, o risco de ser roubado nesta situação, principalmente se estiver bêbado.

Em função disso, os locais preferenciais para dormir são aqueles onde haja alguém que possa tomar conta deles por toda a noite. Coradino dormia em um depósito de uma loja onde havia um vigia, depois de obter dele a permissão para isso. Estes são os locais preferidos por Gago também.

Também a escolha do abrigo é uma questão de oportunidade, acaso e astúcia que exige, por vezes, algumas caminhadas pela cidade a fim de localizar os pontos adequados. Maria Helena dormia dentro da Ponte Pedro Ivo Campos, em um vão interno, junto com mais cinco pessoas, todos homens mas que, me assegura, a respeitam.

As casas abandonadas constituem outro exemplo de oportunidade. Nelas, algumas vezes, pode-se encontrar alguns “privilégios” como um banheiro com chuveiro elétrico funcionando para tomar um banho quente e lavar a roupa, além de poder trancar os acessos e dormir tranqüilamente em alguma peça da casa.

Cida, a irmã de King, mostra certo temor com os *mocós*. Adverte que não se deve entrar sozinho em casa abandonada pois pode já estar ocupada por algum grupo ou mesmo durante a noite pode aparecer *algum maluco* ou mesmo vários e *te dar um monte ou fazer um monte com tua namorada*. Lembra que mesmo a polícia tem medo de entrar nestes lugares e que raramente o fazem. Certa vez instalaram-se - ela, o companheiro e mais cinco casais - em uma casa enorme na Beira-Mar Norte, permanecendo lá por três anos quando então apareceu o proprietário prometendo-lhes dar uma casa para que desocupassem o local. Esta casa a amedrontava porque era muito grande e assombrada, pois ela costumava ouvir barulhos lá dentro e não gostava de ficar sozinha, razão suficiente para que ela deixasse a casa sem esperar que o proprietário cumprisse sua promessa.

Francisco e Iolanda vivem sob um viaduto no continente e consideram aquele o seu lar, tendo para com ele uma relação de residência. A própria pista forma o teto da casa e a terra acumulada na cabeceira superior do viaduto, o chão, com altura suficiente para ficarmos de pé, enquanto a trepidação da passagem dos veículos sente-se diretamente no crânio, obstipando a audição por alguns segundos. A entrada se faz também pela parte mais alta, através de um estreito buraco escavado do lado direito do viaduto e ao penetrar no local se é recebido alardeadamente por Bolinha, a cadela que

fica amarrada próxima da passagem e que tem justamente a função de anunciar a presença de estranhos. Além dela, três gatos magros perfazem o conjunto dos animais de estimação do casal. Durante a noite colocam blocos de concreto na abertura para garantir maior segurança. No espaço sem paredes internas, a disposição dos objetos estabelece a divisão dos ambientes: ao fundo a solidez de uma parede de pedras, construída pela prefeitura para evitar justamente que o lugar seja ocupado como moradia, contrasta com a plasticidade das roupas torcidas e penduradas numa corda de nylon que faz as vezes de varal, estendida perpendicularmente no corredor amplo que forma o ambiente. A esquerda da entrada, encostado na parede que é o próprio sustentáculo do viaduto, um fogão construído com duas pilhas de tijolos e uma chapa de ferro por cima, formando a base da qual se ergue uma mancha negra que sobe pela parede e alcança o teto, resultante da queima diária da lenha. Em frente ao fogão, uma pequena mesa quadrada onde repousam alguns pratos empilhados, copos, talheres e potes plásticos. Entre o varal e o conjunto mesa/fogão, um colchão sobre um estrado de madeira, coberto com uma colcha, serve de cama aos dois. Os espaços são conversíveis, uma vez que não são concretamente delimitados, sendo que a cama é usada para nos sentarmos durante a conversa e também para comer. A direita da entrada, um extenso *guard-rail* fecha a passagem para o vão do viaduto e permite a circulação do ar. A semi-escuridão é amenizada pela luz de velas e do fogo de lenha. A água é fornecida por um vizinho que mora do outro lado da pista e que permite também que lavem a roupa e tomem banho eventualmente. Usam também o banheiro público da agência estatal de turismo sediada próximo. Estão lá há cinco anos, tendo sido retirados uma vez pela prefeitura, mas conseguiram voltar depois de algum tempo. Durante este período vários outros moradores de rua já estiveram com eles, sendo que por todos foram, de algum modo, “traídos”. Por este motivo não querem que mais ninguém fique lá. Este casal constitui uma exceção em virtude do tempo prolongado de residência no mesmo local. Os demais não costumam fixar-se de tal modo no mesmo *mocó*, as vezes por não lhes ser permitido pelo proprietário ou zelador do lugar, mas também por uma questão de segurança.

Do mesmo modo é conveniente manter em segredo a localização do *mocó* como vi Baixinho fazer ao me contar onde estava dormindo e, momentos depois, indicar outro local para um rapaz que lhe perguntara sobre isso sem discrição. Evita-se assim um “acerto de contas” prometido por um desafeto. Também pode haver outros motivos para o silêncio: Xuxa e Gê me falaram certa vez do “*mocó* do dinheiro” onde

dormiam e no qual toda manhã, ao despertar, encontravam algum dinheiro deixado por um benfeitor anônimo. Os demais queriam saber onde ficava este *mocó* e para mantê-lo tinham que dar algumas voltas pela cidade para despistar eventuais perseguidores.

Na maioria das vezes dorme-se em locais públicos, como na Catedral Metropolitana, por exemplo, e aí se é obrigado a acordar muito cedo, assim que começa o movimento das pessoas, o que nem sempre é fácil dado o estado de embriagues em que vão dormir. Baixinho me conta que tem dormido sob a marquise de um edifício na Praça XV, onde funciona uma *boate de bichas*, mas em razão das baixas temperaturas não pode dormir direito pois tem apenas um cobertor. Tem acordado com os pés sangrando em consequência do frio e me pede um tênis e um par de meias pois só tem aquelas sandálias.

Também os relacionamentos que os PARDAIS podem estabelecer lhes fornece oportunidades de abrigo. Assim, Cris, uma garota que eventualmente se juntava ao grupo, permitia que alguns deles dormissem em um quiosque onde trabalhava e que também lhe servia de local para o pernoite. Julinho, uma certa tarde no “cinema”, ao conseguir emprego, convidou algumas pessoas para dormirem lá, pois já havia combinado com o guardião para que ficassem no estacionamento da firma.

Tia e Xuxa, ambas com familiares morando na cidade, tem ainda a oportunidade de passar alguns dias em suas casas - geralmente para um descanso, tomar banho etc.-, ou então na casa de alguma amiga. Nestes casos convém sempre levar algo para ajudar nas despesas, menos como cortesia do que como contrapartida pelo que estavam recebendo, como não cansava de lembrar a Tia ao seu companheiro e a Sujinho, de quem cuidam como a um filho apesar de ele já ter por volta de trinta anos. Os três costumavam passar alguns dias com a irmã de King no Morro do Mocotó, mas lá geralmente acabava em confusão e por isso deixaram de ir. Também para afastar-se um pouco da roda e da cachaça é que elas procuram estes lugares, sendo que, depois de algum tempo, retornam para as ruas espontaneamente ou por força de um desentendimento qualquer com a dona da casa, que parece acabar sempre acontecendo. Segundo a Tia, seus filhos insistem para que ela volte a morar com eles e saia das ruas, mas ela se nega a fazê-lo, argumentando que não quer viver dependendo dos filhos porque ela é quem sabe de si e eles que cuidem de suas próprias vidas.

Esta parece ser uma estratégia eminentemente feminina, sendo que os homens apenas as acompanham, não sendo eles os responsáveis pelo acordo de estadia.

AS TIA E OS HOMI

Os TRECHEIROS, como de resto aqueles que representam a transgressão de certos códigos que demarcam comportamentos julgados aceitáveis, podem ser apreendidos segundo o signo da alteridade. Por representarem o Outro, a relação que com eles se estabelece deve procurar exercer controle e instituir barreiras contra o "perigo potencial" que representam, "fluxo não codificado de desejo". Daí a necessidade de marcá-los com uma identidade passível de ser incluída em fórmulas homogeneizadoras, utilizadas tanto pelo senso-comum, quanto pelas agências responsáveis pelo seu atendimento (assistência social, serviços de saúde, polícia etc.). São considerados bandidos, marginais ou contraventores; portadores de doenças, ameaça constante à propriedade pública e, principalmente, à privada. É possível, enfim, listar uma série grande de adjetivos com conotação semelhante. Logicamente, tais representações devem-se, em parte, ao estilo de vida que tais pessoas adotam: subvertem a lógica da organização do espaço - o público torna-se privado e o privado público; subvertem a lógica do tempo produtivo/improdutivo; confrontam as noções de família, trabalho, higiene etc. Outra parte, porém, cabe justamente à ação das agências e à circunscrição do desvio por elas promovido. Como aponta Stoeffels:

Três círculos, parcialmente concêntricos, situam e definem o desvio: a situação sócio-econômica residual, a carência física e mental e o perigo moral da refração à norma. Efetivamente, outsider de uma prática de trabalho assalariado, produtivo ou legítimo, o mendigo, como resíduo sócio-econômico, é um rebelde face ao código moral da classe dominante. É portador de uma doença contagiosa, freiando um projeto peculiar de acumulação e atacando a coerência ideológica que o sustenta. Face à coerência, que corresponde a uma visão totalizante e única do mundo, o divergente é situado no círculo da loucura, que tem a função de reforçar o da miséria e desvio que lhe são inerentes. (Stoeffels, 1977:100)

Os que vão a deriva passam assim, por meio de artifícios simbólicos expressos em verdadeiros "ritos de passagem" efetivados pelas instituições, a compor o plano da alteridade. Vivendo e compartilhando, em tese, o mesmo espaço físico das pessoas "normais", representam para elas, no entanto, os limites do "mundo conhecido" e habitam um universo diferenciado de códigos e valores. Seu comportamento indica e demarca a fronteira da diversidade tolerável, constituindo um outro território. O processo de institucionalização do desvio é protagonizado por agências públicas e privadas encarregadas de, via demanda social, "tratar" o problema: os sistemas governamental, assistencial e repressivo. Tais sistemas, apesar de atuarem de forma diferenciada, são perpassados por uma mesma lógica, qual seja, a da criação e manutenção do desvio estigmatizado. As políticas sociais destinadas à estas populações têm dupla tarefa. Por um lado, devem prestar assistência à sua clientela, esforçando-se por reduzir-lhe o sofrimento, ao mesmo tempo que criam a necessidade de sua própria existência, prestando serviços que só elas podem fornecer (institucionalização do dom). Por outro lado, atuam repressivamente, tentando disciplinarizar a clientela. Em ambos os casos a ação repousa sobre uma noção de (re-)integração da pessoa através de seu "tratamento" e supõe que as pessoas que assistem aspiram a um mesmo estilo de vida e têm as mesmas necessidades. Exercem, portanto, papel fundamental na construção de uma identidade que adquire caráter paradigmático para fornecer o contraste necessário ao estabelecimento de fronteiras sociais. Podemos ver deste modo, a função que cumpre o estabelecimento de identidades como modo de apreensão dos sujeitos, marginais ou não.

Entretanto, TRECHEIROS e PARDAIS não são presa fácil para as armadilhas institucionais. Com elas travam um combate sutil que, por vezes, assume as feições de uma aceitação dócil da disciplinarização travestida em caridade para, em seguida, zombar com estardalhaço dela.

Indesejáveis nas cidades por onde passam, as prefeituras tem mantido a prática de facilitar aos TRECHEIROS a manutenção de seu deslocamento através da concessão de passagens ferroviárias ou rodoviárias, ou ainda, de algum tipo de auxílio em dinheiro, seja pela atuação formal do Serviço Social, seja pela doação direta de prefeitos, políticos ou pessoas ligadas ao poder público.

Pergunto à Alcides sobre as cidades por onde já passou, quais as piores e quais as melhores. Diz que as piores até agora foram Diomísio Cerqueira (SC) e Barracão (SC) pois lá *ninguém dá nada e ainda mandam a polícia em cima do sujeito*. Já em Brusque (SC) é possível *ganhar de tudo*, mas só podem permanecer por três dias, findo os quais são levados a Assistência Social que lhes dá uma passagem de ônibus para que sigam em frente. Em Pinhalzinho (SC) o TRECHEIRO é levado ao prefeito da cidade que lhe assina um papel à ser trocado por uma passagem na agência da empresa de ônibus e *tem que ir embora*. As cidades boas foram Osório (RS), São Miguel do Oeste (SC) e São Lourenço do Oeste (PR). As cidades pequenas do interior são melhores que as grandes, pois são melhor tratados e ganham facilmente o que pedem. Aparece o Gordo, que conhecera em frente a rodoviária quando do início do trabalho de campo. Com um saco nas mãos recolhe garrafas e latas para revender

No albergue de Florianópolis comento com os que lá estão o que me haviam dito sobre a permanência de TRECHEIROS em Brusque, que dão passagem para a pessoa ir embora depois de três dias na cidade etc. Um senhor, provavelmente o mais velho do grupo e que ficara calado até então, começa a contar que estava em Ourinhos (SP) e resolveu sentar-se numa praça depois do almoço para descansar. Vendia agulhas para limpeza de fogões. De repente parou uma Kombi do "SOS" e lhe ordenaram: "entra aí", sublinhando a forma desrespeitosa como foi tratado, reclama que não lhe perguntaram nada, de onde vinha, se estava trabalhando, fato ainda mais chocante porque estava *vestido direitinho*, segundo sua avaliação, e não estava bêbado. Entrou na Kombi e o levaram para o albergue do SOS onde lhe deram uma passagem com destino a Jacarezinho (PR) para onde foi e permaneceu por três meses. Soube também de outra cidade paulista, cujo nome perdi no intervalo entre a conversa e o registro, onde, semanalmente, enchiam duas Kombis com as pessoas das ruas e botavam num trem direto para São Paulo, sem paradas. E a pessoa tinha que ir. Outro daquele grupo silencioso se manifesta contando que em Joinville também foi mandado embora a força, que a polícia, armas em punho, obriga o sujeito a entrar numa viatura e o levam para outra cidade. No seu caso foi preso bêbado e quando acordou estava em São Paulo. Risos de todos.

Há circunstâncias em que tais práticas são vantajosas aos TRECHEIROS, pois lhes permite manter-se em movimento quando desejado.

Jurandir relata, envergonhado, acerca de uma artificio para conseguir chegar até Manaus (AM):

Cheguemo na assistente social, conversamo com ela, ela pegô e falô assim: "cês qué í até Manaus, cês tem parente lá?" Lá só dá se tivesse parente, se tivesse parente lá na cidade. No início ela pegô e falô assim prá mim e eu falei assim prá ela: olha, é o seguinte, eu - o pior é que invento mentira. É, menti mesmo-, então eu peguei e falei prá ela assim: não, eu tô querendo í prá lá porque que eu tenho minhas tia, meus pais lá e tudo. Mentira prá podê chegá até a cidade, né. "Como cê prova, cê tem seus documento e tudo o mais, tal?" Digo: olha, eu mesmo sou do Paraná, minha família foro tudo morá prá lá e assim eu inventei a história e eles - não sei se totalmente acreditaro em mim ou se quisero me mandá sem acreditá em mim, sei que me mandaro e eu fui, né.

Quando encontro Paulo e Devanir entrando em Biguaçu, caminhando com passo ligeiro, mas atentos a tudo o que acontece em volta, olhando para todos os lados como se procurassem identificar as possibilidades do lugar, sigo com eles até a prefeitura onde vão pedir passagem à Assistência Social para chegar em Curitiba. Chegando lá os dois entram, desaparecendo pelo corredor. Espero-os na frente. Logo voltam, dizendo que o Serviço Social não fica ali mas em uma casa, próximo ao Fórum. Chegamos ao Serviço de Assistência Social, que está cercado por várias pessoas que, numa olhada rápida, parecem estar esperando algum tipo de auxílio. Logo na entrada uma mulher atrás de uma mesa os atende. Eles falam sobre sua situação e pedem as passagens para Curitiba. A atendente responde que ali não dão passagens e de uma sala contígua vem uma voz feminina confirmando: "nós não temos verba destinada para passagens". Esclarece que o município passou por dificuldades recentemente, devido as chuvas que inundaram algumas áreas e por isso há escassez de recursos. Sem alternativa dão meia volta e nos encostamos no muro em frente a casa. Devanir reflete com seu companheiro: *não tem jeito!* Vão ter que enfrentar o percurso a pé. Paulo concorda.

Josué diz que não espera muito da Assistência Social das prefeituras:

Pode ser que em época de eleição fique mais mole, mas só se arranjar pessoa que dê força. Se depender de instituição é de desanimar. Instituições tão mais para receber do que pra dar; já vi coisa nessas instituições. Em Tijucas fui na Assistência Social pra ver se conseguia pelo menos um pano limpo. Sei que eles recebem doações. Fui ver se conseguia passagem pra Florianópolis e me disseram que não podiam ajudar; então pedi roupa. Mandaram eu falar com uma outra irmã e ela começou a colocar roupa em cima do balcão. Custei a achar uma que agradasse e quando achei ela disse que custava dois reais. Respondi: por dois reais eu compro uma coisa mais bonitinha. E ela: vocês só querem roupa bonita. Saí a pedir pela cidade pra ver se conseguia alguma coisa. De repente começou a ficar ruim, não ganhava mais nada, quando vi um Gol da Assistência Social angariando coisas nas casas. Ganhava de monte coisa boa. Tava conversando com uma mulher quando chegou o Gol. Ela me disse que já tinha dado tudo para a Assistência Social levar pro asilo das velhinhas.

Nilso relata outra situação:

E tem muitas passage cômica também igual uma do prefeito de N. Aquela tem que dá risada depois porque ele falô assim: “vocês não são fácil!” Eu falei: não, não só fácil. Eu fui pra achará uma passage d'um senhor, ele falou: “por que cê não pede pro prefeito?” Falei: ah, eu não conheço ninguém, não sou daqui. “A casa do prefeito é aquela ali ó”. Casa bonita, bem arrumada (...). Falei: é aqui mesmo que eu vô arrumá memo. Chegamo lá, ele tava saindo, desceu, (...) educadamente: “qual é o poblema?” Nós queremos uma passage pra ir embora. “Tão indo pra onde?” Campo Grande. Nós ia pra outra cidade. “Campo Grande é muito chão mesmo, é muito chão. Mas eu não tenho, porque dinheiro meu, o meu salário todinho eu dô pá creche”. Aí que veio a conversa que eu falei pro'cê que ele entrou na minha. Falei: dotô, o sinhô, o seu salário todinho o sinhô dá pá creche aqui da cidade? Falou: “todinho meu salário”. Falei: então essa conta bancária do sinhô deve sê muito boa, hein dotô. Como é que o sinhô sustenta essa casa aí, dotô. Esse barcuzinho do sinhô aí; isso não é movido a empurrão não, esse carrão que o sinhô tem aí, esse Santana aí. Conta bancária deve sê muito boa se o sinhô dá o salário do sinhô, o sinhô vive de quê? Aí ele começou a ri, né. Aí que ele falou: “vocês não é fácil, cês são da onde?” Eu falei: eu sou do Rio. “Eu sabia que era carioca, olha aí ó, vem c'a conversá comigo”. Ele falou assim: “mas tá querendo a passage pa cê í embora hoje?” Eu disse assim: o

negócio é í embora que essa cidade não tem lugá pra ficá. Foi na rodoviária, comprô uma passage pra nós pra Campo Grande, direto.

A polícia é outra instituição com quem TRECHEIROS e PARDAIS relacionam-se freqüentemente, sendo que ela ocupa nesta relação um papel duplo: ora como elemento de repressão e vigilância sobre as populações nômades, ora como elemento de auxílio e proteção. Como aponta Spradley (1970) em relação aos *tramps*, a polícia também desempenha importante papel na mobilidade dos andarilhos em sua função repressiva ao ameaçá-los de prisão por vadiagem ou suspeita, ou mesmo quando exercem a força para expulsá-los das cidades ou de certos locais onde sua presença não pode ser tolerada. Ao mesmo tempo e sob certas circunstâncias, ela pode integrar a “rede de apoio” ao deslocamento dos andarilhos.

Devanir dá um exemplo dessa situação. Conta que em Marechal Rondon (PR) foi preso em seu primeiro dia naquela cidade. Ao chegar não viu nenhum TRECHEIRO e pensou: *deve ser ruim de jogo*. Foi a uma praça, sentou-se, puxou um cigarro e sua cachaça. Em seguida parou uma viatura, saltaram policiais que lhe perguntaram de onde vinha e para onde ia. Mandaram que ele entrasse no carro e o levaram à delegacia. Lá o delegado, para sua surpresa, disse-lhe que estava sabendo que vinha de Guaíra para roubar bicicleta ali, pois telefonaram de lá avisando. Ele questiona: *como, se o senhor nem me conhece?* Pegaram seu nome e lhe disseram que tinha que ficar lá para averiguações. Foi colocado no **corró**, uma cela pequena, onde passou a noite. As 11:00 da manhã foram soltá-lo e o fizeram assinar um papel que dizia não constar nada contra ele. O delegado lhe disse ainda que não queria mais vê-lo na cidade. Daí voltou para Curitiba (PR) mais uma vez e de lá veio para Santa Catarina.

Cigano relata situação semelhante onde o que chama a atenção é a ausência de motivo para ações onde emprega-se mais força do que o necessário.

Ele conta que quando vinham em direção a Biguaçu foram parados pela polícia no Morro dos Cavalos. Suspeitavam que tivessem sido eles a fazer um *apronto* na casa de uma pessoa. Sem perguntar nada deram uma coronhada nas costas de Cigano que caiu no chão desmaiado. Em outro companheiro que estava com eles, bateram nas canelas que ficaram *verdes como a grama* onde nos sentamos, aponta Imaculada. Dizem-se revoltados com a ação da polícia, que queria apreender um facão que levam no carrinho. Cigano *pulou* imediatamente; disse-lhes que não levariam porque usava para *picar lenha* e para proteger-se, pois andava acompanhado pela mulher. Argumenta

comigo que no trecho *é capaz de um outro te matar quando estiver dormindo para ficar com a mulher, mesmo que ela não queira*. Inconformado por apanhar *de graça* e pagar pelo que outros fizeram, promete vingança e quando retornar a Porto Alegre trará uma arma, sendo capaz de *queimar os caras* quando passar pelo mesmo ponto, pois *marcou bem a cara deles* e a placa do carro. Sabe também onde mora a pessoa que deu a queixa e diz que *vai botar fogo na casa dele*, arregalando seus olhos verdes, punhos fechados, mostrando-se enfurecido pela injustiça.

Nilso dá mostras de como lidar com situações de confronto com a polícia revertendo-as em seu favor:

Nunca tive problema com a justiça, mas quando chegá na cidade eles, identidade não pode faltá. Botucatu, estado de São Paulo, que é uma cidade muito boa. Chega lá, se passá eles leva pra batê um BDC pra vê se você tá devendo na justiça. Nós tavamos passando por lá que nós ia pra Campinas (SP), aí eles pararam: “tudo bom?” Por enquanto tá tudo bom. “Tá indo pra onde?” Pra Campinas. “É, não, vô tê que levá vocês pra delegacia pra batê um BDC”. Digo: então vamo! Abre aí que a gente tá entrando. Ele só olhô, ficô meio assim. Digo: não, pode abri aí. “Deve à justiça?” Digo: até hoje não, não sei amanhã. Aí tamo lá, foi até bom ele levá nós pra delegacia, lá nós ganhamo café, ganhamo passage, ganhamo comida, delegado deu tudo pra nós, saímo no lucro ainda. Ele falou assim, delegado falou assim: “deve à justiça?” Falei não. “Documento!” Bateu um BDC, “se tivé vai pra tranca agora”. Eu digo: ô, e se não tivé? Tô com fome, dotô. “Se não tivé eu dô comida pro'cês”. Eu digo: arruma uma passagem também? “Eu dou um jeito”. Aí bateu o primeiro: “é, tá limpo”. Vamo vê qualé aí, bate aí. Bateu. Igual ao primeiro. “Quando passá por aqui, cuidado que vem de novo”. Eu digo: não dotô, eu acho que nessa cidade do sinhô, sinceramente, não volto mais aqui não. Falei: só vai pra outro lugá.

Medianeira também, dois PM pararam nós, me perguntou: “que cês tão fazendo aqui?” Digo: tô indo embora, indo pra Foz do Iguaçu. “Documento!” Carta de apresentação e tudo, tenho um cartão do delegado, se quiser discá pro Rio de Janeiro pode discá que ele te dá referência. Pega nada. “Tá com transação errada?” Digo: se tivesse com transação errada não tava andando a pé não, cê acha que se eu mexo com transação errada tava andando a pé, qué isso! Qué batê um BDC aí vamo esperá amanhecê que a gente bate um. “Não, não precisa não”. Digo: aonde é a

assistente social aí que eu preciso de uma passage. Aí me indicou lá. Foi só os único dois problema só. Nunca ninguém parô nós pra revistá bagage, nada; e se revistá não ia achá nada, só lá um garfo, uma colhé, uma faquinha dessas de cortá pão, que isso é essencial no trecho, né.

Josué assinala o outro aspecto desta relação:

A vida na estrada é um pouco dura, mas melhor que ficar atrás das grades. Ninguém te incomoda, até a polícia dá força, claro se pisar em falso eles tão pra cumprir a lei. Já pedi pouso na delegacia, é só falar com o policial. As vezes dorme dentro da cela ou então na frente da delegacia. No dia seguinte dão café e vai embora. Uns perguntam, outros nem isso.

Plácido dá depoimentos de vários encontros com a polícia que tem esse caráter de auxílio:

No otro dia cedo o cara tava duro lá. Aí chamemo a polícia. Companheiro nosso tava morto, mas nós bebemo demais e...; de fato eles viram lá a litraiada lá. Polícia falô assim: “você não tem jeito. Você bebe, bebe, não incomódo mas bebe, bebe que incomódo nessa hora. Aí ó, cês bebe tanto que chegô até morrê”. Só que polícia não liga mais, não liga; morreu, morreu, fazê o que? Só que eles levam pra fazê exame lá e de lá consome com caboco, não sei pra onde eles leva, fazê o que? Aí a gente assina os papel lá e vamo embora. Só que o caboco fica lá que a gente não sabe que ... Diz ele que é enterrado como indigente, mas é nada. Aquilo ali vai pro instituto, pra sê examinado lá pelos, a universidade.

Cheguemo debaixo da ponte já tinha já gente lá. Tinha mais TRECHEIRO, mas que vinham vindo. Aí cheguemo ali, entrosemos, aí misturemos as comida c'as dele também, já misturemos a nossa cachaça c'as dele, juntô todo mundo ali debaixo da ponte. Aí fizemos um fogo lá, quando fizemos fogo a polícia rodoviária veio e encostô. Encostô ali, descero lá embaixo com revórve na mão. Entrô lá embaxo: “boa noite!” Boa noite. “Cês são TRECHEIRO, né?” Aí um falô: semo! Pois então, dois tá indo pra São Paulo, nós tá indo pra Bahia. “Só vão posá aí hoje?” Falou: só. “Então só não faça muita fumaceira aí que essa ponte aí durante a noite tira muito a visão dos motorista, é o maior perigo. Faça um foguinho meio baixo, que dê pá vocês esquentá

alguma coisa, fazê alguma coisa pá vocês comê e apague esse fogo. Mas pode ficá tranqüilo, só não vão perturbá (...), e cuidado, não vão fazê folia, não vão se matá tudo entre vocês aí, que geralmente vocês ficam brigando por aí entre vocês mesmo; bebe, bebe, depois cês briga ...”

Nós chegemo numa delegacia, tava frio pra rebentá - que nesse mundão aí é só Curitiba que tem FREL, nos otro lugá não tem, não tem. De vez em quando é bom pedí um poso na delegacia (...). Chegemo lá, conversemo c'os polícia lá: “então vocês quere uma cela pra vocês dormí?” É isso memo. “Então tudo bem, vem cá.” Abriro uma cela, dero um cobertozinho assim, daquele de pedalá bicicleta, de bicicleta: tampa a cabeça descobre o pé, quando tampa a cabeça. E nós ali pedalando, né. Um motorzinho: puxava pra cabeça descobria o pé, tampava o pé descobria a cabeça, e aquele gelo miserável, ficava a noite inteira pedalando. Ai um soldado falô assim: “bom, já que vocês querem dormí, de onde é que vocês tão vindo?” Lá de Foz do Iguaçú - mas nós já tava lá nos quinto dos inferno. O cidadão, nós quere mesmo trabalhá numa firma chamada Queiroz Galvão, nós c'um pedacinho de jornal na mão e com o endereço certinho. A firma tá precisando de gente lá, nós vamo pra lá. “Mas a pé?” A pé, meu irmão. De carona motorista nenhum não dá porque tem medo, passage ninguém dá - não dá o quê! Claro que dá, nós guardava o dinheiro pra tomá cachaça na estrada, e nós tinha dinheiro pá posá no hotel tudo, mas nós tava sujo, Nossa Senhora. Mesmo que nós pagasse dobrado no hotel o home não dava, não aceitava, nosso estado era crítico. Ai o polícia falô: “tudo bem, cês quere dormí, tão em oito, então cês se vira aí, dexa a cela aberta, então amanhã cedo cês quisé sai pode í”. Cada um com seus documento, tudo bonitinho, tudo documentado. E nós não, nós chegemo numa delegacia, numa cidade, entendeu, então nós fazemo questão de í na delegacia, chega lá: ó, taqui os documento tudo, mas tá explicado porque às vez dá um tal da polícia pegá a gente aí, um policial pegá a gente na rua: “ah, esses cara tão na rua”. E assim já tão sabendo que nós temo, já ficam sabendo. Se for possivel já deixá até documento lá na delegacia, pá não perdê memo; até fazia questão de dexá na delegacia, no otro dia nós ia lá buscá. Então a própria polícia memo achava aquilo bonito porque sabia que os documento nosso tando lá nós não ia aprontá também.

Aí conversemo com um policial, falô: “ih, aqui no Rio de Janeiro pá TRECHEIRO tá ruim. Tem ladrão bastante, mas TRECHEIRO aqui tá ruço; os TRECHEIRO tão passando fome. Eu até, a gente procura até ajudá que a gente leva alguns TRECHEIRO lá pá academia da Polícia Militar, procura até dá uma força pra

eles lá porque o TRECHEIRO que é TRECHEIRO ele chega no Rio e não apronta. O ladrão que é ladrão que andam, que o nome dele é TRECHEIRO, chega aqui, fica, começa a robá. Qué dizê, a gente nem segura mais os TRECHEIRO aqui, tem que dá uma força pá eles e manda eles que vá (...). Porque no fim o TRECHEIRO que é TRECHEIRO vai morrê sem dizê nada, vai pá cadeia sem dizê nada, então nós tamo despachando os TRECHEIRO daqui". Digo, tá bom. Aí o policial falô: "o que é que ocês tão precisando? Comida? Comida a gente vai dá, um dinheirinho pra vocês tomá uma cachaça na estrada nós damo, não tem problema. Mas tem que í comigo lá na academia". E viemo dentro de uma Kombi deles lá, que nossa. Lá na academia, primeiro ele mandô nós armoçá bem armoçadão, comemo bem, aí truxeram pá cada um um saco, de tudo ali, tinha macarrão, tinha arroz, tudo crú; café, açúcar, até colher trouxeram pra nós, garfo, faca, faquinha de mesa. "Ó, tá pr'ocês! Vão'bora. Agora se vocês quisé nós levamo vocês até no trevo". Eu pensei: será que ele tá querendo se vê livre de nós?

Qué dizê uma vez chegô também um batalhão de polícia debaixo da ponte onde nós tava. Nós tava quietinho. Polícia daqui, polícia de lá, tudo armado, mão na cabeça, uh, nós já botamo; documento nós tinha. Aí chegava, sempre tinha o cabeça dos polícia: "cês tão indo pra onde?" Digo: ói, tamo indo, tamo andando no trecho aí, onde tivé um serviço pá gente tamo parando. "Tem documento?" Temo. "Quero vê". Tava tudo documentadinho, não fartava nada. Que a gente quando sai assim, o TRECHEIRO memo usa as coisa bem, pra não se incomodá. "Olha, porque aconteceu um fato ontem aí ..." Mas ontem nós tava, podemos prová, ontem nós tava lá longe daqui, muitos quilômetro daqui, nós vinha vindo. Até nós mostrava, eu dizia: ó, nós tivemo em tal lugar, tivemo na delegacia de lá, tudo direitinho, pra não dá problema. "Não, aconteceu um fato na cidade aqui ontem, nós vimo fumaça debaixo da ponte aí, chegemo vimo vocês aí". Digo: não, não, nós semo TRECHEIRO não incomodamo ninguém. Inclusive cada cidade que nós vamo nós já chegemo na delegacia, se identificá direitinho pra não dá problema depois, que sempre, às vez dá da gente chegá numa cidade e acontecê certas coisa lá, o primeiro que eles vê tão pegando, né, suspeito, qualquer coisa. Nós não, nós chegava na delegacia, contava direitinho, tudo bonitinho, se desse qualquer problema já não sabemo que nós tava lá. "Hã, pode ficá por aí, só não incomodá, não perturbá, não fazê presepada por aí, cês pode ficá a vontade. Cês tão de passage?" Tamo de passage! Ficava ali, de vez em quando eles passavam lá, vê se nós tava lá debaixo da ponte mesmo. Iam lá, olhava. Mas também

não desciam da viatura nem nada, só passavo. Pra nós aquilo era até um alívio, sabe, pelo menos nós sabia (...), se acontecesse qualquer coisa com nós a polícia tava sempre ali, né. Que a gente (...) da polícia, pá pegá memo, pá levá.

A coisa mais pior no trecho é quando você vai preso por suspeita e a fome. O preso por suspeita é mais pior ainda, porque, tem uma vez que nós fumo pará na delegacia, nós fumo na delegacia, só não prendero nós, não batero ni nós nem nada, só que fiquemo ali, um bando de cinco assim, fiquemo sentado no banco, (...). Aí o delegado falô assim: “e esses aí?” “É esses aí nós pegamo embaixo da ponte”. “Cês são TRECHEIRO?” O outro falô: somo. Fizero um punhado de pergunta pra nós, eles comprovaro que era aquilo que nós tava falando, que não adiantava mais falá, nós falava eles querio prova, né. “Qualé a última cidade que nós passemos?” Passemos quarta-feira, vamo supor, teve uma época que nós fizemo umas cidadezinha, que nós passemos, São Sebastião, é, litoral, que nós ia pelo litoral. Mas isso lá em São Paulo. Passemos por São Sebastião, a última cidadezinha que nós passemos foi Bertioga. Não sei se você já ouviu falá dessa cidadezinha? Já ouviu falá? Lá em São Sebastião seguraro nós, tinham robado uma casa lá; por isso que eu digo, peão vagabundo, tinham robado umas casa lá mas nós nem sabia de nada, tanto é que ainda nós dissemos pro delegado: se fosse nós que tivesse feito esse tipo de coisa nós ia tá aqui? Nós não tava nem na cidade mais. Falô: “pois é, mas as dúvida sempre aparece”. E nós não deixemo de dá razão pra eles também. Não peguei nada mas também, não é. Que de repente podia sê nós também. Graças a Deus não é. Graças a Deus, ao bom Deus, Santo Puríssimo, nunca robemo nada de ninguém; por isso que eu digo, não dá mais pra nós andá mais no trecho hoje. Aí o delegado fez uma pergunta: “qualé a cidadezinha que vocês passaro por último?” Paratí. Fica pra lá de São Sebastião. Cidade de Paratí. “Onde é que vocês ...?” Ó, nós passemos o dia intero na pracinha lá, inclusive a polícia teve lá, viro que nós tava tomando uma pinguinha, só que nós não tava fazendo algazarra nenhuma, nós tava ali descansando um pouco, cada um na pinguinha, a polícia chegô lá disse: “ó, vocês pode bebê, pode ficá tranquilo, tão de passage, mas só não vão bagunçá. (...)”. Telefonaro pra lá, disse: “é verdade, tinha tantos rapaz assim, assim”. “Confirma pra nós, ficaro o dia inteiro. E a noite?” a noite passemos lá, arrumemo uns papelão lá e fiquemo lá memo. Daí confirmaro (...), senão nós ia falá coisa ali que não devia, aí num dá. Aí o delegado falô: “é, a sorte de vocês é que os policia de lá, da delegacia de lá, confirmô que vocês ficaro lá, senão nós ia tê que conversá muito”. Desse jeito. Aí fiquemo mais um pôco ali aí ele falô

assim:” vocês tão liberado, pode í, mas só tem uma coisa: não fique muito por aí, eu não tô a fim de vê vocês aí de novo e tê que tá trazendo pra delegacia de repente acontece alguma coisa na cidade aí, vocês tão aí e nós vamo tê que trazê vocês de novo”. E é uma pura verdade, não deixava a gente (...). Pensava, vamo embora. E nós avisava: nós vamo saí da cidade, vamo embora. Se qualqué coisa acontecê aqui, se vocês alcança nós tamo na estrada, que corrê nós não vamo. “Não tudo bem, se vocês não devê nada pode í” . E nós ia, pegava nossas coisinha, se despedia dali, até logo, seguia viagem de novo.

Celso revela também que a polícia pode ser uma fonte de recursos desde que se observe certos critérios:

Ah, sei, mas perguntas, de onde é, onde é que o cara vai í, isso sim. Agora preso não. Nunca tive problema. Até ajuda, ajuda sim.

Da polícia, dos fardado não, mas delegado, escrivão. Eu acharquei um delegado em Dourados. Só que eu não sabia que ele era o delegado, aí no fim das conta ele me ajudô, ajudô sim, me ajudô. Ele viu, eu tava bem limpinho, documentado até, da cabeça aos pé e por o fim das conta eu fui junto com ele almoçá lá no restaurante - um gaúcho, né -, aí depois quando eu tava quase subindo no trem, aí ele: “sabe com que tá falando?” Digo: óia, tem uma coisa escondido aí por trás, deve sê alguma coisa além. “Sou o delegado da cidade”. Então, muito prazer. Mas não perdi os caderno, não perdi o estribilho, já indo embora vô perdê os caderno? Não, aí já passô tudo, né. Aí ele me ajudô que deu um troco, ele até me indicou um lugar onde é que é bom de acharque, onde é que o povo é bom, hospitaleiro. Digo: pô, quase que eu perguntei, não foi TRECHEIRO antes de sê delegado? Não, tem gente boa, tem. Pô, melhor que o dotor D., delegado lá de F.(SP), aquilo ali a hora que eu chego lá, se eu quisé í direto de F. a São Paulo ele dá a passage que a própria polícia usa pra viajá e já pergunta: “pô, quanto tempo tú tá fora” - que eu fiz muita amizade com ele lá dentro, quando eu tava trabalhando lá em F. “Pô, onde é que tú andô, que é que tú andô fazendo?” Já me leva junto pro restaurante lá da polícia mesmo, do clube, né: “ah, vai almoçá aqui com nós”. Lá eu tô em casa. Então tem esses lugar onde é que cê tem amizade, mas também tem lugar, eles falo: “ô, a polícia é ruim”, coisa e tal. É ruim coisa nenhuma, não tem nada haver, nada, nada haver. Eles dize que a polícia é ruim, não é não. Não é. É o cara que faz isso. Agora tem uma coisa, eu chego num

lugar, começo a esculhambá, bagunçá, vô acharcá o pessoal na frente da polícia? Tô pedindo, né, pra eles me repreendê e eu continuá é sinal que eles vão me levá. Então cê não dando motivo, não tem nada a temê. Eu não tive problema com essa gente até hoje, nada. Agora ajuda, sim. Fora os fardado [Polícia Militar], eles são é pé-de-chinelo. Eu já nem dô papo também, viu. Mesma coisa que falá, cara se escondendo dentro da farda. Geralmente é, a maioria é se escondendo dentro da farda. Isso é a realidade, tá; tem muitos que são bom, quando tão fora da farda, quando tão dentro da farda vira, cresce, né. Isso não é gente, não. Civil sim, civil já compreende, melhor o lado. Eu já também, muitos civil aí que eu encontrei que era TRECHEIRO, depois fez o curso pra polícia entrô, hoje tem uns que são comissário, otros continua como inspetor mesmo, otros entraro pra Federal, que era TRECHEIRO mas tem estudo, né.

O tratamento concedido pela polícia aos andarilhos parece variar conforme a política local, como demonstram os depoimentos que indicam esta diversidade no modo de tolerar a presença dos andantes.

Maringá é ruim. Lá a polícia não qué sabê. Ajuntô um TRECHEIRO ali, que soubé que é TRECHEIRO mesmo, eles jogam lá dentro de um hospital, esse nunca mais vai querê voltá pra lá, ele não sabe nem o que que aconteceu.

Tem um hospital lá, psiquiátrico. Enche ele de droga, injeção, essas coisa, né e sai de lá bem malucão. Nunca mais vai querê voltá pra Maringá. Mas isso quando eles descobre, né. É ruim, lá a polícia é fogo memo.

Ví, ouví, situações críticas de TRECHEIRO que é jogado dentro de um camburão, não queria sabê se queria saí, í embora ou não, era levado na deléga lá e despachado, quando não tomava camaçada de pau. Tem muitos que, sem documento, aí eles aproveitou mais ainda; aí é fatal. .

Jurandir em seu depoimento retrata uma proximidade desvantajosa com a polícia durante um período de fixação numa capital do Norte do país. Envolvido em uma situação bastante difícil, comprometido com a venda de drogas, por um lado, e com a polícia por outro, que lhe cobrava para manter funcionando seu pequeno negócio ilícito, Jurandir revela a atuação da polícia como impulsionadora das movimentações.

Eu a essas altura já tava nos home, polícia tudo, já sabendo, já tava, já tava, eu já tinha, como diz, eu já tinha até um acordo com eles assim, tinha que trabalhá uma semana e toda semana tinha que dá dinheiro pra eles que já tava ...

Os home, os home ali, os home mesmo, a própria polícia, até eles já tavam no rolo comigo, sabe como é que é? Pra eles não me barrá nada, pra dexá eu tranqüilo.

Daí um deles pegô e falô pra mim assim: então você, você pegô, toda semana vai tê que me dá tanto. Esse tanto tinha que saí, (...) depois tinha que saí esse tanto. Se você furasse com eles alguma coisa eles já tinham, já prendiam, já levavam pr'uma quebrada, me apagavam o cara; e já aconteceu porque esse próprio amigo que me deu uma mão pra mim, com quem eu fui me abrí foi com ele, ele me orientô que o filho dele, o filho dele foi desse jeito, a própria polícia que matô, tinha intimidado, não sei que, os próprio home, né. E chegô um tempo que ele não tinha mais dinheiro pra dá pros home, então eles enquadraram ele, levô lá pr'uma quebrada, lá ficô, ninguém sabe; levam lá pr'uma quebrada, mataram e pronto, num tinha. Se deixasse o cara, prendesse o cara - qué dizê, pode prendê a gente -, prende a gente, leva lá po casão lá, pra cadeia que seja e lá eles dão, vão tê que dá uma prensa na gente: onde que tem mais coisa, descobri mais coisa e tal, né. Onde que eles tem medo que a gente já, também já derrube um deles, entregue eles, então pra não acontecê isso eles dão um final. (...) E eu passei por esses momento assim, sabe, uns momento difícil uma vez, sabe. Dinheiro não faltava, tive, mulher era o que mais tinha, principalmente vagabunda que só vivia a base de droga também essas coisa; mulher nova, bonitinha, tudo essas coisa assim, tinha tudo na mão, né. Daí o poblema é que daí um dia me prendero, né. Parei, passei uma semana (...), daí que me enquadraro e tavam me levando, mas só que a mesma rota que eles tavam me levando ali embaixo pra quebrada, eu já tava com um monte de fragrante em cima por causa de droga essas coisa e eles pegaro, falei desses fragrante: pois é, meu, não fiz nada, o dinheiro que ia dá pra vocês já tá empatado. "Que empate?" Falô assim, né. Ele pegô e falô assim pra mim, assim: "então negócio é o seguinte, então hoje você vai com nós, nós vamo lá na delegacia, queremos levá você, pode subí aí". Já me enquadraram, tavam me levando. Daí nisso né, e eu com aquele fragrante, eu já tinha pegado o meu fragrante já, já tinha segurado o fragrante e tóxico. Daí nisso assim veio otra viatura que é a viatura do, acho que era o chefe do destacamento deles ali, não sei como é que é, pararo. Pararo e queria sabê o que que tava acontecendo, né. Daí eles pegaro e falaro: "não, esse aqui tá preso por isso, isso, isso". Aí o cara falô: "cê tá com fragrante aí?" Aí um

deles falô, um daqueles que eu dava o dinheiro falô: “não, não tá com fragrante. Só é suspeito assim, assim tal”. Aí o comandante, o chefe do comandante, pegô, falô assim: “não, então dexa. Desça ele aí, põe na otra viatura, vô levá ele pra delegacia e vocês continua fazendo a ronda, continua fazendo a ronda e não é perciso vocês levá ele, nós levamo”. Daí o que me livrô foi os otro, os otro que me tirô da mão daquela ali, sabe como é que é, senão já tinha dado fim em mim, tinham me levado, tinha ficado (...) Aí pegô, me trouxe pra delegacia, e fizeram um monte, me investigaro bastante, monte de pergunta pra mim, contei: não, aconteceu assim, assim, assim. Desconfiario de mim. Daí eles pegaro e falaro pra mim assim: “bom então, então é o seguinte, você vai pegá, vai embora, cê vai pra tua casa, cê mora aqui?” Digo: moro! “Cê vai lá pra tua casa e olha, sem aprontá, hein”. Só. Única coisa que eles fizeram pra mim. Me liberaram. Só cheguei até na delegacia, fui pra essa sala e me liberaram. Fui pra casa, hotel, né. Cheguei no hotel, me metí lá dentro do quarto lá e fiquei fechado; saí agora eles me pégo (...). Eu nessas altura já tava sem o bagulho já também, também sem as coisa pra trabalhá e já vortei no perfume otra vez, desodorante, essas coisa, pra podê me sobrevivê, né. Mas já tava muito manjado por eles e cada vez que eles passavam por mim eles me davam uma prensa, sempre me cuidando, sempre né. E já o tar de Aritana lá também, um vagabundo lá, falô, disse que eles falaro de mim, falaram pra ele, diz que - que lá eu chamava de Testinha, né -, o Testinha, iam pegá pá dá um jeito, o Testinha, que era eu, né. Daí eu peguei e falei: bom então já que é assim o negócio é o seguinte, o negócio é eu arrumá um jeito de í embora, né. Só que não falei nada pro Aritana que ia embora, só pensei comigo mesmo: vô embora, né. Arrumei um dinheirinho ali, vim pro aeroporto, cheguei no aeroporto ali assim, falei pro destacamento da Aeronáutica ali, falei com eles ali, digo: ói, assim, assim, não conseguí passe pá í embora tal - que não dão mesmo -, queria que vocês me ajudassem, um cargueiro desse aí ...

O trecho pode significar também, como mostrado por Jurandir, a possibilidade de escapar de circuitos marginais organizados mais violentos, do qual a própria polícia é parte integrante, seja na cumplicidade da corrupção, seja nas ações repressivas e de “combate ao crime”. Circuitos nos quais os integrantes das camadas mais empobrecidas podem ver-se envolvidos mesmo contra sua vontade, dada a fórmula corrente em nossa sociedade que funde, quase automaticamente, o pobre ao bandido⁴.

⁴ Conforme os trabalhos de Zaluar (1994a e 1994b).

O modo de conjurar tal associação é reclamando o estatuto de “trabalhador”, daí podermos compreender a insistência dos TRECHEIROS em afirmar seu apego ao labor, mesmo que isto apareça contraditoriamente em seus depoimentos.

TRECHEIROS e PARDAIS não são marginais em função da prática de um delito ou transgressão de uma lei específica, mas em razão do seu modo de vida. Portanto sua presença nos lugares muitas vezes é suficiente para torná-lo um suspeito e receber tratamento de culpado.

Em Porto Alegre (RS), Luís foi preso certa vez, acusado de ter roubado a TV de uma casa próxima ao lugar onde acampavam. Relembra que era madrugada e a polícia cercou a barraca, um alvoroço de luzes e sirenes, ameaças de matar todos se eles não saíssem imediatamente. Levaram-no e à sua companheira para a delegacia, deixando a filha sozinha na barraca. Lá foi torturado, espancado e *levou choque* para confessar o crime, embora negando todo o tempo que tivesse realizado o roubo. Apareceu mais tarde o dono do aparelho que declarou não ter sido ele. Esclarecida a situação enxugou seu sangue na própria camisa, depois que os policiais insistiram que ele fosse ao banheiro lavar-se. Pediram-lhe desculpas, deram dinheiro e solicitaram que ele não fizesse nada, levando-os de volta para a barraca. Deixado lá esperou que os policiais se fossem e correu para o Fórum. Estava fechado ainda e ele esperou até que o juiz chegasse. Mostrou seu estado e denunciou os policiais que lhe agrediram que, segundo ele, foram punidos porque acumulavam outras queixas por motivos semelhantes.

Habitando áreas liminares, aquelas onde a superposição complexa de territorialidades forma “zonas simbólicas de transição” e “se entrecruzam moralidades contraditórias” (Arantes, s/d), os andarilhos podem ser alvo dos “ritos” de controle social mantidos pela polícia, dado seu caráter de “periculosidade” por ser ocupante do “mundo da rua”.

Para os PARDAIS o tratamento não é muito diferente e os conflitos podem dar-se em função da ocupação das áreas urbanas, sempre problemática, e envolve a delimitação dos espaços físicos onde sua presença é tolerável.

Uma manhã de janeiro, encontro um grande grupo em **roda** na Praça XV. Estão particularmente alegres neste dia, cantando, bebendo e conversando animadamente. Depois que uma parte se dispersa para um **queima-lata** no aterro da baía sul, somos

abordados por dois policiais militares. Agressivamente, o cabo diz aos brados que já havia avisado que não deveríamos permanecer ali e que agora iria quebrar o litro de pinga, ameaça que não chega a cumprir. Não quer mais nos ver pela praça, pois estamos *sujando tudo*. Insulta a todos dizendo que não *prestamos para nada* e que *lugar de vagabundo é no aterro* e, portanto, deveríamos ir para lá. Os jogadores de dominó, próximos a nós, apoiam a ação policial. Vagarosamente nosso grupo vai se levantando, sendo enxotados pelos policiais, que não poupam adjetivos, e os que dormem nos bancos são energicamente sacudidos para que acordem de pronto.

Lentamente o cortejo de bêbados esfarrapados vai caminhando em direção à área indicada, arrastando seus passos e os olhares dos passantes curiosos. O grupo fragmenta-se e eu sigo com uma parte dele, não rumo ao aterro, como queriam fazer parecer, mas para o Largo da Alfândega. Tomamos os fundos de uma das lojas, ao lado do que restou de um antigo prédio da capital, agora escondido por um tapume de madeira que avança para além do alinhamento do casario remanescente. Ali sentados, procurando abrigo do sol forte do meio-dia, me explicam que se fossemos para o aterro, provavelmente, outros policiais estariam aguardando para nos surrar. Seria, portanto, mais inteligente e prudente mantermo-nos afastados de lá por enquanto e à vista do público, o que garantiria certa proteção contra uma possível violência, uma vez que o aterro é uma área ocupada basicamente por outros marginais. Contam-me que geralmente é assim que acontece: são expulsos de um lugar para outro onde a polícia os espera. Falam de prisões que já sofreram e de um episódio em que foram levados de camburão até um local deserto e lá espancados. Edinho me pergunta se isto constará no meu trabalho e lhe digo que provavelmente sim.

Depois do sol retrair completamente a sombra que aproveitávamos, mudamos para o palco no Largo, em nova procissão de zumbis cambaleantes, pois alguns dormiam e foram acordados pelo calor insuportável. Instalamo-nos novamente protegidos do sol e aliviados por um vento refrescante que permite a alguns voltar a adormecer.

Mal reatamos a conversa e somos mais uma vez assaltados pelos policiais, agora com mais veemência. O mesmo cabo de antes acorda aos pontapés os que dormem. Gê desperta num sobressalto, confuso com a situação, esboçando um gesto que dá a impressão de que vai reagir. Isto é suficiente para que o policial passe a insultá-lo, provocando-o a fim de fazê-lo perder o controle e justificar uma agressão.

Recomposto, Gê se esquivava da armadilha e ouviu calado os improperios que lhe arremessa o representante da lei.

O cabo dirige-se a mim e ao Galego, perguntando de onde vínhamos e o que queremos andando com pessoas como aquelas. Galego diz não conhecê-los e que está apenas *dando um tempo por ali*. Nega que tenha qualquer envolvimento com eles. Para mim o policial diz que devo ser novo na cidade, pois não me conhecia ainda e nem havia me visto antes. Aconselha-me a não andar com os vagabundos, porque *não são boa companhia*. Não lho respondo, apenas vou me retirando silenciosamente, junto com os demais, agora, inelutavelmente, em direção ao aterro, onde nenhum policial nos aguardava, felizmente. A caminho, viro-me e, de relance, vejo o militar sobre o palco, braços cruzados sobre o peito, pernas abertas (naquela pose que imortalizou Mussolini), vigiando nosso movimento.

As ações normativas do Estado podem dar-se também através de organizações e estabelecimentos de assistência⁵. No caminho do TRECHEIRO aparece sempre um destes estabelecimentos: hospitais, albergues, centros de tratamento etc. Seus percursos passam por dentro deles e, longe de submeterem-se a processos de “massificação” ou de “desidentificação”, como poderia parecer dado o caráter disciplinar de sua ação, TRECHEIROS e PARDAIS demonstram poder recriar com elas seu jogo de subversão ao impregná-las com significados que lhes são estranhos e fazendo-lhes um uso peculiar. Sempre em movimento próprio, não se deixam apreender nas malhas institucionais, mesmo quando não é este o objetivo declarado, recusando-se a serem “movimentados” pelo ritmo alheio. Permanecem nelas o tempo justo, ou quase, até que “algo” os “chama” de volta para o trecho.

Plácido demonstra esta passagem pelos corredores das instituições alternando inserções como paciente, com outras como funcionário:

Me levaram pro hospital San Julian, lá em Piraquara. Já ouviu falá no San Julian lá? Então, me levaram lá. E eu fui pra lá. Também, 30 dias. De repente levantaram, falô, o doutor R. dono do hospital falô assim: “quem é que entende de

⁵ Procuro utilizar a distinção estabelecida por Lapassade entre organização e instituição, onde a primeira refere-se a uma *coletividade instituída com vistas a objetivos definidos, tais como a educação, a formação dos homens, a produção e a distribuição de bens, etc.* A segunda tem duplo sentido: *um dado: uma instituição é um sistema de normas que estruturam um grupo social, regulam a sua vida e o seu funcionamento; um ato: Instituir é fazer ingressar na cultura.* (Lapassade, 1983: 287-8 e 296).

*pedreiro, quem é que qué trabalhá de servente aqui no hospital, que nós tamo construindo aí, tamo precisando de um pessoal aí pra dá uma força pra nós aí, eu pago por*semana”. Eu, o primeiro a levantá a mão, né. Eu digo: eu trabaio de pedreiro, trabalho de servente, o que vié aí a gente fazemo. “Então tá bom, me dá o nome aí”. Eu trabaiei, no fim cabô, os otros saíram, foram saindo eu fui ficando sabe; fui ficando, fui ficando, passô os 30 dia. Que ficô assim: quando eu tivesse de alta a assistente social de lá só ligá pra FREI pra í lá buscá. Porque aí fui desligado, concordei, né. Aí a assistente social, a turma foram saindo eu fui ficando. Aí os de lá memo, aí um dia o dono do hospital falô assim: “escuta aqui, cê tá aonde?” Digo: eu tô na FREI. “Quanto tempo já faz que cê tá na FREI memo?” Já tava a três ano. “Tem documento?” Tenho. “Não qué trabaia comigo? Qué sê funcionário do hospital? Aí cê sai como paciente e você passa como funcionário. Te dou uma casinha pra cê morá aí, que o pessoal da construção ainda a gente tem um empenho. Então cê pode, eu vô te dá alta e você vai lá na FREI, buscá tuas coisa e pode ví pra cá”. Digo não. Se eu for lá eles não me deixo saí mais. De fato, se eu viesse pra cá eles não deixavam saí. Aí eu pedí pra assistente social de lá ligá pra cá. Não sei se ela ligô ou não, só sei que ela só disse assim: “Plácido, tá tudo bem, tudo certinho.” E eu fiquei trabaiano lá; trabaiei uma porrada de ano lá, até pôco tempo atrás aí. Aí vortei a bebê de novo. Mardita da cachaça.*

Mas é, quando eu tava aqui [em Curitiba] esses ano, que eu perdi meus documento que eu resolví ví pra cá [para a FREI], eles fizero meus documento tudo, inclusive eu tenho documento, tá tudo direitinho. Eu falei ontem que eu virei curitibano, né. Aí fiquei um tempão aqui, o I. me deu uma força, a dona M. me ajudou, mas eu joguei tudo pr'os ar. Minha vontade era vortá po trecho. Aí não saí mais daquilo, aí fui lá pro San Julian, me internaro lá e fui ficando, ficando, eu saí, entrei como paciente lá no San Julian e saí como funcionário. Mas com o tempo eu bebí de novo, aí pedí minha conta, a gente começa a bebê não para mais. Digo: não; aonde que eu me internei no Pinheiro, eu saí do San Julian como funcionário, só que eu não me internei lá. Acertei minha conta tudo direitinho, não fui mandado embora nem nada, eu mesmo quis saí. Porque a gente começa a dexá as coisa limpa, por mais que seja bêbado essas coisa, mas dexa tudo limpinho. Então pra gente sê mandado embora por cachaçada no serviço, í embora do hospital, é o hospital que os dono entende a situação do alcoolista. O médico lá, o dottor R. que é o dono falô assim: “Plácido, eu acho o seguinte o nosso hospital é pra isso memo. Nós, se nós não entendê o poblema do

alcoologista quem que vai entendê?” Ele é médico neurologista, psiquiatra, tudo que é coisa. “Bom e você, agora você que é embora, por que você não fica, não faz o tratamento, daí nós não vamo descontá nada de você, faz o tratamento aqui dentro e ...”. Não quero i'mbora. Quero i'mbora; queria i'mbora, queria i'mbora, queria i'mbora.

Para os PARDAIS de Florianópolis o Hospital Psiquiátrico Colônia Sant'Ana funciona como um local ao qual se pode recorrer sempre que a saúde fica debilitada pelas condições de vida na rua. A existência de uma unidade de tratamento de alcoolismo separada dos demais internos, a possibilidade de ter uma cama em um local abrigado do tempo, roupas limpas, alimentação regular e o afastamento obrigatório da bebida, tornam o hospital um lugar possível para um período de recuperação. Recuperação que tem por objetivo poder voltar as ruas e ao mesmo modo de viver. ⁴

Expressão desta importância da Colônia Sant'Ana para os PARDAIS é o hábito de, quando das conversas na **roda**, comparar-se o número de internamentos que cada um tem, não sem disfarçar um certo orgulho daquele que mais passagens conseguiu acumular.

Certa tarde encontro Gê e Saulo sentados despreocupadamente num dos bancos da Praça XV aguardando que o resto da turma apareça. Gê me conta que ele e Galego haviam combinado de se internarem juntos na Colônia Sant'Ana, mas acha que levou *um perdido* e seu companheiro deve ter ido sozinho. Considera melhor ir com outra pessoa para ter companhia lá, alguém conhecido. Já teve quatro internamentos e no último ficou dois meses.

Saulo intervém dizendo que na última vez que esteve naquele hospital ficou vinte dias na UD (Unidade de Desintoxicação) e não podia sequer tomar banho de sol, tendo que ficar trancado na unidade. Gê diz que o mesmo lhe aconteceu, mas depois que saiu fazia *avião* para o pessoal que estava lá, levando-lhes cigarro, porque nem mesmo fumar podiam. Só comer, beber e dormir. Saulo complementa: *e pra levar o fumo só com Teresa*. Gê confirma. Brincando, pergunto se é UD ou cadeia. Gê reafirma que se fica trancado lá por uma semana. Saulo descreve: *só tem uma porta que fica sempre trancada e ninguém pode sair de lá. Mas depois dessa semana se tem tudo: banho de sol, futebol, TV dominó, xadrez, aí é liberado. Até mulher se consegue nos passeios*. Uma vez uma paciente se apaixonou por Gê que lhe disse que a tiraria de lá quando tivesse alta.

Os albergues espalhados pelo país são opção para muitos TRECHEIROS, integrando também a “rede de apoio” ao deslocamento, ou servindo de base quando são recém-chegados em uma cidade embora não seja o preferido pelos PARDAIS. Nilso dá alguma idéia do porquê desta distinção:

Tem muita regra. Norma deles lá. Tá certo, tem que tomar banho, de certa forma. E outros não. Ah! durmo pelas quebrada aí mesmo, que albergue nada, tem que tomar banho, cheio de coisa, não pode tomar uma cachaça. Nós não. Conheço acho que uns cem albergue nesse Brasil inteiro. Melhor albergue que dormir na rua, né. Cimento frio sendo que tem uma caminha boa ali que o governo dá.

Não qué sair da rua não, nada, diz que a rua é uma beleza. É criança, é tudo; uns roubando, outros fumando, cheirando. Ah! quero levar você prum albergue! “Não que nada, vou ficar lá dentro preso, vou ficar lá sujeitando as norma deles lá, ordem. Ah! vou nada”.

Tem sua própria explicação para este fato:

Acho que já se acomodaram. São acomodista. Não gosta dele próprio, eu acho que sim. É uma opinião minha, porque a gente tem que gostar muito da gente, tem que sentar e analisar (...), “ pôxa, na rua eu tenho que correr atrás disso tudo, depois chegá de noite vou dormir no cimento”. Vontade que dá de uma caminha boa (...), mais um cobertor por cima, pôxa, tudo fechadinho. Eu penso que, na minha opinião eu penso nisso. Agora tem outros que já, eu acho que são uns acomodista, pra mim é acomodista. Já tomou conhecimento e vai morrer disto. Não quer ajuda de ninguém. Eu que acho, deve ter a obrigação (...), ninguém precisa sacrificar seu corpo (...).

Em frente ao albergue de Florianópolis, depois que todos entraram para o jantar, resta um rapaz que parece aguardar algo. Estranho sua permanência e ele esclarece que não está mais hospedado ali, mas na obra onde trabalha. Vem buscar comida que, quando não tem muita gente, ganha farta e é de boa qualidade, fornecida pelo SESI. Às vezes o guarda permite que coma lá dentro, no refeitório. Outras vezes tem que levá-la para o alojamento na marmitta que traz consigo. Conta que ficar no albergue é ruim, tem muitas regras rígidas como, por exemplo, a obrigatoriedade de estar na rua as 6:00

da manhã independente do tempo lá fora ou de compromisso. Por isso prefere o alojamento da obra e não faz questão de ficar albergado.

De um modo geral, as instituições por onde passam TRECHEIROS e PARDAIS, configuram estágios intermediários em seu deslocamento. Provedo recursos e oportunidades, servem aos viajantes como modo de suporte da mobilidade, preparando-os para novos percursos. Ao mesmo tempo, produzem sua clientela e são produzidas por ela, numa aliança contínua mas efervescente de conflitos.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas faixas brancas, paralelas e contínuas, delimitam uma extensa área negra de asfalto dividida, por sua vez, em dois outros segmentos que se distendem lado a lado, separados por traços interrompidos, ora brancos, ora amarelos. O conjunto funciona como uma calha por onde escorrem veículos automotores de todo tipo, em alta velocidade. Neste espaço ininterrupto, cuja razão de ser é fazer comunicar lugares distantes, desenvolve-se uma gramática. Linguagem do deslocamento, regida pelas leis de trânsito que organizam o movimento. Em suas margens, fora dos limites das linhas, uma fala pedestre vai se dando. No contra-fluxo dos automóveis - pois é uma regra para sua segurança manter-se sempre de frente para o tráfego - o bólido humano habita o mesmo circuito das máquinas e juntos estabelecem um confronto. No chão, acostamento e estrada condicionam-se mutuamente, um a demarcar o limite do outro. Ao passar por ele com grande rapidez, vê-se de dentro do carro, num instantâneo, que ele não se move. Sua imagem congela entre um passo e outro. Um pé aqui, o outro ainda lá atrás.

A ambigüidade é a condição, por excelência, dos que traçam seus percursos existenciais de modo tão diferente daquele que preconizam as instituições sociais. Este aspecto, observado desde Park e sua definição de homem marginal, amplia-se para todas as dimensões das vidas de tais pessoas. Circulando entre códigos vários, por vezes opostos, os andarilhos articulam em suas práticas as tensões próprias das zonas limítrofes. Vivem entre espaços físicos e sociais diversos, cuja organização não é perpetrada por eles, mas dos quais buscam se apropriar. Instalam-se nas áreas liminares das cidades e das estradas, produzindo vida nas suas áreas “mortas”, nas áreas de passagem, transformando-as em áreas de transdução entre estados. O espaço comunicante torna-se espaço de convívio. Instauram territórios existenciais contrapostos ao uso normatizado e previsto para o espaço: o espaço público torna-se privado e nele desenrola-se a vida doméstica por detrás de paredes diáfanas.

Não sendo unívocas, as territorialidades entrecruzam-se. Servindo de base às representações identificatórias, as relações estabelecidas entre elas constroem limites ou fronteiras simbólicas mesmo entre os que, aparentemente, fariam parte do mesmo segmento social. Assim, os TRECHEIROS podem repor os mesmos critérios de julgamento de que são alvo em suas relações com os PARDAIS, em parte porque estão constituídos por este código que percorre a formação individual e a hierarquia social, mas com o qual estão em estado de permanente conflito, produzindo efeitos de contradição e ambigüidade. Por outro lado, as experiências na vida “trecheira” ensinam que devem resguardar-se contra a desconfiança dos outros, particularmente daqueles cujo poder de acionar instituições de repressão aos que, como eles, percorrem “fissuras” sociais, está a todo momento sendo recolocado. Aqui a noção de identidade assume seu caráter eminentemente político, como forma de conferir homogeneidade a conjuntos dispersos, ampliando os mecanismos de controle sobre os elementos errantes espalhados pela superfície esquadrihada da topografia social, articulada por todos os participantes do “jogo”, seja andarilho, seja **burguês**/sedentário. Nos deparamos neste ponto com seu caráter nomádico em relação aos sistemas classificatórios, como forma de escapar às tentativas de apreensão pela atribuição de identidades estigmatizadas, buscando reduzi-los a uma categoria relativamente fixa, segundo o local e a situação em que se encontrem. Talvez, deste modo, possamos compreender as questões em torno da ausência de documentos - significativamente - de *identidade*.

Ocupando espaços liminares, os andarilhos, em suas relações com os outros, são identificados segundo esta dupla ambigüidade: por um lado incorporado aos estratos

inferiores da sociedade. Não há mais hiato estrutural mas, antes, posição definida na hierarquia, um **outsider** aos arranjos estruturais de um dado sistema social ou ainda um **inferior estrutural**, designados segundo a posição que ocupam na estratificação social. Por outro lado, seu caráter liminar é repostado por aproximação a elementos “naturais”, seja aos de uma humanidade “pura” graças ao despojamento dos signos de status, seja aos da não-humanidade, impregnada, por sua vez, de impurezas e perigos.

Estas formas de representação informam os tipos de tratamento dispensado aos andantes: a caridade, observados os devidos limites, dirigida às vítimas das armadilhas trágicas do destino; a utilidade, seja como forma de aprimoramento espiritual, seja como exploração da mão de obra; a projeção massiva de relações com o mal, elegendo-os “bodes-expiatórios”, conformando atitudes agressivas de expulsão ou encarceramento.

Os andarilhos restituem certos valores pertencentes a um código “tradicional” em sua conduta, ao mesmo tempo que recolocam seu caráter mais subversivo pela sistemática resistência aos avanços e tentativas de captura nas malhas das instituições normativas.

Ao trecho acorrem os que se recusam à apreensão pelas instituições, que abominam a possibilidade de enredamento nos esquemas de hierarquização, os que se negam a participar de um jogo que sabem, está marcado de antemão e suas chances são poucas. Recusa de disciplina, mas também estratégia alternativa para a sobrevivência, procurando uma forma de viver que seja menos árdua e desvantajosa. Dupla motivação: de um lado, a “paixão de abolição” que arrebatou os sujeitos pelo desejo de rompimento com o estreitamento dos laços institucionais. Por outro, a necessidade que se impõem de garantir a subsistência, uma vez que, se permanecer fixado, as possibilidades de obter a satisfação das necessidades básicas é menor e exige maior esforço. Desejo e necessidade, “onde acaba um e começa o outro é difícil de determinar na psicologia individual” (Perlongher, 1987). Mas não é apenas da lei ou da disciplina que se escapa no trecho. É igualmente dos circuitos mais violentos do crime organizado, onde o bandido pobre arca com a própria vida para custear o funcionamento do sistema de corrupção integrado por “bandidos e mocinhos”, que se procura escapular.

Do mesmo modo é afirmando seu caráter de indivíduo trabalhador que se busca deixar para trás a conjugação de pobre com bandido, generalizada por toda a gramática social brasileira.

Por detrás da aparente escassez, TRECHEIROS e PARDAIS vivem num mundo de “abundância”, se considerarmos outro modo de riqueza que não a propriedade de bens ou de meios para obtê-los. Suas necessidades são satisfeitas desde que se liberam do encargo da acumulação por medo da falta, deixando de sofrer com a privação. Tem consigo somente o que podem carregar e o excedente é dado para outros, instaurando um circuito de reciprocidade de modo a garantir sua parte. A comida é obtida sem muito esforço, as roupas idem, o dinheiro ganha-se no entretenimento lúdico do **mangueio** e do **agá**. O que importa, efetivamente, é manter-se em constante movimento e a posse de bens materiais torna-se um empecilho para isto. Em benefício da mobilidade espacial, tanto o trabalho, quanto as instituições repressivas e de assistência serão utilizadas, subordinando-as a este fim, frustrando suas pretensões de fixação dos sujeitos errantes e subvertendo suas funções através de táticas de apropriação de seus recursos.

A circulação das riquezas promove também a circularidade do poder em suas relações. Frágeis, as alianças e o prestígio pessoal podem durar muito pouco, dependentes que são de várias circunstâncias, mas que assinalam o funcionamento contraditório de um sistema de trocas materiais envolvido por outro que lhe é encompassador, o regime de propriedade. Instaura-se na dinâmica das relações grupais, uma “sabotagem” constante às tentativas de constituição de liderança, bem como aos pactos de amizade e solidariedade alicerçados sobre relações de obrigações mútuas. O uso constante do álcool imprime uma ciclotimia que faz, desfaz e refaz as alianças com igual facilidade.

Elemento constante na vida de TRECHEIROS e PARDAIS, o álcool cumpre a função de “combustível” para as derivas. Apontado pelos entrevistados como um dos motivos que os levam ao trecho, ele pode ser fator também de permanência nele, em virtude das dificuldades em manter estabilizadas suas relações pessoais e profissionais.

Composição multifacetada, caleidoscópica, com vértices pontiagudos que nos incitam e incomodam, as astúcias da vida no trecho apenas deixam entrever um fragmento do universo fragmentário que se desprende dos caminhos trilhados pelos andarilhos. Este trabalho recolheu alguns destes trechos, procurando não lhes desbastar as pontas.

GLOSSÁRIO

A

Acharcar: pedir dinheiro contando uma história. O dicionário Aurélio registra o verbete *achaque*, podendo tratar-se, suponho, de uma corruptela.

Adianto (fazer o, um): roubar.

Agá: cena representada para obter auxílio ou dinheiro.

Arrepiar: o mesmo que acharcar, pedir dinheiro.

Ataque: convulsão desencadeada pela abstinência de álcool nos quadros de dependência.

Avião: transporte e entrega de droga e/ou álcool.

C

Cana: policial.

Cascuda: recipiente de plástico ou lata usado para comer.

Chico-doce: cassetete policial.

Corró: pequena cela, geralmente adjacente às celas maiores das delegacias.

D

De cara (estar): estar sóbrio.

E

Escalação: ato ou pretensão de mandar nos outros, ordenando “escalas” de tarefas para que os demais membros do grupo realizem.

F

Filmar: observar alguém ou algo que esteja acontecendo, geralmente sem ser notado.

G

Galera: turma, reunião de pessoas.

Galo: mochila que o TRECHEIRO carrega.

Gato: intermediário de mão-de-obra para trabalho em construção civil, lavoura etc. É um atravessador entre os trabalhadores e o contratante do serviço. Não estabelece nenhum vínculo empregatício formal com a mão-de-obra.

Goró: bebida alcoólica, cachaça.

Guerra (estar em): permanência de conflito entre os membros de um grupo.

I

Intera: reunião de dinheiro para comprar bebida, droga ou, mais raramente, comida.

L

Laranja: sujeito bobo, que pode facilmente ser mandado.

M

Mangueio : o mesmo que acharque.

Mocó : lugar para dormir ou se abrigar do tempo.

N

Naife (a): faca. Suponho uma derivação da palavra inglesa “knife” que tem este mesmo significado.

P

Pagar um sapo: dar bronca em alguém, insultar, reprovar por algum ato impróprio.

Pancadão: cocaína diluída ou outra droga injetável. Pode ser também um “coquetel” de drogas.

Pano: roupa

Parada: negócio escuso, ilegal, como o furto ou venda de drogas.

Perdido (levar um): ser despistado por alguém, perder-se de certa pessoa.

Pilha (ir na): acreditar em alguém que tem intenção de causar mal-entendido entre as pessoas.

Puxar cadeia: cumprir pena em presídio.

R

Rango: comida, alimento.

Roda: reunião de vários TRECHEIROS ou PARDAIS, que constitui momento de encontro e atualização da sociabilidade: faz-se intéra, bebe-se, conversa-se, rememora-se, etc.

Ronda (fazer a): percorrer a cidade à procura de alguém.

T

Tapete-preto: rodovia, asfalto.

Teresa: corda feita da amarração de lençóis, roupas etc., usadas para a fuga de presídios e hospitais.

Tubo: garrafa onde se leva a cachaça

U

Um-sete-um: história contada para obter algo. Refere-se ao artigo do código penal relativo ao crime de estelionato.

X

Xerife: aquele que tenta ocupar o lugar de líder entre os PARDAIS.

BIBLIOGRAFIA:

ARANTES, Antonio A.

- (s/d) "A Guerra dos Lugares: Sobre Fronteiras Simbólicas e Liminaridades no Espaço Urbano." In REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

BECKER, Howard.

- (1973) OUTSIDERS: studies in the sociology of deviance. New York, Free Press.
- (1977) UMA TEORIA DA AÇÃO COLETIVA. Rio de Janeiro, Zahar. (Biblioteca de Antropologia Social)

BERNUS, Edmond

- (1990) "Le nomadisme pastoral en question". In ÉTUDES RURALES, n^o 120, octobre-décembre.

CHOMBART DI LAUWE.

- (1978) "Pesquisa de Campo e Estudo de Casos". In UNESCO; MANUAL DE PESQUISA SOCIAL NAS ZONAS URBANAS. São Paulo, Pioneira. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).

CASTRO, Eduardo B. Viveiros de e VELHO, Gilberto .

- (1978) "O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: Uma Perspectiva Antropológica." In Revista Artefato, ano 01, nº 01, Rio de Janeiro.

CLASTRES, Pierre

- (1988) A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO: pesquisas de Antropologia Política. 4ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

CONDOMINAS, Georges

- (1977) "Pour une definition anthropologique du concept d'espace social". ASEMI, VIII, 2.

DA MATTA, Roberto.

- (1991) A CASA E A RUA: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 4ª edição. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan.

DE CERTEAU, Michel.

- (1994) A INVENÇÃO DO COTIDIANO: artes de fazer. Petrópolis, Vozes.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix

- (1974) O ANTI-ÉDIPO: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa, Assírio e Alvim.
- (1988) MIL MESETAS: capitalismo y esquizofrenia. Valencia, Pre-textos.

DI FLORA, Marilene C.

- (1987) MENDIGOS: porque surgem, por onde circulam, como são tratados. Petrópolis, Vozes

DOUGLAS, Mary.

(1976) PUREZA E PERIGO. São Paulo, Perspectiva.

FREUD, Sigmund.

(1978) “O Futuro de uma Ilusão”. In FREUD. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural

FOUCAULT, Michel.

(1977) VIGIAR E PUNIR: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes.

(1981) MICROFÍSICA DO PODER. 2ª edição. Rio de Janeiro, Graal.

GEERTZ, Clifford.

(1978) A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS. Rio de Janeiro, Zahar. (Antropologia Social).

GEREMEK, Bronislaw.

(1995) OS FILHOS DE CAIM: vagabundos e miseráveis na literatura européia: 1400-1700. São Paulo, Companhia das Letras.

GOFFMAN, Erving.

(1980) ESTIGMA: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

GUATTARI, Félix.

(1985) “Espaço e Poder: a criação de territórios na cidade”. In ESPAÇO E DEBATES. São Paulo, nº 16, ano V.

GUIMARÃES, Alberto Passos.

(1981) AS CLASSES PERIGOSAS: banditismo rural e urbano. Rio de Janeiro, Graal. (Biblioteca de Ciências Sociais, v.n.11).

KOWARICK, Lúcio.

- (1977) CAPITALISMO E MARGINALIDADE NA AMÉRICA LATINA. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. (Estudos Latino Americanos, 3).

LANGNESS, L. L.

- (1973) HISTÓRIA DE VIDA NA CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA. São Paulo, EPU. (Antropologia e Sociologia).

LAPASSADE, Georges.

- (1983) GRUPOS, ORGANIZAÇÕES E INSTITUIÇÕES. 2ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

LEROI-GOURHAN, André.

- (1983) O GESTO E A PALAVRA: vol. 2: Memórias e Ritmos. Lisboa, Edições 70.

LÉVI-STRAUSS, Claude

- (1981) LA IDENTIDAD. Barcelona, Petrel.

MAGNANI, José G. Cantor

- (1986) "Discurso e Representação, ou de Como os Baloma de Kiriwina Podem Reencarnar-se nas Atuais Pesquisas". In CARDOSO, RUTH C.L. (Org.) A AVENTURA ANTROPOLÓGICA: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

MAGNI, Claudia Turra.

- (1994) NOMADISMO URBANO: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFRGS.

MARX, Karl.

- (1980) O CAPITAL: crítica da economia política. Livro I, vol. 2. 5ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MELLO E SOUZA, Laura de.

- (1986) DESCLASSIFICADOS DO OURO: a pobreza mineira no século XVIII. 3ª ed. Rio de Janeiro, Graal.(Biblioteca de história; v. 8).

MICELA, Rosaria

- (1984) ANTROPOLOGIA E PSICANÁLISE: uma introdução à produção simbólica, ao imaginário, à subjetividade. São Paulo, Brasiliense. (Primeiros vôos, 26)

NOVAES, Sylvia Cauby.

- (1993) JOGO DE ESPELHOS. São Paulo, Edusp.

OLIVEN, Ruben George.

- (1984) URBANIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL NO BRASIL. Petrópolis, Vozes.

PARK, Robert E.

- (1967) "Human Migration and the Marginal Man". In Park, Robert E. ON SOCIAL CONTROL AND COLLECTIVE BEHAVIOR. Chicago & London, The University of Chicago Press.

PEIRANO, Mariza G. S.

- (1983) "Etnocentrismo às Avesas: O Conceito de 'Sociedade Complexa'. In DADOS Revista de Ciências Sociais. Vol.26, nº 01, Rio de Janeiro.

PERLMAN, Janice.

- (1977) O MITO DA MARGINALIDADE. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

PERLONGHER, Néstor O.

- (1987) O NEGÓCIO DO MICHÊ: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo, Brasiliense.

- (1989) "Territórios Marginais" in PAPÉIS AVULSOS, nº 06. Rio de Janeiro, CIEC.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

- (1992) POPULAÇÃO DE RUA: quem é, como vive, como é vista. São Paulo, Hucitec.

RASSESTIN, P.

- (1980) POUR UNE GÉOGRAPHIE DU POUVOIR. S/L, Librairies Techniques (LITEC).

RIBEIRO, Gustavo Lins.

- (1992) “Bichos-de-obra: fragmentação e reconstrução da identidade”. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, n 18, ano 7, fevereiro.

SAHLINS, Marshall.

- (1978) “A primeira sociedade da afluência”. In CARVALHO, Edgard Assis (Org.) ANTROPOLOGIA ECONÔMICA. S/L, Liv. Ed. Ciências Humanas.

SPRADLEY, James P.

- (1970) YOU OWE YOURSELF A DRUNK: an ethnography of urban nomads. Boston; Little, Brown and Company.

STOFFELS, Marie-Ghislaine.

- (1977) OS MENDIGOS NA CIDADE DE SÃO PAULO. Rio de Janeiro, Paz e Terra (Estudos Brasileiros, v.2).

SZASZ, Thomas.

- (s/d) O MITO DA DOENÇA MENTAL. São Paulo, Círculo do Livro.
- (1984) A FABRICAÇÃO DA LOUCURA: um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro, Guanabara.

TURNER, Victor.

- (1969) O PROCESSO RITUAL. Petrópolis, Vozes.

(1974) DRAMAS, FIELDS AND METAPHORS. Cornell, Cornell Univ. Press.

VELHO, Gilberto.(org.)

(1985) DESVIO E DIVERGÊNCIA. 5° ed. Rio de Janeiro, Zahar.

VERGELY, Bertrand

(1993) “L’homme de la mobilité: autour de la pensée de Gilles Deleuze”. In LES ANNALES DE LA RECHERCHE URBAINE, nº 59-60, juin-septembre.

ZALUAR, Alba.

(1994a) A MÁQUINA E A REVOLTA: as organizações populares e o significado da pobreza. 2ª edição. São Paulo, Brasiliense.

(1994b) CONDOMÍNIO DO DIABO. Rio de Janeiro, REVAN: Ed. UFRJ.